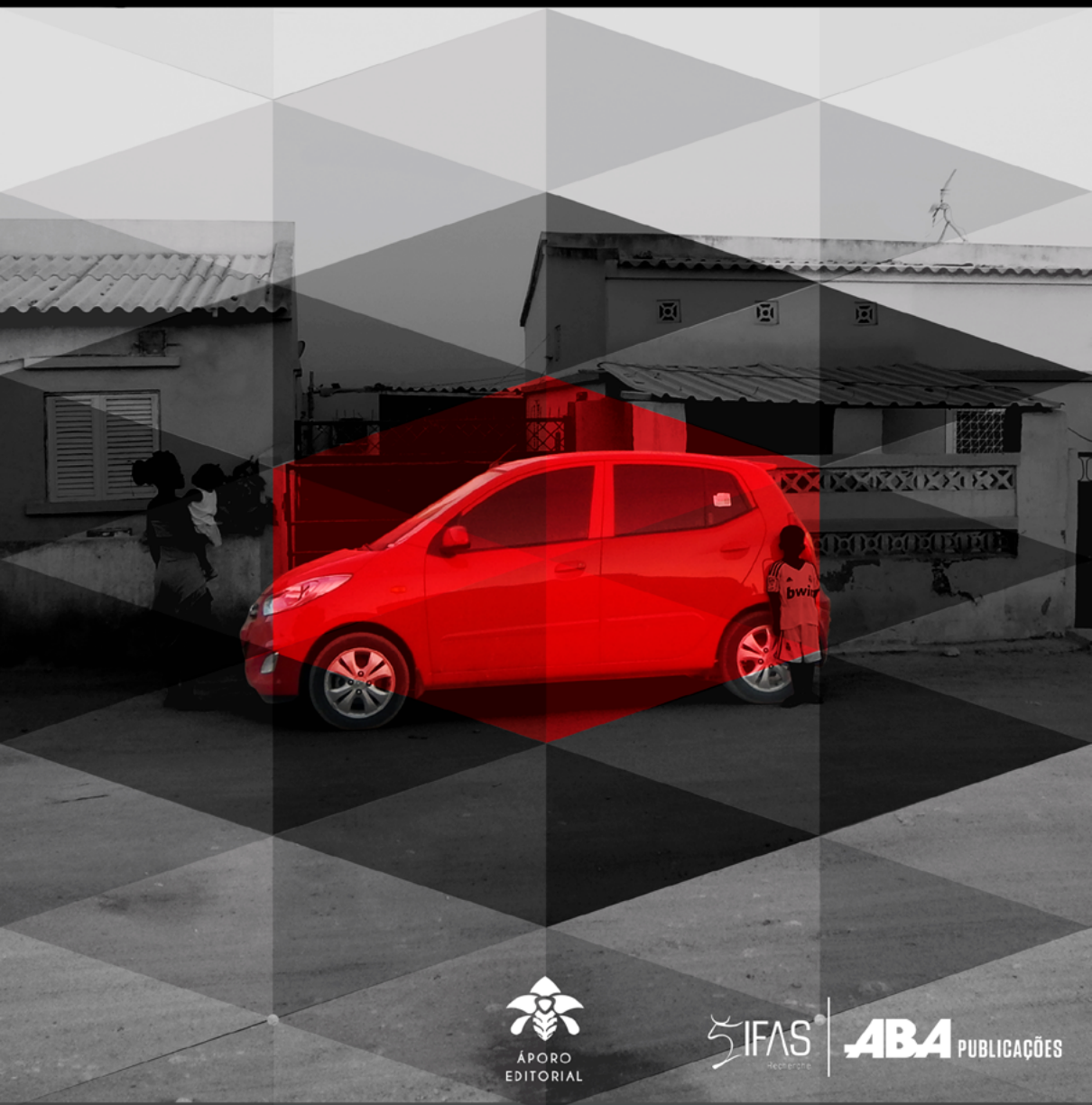


Jess Auerbach

DA ÁGUA AO VINHO

Tornando-se Classe Média em Angola



DA ÁGUA AO VINHO



DA ÁGUA AO VINHO

Jess Auerbach

Tradução: Alexandre Branco Pereira

DA ÁGUA AO VINHO

Tornando-se classe média
em Angola



ÁPORO
EDITORIAL

ABA PUBLICAÇÕES

2021

COMISSÃO DE PROJETO EDITORIAL

Coordenadora

Laura Moutinho (USP)

Vice–Coordenador

Igor José de Renó Machado (UFSCar)

Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPE)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

Presidenta

Maria Filomena Gregori (UNICAMP)

Vice–Presidente

Sérgio Luís Carrara (UERJ)

Secretário Geral

Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)

Secretária Adjunto

Luiz Eduardo de Lacerda Abreu (UnB)

Tesoureiro

João Miguel Manziillo Sautchuk (UnB)

Tesoureira Adjunta

Izabela Maria Tamasso (UFG)

Diretora

Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN)

Diretora

Manuela Souza Siqueira Cordeiro (UFRR)

Diretora

Patrice Schuch (UFRGS)

Diretora

Patricia Silva Osorio (UFMT)

www.portal.abant.org.br

UNB – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa norte

Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais

Térreo – Sala AT-41/29 – Brasília/DF

CEP: 70910-900

DA ÁGUA AO VINHO: TORNANDO-SE CLASSE MÉDIA EM ANGOLA

Jess Auerbach

EDITOR

Igor José de Renó Machado

REVISÃO

Daniela Guanais

Taciana Gava de Menezes

TRADUÇÃO

Alexandre Branco Pereira

CAPA

Walklenguer Oliveira

Sobre foto de Jess Auerbach

PREPARAÇÃO DO TEXTO

Daniela Guanais

Taciana Gava de Menezes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Walklenguer Oliveira



ÁPORO EDITORIAL

Revisão, normatização e diagramação de obras acadêmicas, literárias e técnicas.

CONTATOS

aporoeditorial@gmail.com

Tel.: (16) 9 9206 4562

www.aporoeditorial.wordpress.com

facebook.com/aporoeditorial

instagram.com/aporoeditorial

São Carlos-SP

Auerbach, Jess

Da água ao vinho : tornando-se classe média em Angola / Alexandre Branco Pereira (tradutor).

– São Carlos : Áporo Editorial ; Brasília : ABA Publicações, 2021.

252 p.

ISBN 978-65-00-21874-9

1. Angola. 2. África. 3. Classes médias. 4. Antropologia econômica. 5. Desenvolvimento. 6. Capitalismo periférico. I. Título. II. Pereira, Alexandre Branco, trad.

CDD:300



Esse livro foi publicado com o suporte do IFAS-Recherche (French Institute of South Africa-Research). O IFAS-Recherche foi fundado em Joanesburgo no ano de 1995. Sob a responsabilidade do Ministro Francês de Assuntos Estrangeiros e do CNRS (Centre national de la Recherche scientifique), o instituto promove pesquisas sobre o sul da África nas áreas de humanidades e ciências sociais e, nesse enquadramento, promove a cooperação científica.

DOI: 10.48006/9786500218749

COPYRIGHT © JESS AUERBACH, 2021

COPYRIGHT © ÁPORO EDITORIAL, 2021

COPYRIGHT © IFAS-RECHERCHE, 2021

COPYRIGHT © ABA PUBLICAÇÕES, 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU

EM PARTE, EM QUAISQUER MEIOS.

*À memória de meu avô, Franz, que apontou a direção;
Aos meus pais, Christina e Raymond, que me criaram, me abraçaram e me deixaram ir;
e a Aarvin Jahajeeah, por me trazer para casa.*

AGRADECIMENTOS

É necessária uma comunidade para criar um antropólogo, muito embora, no meu caso, tenham sido necessárias várias, e em seis países diferentes. Os nomes a quem agradeço transcendem aqueles listados nessas páginas. Espero que todos que contribuíram saibam o impacto que tiveram no fruto deste trabalho e o valor que atribuo às nossas relações.

Primeiro, meus pais, Christina e Raymond, que apoiaram gentilmente a minha curiosidade e me forneceram um refúgio para o qual eu sempre poderia retornar. Minha irmã, Elinor Driver, que tem sido uma amiga, interlocutora e comentadora capaz de me manter em um patamar alto e que compartilha excelentes percepções que lhes são próprias. Ela acrescentou muito a este livro por meio de suas ilustrações e perguntas atenciosas que fazia enquanto desenhava. Seu marido, Casey, tornou-se um irmão muito querido. Minhas tias, Margaret Auerbach e Liebe Kellen, que me receberam repetidas vezes em Joanesburgo e me viram crescer, e ao redor de quem está uma família extensa mais ampla que me deu raízes no mundo – por mais que eu me mova ao redor dele.

Mudei-me de Durban para a Cidade do Cabo para fazer a minha graduação, e as relações que construí lá resistiram ao tempo e à ausência. Depois de uma década distante, sinto-me muito feliz em estar voltando para casa conforme este livro começa a ser produzido. Meus orientadores, Sally Frankental e Fiona Ross, da Universidade da Cidade do Cabo, continuaram nossas discussões e a demandar o melhor de mim. Seus comentários sobre este manuscrito fizeram-me ter novamente em grande estima a sorte que tive de ter recebido minha primeira formação lá, e na academia sul-africana como um todo.

Lesley Green, Divine Fuh, Carolyn Hamilton, Jonathan Jansen, Dilip Menon, Shannon Morreira, Francis Nyamnjoh, Mugsy, Spiegel e tantos outros moldaram fundamentalmente minha visão do mundo, e espero um dia estar à altura do nível que eles estabeleceram.

Em Oxford, a vida acadêmica era complementada pela riqueza das amizades, profundas e únicas. Agradeço àqueles da St. Anthony's College e da comunidade Rhodes pelos diálogos que também estão sussurrados ao longo deste texto, em particular a Edwin Cameron, Nina Hall, Charne Lavery, Noelle Lopes, Bonolo Mathibela, Malebogo Ngoepe, Najala Nyabola, Emma Preston, Christopher Trisos, Carina Venter e Anya Yermakova.

Em Stanford, tive o enorme privilégio de trabalhar sob a coordenação de James Ferguson, cuja paciência, orientação, intuição e humor tornou o processo muito divertido. Um curso sobre romances em quadrinhos com Lochlann Jain mudou completamente o meu pensamento em meu primeiro ano lá, e, aos poucos, permitiu-me encontrar minha própria voz acadêmica. Teresa Caldeira, Kathy Coll, Shelly Coughlan, Paulla Ebron, Laura Hubbard, Liisa Malkki, James Lorand Matory, Grant Parker, Richard Roberts, Krish Seetah, Anna Tsing e Sylvia Yanagisako contribuíram significativamente para meu desenvolvimento intelectual. Teria sido muito mais difícil sem uma comunidade de amigos: Julia Cassaniti, Letícia Cesarino, Hillary Chart, Nisrin Elamin, Cordelia Eriksen-Davies, Mark Gardiner, Maron Greenleaf, Vivian Lu, Sarah Quesada, Joanna Richlin, Nethra Samarickwema, Victoria Saramago, David Stentiford, Kathryn Takabvirwa, Anna West, Tunç Yilmaz e tantos outros, inclusive todos pertencentes à comunidade DARE que possibilitaram a obtenção do meu diploma. Hannah Appel e Ramah McKay foram “irmãs mais velhas” maravilhosas.

Em Angola, agradeço primeiramente à família Mouzinho por tudo que fizeram para me apoiar. A pesquisa foi financiada por bolsas do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais, pela Susan Ford Dorsey Fellowship, a Bucerius ZEIT-Stiftung Foundation, pelo Programa Nacional de Intercâmbio Científico Brasileiro e pela Universidade de Stanford. Fui recebida pelo Departamento de Economia na Universidade de Katyavala Bwila, e nada poderia ter sido feito neste trabalho se o Dr. José Nicolau não tivesse garantido que a documentação estivesse pronta e oferecido todo apoio possível no processo. Também agradeço ao Dr. Bonifácio Tchimboto, da Universidade Jean Piaget, pelas conversas sobre as quais eu continuo a refletir a respeito e que me ajudaram a cartografar meu próprio caminho de vida, e a Loide Chivinda pelo mesmo. Ana Duarte tornou possível a conexão com a UKB e muitas outras relações. Isabel Bueio foi o elo essencial de muitas correntes e também continua sendo uma amiga muito querida. O apoio de Aires Walter dos Santos, Pedro Kaputa, André Macala e José “Zeto” abriu-me mundos. Zeto morreu assim que este livro foi concluído; sua passagem deixa um abismo na sociedade civil angolana. Sempre lembrarei das muitas xícaras de chá que apreciei em sua casa no Bairro da Luz, das conversas que tivemos lá e da coragem, convicção e força de caráter que dedicou ao país que amava.

Dos meus irmãos escoteiros, aprendi o significado de servir. Agradeço a todos vocês, *sempre alerta*. Ao Luis, que abocanhou uma pechincha que nos serviu muito bem, e ao Gu, por ir no embalo. Para Rafael Chitanda, por sua integridade e amizade, e aos meus muitos outros amigos não citados aqui, bem como aos pais, professores e alunos na Escola das Estrelas. Sem Justin Pearce, eu nunca teria chegado à Angola, e sua curiosidade, integridade e conhecimento continuam a inspirar: RAO ao máximo, querido. Uma maravilhosa comunidade de estudiosos de e em Angola também me apoiaram e aprofundaram este trabalho. Agradeço novamente à Ana Duarte, e reconheço a contribuição fundamental de Claudia Gastrow. Além disso, agradeço Dorothée Boulanger, Chloe Buirré, Mariana Candido, Ricardo Cardoso, Mathias de Alencastro, Maria da Encarnação Pimenta, Aaron de Grassi, Iracema Dulley, Imke Gooskins, Selina Makana, Rafael Marques, Estelle Maussion, Cheryl Meiting Schmitz, Marissa Moorman, Susana Santos, Jon Schubert, Ricardo Soares de Oliveira, António Tomás e tantos outros pela generosidade na comunidade que nos eleva a todos. No Brasil, agradeço a Roberto Kant de Lima, Julie e Ricardo Lill, Marta Patallo, Frederico Policarpo Mendonça Filho, Lígia e José Saramago Pádua, e aos membros do Consulado Angolano que me ajudaram tanto.

Após a conclusão de meu curso de doutorado, assumi um emprego no Africa Leadership College, nas Ilhas Maurício. Foi um desafio fascinante, e agradeço o suporte e a amizade de Gaidi Faraj, Mlungisi Dlamini, Janice Ndegwa e Efemena Odu, entre outros. Os alunos fizeram tudo valer a pena, e este livro foi escrito com todos eles em minha mente. Vamos contar a história da “África” de uma forma matizada e que nos deixe orgulhosos. Por seus comentários às primeiras versões deste texto, agradeço os alunos de Estudos Africanos 2 de 2018, em particular a Rosemary de Moor, Ahmed Konneh, One Pusmane e Amina Soulimani. Em 2019, fui para a Open University das Ilhas Maurício, onde o Dr. Kaviraj Sukon, com apoio da Comissão de Educação Terciária das Ilhas Maurício, concedeu o espaço para a conclusão deste manuscrito, bem como um ambiente acadêmico revigorante e benéfico. As conversas atenciosas com Myriam Blin em nosso escritório compartilhado sustentaram e enriqueceram o texto em muitos níveis.

Anne Brackenbury, da University of Toronto Press, compreendeu minha visão e encorajou-me a escrever o livro que queria, ao invés do livro que eu achava que deveria escrever, de maneira a provar que eu era, de fato, uma antropóloga, e Carli Hansen e Janice Evans me viram cruzar a linha de chegada com entusiasmo e profissionalismo. Ken Wissoker, da Duke University Press, me ajudou ao longo do caminho. Muitas pessoas já nomeadas aqui fizeram comentários perspicazes ao manuscrito. Também gostaria de agradecer as contribuições de Simon Abbott, Abena Asare, Hannah Baumesiter, Melinda Griffiths, Jenny Hough, Zandile Kayabonda,

Siphiwe Gloria Ndlovu, Mary Pipes e Michelle Reddy. Suas reflexões têm me ajudado a tornar o que tem vindo em sequência muito mais acessível.

O financiamento da Stellenbosch University permitiu a publicação deste livro na África do Sul. Agradeço a Jonathan Jansen, Celeste Mockey e Palesa Mothapo por seu apoio e comprometimento com esse processo. Embora o tempo que passei em Stellenbosch tenha sido muito menor do que nós todos imaginávamos, foi um período rico, estimulante e plantou sementes que sem dúvida crescerão nos anos vindouros. Wikus e Zyl e o time da African Sun Media, com quem foi um prazer trabalhar, agradeço por seu comprometimento em ampliar o acesso ao trabalho acadêmico na África do Sul, que tem sido uma fonte de alívio e conforto nesses tempos difíceis.

Em meio à realidade das quarentenas restritivas em virtude da pandemia de COVID-19, iniciei um novo trabalho na North West University. Pia Bombardella e Andre Goodrich lembraram-me de conversas iniciadas há mais de uma década e me deram a oportunidade de voltar a elas com foco, suporte acadêmico e cuidado. Foi um privilégio enorme integrar um departamento tão comprometido com um bom ensino, e agradeço aos dois por sua determinação em fazer o que é certo para os estudantes e pelo conhecimento na velha-nova África do Sul. Tebogo Maribe, Casper Dreyer, Hestia Victor, Anita Kooij, Bafana Monatshana, Christian Engelbrecht, Madlie de Wet e Marelize Kruger, vocês todos me lembraram a razão pela qual era tão importante voltar para casa. É um privilégio acompanhá-los nessa fase de jornada acadêmica como estudantes de pós-graduação em um departamento que esperamos transformar em um espaço de excelência, compaixão e responsividade em contexto local e global.

Para possibilitar a tradução deste manuscrito para o português, Chloe Buirre desempenhou um importante papel, assim como Sophie Dulucq. O French Research Institute of South Africa generosamente financiou os custos de sua tradução para o português, e Igor José de Renó Machado, por meio da Associação Brasileira de Antropologia, possibilitou o processo. Alexandre Branco Pereira traduziu o texto com profissionalismo e perspicácia. A todos, agradeço e espero que este trabalho fale com gentileza e bondade na língua que me acolheu.

Finalmente, Aarvin Jahajeeah entrou em minha vida em um momento no qual eu estava completamente distraída com outras coisas, e conseguiu de alguma forma se tornar central em minha vida. Seu pragmatismo, sua perspicácia e piadas terríveis transformaram completamente este processo e trouxeram muitas risadas e felicidade.

NOTA PARA A EDIÇÃO SUL- -AFRICANA E EM PORTUGUÊS DESTE LIVRO

Quando escrevi este livro, era importante para mim saber que leitores angolanos teriam acesso a ele – deveria, então, estar disponível em português. Eu também mantive os direitos para a distribuição “africana” para que então ele pudesse ser acessível para leitores da África do Sul. As políticas do conhecimento formam a linha de frente e são centrais no texto que se segue.

Os eventos de lançamento do livro original, produzido no Canadá, foram todos cancelados em virtude do surto de COVID-19, e, neste ínterim, a versão do livro que você está lendo nasceu. Era difícil imaginar algo semelhante à COVID-19 quando o *Da Água ao Vinho* foi escrito pela primeira vez, mas a pandemia colocou muitos dos temas do livro em relevo.

Cinco observações simples precisam, portanto, ser feitas como um ponto de partida para leitores em um mundo bastante modificado:

Primeiramente, a COVID-19 nos mostrou de maneira muito nítida que o mundo presta muito mais atenção quando corpos brancos morrem. Enquanto o vírus em si nos afeta a todos, o “choque” global foi maior quando os ricos sistemas de cuidado em saúde europeus ficaram sobrecarregados. Este é um importante ponto de reflexão quando consideramos os letramentos visuais de nativos digitais, enraizados em histórias de representação muito mais longas – elas próprias subsidiadas pelo Império e pelo capitalismo extrativista.

Em segundo lugar, em uma crise, o passaporte que você carrega importa. O critério de escolha de quem foi evacuado e/ou repatriado e/ou reunido às suas famílias, a partir de onde e a qual velocidade variou significativamente à medida que as fronteiras foram se fechando ao redor do mundo. Victoria, que figura com destaque neste livro, estava ajudando amigos angolanos que haviam viajado para a Cidade do Cabo para tratamento médico quando todos os voos foram cancelados. Eles levaram 109 dias para voltar para casa, e, quando o fizeram, retornaram diante de incerteza e insegurança significativas.

Em terceiro lugar, enquanto escrevo isso, ainda é obscuro para mim como a COVID-19 irá se comportar em Angola, e quais serão as consequências de longo prazo. É provável que, ao menos a curto ou médio prazo, a vida se tornará mais difícil, mais cara e mais complexa para a maioria das pessoas, e que sistemas já restritos podem se tornar ainda mais apertados. É claro que haverá inovação, bondade e práticas notáveis de cuidado, mas a “carga mental” que este livro descreve quase certamente aumentará de maneira significativa.

Em quarto lugar, ainda não sabemos quando as fronteiras se abrirão, nem como. Viagens provavelmente se tornarão muito mais caras e ainda mais inacessíveis àqueles que não têm acesso a determinados privilégios – inclusive ao privilégio de serem considerados dignos de receber vistos internacionais. Eu tinha esperanças de que esse livro encorajaria viagens para Angola, mas, neste momento, é difícil dizer como isso poderá se dar. Fronteiras – reais, simbólicas, imaginadas, políticas – permanecem agora como um ponto de interrogação no texto como um todo.

Finalmente, gostaria de defender o acesso a dados enquanto um direito humano. À medida que a pandemia devastava sistemas no mundo todo, o “distanciamento social” tornou-se um atalho aceito no vocabulário global, mas é um discurso preguiçoso. “Distanciamento físico” é o privilégio daqueles que podem trabalhar de suas casas e manter seus corpos seguros – sua comida entregue em casa, sua educação continuando de forma praticamente ininterrupta, psicoterapia, religião, exercício e entretenimento sintonizados online –, mas o distanciamento físico não é, de forma alguma, equivalente ao distanciamento social.

Quase ninguém está praticando “distanciamento social” neste momento. Pelo contrário, o que está acontecendo é que, no mundo todo, aqueles que têm fácil acesso a informações e dispositivos podem transformar seus trabalhos, diversões e até amores em algo online e continuar não-exatamente-como-antes, mas ainda nutridos e conectados com as necessidades humanas básicas de comunidade e presença atendidas. O toque – que também figura com destaque neste livro – é muito mais complexo, mas a conexão como a conhecemos agora é amplamente viabilizada pelo acesso aos dados e às informações.

Se aceitarmos que todos os seres humanos precisam de conexão, então o acesso aos dados e informações precisa tornar-se um direito humano como o acesso à água potável, alimentação e ao abrigo, e precisamos imaginar coletivamente novas formas de prover isso. É bem sabido que o custo de dados e informações na África é muito mais alto do que na maioria das outras partes do mundo, e também que, quando disponível, a possibilidade de as pessoas encontrarem emprego, iniciarem negócios e aprenderem habilidades relevantes aumenta exponencialmente. Em uma sociedade do conhecimento, pode-se argumentar que os dados e informações provêm vida. Em um mundo fisicamente distante, eles a sustentam através da re-

lacionalidade. Então, a pergunta permanece: quando ocorrem as discussões sobre inclusão, quem fica de fora da sala (virtual)?

Jess Auerbach
Cidade do Cabo
Julho de 2020

RELATÓRIO DE ENTREVISTAS

Como nós avaliamos a validade das descobertas das ciências sociais no que diz respeito a países e contextos dos quais nós podemos não saber nada a respeito? Em uma era de notícias falsas, e de cada vez mais *deep fakes* que se sobrepõem a uma história dos estereótipos sobre a qual nós podemos não estar cientes de nossa vinculação, parece-me útil mostrar aos leitores em que este livro está baseado. Mais tarde, explicarei a metodologia de maneira mais detida, mas, aqui, quero mostrar as entrevistas formais. Essas foram conversas que aconteceram e foram gravadas nesses lugares, nesses dias, e elas formam o esqueleto ao redor do qual este livro emergiu.

Nº	Lugar	Data
1	Lobito	131106
2	Lobito	131112
3	Lobito	131112
4	Lobito	131119
5	Lobito	131120
6	Lobito	131121
7	Lobito	131122
8	Lobito	131124
9	Lobito	131202
10	Lobito	131210
11	Lobito	131211
12	Benguela	131212
13	Lobito	131212
14	Benguela	131213
15	Lobito	131216

(Continua...)

(Continuação...)

Nº	Lugar	Data
16	Lobito	131217
17	Lobito	131217
18	Lobito	131217
19	Lobito	131218
20	Lobito	131220
21	Lobito	131230
22	Benguela	140108
23	Lobito	140109
24	Lobito	140110
25	Lobito	140112
26	Lobito	140116
27	Lobito	140117
28	Lobito	140118
29	Lobito	140207
30	Benguela	140216
31	Catumbela	140221
32	Lobito	140224
33	Benguela	140308
34	Lobito	140308
35	Lobito	140309
36	Benguela	140314
37	Lobito	140318
38	Lobito	140321
39	Lobito	140326
40	Lobito	140327
41	Lobito	140328
42	Lobito	140402
43	Lobito	140403
44	Catumbela	140424
45	Lobito	140425
46	Benguela	140503
47	Lobito	140507
48	Lobito	140513
49	Lobito	140515
50	Lobito	140519
51	Lobito	140521

(Continua...)

(Continuação...)

Nº	Lugar	Data
52	Lobito	140522
53	Lobito	140526
54	Luanda	140527
55	Luanda	140527
56	Benguela	140528
57	Lobito	140603
58	Lobito	140603
59	Lobito	140605
60	Lobito	140606
61	Lobito	140606
62	Rio de Janeiro	140729
63	Rio de Janeiro	140821
64	Rio de Janeiro	140823
65	Rio de Janeiro	140824
66	Rio de Janeiro	140828
67	Rio de Janeiro	140829
68	Rio de Janeiro	140905
69	Rio de Janeiro	140907
70	Rio de Janeiro	140908
71	Rio de Janeiro	140910
72	Rio de Janeiro	140911
73	Rio de Janeiro	140912
74	Rio de Janeiro	140918
75	Rio de Janeiro	140921
76	Rio de Janeiro	140922
77	Rio de Janeiro	140922
78	Rio de Janeiro	140923
79	Rio de Janeiro	140926
80	Juiz de Fora	140927
81	Rio das Ostras	140929
82	Rio de Janeiro	140930
83	Rio de Janeiro	141001
84	Rio de Janeiro	141002
85	Rio de Janeiro	141002
86	Niterói	141003
87	Rio de Janeiro	141004

(Continua...)

(Continuação...)

Nº	Lugar	Data
88	Rio de Janeiro	141008
89	Rio de Janeiro	141010
90	Rio de Janeiro	141016
91	Curitiba	141018
92	Curitiba	141019
93	Curitiba	141020
94	Curitiba	141021
95	Curitiba	141021
96	Curitiba	141022
97	Curitiba	141023
98	Rio de Janeiro	141030
99	Rio de Janeiro	141030
100	Rio de Janeiro	141030
101	Rio de Janeiro	141031
102	Rio de Janeiro	141106
103	Rio de Janeiro	141110
104	Rio de Janeiro	141110
105	Lobito	141209
106	Lobito	141211
107	Lobito	180514

PREFÁCIO

MÁRIO ROMBO: Não contes a ninguém, Nadine... (Triste.) Mas tu não imaginas a vontade que eu tive hoje de me dar encontro com um bom peixe frito...

NADINE: Com muito limão e cebolada?

MÁRIO ROMBO: E jindungo! Para dar um certo ritmo...

Os Vivos, O Morto e o Peixe Frito (ONDJAKI, 2014)



Imagem 1 Em dezembro de 2013, saí para caminhar perto da minha casa ao alvorecer. Cruzei com esses objetos colocados juntos na areia: um monitor de computador, uma lata de cerveja vazia e um antigo carrinho de bate-bate arrastados por vários quilômetros para a praia a partir de um local que outrora fora uma feira, depois um campo de refugiados e agora era um bairro de Lobito, Angola. Não consegui saber quem os agrupou e o que aconteceu naquela noite, mas eles capturam algo da essência deste livro, e, então, os coloquei aqui para que pensemos a partir deles.

Este é um livro escrito para que você viaje para além de seus olhos e de sua tela. Como a dramaturga angolana Ondjaki sugere na página anterior, um pouco de pimenta fornece um certo ritmo. Reconhecido isso, este também é um livro escrito para mimetizar a internet: as coisas mudam com rapidez, estilos e formas de conteúdo estão em constante movimento. Não há um argumento central sobre a importância da atenção à beleza, ou a dos atos cotidianos de triunfo e felicidade. O objetivo deste livro é desaplainar (*unflatten*)¹ a forma como se pensa Angola e a África a partir de uma perspectiva de fora, e a definição de classe média é cumulativa e flexível – imitando a realidade. Não há notícias falsas, mas a história se move: de todo jeito, faça uma checagem de fatos.

Neste livro, conto histórias sobre como experienciei a vida cotidiana em uma pequena cidade litorânea de Angola. Ele está dividido em seções baseadas nos sen-

1 Sousanis (2015).

tidos – mais como um artifício literário do que como uma contribuição, ao que os acadêmicos podem chamar de teoria sensorial, embora a teoria sensorial tenha embrenhado-se também por aqui como um fio sutil. Não estou alegando que esta é a forma que angolanos experimentam o mundo, mas sim compartilhando como fiz quando o país permitiu minha entrada e como aprendi a sentir “com” meus amigos e colegas por meio da participação em suas vidas e dos questionamentos que lhes fiz.

A antropologia é uma disciplina que, diz-se, “torna o mundo seguro para a diferença humana”,² e, pelo interesse da segurança e da diferença, penso que é importante reconhecer de antemão o que este livro é e o que não é. Ele não é um texto definitivo. Não é um texto que almeja falar por ninguém além de mim mesma. Não é um texto que se esconde das experiências de diferença sentidas e percebidas – as minhas e entre as muitas pessoas que contribuíram com este livro.

Essas diferenças se manifestam em muitos eixos: nacional, racial, religioso, gustativo, educacional, estético, além de um eixo hospedeiro. Alguns são estruturais, outros, pessoais e culturais. Essas diferenças enriquecem nosso mundo e abrem muitos caminhos para o conhecimento, a compreensão e compaixão. Às vezes, saber como fazer perguntas de maneira que as pessoas se sintam respeitadas pode ser difícil, e ter modelos de como fazê-lo pode ser muito útil. A pergunta que fiz como estudante de doutorado no começo desta pesquisa que levou a este livro foi: “como posso pesquisar o que está *funcionando* em Angola, o que faz as pessoas felizes?”. A pergunta que fiz quando estava colocando o que aprendi neste livro foi: “como eu posso escrever isso de uma forma que um estudante universitário de dezoito anos de idade, ou mesmo minha mãe, melhor amiga ou colega engenheiro não ache entediante, e que possa ajudá-los a *se importar*?”. Acredito que se importar é importante.

Além de ser sobre a diferença, este livro também é sobre as coisas que a maior parte das pessoas, na maior parte dos lugares, consegue se identificar: humor, estresse, amizade, amor, traição, assistência, dinheiro, responsabilidade, adoecimento, Facebook e Instagram, lidar com as mudanças, e a grande questão que paira constantemente sobre muitos de nós: As pessoas que amam estão bem? Elas vão continuar bem? O que eu vou fazer se algo mudar? Não é uma prática comum iniciar um livro nascido a partir de uma pesquisa acadêmica com uma discussão sobre o amor, mas neste momento histórico me parece importante. Para sermos capazes de amar alguém, precisamos fazer o possível para compreendê-los – e, em um mundo onde sistemas globais nos afetam a todos em tempo recorde, é importante que possamos abrir a possibilidade de cuidarmos e nos importarmos com aqueles que não conhecemos.

2 Wheeler (2017).

Recentemente li o *21 lessons for the 21st century*, de Yuval Noah Harari,³ e uma seção em particular me deu arrepios. Em um capítulo sobre a igualdade, ele observa que talvez as pessoas de diferentes regiões do mundo tenham futuros totalmente diferentes – à semelhança do que escreveu George Orwell em *1984* (1949). Preparando-se para o que está por vir, Harari diz: “talvez, em algumas partes do mundo, você deva ensinar seus filhos a programar computadores, enquanto em outras, é melhor que você os ensine a sacar armas rápido e a atirar com precisão”.⁴ Harari é um entre muitos que sentem que, em lugares como Angola, é difícil tornar-se programador de computadores – e ele está certo em um nível mais amplo (ainda que alguns indivíduos venham a superar barreiras estruturais). A questão é: isso não é inevitável.

Separações globais existem porque nós permitimos que o mundo fosse dessa forma. Nossos sistemas sociais e políticos formam o mundo onde vivemos – em Angola, e em qualquer outro lugar – e eles estão intimamente conectados, dos direitos humanos às mudanças climáticas, da manufatura e regulamentação do petróleo à limpeza do ar. Nós precisamos fazer mais para compreendermos uns aos outros, para reconhecer nossa humanidade compartilhada, bem como as estruturas e os sistemas de crença que nos tornam diferentes. Dessa forma, podemos trabalhar juntos em times globais a partir de um lugar de respeito. Este trabalho precisa estar na direção do mundo que nós de fato queremos – não apenas daquele que nós temos no momento.

3 Harari (2018).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 31

HISTÓRIA EM QUADRINHOS 51

Uma breve história de Angola

CAPÍTULO 1

O cheiro do sucesso: perfume, beleza, suor, petróleo 67

CAPÍTULO 2

Toque e tátil: as texturas do escotismo no *Capitalismo Selvagem* 93

CAPÍTULO 3

Mudando gostos: o paladar e o possível 121

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS 141

CAPÍTULO 4

Música, *fofoca* e notícias: som, espaço e orientação 147

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS 181

CAPÍTULO 5

Reformulação nacional 187

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS 213

CONCLUSÃO 219

SUGESTÕES DE LEITURA 233

REFERÊNCIAS 239

LISTA DE IMAGENS

1 Monitor e cerveja 24

2 Mapa do Oceano Atlântico 40

3 Caderno e registro de voz 87

4 Objetos 89

5 Seu Oniko 131

6 Gráficos sonoros 148

7 Vedran Smailović 230

Ensaio fotográfico 1 142-143

Ensaio fotográfico 2 144-145

Ensaio fotográfico 3 182-183

Ensaio fotográfico 4 184-185

Ensaio fotográfico 5 214-215

Ensaio fotográfico 6 216-217

INTRODUÇÃO

ONDE PETRÓLEO É MAIS BARATO QUE ÁGUA: A VIDA NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

O PANO DE FUNDO

Eu nasci em 21 de março de 1985 em uma cidade agrícola do interior da África do Sul, a sudeste da fronteira com Lesoto. Não é assim que livros acadêmicos geralmente começam, mas permaneçam comigo, pois isso é relevante. Vinte e cinco anos antes, em 21 de março de 1960, a polícia sul-africana abriu fogo contra manifestantes civis, matando sessenta e nove pessoas. O acontecimento, hoje conhecido como o Massacre de Sharpeville, foi apenas um entre os milhares de atos de violência cometidos pelo Estado sul-africano, que, à época, sustentava o regime político do apartheid. *Apartheid* significa, literalmente, distanciamento (*apart-ness*), e, na África do Sul, as pessoas que deveriam ser mantidas à distância eram aquelas de “raças” diferentes.⁵

O apartheid teve um efeito profundo em todos os sul-africanos, mas o que por vezes é esquecido na memória popular é que o governo da África do Sul tinha ambições muito mais grandiosas. Não contente em dominar a África do Sul, ele desejava estender seu controle por toda a região, e envolveu-se naquilo que conhecemos coloquialmente como as “guerras de fronteira” para tentar aumentar seu alcance e influência. Para este fim, de agosto de 1987 a março de 1988, quando eu acabava de completar três anos de idade, a batalha de Cuito Cuanavale, entre as forças armadas sul-africanas, cubanas e angolanas, assolou Angola, financiada com dinheiro dos Estados Unidos e da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esse foi um dos eventos decisivos em uma guerra de três décadas que explicarei com mais detalhes em breve.

5 A classificação racial sul-africana era um processo absurdamente complexo, e existe uma vasta literatura a respeito (cf. ROSS, 2010; MANDELA, 1994). As categorias amplas usadas eram “branco”, “indiano” (sul-asiático), “preto” e “de cor”. “De cor” incluía os indivíduos mestiços e descendentes dos povos originários da África do Sul, os Khoi-San, além de pessoas escravizadas da Indonésia.

Demorei algum tempo para chegar a Angola. Depois da graduação, fiz um mestrado para me ajudar a entender os refugiados que retornavam: o que havia mudado neles e no país enquanto estiveram fora? Li tudo o que podia e que havia sido produzido em inglês sobre Angola. Na época, eu não falava português, ignorava umbundu, kimbundu, chokwe ou qualquer outra língua que pudesse ser útil. Como esperado, o assunto sobre o qual li era o sofrimento: fome, privação, violência e horror tão intensos que uma ONG escandinava tomou para si a tarefa de organizar um concurso de beleza chamado “Miss Mina Terrestre Angola” para tentar inverter a maneira como angolanos percebiam-se e como forasteiros os viam.⁶ Se a imprensa e essa literatura acadêmica estavam corretas, Angola era um país desenganado.

REPRESENTANDO “ÁFRICA”?

Parte do que eu havia aprendido em minha infância foi que mesmo (ou, talvez, especialmente) em contextos de transição e, às vezes, violência, a vida cotidiana continua. As pessoas vão a encontros, discutem, celebram o nascimento das crianças ou ajudam-nas com os deveres de casa. Enquanto eventos dramáticos de significância histórica podem delinear os contornos de uma vida, suas texturas serão compostas de ações cotidianas entre as pessoas presentes: gentileza, crueldade, cuidado, negligência e todo o resto, e eu escolhi fazer um doutorado em antropologia porque esta é uma das disciplinas que considera tais ações cotidianas como interessantes e fundamentalmente importantes.

Tipicamente, poderosas organizações midiáticas sediadas no “norte global”⁷ apresentam uma visão da África que ainda é sinônimo de atraso, negligência e violência, algo necessário no passado como justificativa da escravidão,⁸ mas que agora permanece ininterrupta e indiscutivelmente servindo aos interesses do capitalismo

6 MacKinnon (2008).

7 Eu utilizo o termo “norte global” para me referir aos países onde a maioria dos cidadãos possuem uma qualidade de vida material alta e onde os direitos humanos são amplamente protegidos. Outros termos que eu poderia ter escolhido incluem “países da OCDE”, que se referem especificamente aos Estados membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, ou “países desenvolvidos”, que é extremamente vago e baseado em uma ideia darwinista de países pobres enquanto aspirantes automáticos à evolução em direção a um ideal esmagadoramente branco e capitalista. A expressão “norte global” é contraditória e de certa forma ainda problemática, mas eu gosto que, se aceitamos “norte” como equivalente à riqueza e estabilidade, dentro do “norte global” há espaço para a incrível riqueza que é possível encontrar dentro de países que, em termos estatísticos, são bastante pobres. Por exemplo, os bolsos da África do Sul assemelham-se bastante aos da Suíça (embora tenhamos sol!), e, na capital de Angola, os mais ricos não pensam duas vezes ao gastar US\$ 200 em uma única refeição.

8 Smith (2006).

extrativista. A autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie foi poderosamente assertiva em seu TED Talk “Os perigos de uma história única”, de 2016, mas o trabalho de Adichie é fundamentado em uma longa tradição de trabalhos realizados por outros intelectuais africanos que têm dito o mesmo há anos.⁹

Aprofundando-me nessa pesquisa, eu estava bastante consciente que alguém enxerga aquilo que está procurando, e que “o perigo de uma história única”, na prática, poderia significar que, no contexto de Angola pós-guerra, eu poderia enxergar apenas sofrimento, da mesma forma que, em um contexto de férias nos Estados Unidos, eu enxergaria apenas riqueza (quando qualquer pessoa que já andou pelas ruas em qualquer grande cidade estadunidense de olhos abertos sabe que é muito mais complicado que isso). O sofrimento de seres humanos é extremamente importante e, ao longo deste livro, eu luto com o fato de que muitas das pessoas que conheci – e mais ainda aquelas que eu escolhi não conhecer – sofreram profundamente. A seção final do livro reflete sobre uma curiosidade disciplinada e focada que leva para além do esperado e para dentro das realidades vividas, sobre como alguém pode ser curioso junto a estranhos de uma maneira respeitosa que leva ao diálogo e que é baseada na premissa fundamental de uma humanidade compartilhada. Antes de chegar lá, é importante notar a escolha deliberada de focar no que está funcionando e compartilhar isso em parte como uma contribuição política para a mudança da história única da “África”.

“Focar no que está funcionando” é uma sugestão extremamente vaga e, de maneira prática, este livro é sobre a classe média angolana emergente. Historicamente, Angola foi governada por um pequeno grupo de elites¹⁰ e, embora isso indiscutivelmente continue dessa forma,¹¹ as mudanças no país após o fim da guerra civil significaram que, durante o tempo de meu trabalho de campo, era cada vez mais possível para pessoas que *não* eram de famílias estabelecidas ou que não tinham boas conexões políticas a, não obstante, começarem a usufruir de um padrão de vida muito mais alto do que fora possível anteriormente. Isso significou mudanças na educação, no consumo e nos modos de vida, e são essas mudanças que o livro explora de maneira mais minuciosa.

Uma nota sobre terminologia: eu, como muitos intelectuais do continente africano e da diáspora, fico muito angustiada quando alguém se refere ao continente inteiro como se ele fosse um único país. Isso posto, muitos de nós nos referimos a um país em particular como se ele não fosse apenas um, mas dois continentes inteiros: “América”. Quando me refiro aos Estados Unidos da América ao longo

9 Cf. Du Bois ([1903] 2005), Mbembe (2001), Mudimbe (2008), Ogunnaike (2017).

10 Corrado (2008).

11 Cf. Schubert (2017), Soares de Oliveira (2015).

deste livro, deixo isso explícito e uso o adjetivo “estadunidense”; uso “América” ou “americano” somente no sentido continental, do Chile ao Canadá. Isso pode parecer estranho para leitores não acostumados ao questionamento dos impactos linguísticos e psicológicos da dominação de um país específico sobre dois continentes, mas é uma prática corrente em muitas partes das Américas Latina e do Sul, e deveria, creio eu, tornar-se prática corrente ao redor do mundo. Por quê? Porque é correto, porque existe poder em nomear e é um desserviço para os cidadãos dos Estados Unidos, bem como para aqueles de todos os outros países das Américas, feito em grande medida para homogeneizar e para nivelar. Um argentino provavelmente tem pouquíssimo em comum com alguém do Canadá, da mesma forma que um liberiano em relação a um zimbabuano – em ambos os casos, nós precisamos saber diferenciá-los.

SOBRE COMPREENDER A ESCRITA¹²

Relativamente poucas pessoas interrogam-se sobre seus sentidos corporais na vida cotidiana, mas eles são um dos instrumentos mais importantes que os seres humanos têm para conhecer o mundo ao seu redor. A frase “compreender algo” é tão corriqueira no inglês cotidiano que a maioria dos leitores nunca pararam para pensar sobre ela. “Compreender” algo torna isso compreensível por meio do corpo e permite às pessoas agirem baseadas no conhecimento que pode ter sido obscuro antes de concedê-lo atenção sensorial. É precisamente porque os sentidos são tão basilares que nós aprendemos sobre eles quando somos muito pequenos, e, daquele ponto em diante, construímos nossa compreensão dos contextos materiais e sociais nos quais vivemos. É, no mínimo, em parte desta base que nós chegamos ao “senso comum”, a esse ordenamento do mundo tomado como óbvio, que está longe de ser universal (deixe o “global” para lá).

Para muitas pessoas, ler este livro (entender suas lógicas, suas convenções, seu fluxo e estilo e ordem) é, em primeiro lugar, resultado de um treinamento sensorial que emergiu durante o Iluminismo na Europa. Esse treinamento foi baseado em uma interpretação racionalista do mundo e nas fundações da ciência moderna e suas formas de aprendizado. Acima de tudo, o sentido da visão é priorizado. Enxergar era equivalente a acreditar, e a visão poderia ser “confiada” como empírica, que assemelha-se notavelmente com “império” (ainda que as duas palavras tenham raízes latinas diferentes), mas o sistema também reconhecia e valorizava a audi-

12 N. T.: O original, “*making sense*”, não encontra paralelo de uso na língua portuguesa. Dessa forma, justifica-se a opção por “compreender” ao invés de “fazer sentido”.

ção, o tato, o paladar e o olfato.¹³ Esses cinco sentidos dominaram, desde então, o que pode ser considerado os modos de conhecimento capitalistas¹⁴ (extrativista, dominador e profundamente patriarcal), mas eles não são, de forma alguma, as únicas opções disponíveis. Muitos acadêmicos – inclusive nas autodenominadas ciências duras – fizeram um ótimo trabalho demonstrando como diferentes sociedades valorizam outros pontos de entrada para a compreensão de nossas experiências na vida.¹⁵ Mesmo no interior dos enquadramentos existentes do conhecimento “ocidental”, existem muitas disciplinas que reconhecem, por exemplo, o equilíbrio, a nocicepção (a habilidade de identificar e experimentar dor) e muitas outras.

Aqui, utilizo os sentidos como pontos de entrada para a compreensão de um país sobre o qual muitos dos leitores não sabem nada. O objetivo é duplo: primeiro, para ajudar os leitores a imaginar os espaços e as interações que estão sendo descritos de maneira mais completa; e, segundo, para fornecer compreensão metodológica do processo pelo qual uma pesquisa em ciência social é empreendida. No capítulo sobre o tato, por exemplo, o material não o analisa como um fenômeno sensorial *per se*, nem sugere que alguns (ou todos) os angolanos experimentam o que é tátil de uma maneira particularmente inusitada. Ao invés disso, ele presta atenção às texturas que circundam os corpos, e o que essas texturas revelam sobre classe, pertencimento, filiação a grupos sociais, saúde e educação. Minha intenção, assim, é que os leitores mergulhem de maneira mais plena no espaço que podem imaginar através da página, mas que é real em toda a tridimensionalidade que isso envolve. Por meio da constante referência aos conhecimentos corporificados, os leitores vão imaginar seus próprios corpos nos espaços sendo compartilhados e

13 Classen (1993).

14 Utilizo “modos de conhecimento capitalista” para descrever os sistemas de pensamento, análise e trabalho que emergiram da expansão global do capitalismo. Esses sistemas originaram-se na Europa ocidental, mas tornaram-se globais, ainda que em algumas regiões se “pule” mais essa etapa que em outras (FERGUSON, 2006).

15 Cf. Desjarlais (2003), Geurts (2002). Nas últimas décadas, entretanto, as limitações desse enquadramento ficaram muito mais claramente reconhecíveis. Autores como Kathryn Linn Geurts realizaram um trabalho monumental para mostrar como estruturas sensoriais são culturalmente específicas, geralmente aprendidas na infância, e que frequentemente codificam estruturas morais através das quais os julgamentos são realizados. Portanto, vestimentas podem ser consideradas uma referência de enorme importância para julgamentos acerca da moralidade no norte global (pense nos jovens negros mortos nos Estados Unidos por usarem moletens e capuzes), mas, em Angola, como este livro irá explorar mais à frente, o cheiro das pessoas era considerado muito mais importante do que a forma como elas se vestiam. Na antiga casa de Geurts (2002), ao sul de Gana, a maneira como alguém andava também poderia ser uma indicação do tipo de pessoa que ela era, algo que é, talvez, mais comumente reconhecível por aqueles familiarizados com os pressupostos básicos da sociologia francesa, usando a linguagem do *habitus*, de Pierre Bourdieu (1977), mas que o trabalho de Geurts mostra como é algo infinitamente mais complicado.

considerar como podem responder se estivessem lá. Vamos chamar isso de realidade virtual de baixa tecnologia.

No capítulo atual, eu coloco a propriocepção em primeiro plano para chamar atenção para como alguém compreende – literal e figurativamente – o movimento, o equilíbrio, a orientação e o espaço, e como biografias individuais e experiências de lugares, viagens e as jornadas entre elas informam nossa receptividade a novas narrativas e experiências. Este livro surgiu depois de uma jornada que me levou de Kokstad à Cidade do Cabo (uma distância relativamente curta, de 1.351 quilômetros)¹⁶ via Califórnia, Cuba e Curitiba, para não mencionar Oxford, São Francisco, Leste/Palo Alto, Luanda, Benguela, Lobito, Rio de Janeiro e Réduit, nas Ilhas Maurício. Essa é, de fato, uma enorme distância, e na seção intitulada “A ética do trabalho de campo: sete imagens posteriores”, eu reflito sobre as implicações para o planeta desta quantidade de movimento.

SOBRE O QUE ESTE LIVRO, DE FATO, É

O título do livro, *Da água ao vinho: tornando-se classe média em Angola*, é uma brincadeira sobre a transformação, a esperança e o consumo. A maioria dos angolanos se identifica com alguma denominação da religião cristã,¹⁷ e o primeiro milagre público que dizem ter sido realizado por Jesus é a transformação da água em vinho em um casamento. Essa transformação foi a prova que muitos de seus discípulos precisavam a fim de acreditarem nele. A brincadeira sobre esse tema que eu realizo neste livro é que, como o poder de consumo cotidiano das pessoas cresceu, eles foram capazes de consumir não apenas água para beber, mas também vinho. Essa mudança acentuada em suas realidades materiais ajudou pessoas comuns a “acreditarem” na paz muito mais que, por exemplo, símbolos como camisetas ilustradas com pombas brancas.

Os leitores devem ter notado o título deste capítulo, “Onde o petróleo é mais barato que água: a vida no *capitalismo selvagem*”. Mais será dito sobre o assunto posteriormente, mas, por ora, perceba que em Angola, em 2013 e 2014, o litro da água potável custava *mais* do que o litro da gasolina processada.¹⁸ Isso era indica-

16 Para esses cálculos, usei a ferramenta www.geodatasource.com, que traça uma distância em linha reta pela superfície da Terra, para viagens internacionais, e o Google Maps, para viagens rodoviárias nacionais.

17 Péclard (1998).

18 Em 2014, um litro de água tratada custava 140 kwanzas angolanos, enquanto um litro de gasolina custava 130. Naquela época, a taxa de câmbio era de 100:1 em relação ao dólar estadunidense, significando que custavam US\$ 1,40 e US\$ 1,30, respectivamente. Essa taxa de câmbio mudou significativamente durante o tempo em que eu estava escrevendo o livro (Registros de campo e entrevista no 39). Também é importante notar que Angola é uma figura importante na petroeconomia global (CARDOSO, 2015; OVÁDIA, 2012, 2013;

tivo do que os meus interlocutores (as pessoas que compartilhavam suas vidas comigo em Angola) chamavam de *capitalismo selvagem*, uma expressão com a qual degladiei em termos de tradução. A tradução literal do português é “wild capitalism”, mas isso não captura muito bem o elemento de selvageria que a expressão sugere. “Capitalismo da selva” (*jungle capitalism*) aproxima-se mais, mas é acompanhado com o peso terrível da palavra “selva” (*jungle*) enquanto um estereótipo, inscrito na cultura popular em grande parte da Europa e dos Estados Unidos, da África e das identidades africanas pela maior parte de três séculos.¹⁹

Quando eu pedia a meus interlocutores bilíngues em inglês e português para traduzir a expressão, eles invariavelmente escolhiam “jungle” porque eles queriam enfatizar que a versão do capitalismo que estavam experimentando seguia “a lei da mata” – *the rules of the jungle* (i. e., apenas os mais fortes e mais inteligentes sobrevivem). Amenizar suas análises sobre seu próprio país pelo bem das minhas suscetibilidades liberais não seria apropriado, mas caso a palavra seja lida de forma a reforçar estereótipos, eu também ficaria profundamente pesarosa. Portanto, utilizo a expressão original, *capitalismo selvagem*, o máximo possível, na esperança que o itálico lembre os leitores de ignorar qualquer viés que venham a ter – ainda que inconscientemente – e aproximem-se dos dados apresentados no texto pelo que realmente são.²⁰

Esta introdução fornece ao leitor informações sobre o contexto que serão necessárias para entender o país, como o livro foi escrito e como lê-lo. O livro está estruturado em cinco capítulos que podem ser lidos em qualquer ordem, embora lê-los sequencialmente seja, talvez, a maneira mais fácil. Cada capítulo termina com uma breve reflexão sobre por que é importante que leiamos esse material, e o que ele pode fazer. Na sequência de cada capítulo, há um interlúdio em que o texto se transforma em dois diferentes instrumentos de comunicação e de conhecimento.

Cada um dos capítulos mergulha profundamente em aspectos da vida cotidiana de Angola, sublinhando simultaneamente similaridades e diferenças com outras experiências do mundo e enfatizando um sentido particular. O primeiro capítulo aborda os aromas e, em particular, os perfumes e os ares-condicionados como

REED, 2009; WIIG e KOLSTAD, 2011); o que acontecerá com as dinâmicas de mudanças do petróleo no século XXI ainda permanece obscuro, mas não há dúvidas de que o país sentirá os efeitos de qualquer mudança.

19 Cf. Conrad (2010).

20 Quando escrevi este livro, não tinha noção das conotações do termo em francês. Minha amiga e colega, a economista Myriam Blin, apontou-me que, na norma francófona, *capitalism sauvage* tinha, de fato, um significado bem diferente. Lá, o termo é frequentemente usado para referir-se ao capitalismo sem regulações encontrado nas estruturas econômicas anglo-saxãs (Reino Unido e EUA), em que o estado do bem-estar social é preterido em relação aos interesses do mercado. Esta é uma discussão complexa e fascinante, mas está além do escopo deste livro em particular.

ferramentas de gerenciamento do meio ambiente e de produção de mudanças positivas. O segundo capítulo explora o tato e as texturas de tatear em contextos de *capitalismo selvagem* e, em específico, a maneira como as texturas dos uniformes, o calor das fogueiras e o sentimento de união cria fortes laços de pertencimento e de comunidade em um país em paz. O terceiro capítulo é sobre paladar, sabor, doçura e acidez e sobre o posicionamento de classe que comer determinados alimentos garante, bem como a significação cultural que a comida frequentemente carrega consigo. No capítulo 4, os sons são trazidos à tona, e, no capítulo 5, os leitores são convidados ao Instagram e ao Facebook para explorar a reformulação nacional e o conhecimento através da visão, bem como as “pós-imagens” dos desafios éticos do trabalho de campo.

O capítulo de conclusão é sobre a curiosidade e as muitas maneiras pelas quais nós podemos fortalecer um sentimento de conectividade e experiência humana compartilhada fazendo boas perguntas e ouvindo verdadeiramente (e não apenas com nossos ouvidos) as respostas. Nós precisamos fazer isso enquanto simultaneamente reconhecemos as diferenças estruturais e culturais que nos dividem e que garantem que o mundo é interessante. Isso tem relevância não apenas para estudantes de ciências sociais, mas para qualquer pessoa que trabalhe em equipes internacionais ou em campos que influenciem pessoas distantes. Ainda que você seja arquiteto, funcionário de um zoológico, engenheiro, advogado ou desportista, a curiosidade sobre como pessoas diferentes de você pensam só pode levar a um trabalho melhor e que é capaz de ir ao encontro das necessidades, por vezes muito diferentes, de pessoas diferentes.

Angola foi um importantíssimo estágio da história humana, e acredito fortemente que tem muito a nos ensinar. Antes de ser um Estado, no sentido moderno da palavra, os ancestrais daqueles vivos atualmente eram parte de uma das classes políticas mais importantes da África.²¹ Esses ancestrais foram capturados na Era dos Impérios, espalhados por toda a América do Sul e, além disso, desempenharam um papel criticamente importante na formação do Brasil dos dias atuais e no desenvolvimento de esportes como a capoeira e a zumba e de religiões como o Candomblé.²²

Mais recentemente, o país foi submetido a um profundo período de revolta pelo processo de descolonização dos portugueses. Isso rapidamente se transformou em um conflito *proxy* da Guerra Fria que eu descrevi acima, no qual forças cubanas e sul-africanas uniram-se a grupos rivais angolanos lutando entre si como parte da disputa global entre socialismo e capitalismo.²³ Em 2017, José Eduardo Santos,

21 Thornton (2012), Vansina (1966).

22 Alencastro (2000), Freyre (1933), Matory (2005).

23 Hatzky (2012), Marcum (1969, 1978), Soares de Oliveira (2015).

presidente de Angola desde 1979, deixou o cargo, e uma nova era iniciou-se sob a liderança do presidente João Lourenço.

Mudanças recentes entre as lideranças políticas realçaram ainda mais as tentativas do país de ser moderno e pacífico, atualizado tecnologicamente e democrático, globalizado e nacionalista, tudo em um contexto de pobreza relativa da vida real e em termos reais, e riqueza da vida real em futuros especulativos do petróleo.²⁴ Comparar Angola com outros países pode ser útil, pois a crueza e a novidade da “paz” de Angola permite, de várias maneiras, que as dinâmicas que podem ter sido tornadas opacas pelas sobreposições da história, da burocracia e até dos mitos nacionais sejam visíveis (pense, por exemplo, na “nação do arco-íris” metafórica na África do Sul, ou a reformulação da Ruanda pós-colonial e pós-genocídio como a estrela da história de sucesso da África, ou mesmo na “ascensão” da China).

COMO A PESQUISA FOI FEITA

Esse trabalho começou em 2009, quando eu buscava completar o mestrado no Reino Unido. Depois, prosseguiu quando conduzi pesquisa em Angola e no Brasil durante meu doutorado em antropologia nos Estados Unidos, começando a ser escrito em 2018, enquanto eu lecionava em duas universidades das Ilhas Maurício, e foi concluído em 2019, quando voltei à África do Sul depois de uma década distante. De 2009 em diante, eu comecei a ler ativamente sobre Angola e, de 2010 em diante, comecei a estudar português. Visitei o país pela primeira vez por algumas poucas semanas em 2011, em uma jornada exploratória onde tive centenas de conversas que me auxiliaram a entender quais questões perguntar caso eu quisesse pesquisar “a classe média emergente”.

“A classe média emergente” na África era, àquele tempo, um conceito bastante em voga. Um relatório da consultoria McKinsey&Co. havia dado muito valor “aos leões da África”,²⁵ e eu estava longe de estar só em meu desejo de contar uma história alegre sobre a vida em partes do continente. Parecia uma forma sensível de abordar a realidade que é óbvia para a maioria dos africanos (mas muito menos visível fora da África em razão do recorte seletivo da mídia), qual seja, a de que muitas pessoas através das vastas faixas de território que compõem o continente estejam indo muito bem.

24 No fim do meu trabalho de campo, em dezembro de 2014, o preço do petróleo colapsou e Angola entrou em uma recessão da qual ainda precisa recuperar-se e que alterou drasticamente as vidas de muitos de meus interlocutores. Isso é abordado na conclusão do livro.

25 Roxburgh et al. (2010).

Na primeira vez que fui a Angola, eu submergi em cheiros, sabores, texturas e humores de Luanda, Lobito, Benguela e Namibe – todas cidades costeiras que se adequavam aos meus interesses mais abrangentes – estabelecendo Lobito como local de meu trabalho de campo de longo prazo, por razões que eu descrevo a seguir. Em 2011, eu também fui ao Brasil para treinamento intensivo na língua, e lá percebi que estudar Angola não seria o suficiente – eu precisaria incluir um tempo no Brasil, onde muitos angolanos iam temporariamente para adquirir educação, habilidades e mercadorias para vender e revender. Compreender Angola no contexto do Oceano Atlântico, portanto, tornou-se uma orientação importante, e por muito tempo eu mantive o mapa exibido na Imagem 2 em minha parede como um lembrete para pensar nas novas formas em que a geografia simultaneamente conecta e separa.



Imagem 2. Um mapa do Oceano Atlântico desenhado por Kyle Williams.

No mesmo período em que me encontrei imersa no Brasil, também tive o privilégio de poder visitar Cuba, o que me ajudou a entender alguns contextos históricos mais abrangentes do conflito que é descrito na história em quadrinhos apresentada ao fim deste capítulo. Então, desenvolvi uma proposta, busquei e fui agraciada com um financiamento de pesquisa, tendo meu trabalho avaliado por comitês de ética e autoridades relevantes tanto nos Estados Unidos, onde estava estudando na época, quanto em Angola.

Entre 2013 e 2014, vivi o tempo todo em Angola intercalado com três meses de trabalho de campo no Brasil. Em Angola, tornei-me professora primária de música em uma escola particular e líder escoteira, também passei a integrar o corpo docente de uma universidade, o que me permitiu estabelecer uma rica rede social e intelectual. Conheci pessoas de uma ONG local e frequentava regularmente suas reuniões. Trabalhei na academia local, frequentava apresentações musicais, passava tempo nas cafeterias e bares, silenciosamente assistindo às idas e vindas daqueles com alguma renda disponível. Essa técnica é chamada de “observação participante” – participamos totalmente da vida, mas também observamos cuidadosamente, produzindo notas detalhadas durante o percurso.

A observação participante foi estruturada e aprofundada por 107 entrevistas semiestruturadas, entrevistas em grupos focais, uma pesquisa conduzida com estranhos objetivando a obtenção de informação estatisticamente significativa sobre definições de classe média e análise de redes sociais.

A história recente de Angola incluía muitas pessoas informando-se umas sobre as outras durante a guerra, e, como resultado parcial disso, poucos indivíduos aceitavam ser gravados. Em alguns casos, levou um longo tempo para construir relações de confiança. Eu, portanto, raramente usava gravadores de voz, embora ocasionalmente tenha capturado pequenos excertos de som em meu celular e as entrevistas que usei para as histórias orais no capítulo 3 tenham sido gravadas – novamente em meu celular. Todos os arquivos eram incorporados e mantidos em uma planilha do Excel protegida por senha e, quando possível, fora do disco rígido do meu computador pessoal, pois eu era frequentemente alertada por meus amigos que as autoridades poderiam confiscá-lo a qualquer momento (eles nunca o fizeram).

Escrevi centenas e centenas de páginas de notas, esboços e questões, transcrevendo-as toda noite em meu computador. Frequentemente variava entre o português e o inglês em um mesmo conjunto de frases. Cada entrevista era alocada em um número, e todas as notas de campo eram registradas por datas usando a convenção Ano, Mês, Dia e Local. Elas eram registradas dessa forma por conta do sistema de preenchimento que eu utilizava em meu computador. Como exemplo, se eu fosse completar a 108ª entrevista hoje, a registraria como Entrevista #108, 191018, Hermitage, Ilhas Maurício – isto é, 2019, 18 de outubro, em Hermitage, Ilhas Maurício, de onde estou digitando no momento. Essas entrevistas estão listadas no começo do livro, sendo mencionadas ao longo deste por seus números (i.e., entrevista #21).

Às vezes, eu escrevia à mão, noutras, escrevia notas em meu celular, e frequentemente eu enviava mensagem via WhatsApp ou mensagens de texto se houvesse algo com o qual estivesse preocupada em esquecer, pois digitar no celular se provou

ser muito menos indiscreto do que escrever à mão em um caderno de papel. Tirei fotos tanto com o celular quanto com a minha câmera, e guardei ingressos, papéis e artefatos aleatórios; quando possível, eles eram escaneados. Todas as pessoas com quem trabalhei foram requisitadas a escolher um pseudônimo, com o nome original registrado em uma planilha de Excel protegida por senha, para preservar suas identidades. O consentimento informado foi obtido em todas as situações, à exceção dos grandes eventos públicos (eu não conseguiria obter a permissão de todas as pessoas em um show de rock!), e os interlocutores sempre tinham o direito de não fazer mais parte da pesquisa, embora ninguém tenha se retirado. Quando detalhes eram necessários – como o tipo de carro que um indivíduo dirigia –, tentei, tanto quanto possível, manter o espírito da verdade, mas não sua letra. Por exemplo, Aimée, que descrevo no capítulo 1, não dirigia, de fato, um Honda branco, mas um carro de valor e *status* equivalentes, e de uma cor diferente. Dizer qual carro ela *verdadeiramente* dirigia poderia identificá-la aos de sua comunidade, mas o ponto central que elaboro em meu argumento usando seu carro como exemplo permanece, de toda forma, válido. O detalhe sobre manter o plástico nos assentos é absolutamente preciso.

Eu mesma não tinha condições de comprar um carro, mas eu era capaz de comprar uma moto em Angola (no Rio, eu pegava ônibus ou caminhava). Era raro que mulheres andassem de moto naquela região do país, e minha experiência em meus trajetos diários deu início a diversas conversas. Isso foi agravado porque – em grande medida, em deferência a meus pais e a preocupados administradores departamentais – eu trouxera comigo um capacete de moto extremamente bom que me garantiu o apelido de “astronauta da África do Sul”. Como eu exploro mais à frente nesta introdução, uma moto *não* era um símbolo usual de status de classe média ou alta, mas a branquitude era associada à riqueza, e, dessa forma, eu frequentemente confundia as pessoas. Eu também falava português com um forte sotaque brasileiro, perturbando ainda mais as expectativas, os estereótipos e a realidade, que frequentemente não convergiam. Considerei isso mais produtivo do que disruptivo, uma vez que possibilitava o início de muitas conversas.

Enquanto realizava meu trabalho de campo, senti cada vez mais que meus esforços para coletar “informação” eram incompletos quando eu focava apenas no que havia aprendido sobre o que abrangia a etnografia: isto é, a monografia, o olhar antropológico. Na busca por maneiras de registrar experiências de compreensão e conhecimento gerado não apenas por informantes aprovados-por-comitês-de-ética, mas por minhas respostas subjetivas para amigos, crianças e estranhos que habitavam meu ambiente de pesquisa de campo,²⁶ comecei a escrever

26 Auerbach (2017).

poesia ao lado das minhas notas de campo. Eu também incluí parte desse trabalho neste livro. Os poemas me permitiram explorar ideias que, mais tarde, enriqueceram minhas entrevistas e observações formais e, ao final do processo, eram dos poemas que eu gostava mais.

Completei meu trabalho de campo em dezembro de 2014, e retornei para os Estados Unidos. Terminei meu doutorado dois anos depois, e, em janeiro de 2017, comecei a trabalhar na African Leadership College, onde lecionei por dois anos. Em 2018, retornei a Angola para fazer pesquisa de acompanhamento para a conclusão deste livro.

A viagem de trabalho de campo de 2018 me permitiu observar o impacto da queda do preço do petróleo ocorrida em dezembro de 2014, logo quando eu estava finalizando meu trabalho de campo principal, e realizei entrevistas de acompanhamento com a maioria das pessoas que aparecem neste texto, visitando também a escola e a universidade onde lecionei. Em 2017, Angola também passou por sua primeira mudança de liderança presidencial desde 1979, o que levou a alterações tanto positivas quanto negativas, e que afetaram as vidas cotidianas de formas significativas. O livro é, em sua maior parte, sobre o que aprendi de 2011 a 2014, mas também leva em consideração as mudanças ocorridas depois desse período.

COMO LER ESTE LIVRO

Este livro não segue as convenções da escrita acadêmica. Ele inclui longas seções de texto, como esta aqui, e também a história de Angola em quadrinhos, receitas, poesias, ensaios fotográficos e prosas que se abrem para diferentes tipos de análises. O livro é inspirado por textos como o *Unflattening*, de Nick Sousanis,²⁷ que convida os leitores a interrogarem o quanto a compreensão é frequentemente moldada pela forma como o material é apresentado, e as limitações que todo material inevitavelmente possui. Sousanis chama a atenção para a compreensão do “todo”, o que não creio que seja possível. Não obstante, sua sugestão de uma perspectiva mais ampla e inclusiva parece útil.

Na antropologia, frequentemente usamos a teoria acadêmica para estruturar nosso trabalho e usamos o trabalho, por sua vez, para construir sobre a teoria. Isso pode ser muito poderoso. A teoria, no entanto, como Allaine Cerwonka e Liisa Malkki²⁸ escreveram, é algo que necessita ser constantemente “melhorada” para ser

27 Sousanis (2015).

28 Cerwonka e Malkki (2007).

responsiva às necessidades da sociedade, e as necessidades às quais esse trabalho está respondendo são, em grande medida, fundamentadas em discursos e realidades cotidianas.²⁹ Escrevi essas páginas de forma particular por causa do que eu quero que este livro *faça*. Quero que ele mude a forma como os leitores imaginam as pessoas em partes do mundo que eles desconhecem, e as categorias do Estado-Nação que supostamente nos definem, nos dividem e nos unem. Para mudar o pensamento, é necessário haver algum engajamento com a emoção – precisamos nos importar de uma forma que requer e compele mais do que clicar em um link para algo na internet. O sentimento, muito mais do que o pensamento nos conteúdos particulares daquilo que exploramos, é o que provavelmente ficará conosco, mas agir puramente baseando-se em sentimentos, abandonando o pensamento, pode ter consequências terríveis – como certos tuiteiros de alto escalão demonstram. Então, sentimento e pensamento precisam convergir. Isso pode, por vezes, ser difícil e desconfortável, mas a dificuldade e o desconforto podem, ao menos, ser parte do ponto do aprendizado – a areia que faz a pérola.

CONCEITOS CENTRAIS

A CLASSE MÉDIA ANGOLANA

Este é um livro sobre a classe média angolana, mas o que isso significa? Argumentarei que isso pode ser entendido como *aqueles que têm um carro, uma casa e educação*. Esse entendimento será *cumulativo*: cada capítulo revela novas dimensões de pertencimento e mobilidade de classe. Primeiro, é importante entender os parâmetros mais abrangentes do que classe, ou estratificação social, significa.

“Classe média” é um termo frequentemente usado na linguagem do dia a dia para incluir pessoas que não estão nem passando fome, nem voando pelo mundo em jatos particulares. Para aqueles interessados, há uma extensa produção acadêmica na economia, sociologia e filosofia política (ver a seção Sugestões de leitura) que leva em conta a relatividade do pertencimento à classe média. Em 2014, quando essa pesquisa foi realizada, Angola era a 149^ª colocada no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano em uma lista que abrangia 185 países, uma ferramenta das Nações Unidas que avalia países baseada em três critérios: “um padrão de vida decente”, “conhecimento” e uma “vida longa e saudável” (PNUD, 2014). Em 2018, a organização considerava somente 11% da força de trabalho de Angola como “qualificada”, a mortalidade infantil era de 54,6 mortes a cada 1.000 nascimentos, e havia 120 casos de malária para cada mil habitantes (PNUD, 2018).

29 Para aqueles interessados em debates mais teóricos e explicitamente acadêmicos pertinentes sobre a região, esses são textos essenciais e estão incluídos na seção Sugestões de leitura sobre Angola inserida ao final deste livro, que, espero, muitos leitores irão explorar.

Nesse contexto, a renda é importante. Quanto dinheiro uma pessoa ganha, quantas pessoas aquele dinheiro sustenta e até onde o dinheiro consegue chegar? Mais importante, a pessoa é paga em dólares estadunidenses – o que tecnicamente é ilegal para propósitos da vida cotidiana, mas, de toda forma, amplamente praticado – ou em kwanzas angolanos (para o qual a abreviação é AOK)? Por exemplo, em Angola, durante meu trabalho de campo, US\$ 1 comprava uma lata de cerveja. Você não consegue comprar uma cerveja por um dólar na maior parte das cidades dos EUA, mas existem outras coisas nos EUA que são muito, muito mais baratas do que em Angola – como água potável, ou carros. No fim do dia, a renda, por si só, é quase insignificante, ao menos que seja colocada no contexto das pessoas interessadas, e se sua fonte for também considerada.

O dinheiro que se ganha vem de um único emprego, ou de vários? Esses empregos são na “economia formal” (por isso, entendo a economia sujeita à regulação do trabalho, proteção, taxaço e a lei) ou são bicos, sobre os quais não incidem imposto, são irregulares e desprotegidos? Quantas pessoas contribuem com o dinheiro que entra em casa, e como o trabalho é dividido, seja em termos de trabalho não remunerado, como tarefas domésticas, ou em termos de trabalho externo remunerado?³⁰ Perante quem um indivíduo tem responsabilidade financeira? Em Angola, como em grande parte do mundo (excetuando-se grande parte da Europa e América do Norte), as “famílias” tendem a significar mais do que pais e filhos, e é imprudente pressupor modelos universais – de família ou de finanças – que, na realidade, são exceções euro-americanas às cadeias globais de sensibilidade e responsabilidade.³¹ Em Angola, quase todo mundo tinha, e ainda tem, “bicos”, mas isso tem cada vez mais se tornado a norma global. Pense nas pessoas que prestam serviços de transporte como Uber nos fins de semana, ou trabalham como babás das crianças dos vizinhos, ou se inscrevem na plataforma www.taskrabbit.com, caso morem nos EUA ou no Canadá.

Ter ativos é muito importante. Os últimos capítulos neste livro levam em conta as experiências de algumas das muitas pessoas que adentraram a classe média angolana ocupando prédios abandonados pelos colonizadores portugueses, usando-os para levantar capital. No contexto angolano, ativos incluem também carros, computadores, joias e por aí vai: coisas que podem ser vendidas se for necessário, ou mantidas de diferentes maneiras para assegurar o futuro. O requintado livro de Shailja Patel,³² *Migritude*, é uma meditação sobre as experiências e os condicionamentos da migração e o papel que saris, joias e dinheiro desempenhavam nas vidas

30 Chant e Sweetman (2012).

31 Chakrabarty (2000).

32 Patel (2010).

financeiras de uma família de quenianos descendentes de sul-asiáticos. De maneira muito diferente, *Marginal Gains*, de Jane Guyer,³³ explora o intercâmbio de diferentes *categorias* de bens em partes da África ocidental, e o que pode ou não pode ser convertido em categorias de riqueza. Neste livro, o capítulo sobre os odores explora como, no contexto Angola-Brasil, o perfume tornou-se um ativo importante para alguns indivíduos – em termos de ganhos financeiros e simbólicos.

Por décadas, cientistas sociais demonstraram que da mesma forma que seres humanos investem valor no capital financeiro, nós também concedemos importância enorme ao “capital cultural” – entendido enquanto os hábitos, os maneirismos e o conhecimento que nos permitem mostrar pertencimento a um dado espaço, e que, frequentemente, leva à mobilidade de classe (seja ascensão ou descensão). O último, o conhecimento, não é monetizado, mas a ironia é que é precisamente o que leva à consolidação do dinheiro em razão do significado simbólico que o capital cultural tem. O sociólogo Pierre Bourdieu escreveu sobre isso de maneira notória em seu livro *Distinction*³⁴ (A distinção), mas há uma longa história de análise na literatura, que inicia-se quando um sueco de nome Thorstein Veblen³⁵ explorou os feriados europeus no século XIX. O capital cultural não tem nenhuma relação com o gosto, com círculos de conhecimento e com a habilidade de “traficar influência” (descrita a seguir). Em Angola, ele diz respeito à língua, ao estilo, à música, literatura, às redes sociais e mais.

Para a maior parte dos angolanos ao longo da costa urbana, casas eram de importância crítica. Se alguém tinha uma casa, então tinha direito à terra e estabilidade. Muitos herdaram ou ocuparam suas casas quando os portugueses deixaram o país, em 1975, incertos se voltariam em algum momento. Naquele tempo, prédios inteiros foram deixados desocupados e, embora o processo de distribuição tenha sido, em alguma medida, controlado pelo Estado,³⁶ muitas pessoas simplesmente se mudaram para eles e asseguraram de maneira efetiva o futuro financeiro das gerações subsequentes – uma espécie de equivalente dos dias modernos do que Karl Marx³⁷ notoriamente referiu-se como “acumulação primitiva”.

O transporte público em Angola é, na melhor das hipóteses, rudimentar e, na pior, perigoso. Via de regra, ele não existe. Caminhar toma tempo e energia, além de sujar o corpo. Motos são um intermediário decente, mas o risco de morte é

33 Guyer (2004).

34 Bourdieu (1984).

35 Veblen ([1899] 2009).

36 Croese (2012), Gastrow (2015), Tomás (2014).

37 Marx (1999).

alto, e poucos argumentariam que é um jeito adequado de se transportar crianças (embora muitos não tenham escolha a não ser usá-las para isso). Um carro representa capital na forma de um objeto, certamente, mas também representa liberdade sobre seu próprio tempo e controle sobre o ambiente. Carros podem ter ar-condicionado e podem ser usados de acordo com a conveniência de cada um. A vida social pode acontecer dentro deles, o que de fato ocorre. Feriados, como Henry Ford poderosamente intuiu, podem ser experienciados com os carros, e o mundo literalmente se abre. Ter um carro era ter o controle, tornar-se mestre de seu próprio destino em termos da vida cotidiana.

Finalmente, sobre a educação: em Angola, como os capítulos seguintes irão demonstrar, muita atenção é direcionada ao que é “autêntico” e ao que é “falso”. Muitas casas foram adquiridas por meio de ocupações ou redes de relações, e o único requisito para a posse de um automóvel era ter dinheiro suficiente. Mas para ser *verdadeiramente* “classe média”, diziam-me repetidamente, era preciso possuir “educação de qualidade” – o tipo de educação que permitia a alguém pensar de forma independente das lógicas político-partidárias, ou mesmo das dimensões das estruturas militares (por muitos anos, ambas haviam sido simbióticas). Educação também significava redes de relações, e redes de relações eram cruciais para sobreviver. Sem educação, era possível ser enganado ou controlado. Além disso, a educação direcionava os indivíduos para futuros particulares. Um exemplo notável era que na escola onde eu ensinava música, era esperado que as crianças separassem cuidadosamente seu lixo em categorias apropriadas para a reciclagem, a despeito do fato de não existir nenhum centro de reciclagem no país naquele momento. Isso era indicativo de uma expectativa de habilidades e *habitus* que não reservavam qualquer fundamentação na realidade local, mas, não obstante, eram considerados essenciais pelos professores dessas crianças em particular (de famílias pagantes).

Possuir uma casa (ou uma casa-em-construção), um carro (ou talvez, com boa vontade, uma moto) e educação (ou educação-em-progresso) eram os critérios que emergiam repetidamente para garantir o pertencimento à classe média. Isso era o que era preciso para garantir prosperidade – e não apenas sobrevivência – na Angola contemporânea. Possuir um entre esses três era bom, mas não o suficiente. Dois significava a abertura de possibilidades, mas os três significava estabilidade. Frequentemente, por óbvio, isso era geracional, uma vez que os pais que possuíam casas e tinham acesso ao transporte trabalhavam em empregos que pagavam apenas o suficiente para que seus filhos frequentassem escolas particulares. Quase todos falavam sobre seu desejo de que seus filhos ingressassem em universidades posteriormente. Um diploma continuava como um fiador extremamente importante tanto de *status* quanto de estabilidade, e aqueles que haviam concluído seus estudos universitários não raro recebiam o título de “doutor” como signo de respeito.

CAPITALISMO SELVAGEM

Capitalismo selvagem já foi mencionado nessa introdução, e refere-se à experiência econômica de Angola *circa* 2014. Era o termo utilizado cotidianamente pelas pessoas para descrever o contexto no qual houve uma mudança explícita do socialismo para o capitalismo na política nacional com o fim da Guerra Fria. No capítulo 2, sobre o tato, esse assunto é discutido com maior profundidade, mas, por ora, alguns aspectos mais abrangentes sobre a forma como o *capitalismo selvagem* era experimentado por meus interlocutores podem ser apresentados.

O *capitalismo selvagem* é um sistema que acontece em um contexto de fraqueza do Estado, em que a *lei da mata* (*the rules of the “jungle”*) opera na vida econômica. O Estado, estabelecido no contexto do socialismo, supostamente oferecia educação gratuita, assistência em saúde, proteção policial, e por aí vai – mas, na verdade, conseguia fazer muito pouco. Duas visitas a uma família que vivia na periferia de Lobito explicitaram isso para mim. Na primeira visita, fotografei as crianças a pedido de sua avó (Registro de campo 131204). Retornei algum tempo depois com as fotografias. A avó começou a chorar, e explicou que a criança do meio, de aproximadamente três anos de idade, havia falecido. Quando perguntei como, a resposta dada foi “as crianças simplesmente morrem, às vezes” (Registro de campo 140611) – a face humana da estatística de mortalidade infantil de 54,6 mortes por 1.000 (PNUD, 2018). Sob as condições do *capitalismo selvagem*, isso era no mínimo reconhecido como uma provável possibilidade.

A moeda angolana, kwanza, flutuou significativamente durante sua história,³⁸ e a moeda informal do Estado era, via de regra, o dólar estadunidense. Esses dólares, entretanto, eram trocados sob taxas de câmbio muito diferentes nas ruas e nos bancos, indicando um mercado financeiro alternativo poderoso no qual grande parte da atividade econômica do país acontecia. Por exemplo, em determinado momento durante a guerra civil, um caixote de cerveja importada poderia ser trocado por uma passagem de volta ao mundo da companhia aérea local (Entrevista nº 27), e, embora a situação em 2014 fosse muito menos dramática, a instabilidade financeira e a imprevisibilidade eram condições básicas do *capitalismo selvagem*, tornando-se muito difícil fazer orçamentos, guardar dinheiro no banco ou realizar compras. Em 2018, quando retornei a Angola, o kwanza havia desvalorizado significativamente e aqueles que não tinham acesso a fontes externas de renda estavam sofrendo profundamente.

Finalmente, muitas tradições culturais e intelectuais diziam algo sobre o efeito do “não é o que você sabe, é quem você conhece”. Em Angola, sob as condições do

38 Cf. Schubert (2017).

capitalismo selvagem, isso era levado ao extremo. As pessoas falavam regularmente de “tráfico de influência”, e este livro explora como a vida pode se tornar muito complexa caso não se conheça a pessoa certa e, pela mesma razão, com os contatos certos, as necessidades diárias poderiam ser facilmente supridas. Um dos meus vizinhos, por exemplo, trabalhava em um importante departamento do governo que emitia documentos pessoais. As filas para entrar lá eram impossivelmente longas e requeriam um dia inteiro fora do trabalho. Outros vizinhos ocasionalmente ganhavam comissões para apresentar alguém ao burocrata em questão, que os “ajudava” como parte de suas horas extras no trabalho. Isso era corrupção ou era a lógica do mercado, na qual a oferta reage à demanda sob preços mais altos? A “corrupção” é, como argumento, um termo excessivamente preguiçoso para compreender as maneiras como os recursos são mobilizados em todos os níveis da sociedade angolana; o “tráfico de influência” é uma frase mais útil.

Agora, o terreno por onde nosso caminho progride está estabelecido. O livro não oferece uma historiografia detalhada de Angola, embora trabalhos relevantes estejam na bibliografia indicativa. Ao invés disso, com Elinor Driver, eu apresento uma história ilustrada de Angola. Essa história é breve, mas captura os detalhes essenciais que são necessários se quisermos entender o que se segue. O primeiro capítulo prioriza o sentido do olfato, e mergulha os leitores no contexto em que o livro os requisitará habitar. O segundo capítulo sente por meio do tato, o tátil e as texturas da vida cotidiana como experimentadas por membros da Associação dos Escoteiros de Angola. O terceiro oferece uma análise do paladar – e do gosto, no sentido de apreciação estética – por meio de duas histórias de vida de homens muito diferentes: um chef e um alfaiate. No quarto capítulo, os leitores são convidados a escutar os ecos das ideologias da Guerra Fria, os barulhos do capitalismo contemporâneo e como isso se manifesta nas salas de aula e nos salões das universidades locais. O último capítulo etnográfico, sobre a visão, olha para as *selfies* e para o uso das redes sociais, bem como para o que é enquadrado como “pós-imagens éticas”, momentos de complexidade ética que permaneceram comigo, enquanto pesquisadora, desde então. Finalmente, a conclusão fala sobre a curiosidade e a importância de fazer boas perguntas mesmo depois de a pesquisa estar formalmente encerrada. Ela atualiza o texto com o que aconteceu em Angola desde que o trabalho foi levado a cabo, e aproxima os temas do livro como um todo. Minha esperança é que, por meio da apreciação de uma etnografia sobre o que está acontecendo na Angola contemporânea, os leitores possam encontrar em si um desejo de saber e conhecer mais, e de pedir às pessoas de lá (e de outros lugares) para explicar como suas vidas são vividas, ouvidas, testemunhadas e experimentadas no que diz respeito ao que é bom, ruim, feio e bonito.

Por que isso importa? (propriocepção)

Orientação

O propósito desta explicação é orientar o leitor. Ao fim de cada capítulo, há uma seção, curta como esta, sobre por que – em minha opinião – um conceito particular importa, e o que espero que os leitores possam pensar depois de perpassar o material. A seção não é feita para ser conclusiva, mas para consolidar as bases da discussão. Alguns leitores precisam de uma razão para se engajar às ideias, outros não. Alguns podem considerar útil ler esta seção antes de ler o capítulo, ou todas essas pequenas seções antes de ler o livro todo. Este texto pode ser linear, embora isso não seja uma necessidade.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

UMA BREVE HISTÓRIA DE ANGOLA

Ilustrada por Elinor Driver

Texto de Jess Auerbach

1



A BRIEF HISTORY OF ANGOLA

Illustrated by Elmar Driver - Text by Jess Auerbach

2

Selma, Isabel and Joaquim are attending their first camp-out with the Angolan Scouts for Africa Day. Hundreds of children and young people have come together in the big church at the centre of town to celebrate.



Joaquim is scared to spend the night outside the church, but he doesn't tell the girls that!

3

They are greeted by **Chefe Alex**, one of the most important teachers in the whole of Benguela province.



Welcome!

4

Chefe Alex gathers all the cubs around him in the courtyard outside the church and lights a fire.



5

Now cubs, let me tell you about the history of Angola!



Selma yawned, she wasn't sure if she liked history.

6

Selma *querida*, Why are you yawning? Tell me, when your father was young, what did he do?



7

My dad fought in the war.

And your mother?

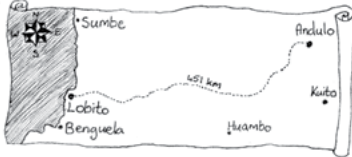
She was also in the war but then she ran away. She walked from Andulo to Lobito.



8

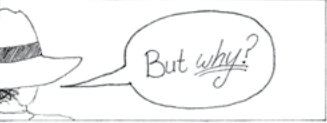


9



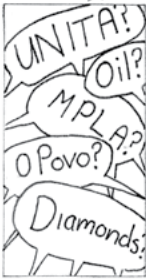
But why?

10



11

UNITA? OIL? MPLA? O Povo? Diamonds!



12

The children mumbled a few words but they were not sure, and so, around the fire, **Chefe Alex** began to tell them a bit about their story...

Long ago, before countries as we know them existed, there were people living on these lands...



Quadrinho 1: UMA BREVE HISTÓRIA DE ANGOLA

Quadrinho 2: Selma, Isabel e Joaquim estão indo para sua primeira saída de campo com os Escoteiros de Angola no Dia da África. Centenas de crianças e jovens se reuniram na grande igreja no centro da cidade para celebrar.

Joaquim está com medo de passar a noite fora da igreja, mas ele não diz isso às garotas!

Quadrinho 3: Eles são saudados pelo chefe Alex, um dos professores mais importantes de toda a província de Benguela.

Chefe Alex: “Bem-vindos!”.

Quadrinho 4: O chefe Alex reúne todos os *lobinhos* no pátio fora da igreja e acende uma fogueira.

Quadrinho 5:

Chefe Alex: “Agora, lobinhos, deixem-me contar para vocês a história de Angola!”.

Selma bocejou, pois não estava segura de que gostava de história.

Quadrinho 6:

Chefe Alex: “Selma, querida, por que você está bocejando? Me diga, quando seu pai era jovem, o que ele fazia?”.

Quadrinho 7:

Selma: “Meu pai lutou na guerra”.

Chefe Alex: “E sua mãe?”.

Selma: “Ela também esteve na guerra, mas depois ela fugiu. Ela caminhou de Andulo até Lobito”.

Quadrinhos 8 e 9: Sem texto.

Quadrinho 10:

Chefe Alex: “Mas por quê?”.

Quadrinho 11:

“UNITA?”.

“Petróleo?”.

“MPLA?”.

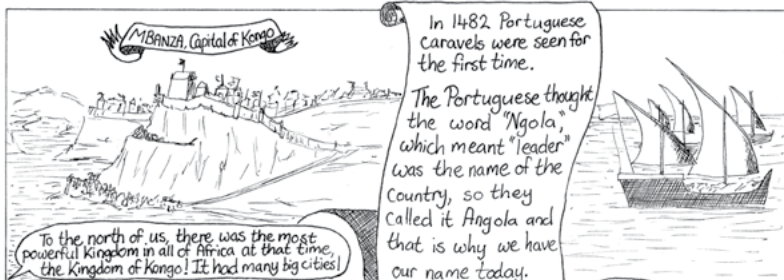
“O povo?”.

“Diamantes?”.

Quadrinho 12: As crianças murmuraram algumas palavras, mas não tinham certeza, e, então, o chefe Alex, ao redor da fogueira, começou a contar para elas um pouco sobre suas histórias.

Chefe Alex: “Há muito tempo, antes de os países que nós conhecemos existirem, já havia gente vivendo nessas terras”.

13



14



15



16



Quadrinho 13: Mbamza, capital do Kongo.

Chefe Alex: “Ao norte daqui, havia um dos reinos mais poderosos de toda a África naquele tempo, o Reino do Kongo! Havia muitas cidades grandes”.

Em 1482, caravelas portuguesas foram vistas pela primeira vez. Os portugueses pensaram que a palavra “Ngola”, que significava “líder”, era o nome do lugar. Eles, então, chamaram-no de Angola, e é por isso que esse é o nosso nome hoje.

Quadrinho 14: Rei João I, 5º rei do Kongo, batizado em 3 de maio de 1491 por missionários portugueses.

Os portugueses estabeleceram laços diplomáticos e, a princípio, trataram os reis e rainhas de Angola e do Kongo como iguais. Muitos converteram-se ao catolicismo. Mas nem todo mundo estava contente. Muitas pessoas resistiram, a mais famosa delas foi a rainha Njinga, uma das líderes mais poderosas e famosas da história da África.

Quadrinho 15: Os comerciantes portugueses casaram-se com mulheres locais, e, ao longo da costa, um novo grupo, os mestiços, emergiu, e viriam a tornar-se peça-chave no tráfico de pessoas escravizadas.

O tráfico escravagista fez com que milhões de pessoas fossem colocadas à força em navios em Angola e levadas ao Brasil para trabalhar nas *plantations*.

Quadrinho 16: Embora tenha sido abolido em 1834, o tráfico de pessoas escravizadas continuou ilegalmente por bastante tempo. Angolanos levaram suas práticas culturais para todo o mundo, mas especialmente para o Brasil, onde eles desenvolveram a capoeira. Os portos angolanos começaram a comercializar majoritariamente açúcar e café das *plantations* com outros países.

Chefe Alex: “...a igreja se tornou muito importante...”.

Selma: “É por isso que nós somos católicos hoje?”.

Chefe Alex: “Sim, Selma, essa definitivamente é uma parte do motivo”.

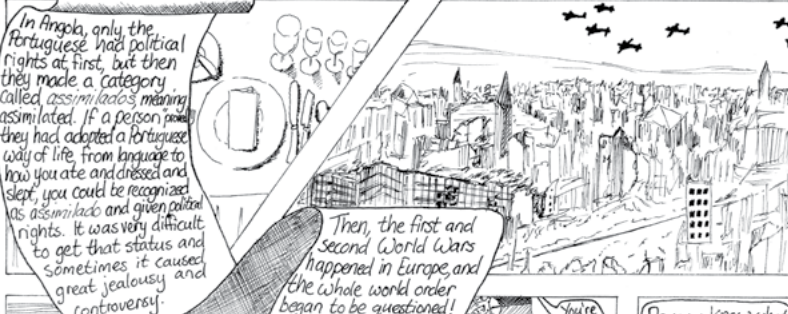
17



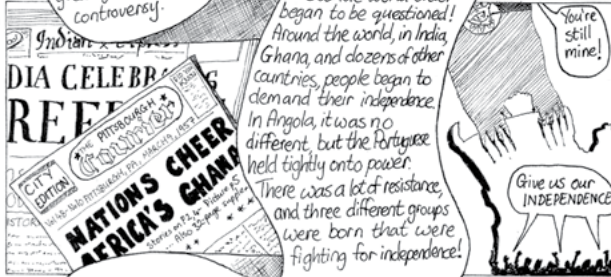
18



19



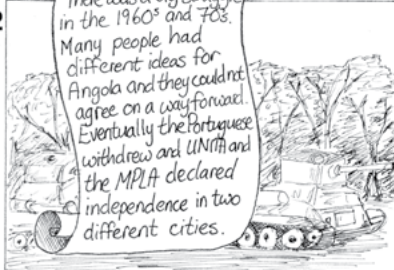
20



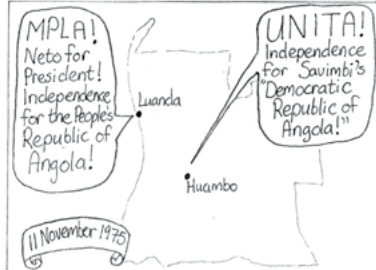
21



22



23



Quadrinho 17: Em 1884 e 1885, houve uma grande reunião chamada Conferência de Berlim. Durante essa discussão, as potências europeias dividiram a África para colonizá-la! Angola ficou com os portugueses, junto com Moçambique e Guiné. Outros territórios foram divididos entre França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Espanha e Itália. Apenas a Etiópia permaneceu independente.

Português: “Eu fico com esses, por favor”.

Quadrinho 18:

Escoteiro: “É por isso que nós falamos português hoje!”.

Chefe Alex: “Sim! Mas nós também falamos outras línguas porque as culturas que nós tínhamos antes nunca morreram”.

Quadrinho 19: Em Angola, apenas os portugueses tinham direitos políticos no início, mas depois eles criaram uma categoria chamada *assimilados*. Se uma pessoa “provasse” que eles haviam adotado o estilo de vida português, da língua ao jeito que comiam, vestiam e dormiam, ela poderia ser reconhecida como *assimilado*, e, então, ganhava direitos políticos. Era muito difícil ganhar esse status, e às vezes ele provocava muitos ciúmes e controvérsias.

Quadrinho 20: Então, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais ocorreram na Europa, e toda a ordem mundial começou a ser questionada! Por todo o mundo, na Índia, Gana e dezenas de outros países, as pessoas começaram a demandar sua independência. Em Angola, não foi diferente. Mas os portugueses se agarraram firmemente ao poder. Houve muita resistência, e três grupos diferentes nasceram para lutar pela independência.

Portugal: “Você ainda é minha!”.

Angola: “Nos dê nossa INDEPENDÊNCIA!”.

Quadrinho 21:

Chefe Alex: “Vocês sabem quais eram seus nomes?”.

Escoteiros: “UNITA”, “FNLA”, “MPLA”.

Quadrinho 22: Houve uma grande guerra nos anos 1960 e 1970. Muitas pessoas tinham ideias diferentes para Angola, e eles não concordavam sobre o caminho a seguir. Os portugueses, afinal, se retiraram do país, e UNITA e MPLA declararam a independência em duas cidades diferentes.

Quadrinho 23:

Luanda: “MPLA! Neto para presidente! Independência da República Popular de Angola!”.

Huambo: “UNITA! Independência para a República Democrática de Angola de Savimbi!”.

11 de novembro de 1975

24



Then the former USSR, Cuba, the USA and South Africa got involved, and suddenly the war went from being an internal struggle over power to being a proxy conflict for the Cold war. Most of the Portuguese left in the space of a single week!

25



Tens of thousands of soldiers from South Africa and from Cuba came to Angola to fight. South Africa (with money from the USA) supported UNITA. Cuba (with money from the former USSR) supported the MPLA. Almost all Angolans were drawn into the war.

26



27

28



29

Quadrinhos 24 e 25: Então, a antiga URSS, Cuba, os EUA e a África do Sul se envolveram, e repentinamente a guerra foi de uma luta interna pelo poder para um conflito distância da Guerra Fria. A maior parte dos portugueses deixou o país no espaço de uma única semana! Dezenas de milhares de soldados da África do Sul e de Cuba vieram para Angola lutar. A África do Sul (com dinheiro dos EUA) apoiava a UNITA. Cuba (com dinheiro da antiga União Soviética) apoiava o MPLA. Quase todos os Angolanos foram arrastados para a guerra.

Quadrinhos 26 e 28: Junto aos soldados, Cuba também enviou enfermeiras e professores. O sistema educacional em Angola não era forte no fim do colonialismo, e agora a maior parte das aulas era em espanhol! No dia 10 de setembro de 1979, uma semana antes de seu aniversário de 57 anos, Antônio Agostinho Neto perdeu sua batalha contra o câncer. Seu aniversário, 17 de setembro, ainda hoje é celebrado como o Dia dos Heróis Nacionais. Depois de sua morte, Eduardo dos Santos tomou conta do MPLA e se tornou o próximo presidente de Angola.

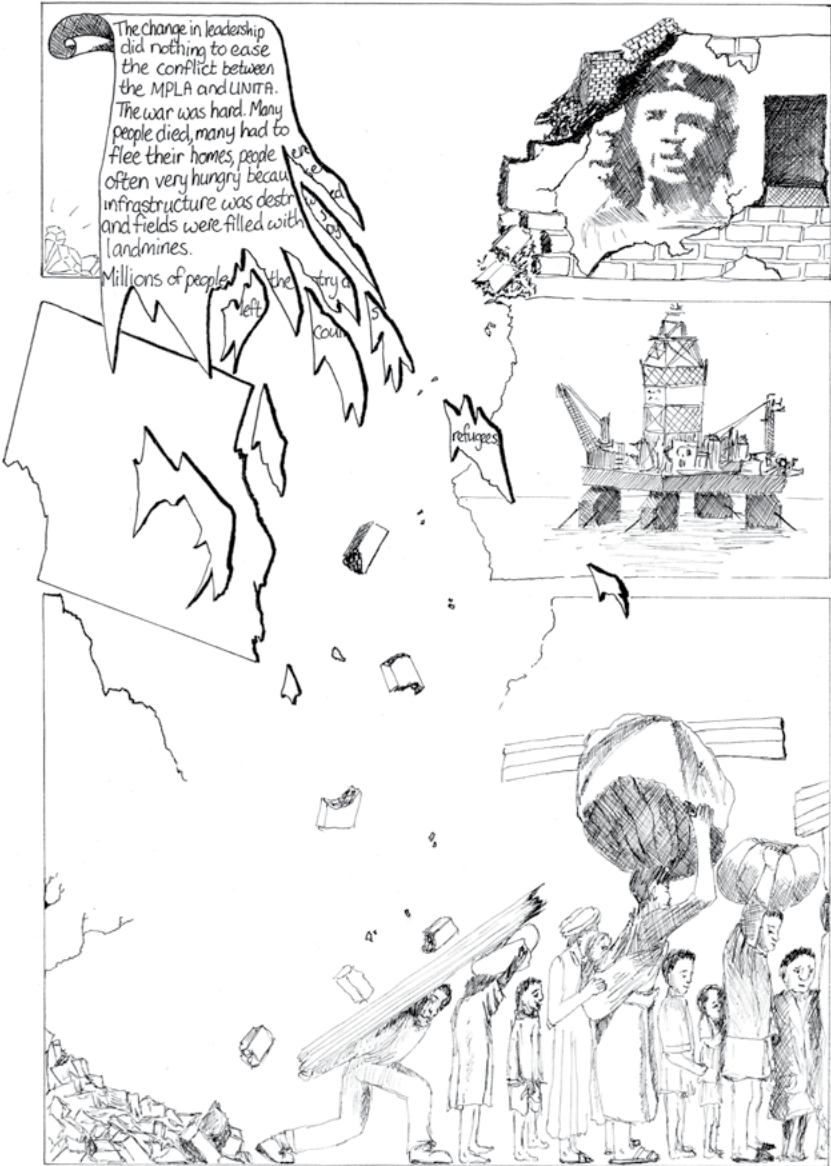
Quadrinho 27: José Eduardo dos Santos.

Quadrinho 28:

Escoteiro: “Esse é o mesmo Eduardo que era presidente até 2017?”.

Quadrinho 29:

Chefe Alex: “Sim! O mesmo! Zedú, como ele era conhecido, ficou no poder por 38 anos!”.



Quadrinho 30 (página 60 inteira): A mudança na liderança não diminuiu em nada o conflito entre MPLA e UNITA. A guerra foi dura. Muitas pessoas morreram, muitas tiveram que fugir de suas casas, as pessoas estavam frequentemente com muita fome porque a infraestrutura fora destruída e os campos estavam repletos de minas terrestres. Milhões de pessoas... saíram... do país... Como... refugiadas.

31



In 1991, it looked like the war was going to end, and for a brief period there was peace. That is when we set up the Angolan Scouts! But the peace did not hold and the country went back to war. This time, it was even worse.



32

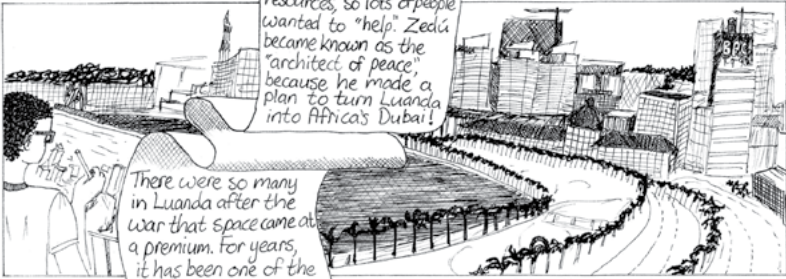


33

Then, on the 22nd of February 2002, UNITA's leader Jonas Savimbi was killed. By then, the population was so, so tired. Suddenly, there was peace in the country and slowly people began to rebuild their lives. Angola is a country that is Veery rich in natural resources, so lots of people wanted to "help." Zedú became known as the "architect of peace" because he made a plan to turn Luanda into Africa's Dubai!



34



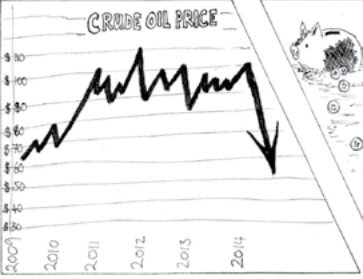
There were so many in Luanda after the war that space came at a premium. For years, it has been one of the world's most expensive cities to live in!

35



In December 2014 the price of oil fell. Angola had been rebuilding quickly because it has so much oil, but suddenly there was a crisis!

36



37



Quadrinho 31: Em 1991, parecia que a guerra terminaria, e, por um período curto de tempo, houve paz. Foi nesse momento que criamos os Escoteiros de Angola! Mas a paz não durou, e o país voltou à guerra. Dessa vez, foi ainda pior.

Quadrinho 32 (notícia de jornal): VIMBI MORTO

... Pois de sobreviver a mais de uma dezena de tentativas de assassinato e de ter sido erroneamente considerado morto por diversas vezes, foi confirmado que Sivimbi foi morto em batalha contra tropas do governo angolano em 22 de fevereiro... enquanto os detalhes exatos permanecem controversos... marcam o começo... Presidente...

Quadrinhos 33 e 34: Então, em 22 de fevereiro de 2002, o líder da UNITA, Jonas Savimbi, foi morto. Àquela altura, a população estava muito, muito cansada. De repente, o país estava em paz, e lentamente as pessoas começaram a reconstruir suas vidas. Angola é um país muuuuito rico em recursos naturais, então muitas pessoas queriam “ajudar”. Zedú tornou-se conhecido como o “arquiteto da paz” porque ele fez um plano para transformar Luanda na Dubai da África!

Quadrinhos 34 e 35: Havia tantos em Luanda depois da guerra que o espaço se tornou algo valioso. Por anos ela foi uma das cidades mais caras do mundo para se viver. Em dezembro de 2014, o preço do petróleo caiu. Angola estava se reconstruindo rapidamente porque tinha muito petróleo, mas, de repente, estava em crise!

Quadrinho 36: PREÇO DO PETRÓLEO CRU.

38



39



40



41

42

To be continued...

Quadrinhos 38, 39 e 41: Angola havia estado por tanto tempo em estado de guerra que todos tinham que aprender como viver em um período de paz. Não era sempre possível falar livremente, como no caso do 15 + 2,³⁹ mas isso é uma história para outro dia. Hoje, Angola ainda é uma produtora importante de diamantes e petróleo, mas também é conhecida por muitas outras coisas. A dança é uma grande parte da vida angolana – Zumba, um exercício mundialmente conhecido, vem de uma dança angolana, Kizomba, e o samba brasileiro se originou do nosso Semba. O Kuduro também viajou pelo mundo.

Quadrinhos 40 e 41: João Lourenço (MPLA) tornou-se presidente em 2017, e muitas coisas estão mudando no país agora. Pela primeira vez na história, estamos desenvolvendo turismo!

Quadrinho 41:

Chefe Alex: “Nós não sabemos o que vai acontecer no futuro, mas, por agora, é bom que crianças como vocês possam brincar livremente...”

Quadrinho 42: Continua...

39 Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/en/case/case-history-angola-15>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CAPÍTULO 1

O CHEIRO DO SUCESSO: PERFUME, BELEZA, SUOR, PETRÓLEO

Este capítulo começa com uma experiência olfativa antes de se voltar para um ensaio analítico sobre aroma e fedor na Angola contemporânea.

LEIA COM SEU NARIZ

Bem-vindo a Lobito. Conforme a via de piche recém-construída alcança a entrada da cidade, há uma parede pintada com um mural. A parede recende a lama, lixo, urina e sal. Tudo em Lobito tem o leve odor de sal, uma vez que está localizada à beira-mar em uma cama de cloreto de sódio.

Há também um cheiro fraco de plástico quente deixado ao sol vindo da sinalização colocada para marcar a contagem regressiva para o aniversário de cem anos da cidade em 2013. Ela não funciona mais, exceto pela faixa de luz piscante a meio caminho do chão, uma indicação precoce, ao adentrar a cidade, se há ou não eletricidade.

Seguindo nosso caminho, nós passamos pelo porto, onde o maquinário para as plataformas de petróleo que bombeiam a economia é fabricado e que sempre cheiram a óleo e a fumaça de escapamento dos caminhões que carregam equipamentos para dentro e para fora. Nossos narizes entopem com a poeira do cimento e não podemos evitar a tosse.

Ao longo da estrada principal está a rotatória *Africano*, marcada por uma estátua de concreto rosa do símbolo da cidade: o flamingo. Micro-ônibus azuis e brancos chamados *candongueiros* transportam pessoas entre a cidade formal, próxima ao mar, e as colinas acima dela, onde as construções são aleatórias e as mansões inclinam-se sobre casas de folhas de ferro ondulado e tijolos de concreto com gesso fino.

Dentro dos *candongueiros*, as geografias do movimento humano se misturam em um ensopado fétido criado por corpos compactados uns ao lado dos outros. Táticas sutis de batalha são empregadas por muitos no esforço de evitar ser colocado ao lado do quase inevitável balde plástico de peixe fresco (ou não tão fresco assim).

Na zona mais alta da cidade, um enorme elefante de concreto com uma tromba que funciona como um escorregador oferece sombra aos pedestres, aos mototáxis e às crianças sorridentes que correm como formigas por suas costas.

Aqui, a respiração da cidade sobe às manhãs e noites, quando cozinha-se em casa e cem mil bobinas antimosquito repelem a ameaça sempre presente da malária. Os vizinhos descansam juntos bebendo cerveja, comendo funge⁴⁰ e frango temperado com amendoim.

A poeira obstrui as narinas com o cheiro da terra desidratada. Ela está em todo lugar: novas escolas sendo construídas, andar por andar, além de novas casas. Cada saco de cimento lançado ao chão deixa uma nuvem no ar a ser inalada. No centro da cidade, trabalhadores reabastecem seus corpos no mágico restaurante do Aurea, onde o odor do açúcar permanece no ar a quarteirões de distância. Durante a guerra, o homem velho e branco nunca parou de assar bolos. Isso foi considerado um ato de heroísmo cívico. Dizem-nos que ele “é mais angolano que os angolanos” aos olhos da população da cidade, e Portugal é uma nota de rodapé em sua história.

Agora, para o mercado, onde está o cheiro de roupas velhas, lama e suor dos vendedores sentados sob o sol, de carne e vegetais fermentando, de camadas de comércio global sobrepondo-se: óleo de palma e atum enlatado de Jacarta, eletrônicos de Guangzhou, partes de motor de Déli – todos cheiram a metal quente. Mais pungentes são os odores de abacaxis e cabras. Camisetas “Kony 2012”⁴¹ penduradas em um varal como bandeiras que reconhecem a derrota: benevolência dos Estados Unidos, a venda em um mercado aberto por uma pechincha; e notas úmidas de kwanza retiradas de bolsos próximos à pele entregam o odor sutil de centenas de pontas de dedos, e dezenas de palmas.

Seguindo um fio de doçura acre, nos encontramos na seção de higiene pessoal. Caixas de perfume competem pela nossa atenção, carimbadas com “made in China” ou, pelo dobro do preço, “produto dos Emirados”. Todos ao nosso redor estão

40 Funge é o carboidrato básico de Angola. É preparado a partir de uma farinha branca densa feita de mandioca que pode ser cozida em uma variedade de texturas, a depender de qual refeição se está preparando.

41 “Kony 2012” foi o título de um documentário controverso lançado pela ONG estadunidense *Invisible Children Inc.*, em março de 2012, que rapidamente tornou-se viral. Sua intenção era restringir as ações do *Lords’ Resistance Army* em Uganda, liderado por Joseph Kony, por meio de sua captura. O filme estimulou grupos de jovens ao redor dos Estados Unidos à ação cívica, mas isso se provou ser uma mobilização de vida curta. A presença da camiseta em Angola em 2014 é um testemunho de quão rápidas as manias surgem e decaem.

embebidos, e aqui o cheiro que fica ferroa um pouco e, potencialmente, queima a pele, mas é doce, intenso e pungente.

Nós saímos e passamos por Lino em nosso caminho. Curvado sobre uma máquina de costura impulsionada por pedais, ele costura vestidos em um abrigo improvisado às margens da rodovia. Aos vinte e oito anos, sua reputação no mundo do *design* o precede mesmo no Brasil. Sua cabine cheira a pano com estampa de cera recém-cortado.

Embora pareça estar a um mundo de distância, caminhando estrada acima está a loja da Aimé. Ela vai a Nova York todo ano, além de Lisboa e São Paulo, para comprar roupas para clientes especiais, transportando os bens em malas reforçadas, cuidadosamente trancadas. Em minha cabeça, sua loja cheira a incenso e mirra (embora eu não saiba como é realmente o cheiro destas coisas), é algo sobrenatural. Isso inclui um armário de perfumes: franceses e norte-americanos, além de xampus especiais para bebês e estampa da Disney para cortes infantis. Os preços são todos em dólares estadunidenses. Ela me diz que dólares, mantidos em gavetas trancadas, recendem ao frescor – para mim, eles cheiram a papel.

Aimé dirige um Honda branco, importado para Angola no último ano. O plástico ainda cobre os assentos a fim de preservar o cheiro de carro novo por mais tempo. Ela mora com seu marido e seus filhos em uma casa com uma varanda aberta e um abacateiro no jardim; as frutas fazem tudo ter um cheiro verdejante, exuberante e viçoso.

Agora estamos novamente na artéria de concreto da cidade. Aqui, flamingos empoeirados sonham com o mangue que costumava cobrir este lugar. Sua população foi reduzida a um décimo do original, mas, no último minuto, a mais nova filial do Rotary Club lançou uma campanha para salvá-los. Tomando pelo local onde moram, eles cheiram a lixo emplumado e peixe (eu acho).

Aqui fica a velha fábrica de whisky que ainda produz bebida alcoólica pirata, ali fica a academia onde o odor é de suor intencional. O suor da academia distingue-se do suor do trabalho – seria pelo resultado da mistura com o elastano, e não pela fricção contra um grosso tecido usado como proteção contra o sol? Seria o suor abastecido por Powerade diferente do suor abastecido por água açucarada, ou seria o espaço que condiciona a forma como meu nariz os percebe?

Logo ali fica o rio Catumbela, jorrando em direção à costa. Ele foi o canal de transporte de centenas de milhares de pessoas escravizadas que eram levadas daqui ao Brasil. Ele passa pelo antigo mercado de escravos. Poucas pessoas recordam o que essas estruturas costumavam testemunhar, embora os sensitivos possam dizer que elas, às vezes, exalam o fedor nauseante da história ensanguentada. De toda forma, ele está agora amplamente dominado pelo cheiro de óleo velho e quente vindo da fritura de salgadinhos no drive-thru recém-inaugurado.

O odor de óleo velho e quente dos salgadinhos em fritura vem do óleo de girasol aquecido. Ausente em todos esses odores está o do novo ouro negro que substituiu humanos, café, açúcar e algodão como fonte de renda extrativista. O petróleo flui da costa em plataformas que nunca vêm à terra firme, e sua presença somente é percebida na gasolina de baixo custo que se derrama, vermelha, para dentro dos carros daqueles que entopem as vias.

No apartamento alugado de Daniella, a atmosfera é de trabalho e mobília coberta de retardante de chamas. Suas memórias da vida são marcadas por sua coleção de perfumes. Ela está construindo sua própria casa em um bairro do subúrbio, também em construção, chamado Graça, que recende a tijolos, cimento e tinta, marcado pela infraestrutura recém-chegada.

A infraestrutura também tem cheiro: supermercados, com seus curiosos cheiros de embalagens, misturadas com vegetais, misturados com produtos de limpeza, filtrados pelo ar-condicionado e tecnologia de refrigeração, cujos cheiros são simultaneamente iguais e diferentes ao redor do mundo.

Estradas asfaltadas são desfraldadas, pontes de metal são soldadas e revestidas com acetato de polivinila. Novas fantasias são construídas ao longo de relíquias decadentes do passado. Com frequência, essas fantasias têm cheiro semelhante ao vidro. Banners colados às árvores e aos muros dizem que estamos crescendo, e crescendo em paz. Eles nos convidam, com todos nossos sentidos, a adentrar o sonho do futuro e a focar nisso, não no passado que repousa, despedaçado, a nossa volta.

E o futuro tem um cheiro bom: são mangas ao lado de iPhones no carnaval, é a grama recém-cortada nos jardins bem cuidados das universidades, é o vento do mar carregando o aroma de um café expresso quente e peixe fresco grelhado. É conhecer o cheiro do *duty-free*, que se situa na fronteira do que é conhecido, possuído e desejado.

CONDICIONANDO O AR: ESPAÇO E CONTROLE

Normalmente, nós não pensamos no ar, apenas o respiramos. Tendemos a percebê-lo apenas se ele fica muito quente, ou muito frio, ou se algo está *errado* e, então, nós nos preocupamos. A maior parte das pessoas que estão lendo este livro pode nunca ter pensado sobre o ar antes: por que se preocupar? É o vazio invisível que nos dá vida e, certamente, se há algo que podemos tomar como certo no mundo, é o ar.

A metodologia antropológica é baseada no que chamamos de “observação participante”. Isso é, ao mesmo tempo, simples e complexo. Nós participamos da vida

cotidiana que nos rodeia, e a observamos. Combinamos presença, empatia e curiosidade com disciplina e comprometimento com a verdade. Usamos nossos corpos como instrumentos de pesquisa com os quais nós iremos conhecer o mundo, usando todos os nossos sentidos e habilidades para ganhar confiança e estabelecer conexões, para ponderar e remontar o mundo a nossa volta e para tecer, a partir de nossas experiências, o tipo de texto que você está lendo agora. Nós ocupamos espaço. Nós respiramos.

Antropólogos, bem como outros cientistas sociais, estão longe de serem neutros. Reconhecemos que nossa presença por si só é suficiente para mudar a realidade. Ainda assim, raramente (ao menos em livros sobre metodologia) nosso próprio cheiro é abordado.⁴² Talvez isso ocorra porque os sistemas de conhecimento nos quais trabalhamos emergiram, em sua maioria, durante a Era Vitoriana, quando discussões sobre funções corporais eram consideradas indelicadas. Talvez porque, na epistemologia mais abrangente da branquitude (de onde muitas dessas disciplinas originalmente emergiram), uma presunção embutida era a de que pessoas brancas não tinham cheiro, mas as não brancas, sim. Aqueles interessados neste ponto podem achar proveitoso o livro *How race is made: slavery, segregation and the senses*, de Mark M. Smith.⁴³ Quaisquer que sejam as razões, poucas pessoas negariam que as fragrâncias são frequentemente a chave para nossas memórias mais profundas, e por meio dos cheiros de outras pessoas nós fazemos julgamentos rápidos que informam confiança, atração ou medo.⁴⁴

Durante meu trabalho de campo, não tive escolha a não ser me engajar com fragrâncias quando comecei a lecionar música na escola primária particular, que, neste livro, chamo de Escola das Estrelas. A Escola das Estrelas foi fundada por um casal de empreendedores de Lobito que não queriam que sua garotinha, Catarina, tivesse que estudar longe da cidade. Até o fim da guerra civil, famílias com posses mandavam suas crianças para estudarem no exterior a partir dos seis anos de idade, enquanto o resto fazia como podia no tenso sistema nacional, que era gratuito, mas com padrões de ensino altamente variáveis.

O Sr. e a Dra. Diego tinham dinheiro para mandar Catarina para Portugal, mas escolheram não fazê-lo, uma vez que seu nascimento coincidiu com a chegada da paz ao país, e eles sentiram que era tempo de mudança. Ao invés disso, eles fundaram uma escola em sua sala de estar, que, por volta de 2014, havia angariado

42 Uma atenção crescente tem sido direcionada ao cheiro como um aspecto importante da pesquisa antropológica. Algumas das produções acadêmicas encontram-se listadas na seção Sugestões de leitura, mas entre os autores também figuram Antonius Robben, Paul Stoller, Cheryl Olkes, Michael Herzfeld, Constance Classen, Anna Tsing e Lalaie Ameeriar, entre tantos outros.

43 Smith (2006).

44 Classen (1992), Classen, Howes e Synnott (1994).

centenas de crianças entre dois e dezessete anos. É claro que, a esta altura, eles já haviam se mudado para um grande edifício próprio no centro da cidade, e, quando retornei em 2018, era uma das poucas escolas particulares que ainda prosperavam – eles haviam acabado de construir uma nova piscina.

A Escola das Estrelas oferecia uma alternativa às duas opções previamente existentes: a educação fornecida pelo governo angolano ou a educação fornecida por instituições religiosas, e, entre 2013 e 2014, essas opções dominavam o mercado de ensino privado. Os professores eram majoritariamente portugueses à época e prometiam educação “de qualidade” com um “currículo angolano” para que as crianças pudessem, nas palavras do diretor da escola, ter “o melhor de dois mundos” (Entrevista nº 61). O senhor Diego e eu havíamos nos conhecido ao acaso por meio de um amigo em comum, e quando ele soube que eu tinha formação clássica em música, me ofereceu um emprego de imediato.

O acordo era simples: eu trabalhava na escola como professora de música por um salário mínimo, ensinando alunos entre cinco e treze anos como tocar flauta doce e ler partituras. Em troca, eu conheceria seus pais e, depois de garantir o devido consentimento, poderia entrevistá-los buscando saber sobre seus contextos, estilos de vida, aspirações e experiências em Lobito. Não entrevistei os alunos, nem os tornei parte dos meus estudos enquanto indivíduos, mas é óbvio que conhecê-los informou minha compreensão da classe média emergente de maneira mais ampla. Ao invés de andar pela cidade em minha moto com meu capacete de astronauta como uma estranha, adquirei legibilidade, dignidade e um papel social com meu jaleco de professora (branco, como os de laboratório).

Quando anunciei entusiasticamente o emprego para minha amiga Victoria, alguém a quem os leitores irão conhecer bem nas páginas seguintes, ela foi solidária, mas também demonstrou uma leve preocupação. Como uma jovem profissional em ascensão social, nascida e criada como lubitanga (gentílico de Lobito), Victoria era infinitamente mais sensível às expectativas sociais do que eu jamais poderia ser. Sua resposta era para me avisar que, se eu fosse aceitar o emprego na Escola das Estrelas, uma das primeiras coisas que eu precisaria fazer era comprar perfume (Registro de campo 131121).

Logo após essa discussão, Victoria e uma colega da escola me levaram à loja da Aimé (descrita acima), que era próxima à escola. Lá, eu, um pouco relutante, troquei US\$ 150 por um recipiente com formato de maçã do perfume *Nina*, da Nina Ricci, que a sabedoria coletiva havia concluído ser o aroma mais apropriado para eu usar. Disseram-me gentil, firme e repetidamente que, se eu quisesse lecionar em uma escola particular em Angola, deveria ter o cheiro certo. E “certo”, neste caso, significava que eu precisava ter o cheiro de um perfume importado – francês ou

estadunidense – que permitisse que os estudantes confiassem que o conhecimento que estava comunicando-lhes era, de fato, “de qualidade”.

Escrevendo sobre o ar notoriamente poluído de Hong Kong, o antropólogo estadunidense Timothy Choy⁴⁵ questiona: “como os *espaços aéreos* de Hong Kong são distribuídos?”. Ele prossegue: “Quem pode ocupar aqueles [espaços] com o ar mais limpo? Quem respira a rua? Quem respira as montanhas? Quem respira o oceano? Quem respira as moscas?”, ou como a atmosfera – seja em seu sentido literal ou poético – é compreendida e experimentada. De maneira importante, ele reconhece que, mesmo dentro do espaço de uma mesma cidade, a atmosfera não é a mesma, mas diferenciada, de acordo com os poderes sociais, políticos e econômicos.

Em Lobito, em 2014, algumas criancinhas iam à escola e respiravam o aroma de um perfume Nina Ricci durante suas aulas de flauta doce em salas com ar-condicionado, lousas digitais e internet sem fio. A maior parte, entretanto, carregava latas ou cadeiras de plástico para espaços superlotados, onde a mobília fornecida pelo governo nem começava a atender as necessidades do número de alunos, e frequentemente as crianças eram mandadas para casa em razão da falta de espaço (Entrevista nº 78). As normas de higiene e de apresentação pessoal eram fastidiosamente mantidas e socialmente reforçadas, mas as temperaturas médias no litoral angolano orbitavam em torno de 27 °C, e as pessoas amontoadas cheiravam distintamente a humanidade.

Cingapura tem um clima similar ao de Angola, e seu primeiro-ministro fundador, Lee Kuan Yew,⁴⁶ alegou que o ar-condicionado era a mais importante invenção do século XX. Cheiros são transmitidos de maneira diferente em ambientes quentes em comparação aos frios, e o ar-condicionado diminui a necessidade do corpo se autorregular por meio da transpiração, limitando os “odores concorrentes” que poderiam se intrometer. Estar em um ambiente com ar-condicionado, seja em uma escola, um carro, um escritório ou em um espaço recreativo, era ser capaz de controlar em grande medida tanto seu próprio cheiro quanto os odores dos outros. O ar-condicionado permitia níveis mais altos de certos tipos de produtividade e mantinha mosquitos (e, com eles, a malária) relativamente distantes.

Poderia se argumentar que o ar-condicionado possibilitava a criação do que pode ser imaginado como uma “tela em branco olfativa” – um tipo de espaço neutro no qual era possível criar um sentido muito literal de si mesmo. Aqueles que eram pobres⁴⁷ tinham pouca habilidade de exercer esse tipo de controle fora de

45 Choy (2011, p. 38, grifo meu).

46 Lee (2015).

47 Eu uso o termo “pobre” aqui como um contraste de senso comum em relação a “rico”. Na primeira versão deste livro, eu usei a expressão “economicamente marginais” – mas meus alunos odiaram-na. Eles me perguntaram o que eu estava tentando fazer ao esconder as realidades da vida atrás das linguagens acadêmicas

suas casas. Os odores dos outros e do ambiente misturavam-se aos seus, e não era possível saber, por exemplo, quem mais iria embarcar em um dado *candongueiro*. Para demonstrar o que esse controle *poderia* parecer, vale a pena considerar as experiências de uma mulher que chamo de Flávia.

Flávia era uma estudante angolana de pós-graduação bem-sucedida que estava se especializando em ginecologia em uma prestigiada universidade brasileira. Nos encontramos em uma academia na Lapa, um bairro movimentado do centro do Rio de Janeiro. Algum tempo depois do início de nossa amizade, conversamos sobre como eu a havia identificado como angolana – algo sobre o qual ela estivera curiosa. Havia me aproximado dela no vestiário, quando estávamos trocando de roupa, e disse algo como: “me perdoe a indiscrição, mas ouvi seu sotaque e me perguntei se você era de Angola? Eu sou sul-africana, e sinto muita falta de conviver com outros africanos”. Tudo aquilo era verdade, mas o sotaque, na verdade, não foi o mais importante. Eu havia apenas triangulado cuidadosamente minha intuição – um ponto que prontamente admiti para ela quando finalmente falamos sobre isso.

“Eu soube que você era angolana”, expliquei para Flávia, “em parte por causa da bolsa rosa, que é exatamente o estilo das pessoas de Luanda, mas também por como você é, entende o que eu quero dizer? Seu cabelo, suas roupas..., mas tem algo mais além disso, algo sobre *ser* e *estar* que é difícil precisar” (Entrevista nº 75). *Ser* e *estar* são verbos em português que correspondem ao *to be*, e que não têm tradução literal no inglês. *Ser* é ser existencialmente, imutavelmente: *sou* sul-africana (e *me sinto* sul-africana no sentido das “comunidades imaginadas”).⁴⁸ *Sou* mulher – no meu caso, isto não é uma flutuação, embora pudesse ser. Tenho algumas crenças fundamentais que *poderiam* mudar, mas provavelmente não irão, e por aí vai. Nada é completamente fixo, mas essas são coisas que presumimos que não mudarão. *Estar* é muito mais transitório: estou com calor, estou com fome, estou feliz, ou mal-humorada, ou cansada – mas isso passará.

Flávia sabia o que eu queria dizer, embora ela tenha conseguido explicar muito melhor que eu. Ela disse que era importante que, como uma mulher negra⁴⁹ traba-

complexas, quando a maior parte das pessoas sabe que ser pobre é ter pouquíssimas escolhas, e ser rico é ter muitas escolhas, e que o resto é em grande parte contingente ao contexto. Eu acho que eles estavam certos de chamar minha atenção dessa forma, então estou usando a definição deles aqui. Rosemary de Moor, Ahmed Konneh, Liz Mwangi e Yasmine Eladib – seus argumentos foram bem aceitos.

48 Anderson (1990).

49 Definições raciais são categorias culturalmente construídas em qualquer lugar do mundo e, em Angola e no Brasil, raça possui histórias muito particulares definidas, em grande medida, pelas formas particulares do colonialismo português. Os portugueses eram muito mais abertos às “miscigenações raciais” que outras potências europeias (quase sempre significando homens portugueses estuprando mulheres africanas ou sul-americanas), e em Angola os descendentes dessas uniões vieram a formar um estrato da elite conhecida como os “crioulos”, que ainda dominam certas esferas da sociedade angolana hoje. No Brasil, por contraste,

lhando como médica no Brasil, ela não apenas estava imaculadamente trajada, mas a *sensação* que ela dava era de “esplendor”. Ela conseguira isso, dizia, por meio de sua escolha de perfume. Em suas palavras:

Eu adoro perfume. O que eu mais gosto, talvez os cinco que eu tenho agora e gosto de verdade são Nina Ricci, Carolina Herrera, Fantasy, da Britney Spears, que é parte da sua linha mais barata, Paco Rabanne, e eu também gosto do Del Pozo, Jesus, *In Black*, que são masculinos, mas eu gosto muito, e daquele mais barato que se chama *Midnight*, e também do Calvin Klein. E eu tenho alguns daquela outra linha da Britney. Ah, são mais de cinco, mas tudo bem. E eu também gosto de colônias e cremes hidratantes. E eu uso Victoria Secret às vezes, quando preciso de um mais barato. Eu compro tudo no *duty-free*, ou peço pra outras pessoas comprarem pra mim quando elas viajam. A maior parte dos produtos bons vêm da Europa, embora os EUA tenham coisas boas também.

Eu tenho um cheiro [em mim] a todo momento do dia. Eu uso os mais baratos, colônias, para dormir, para tomar banho, na academia. Eu tenho perfumes para trabalhar. Os mais caros, é claro que eu guardo para sair à noite (Entrevista nº 75).

A coleção de perfumes de Flávia, ela estimava, valia algo em torno de US\$ 3.000, uma soma considerável dada a sua vida como estudante de pós-graduação com uma bolsa do governo brasileiro. (Como muitos outros, sua graduação fora financiada com uma bolsa da fundação filantrópica privada do então presidente de Angola, a Fundação José Eduardo dos Santos [FESA]). No início, pensei que ela era um caso excepcional a este respeito, mas quando questionei outros interlocutores, homens e mulheres, a maior parte possuía grandes – mesmo que nem sempre tão

a vasta maioria da população se identifica enquanto algum tipo de mestiço, e há um diálogo popular nacional para a inclusão racial e a democracia. Nas últimas duas décadas, entretanto, este diálogo foi interrompido. Evidências irrefutáveis mostraram que a polícia discrimina profundamente a população negra baseada em preconceitos de identidade racial, nos quais quanto mais escura for a pele de alguém, maior é a probabilidade de a pessoa levar um tiro. O privilégio é largamente relacionado às peles claras. A riqueza também pode ser antecipada, em certa medida, pela cor da pele, revelando, assim, violências estruturais e de nível individual. Para Flávia, reconhecer sua identidade racial indicava uma consciência do preconceito com o qual ela teria que se defrontar no mundo do trabalho. Ela não estava só: muitos angolanos explicavam que para não serem considerados trabalhadores brasileiros, eles precisavam vestir-se e comportar-se de uma forma que mostrasse exageradamente o pertencimento às classes médias e altas – muito semelhante à forma como Claude M. Steele descreveu em seu livro *Whistling Vivaldi: how stereotypes affect us and what can we do* (2011). As literaturas que elaboram esses temas pertinentes à raça no Brasil e em Angola podem ser encontradas na seção Sugestões de leitura. Os trabalhos de Roberto Kant de Lima (violência policial no Brasil), Edward E. Telles e Peter Fry (raça no Brasil) e Jacopo Corrado e Ricardo Soares de Oliveira (raça em Angola) são de particular relevância.

caras – coleções de fragrâncias, e muitos falavam sobre como eles passavam camadas de perfumes diferentes para criar assinaturas olfatórias únicas. Celestino – um amigo próximo de Flávia – trabalhava na indústria musical brasileira. Ele explicava que, em geral:

Os homens angolanos são muito vaidosos, mas vaidosos no bom sentido, não no sentido arrogante, mas no sentido de gostar de roupas boas. E perfume é primordial em Angola. Nós consumimos muito lá! A gente se autoafirma através do cheiro. Eu tenho um amigo que usa um vidro de perfume inteiro em vinte dias! Ele acaba tão rápido porque ele quer ser o homem mais cheiroso do pedaço a todo momento – e no Brasil não é assim. Talvez um ou outro homem vai ter esse hábito, mas é muito raro, muito raro encontrar um homem brasileiro que cuida tanto de si mesmo. Eles – os homens brasileiros – são muito mais simples (Entrevista nº 106).

A esposa de Celestino e, na verdade, muitas outras amigas mulheres frequentemente reclamavam da vaidade de seus maridos e como sua busca por bons perfumes consumia grande parte do orçamento familiar. Não obstante, a “prática” do uso começa desde a juventude. Celestino, como Flávia, cresceu em Angola, mas parte da família vivia no exterior e frequentemente mandavam presentes ao garotinho, inclusive perfumes. Ele se mudou para o Brasil ainda adolescente, e me disse que ele sempre usava perfume para ir para a escola, como seu filho de quatro anos de idade agora também fazia regularmente. O garotinho de Celestino já havia adquirido uma sensibilidade ao perfume que, para ele, mais tarde provavelmente tornaria-se uma parte inquestionável de sua identidade, enquanto aqueles que começavam a usar perfume tardiamente na vida precisariam aprender a equilibrar os diferentes tipos de aromas. O perfume de Celestino, como uma criança migrante na sala de aula no Rio de Janeiro no início dos anos 1990, causou, a princípio, alguma consternação, e ele disse que até os professores paravam a aula para dizer “Ei, que cheiro bom é esse? ‘Ah, é o angolano’. Eles me chamavam de ‘o angolano’ para não me respeitar falando meu nome, isso me deixava doido”, ele explicou.

O perfume marcou Celestino como diferente e globalizado desde a infância, mas o que realmente o perturbava era que os brasileiros frequentemente não o respeitavam ao não o chamar pelo nome. Muitos angolanos vieram ao Brasil durante a guerra enquanto refugiados e geralmente viviam nas partes mais pobres de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Como quase todos haviam servido nas forças armadas angolanas, eles eram conhecidos por serem bons com armas e foram rapidamente cooptados pelas gangues dessas cidades (Entrevista nº 89). Assim, “angolano” era um termo com conotações negativas, e seu uso levava Celestino a

associá-lo ao preconceito relativo à percepção racial e negava suas sensibilidades de classe. Essa prática ecoava a longa história de discriminação baseada na escravidão e na ocupação colonial que moldou o Brasil tanto quanto moldou Angola,⁵⁰ mas ilustra as especificidades dos momentos em que uma criança angolana de pele negra interage com a sociedade brasileira. De fato, muitos angolanos residentes no Brasil pontuavam com muita ênfase que eles “aparentavam ser diferentes” (e cheiravam diferente, como o exemplo de Celestino ilustra) dos brasileiros negros, declaradamente para evitar abuso por parte de policiais. Em uma passagem mais leve, quando perguntei à Flávia se ela namoraria um brasileiro, ela gritou horrorizada: “você está doida?!” , respondeu. “Os homens brasileiros têm o cheiro *terrível!*” (ênfase dela, Entrevista nº 75).

As experiências de Flávia e Celestino com perfume representam, de muitas formas, o ideal daqueles em ascensão social na sociedade angolana. Suas infâncias foram marcadas pelas visitas frequentes de parentes de fora de Angola, que traziam consigo não apenas bens de consumo básicos considerados necessários para a existência da classe média (itens domésticos como chaleiras, roupas, alguns tipos de comida como chocolates suíços ou frutas secas), mas também perfume. Este último ungia tanto Flávia quanto Celestino enquanto diferentes de seus pares, e os preparava para suas vidas de mobilidade social ascendente.

É importante ter em mente que, durante a guerra civil (1975-2002), as cidades angolanas lutaram desesperadamente para lidar com o afluxo de deslocados forçados internos, bem como com a manutenção urbana, como a eliminação do lixo.⁵¹ Logo após o início da guerra, as cidades começaram a feder, de forma que aquilo que os planejadores urbanos entendem como “odor neutro”⁵² raramente era alcançado. Traços dos odores dos ônibus, mercados e de outras pessoas permaneciam no corpo, marcando os movimentos das pessoas pelos espaços geográfico e social, de forma que aquilo a que as pessoas recendiam emergiu como algo de importância vital. Os parentes de Flávia e Celestino garantiam que qualquer um que sentisse uma lufada de seus cheiros soubesse que essas eram crianças conectadas a um mundo particular – da mesma forma que Nina Ricci deveria fazer com meus alunos em Lobito.

Controlar o ar, as fragrâncias e o sentido de si mesmo que era absorvido pelas outras pessoas era uma forma de gerenciar a “ontologia atmosférica” e proativamente envolver-se com as experiências dos outros. Esta seção mostrou como, em ambos os lados do Atlântico, os cheiros eram moldados pelas normas culturais

50 Alencastro (2000).

51 Cardoso (2015), Gastrow (2015), Tomás (2014).

52 Henshaw (2014), Quercia et al. (2015).

que, por sua vez, eram profundamente embebidas em processos históricos, bem como agiam como infraestruturas que habilitavam ou colidiam com projeções individuais. A seção seguinte procura construir sobre esses processos, explorando como aspiração e autenticidade eram comunicadas e testadas primordialmente por meio do cheiro.

CLASSE, PERFUME, SONHO: ASPIRAÇÃO E AUTENTICIDADE

Celestino e Flávia estavam bem estabelecidos no Brasil e, como suas histórias de vida mostram, eles haviam sido criados com capital social e financeiro para ter sucesso enquanto migrantes e consolidar um status de classe já existente. Para outros, entretanto, era muito mais complicado. Uma coisa é fazer o que te ensinaram, mas o que acontece se essas habilidades não forem ensinadas desde o nascimento? Por exemplo, como alguém como Victoria (sua mãe era professora, oito irmãos mais novos, seu pai havia morrido) adquiriria tanta intimidade com perfumes caros? A resposta, disseram-me, era simples: era por meio do *duty-free*. No *duty-free* era possível comprar perfumes por um preço muito menor que nas butiques locais, e usá-los depois comunicaria aos outros que se era *globalizado*, tinha meios para viajar deste modo, sendo bem informado sobre o mundo. Deixe-me ilustrar isso etnograficamente:

Voltando do Brasil para Angola para o segmento final de meu trabalho de campo, eu chegara cedo para meu voo do Rio de Janeiro para Luanda. Na fila, conheci uma mulher por volta de quarenta anos, Joyce, viajando com sua *caçula* (Registro de Campo 141130). Joyce trabalhava como caixa de supermercado em Luanda e naquele dia ela realizaria o segundo voo de sua vida – o primeiro havia sido sua chegada ao Brasil algumas semanas antes. Ela explicou que ela havia vindo visitar sua filha, coincidentemente colega de classe de Flávia na faculdade de medicina. Ela chegara cedo para seu voo de volta para garantir que teria tempo para comprar perfumes para seus filhos gêmeos no *duty-free*. “Quais perfumes?”, eu perguntei. Ela disse que não importava, o que importava era que fossem do *duty-free*. Banhados com perfumes do *duty-free*, ela explicou, seus garotos seriam constantemente lembrados da vida que os aguardava se eles se mantivessem longe de problemas e trabalhassem duro – da mesma forma que sua irmã mais velha.

O Brasil é um país caro e, ao fim de sua viagem, o orçamento de Joyce estava apertado. Ela encontrou, afinal, dois vidros de colônia em oferta, US\$ 25 cada um, e comprou-os para dar de presente. “Agora, as pessoas os perguntarão por que cheiram tão bem, e eles poderão explicar que eles têm uma irmã estudando medicina no Brasil, e que sua mãe foi visitá-la”, ela disse com satisfação, puxando gen-

tilmente sua filha de quatro anos para longe dos ursinhos de pelúcia em exposição à altura dos olhos da criança (Registro de Campo 141130).

Para Joyce, o valor do perfume não residia apenas na substância propriamente dita, mas também nos tipos de interações sociais que ela possibilitaria. Quando seus filhos adolescentes se deparassem com a reação dos outros aos seus perfumes, eles seriam levados a descrever as relações familiares de mobilidade social ascendente e articular ligações substantivas a um mundo de educação superior global e viagens de avião. O cheiro era tanto algo a ser apreciado em si mesmo quanto para lembrá-los de ficarem longe de problemas, inspirá-los a trabalhar duro e conservá-los focados em seus objetivos acadêmicos. Era para ser um unguento de boa influência que comunicava com os interlocutores dos garotos sem que eles nunca precisassem abrir a boca.

No caso dos gêmeos de Joyce, o cheiro era para comunicar algo positivo que lhes abriria oportunidades, mas também poderia fazer o exato oposto. Aqui, vale a pena considerar o caso de um homem que chamo de Aníbal que vivia em Luanda, mas cujo irmão era parte do mesmo círculo social da filha mais velha de Joyce no Brasil (ou seja, estudantes universitários angolanos com bolsas de estudo no Rio de Janeiro). O próprio Aníbal havia se formado recentemente em uma prestigiada faculdade de direito de Luanda. Entretanto, em nossa conversa por telefone antes de nos encontrarmos, ele me disse que um ano após se graduar estava tendo dificuldades para conseguir um emprego.

Visualmente, Aníbal era o retrato do novo sucesso angolano: alto e forte fisicamente, com roupas muito bem passadas, sapatos muito polidos e um grande sorriso. À medida que ele se aproximava, no entanto, me encontrei quase recuando em razão de seu cheiro – uma experiência tão tabu nas ciências sociais que meu instinto foi congelar completamente. Ignorei minha reação interna e não a deixei transparecer em meu rosto ou em minha linguagem corporal, e passamos uma tarde agradável juntos. Prometi passar suas credenciais profissionais adiante para as poucas pessoas em minha rede de contatos que eu acreditava poderem ajudá-lo. Eu, no entanto, sabia muito bem que, a menos que ele mudasse seu cheiro, seria bastante improvável que ele conseguisse um emprego. Eu considerei questioná-lo a respeito, mas mudei rapidamente de ideia – obviamente, pensei, isso seria muitíssimo rude, então não disse nada.

Enquanto eu escrevia minha dissertação na Califórnia mais de um ano depois, a experiência continuava a me incomodar. Por que ninguém havia simplesmente falado para Aníbal sobre seu cheiro? É claro que as pessoas notavam. Eu sabia, pelo Facebook, que ele continuava desempregado, e o custo disso incidia de maneira muito pesada sobre ele e sobre sua família. Eu escrevi um e-mail para Victoria para perguntar-lhe o que achava, e sua resposta vale ser reproduzida:

[10 de fevereiro de 2015, 10:35]

[Assunto: Cheiro]

[De: victoria@enderecodeemailimaginario.com]

[Para: jauerbach@estudentedeposgraduacao.com]

Existem duas razões pelas quais ninguém disse a ele o que está acontecendo. Primeiro, é preciso ser um amigo muito próximo para dizer a alguém que ele está cheirando mal, pois as pessoas ficam realmente ofendidas. Mesmo membros da família não falam nada às vezes, nós aprendemos aqui a ser muito cuidadosos com as palavras, você sabe. Frequentemente nós preferimos fazer comentários pelas costas ao invés de dizer a verdade na cara da pessoa. E a outra razão é porque talvez ele não se cuida direito, ou, por conta de sua casa, ele *não consegue* se cuidar direito, como, por exemplo, sem água corrente. Talvez alguém disse a ele [que ele cheira mal], mas ele não sabe o que fazer, ou tentou coisas que não deram certo. E aí pode ser que ele só não tenha os hábitos ou os recursos para comprar as coisas necessárias para ficar limpo. Como você disse, ele não estava trabalhando [e, então, não tem salário algum]. Tudo se resume a autocuidado e higiene, que é muito importante em Angola.

Alfred Gell é um dos antropólogos mais importantes a ter escrito sobre perfume. Em seu famoso ensaio intitulado *Magic, Perfum, Dream*, ele escreve: “nós não descobrimos o significado de um determinado cheiro distinguindo-o de outros cheiros (nós não possuímos meios independentes de codificar tais distinções), mas distinguindo os contextos nos quais cheiros particulares têm um valor típico”.⁵³ O e-mail de Victoria nos relembra precisamente isso: o cheiro é importante e tem consequências, mas o contexto é crucial para determinar como as pessoas comunicam isso e, em Angola, como em muitos outros lugares, dizer a alguém que ele está fedendo torna improvável o fortalecimento de uma amizade, a menos que isso seja feito de maneira muito particular e nuançada.

O segundo ponto para o qual quero chamar atenção é o simples fato de que a limpeza é dispendiosa. Aníbal vivia em uma casa dentro de um dos maiores *musseques*, ou ocupações informais, de Luanda. Não havia nem água corrente, nem eletricidade, e sete pessoas moravam em uma casa de três quartos – somente um possuía emprego. Para alguém que cresceu em uma casa com água corrente, ele-

53 Gell (1977, p. 27).

tricidade e fornecimento abundante de pasta de dente pode ser difícil lembrar que, para muitas pessoas, um desodorante pode ser considerado um item de luxo. Entre isso e uma refeição para duas pessoas, honestamente, qual você escolheria?

Muitas de nossas memórias mais profundas – tanto as positivas quanto as negativas⁵⁴ – são guardadas nos cheiros, e cruzar novamente com esses cheiros pode desencadear reações emocionais poderosas. Dra. Daniella era uma professora universitária que, como o irmão de Aníbal e a filha de Joyce, graduou-se no Brasil com uma bolsa de estudos do governo. Ela retornou a Lobito e rapidamente galgou posições na universidade local e no setor de negócios, recebendo promoções atrás de promoções e abrindo diversos “negócios paralelos” que geraram uma renda significativa. Pequena em estatura, ela usava saltos muito altos, e combinava um charme fácil com uma vontade de aço.

Certa noite, depois de jantarmos em sua casa, ela me mostrou a caixa onde guardava sua coleção de perfumes. Com aproximadamente trinta centímetros quadrados e oca, ela guardava uma ampla variedade de pequenas garrafas de vidro colorido. Levantando cada uma ternamente e cheirando algumas delas, ela explicou:

Eu me lembro de todos eles. Teve uma época que eu colocava uma etiqueta no fundo de cada um com sua história, mas, agora, a maioria já caiu. Eu sempre deixo um restinho, assim eu consigo continuar cheirando e o cheiro me leva rapidamente de volta. Por exemplo, esse aqui foi o que eu usei quando eu comecei a trabalhar no [...]. E esse [uma garrafa verde, longa e delgada] foi presente do meu primeiro namorado, e esse aqui foi o que eu usei quando fui para o Brasil; é Boticário. Esse aqui é o que eu usava quando fazia estágio no Brasil, tentava ganhar dinheiro. Eu não tinha nada, então é bem barato. E esse aqui é o mais caro, Coco Chanel! Ah, naquele tempo eu era muito rica, e pensei “deixa eu comprar esse aqui!”. Esse eu usei quando tive meus primeiros clientes no meu negócio, uns chineses. E esse aqui é o que eu estou usando agora, mas ele está quase acabando, eu vou comprar outro. Sim, eu uso perfume todo dia, mas só de manhã. Eu só passo uma vez ao dia (Registro de Campo 141206).

A insistência da Dra. Daniella em sublinhar que passava perfume apenas uma vez ao dia era uma reação ao notável consumo de perfumes que ela aferia ao seu redor. Ela, como outros, avisara-me a não levar muito a sério alguém que tivesse um cheiro *muito* forte (ou se vestisse *muito* bem, ou dirigisse *muito* bem), pois, frequentemente, aquela pessoa poderia estar gastando “todo o seu salário naquilo

54 Marks (2008).

enquanto vive em um barraco e não tem nem comida em seu armário” (Registro de Campo 141206). Dra. Daniella era uma profissional ocupada e organizada, e queria cheirar bem, mas não tão bem a ponto de ser considerada frívola ou tornar-se vítima da objetificação masculina. Era um fio tênue, ela explicava rindo, mas as pessoas que a encontraram saberiam que ela não era nem pobre, nem ignorante, que suas condições de vida eram boas, mas que ela também não era nem vaidosa, nem vazia, e certamente não era o tipo de mulher que iria atrás de algum homem por dinheiro, especialmente – ela discorria, revirando os olhos – se ele fosse *estúpido*. O odor, para ela, comunicava, então, aspectos do caráter que eram ligados à moralidade, ao bom gosto, ao discernimento e a valores internos. Essas qualidades, entretanto, só seriam notadas se nos atentássemos àquilo que era sutil: fosse o odor excessivo ou quase inexistente, poderia se correr o risco de atrair alguns tolos.

O que as experiências de Joyce, Aníbal e Dra. Daniella coletivamente tornam apreensível é a importância do cheiro enquanto um componente da mobilidade social ascendente – seja aquela que a possibilita, ou aquela que potencialmente a limita. Onde os odores mantêm a memória, eles também capturam, de forma sutil, o poder do sonho e da aspiração, sejam tangíveis ou intangíveis. Fazer uma pausa por um momento para imaginar uma futura casa ideal, perguntar-se “qual vai ser o cheiro dela?”, provavelmente revela mais do que perguntar-se “de quais cores serão as paredes?”, precisamente porque os aromas repousam no limite entre o interno e o externo, entre o corpo e o mundo que o circunda. Evocar novos futuros usando produtos aromatizados também era convidá-los: para dentro de seu corpo e de sua casa, aprender a usá-los bem e comunicar a mensagem de uma forma eficaz, de modo que o sonho se traduza do que era singular para o que foi compartilhado.

O trabalho de campo nos ensina muito, e houve muitas coisas que eu aprendi em Angola que eu não poderia ter antecipado. A importância do cheiro foi, provavelmente, a mais significativa. Antes de eu chegar a Angola, eu havia lido sobre classe, mobilidade social e história lusófona, mas não havia lido quase nada sobre cheiros. Isso significou que quando eu comecei a aprender sobre cheiros com meus interlocutores, não possuía um enquadramento teórico pré-existente no qual alocar o que eu estava observando. Isso tem prós e contras: prós, porque significava que minha mente estava aberta e desenviesada pela literatura, mas contras porque eu não havia lido outros estudos sobre cheiro e, dessa forma, não tinha certeza sobre como transformar minhas observações e intuições em perguntas que levassem aos dados – particularmente porque pensar, falar e escrever sobre odores corporais pode ser bastante delicado.

Eu pude me empenhar naquilo que Clifford Geertz⁵⁵ chamou de “descrição densa”, pois minhas anotações eram detalhadas e precisas e me permitiram desvendar

55 Geertz (1973).

histórias sociais inteiras a partir de alguns eventos particularmente ricos (como demonstrado anteriormente). Isso dito, não pensei em perguntar pelos vocabulários locais do cheiro – incluindo palavras como *catinga*, que significa um terrível fedor corporal – até o fim do meu período de trabalho de campo e, como resultado, meus dados apenas arranham a superfície do que poderia estar (e, espero, um dia estará) escrito neste tópico. Atentei-me quase exclusivamente aos perfumes, sabonetes e cremes enquanto estive pesquisando, mas o perfume é apenas um aspecto do cheiro (tanto em Angola como em outros lugares), e há todo um arcabouço de linguagens, práticas e substâncias que adentram o ensino às crianças sobre como “ter o cheiro certo”, ou gerenciar a adolescência e as mudanças que ocorrem nesse período, ou controlar a reação do corpo ao clima e aos contextos. Meu trabalho endereçou apenas parcialmente, e isso não está registrado aqui.

Focar nos perfumes era algo tão divertido quanto focar na identidade da classe média, pois a maior parte das pessoas aprecia falar do que é bom, do que as faz sentirem-se bem, daquilo em que elas encontram um sentido de autoafirmação (voltando ao Celestino, já citado). Isso posto, era muito mais difícil perguntar, escrever ou até pensar sobre cheiros ruins neste contexto, em parte porque essa era uma das ocasiões em que minha identidade branca tornava-se bastante importante. Há uma longa história de pessoas brancas insinuando que pessoas não brancas não apenas tinham cheiro diferente, mas fediam, e esse fedor originava-se da falta de asseio. E, porque “limpeza é próxima de bondade”, pessoas não brancas eram, dessa forma, menores, de alguma forma,⁵⁶ e eu descobri que eu precisava ser extremamente cuidadosa.

O cuidado e a sensibilidade durante o trabalho de campo estavam manifestos em fortes relacionamentos essenciais, nos quais questões relevantes sobre raça, classe e religião tinham sido endereçadas diretamente por meio do diálogo, e nos quais eu sentia que a pessoa me conhecia tão bem quanto eu a conhecia – que nós havíamos construído vínculos para muito além do trabalho de campo e da pesquisa. Victoria e Dra. Daniella eram ambas interlocutoras-chave (fora dos contextos acadêmicos, eu as chamo simplesmente de amigas). Nós construímos confiança e podíamos explorar confortavelmente assuntos que, com frequência, eram tabus – como, por exemplo, chulés, ou como lavar as axilas, ou por que ninguém havia dito para Aníbal sobre seu odor corporal.

O e-mail de Victoria sobre Aníbal, parcialmente reproduzido anteriormente, incluía outros detalhes e sugestões interessantes que eu não posso compartilhar aqui em razão do contexto: a relação de confiança entre leitor e escritor é relativamente frágil, e a oportunidade para explicações posteriores é quase nula (mas

56 Cf. Burke (1996), McClintock (1995).

sinta-se à vontade para entrar em contato por e-mail, ou me procure no Twitter: @jess_auerbach). Estou ciente de que esta é uma área que pode ferir suscetibilidades – com justificativa histórica – e onde esse livro adiciona mais uma ocorrência de pessoas brancas escrevendo sobre pessoas não brancas. Se o cuidado não é transposto para a escrita, estereótipos negativos podem ser sutil e facilmente reforçados, e este certamente não é meu objetivo.

Ainda assim, cheiros são tão complicados – e tão subjetivos e culturalmente codificados – quanto cores, texturas, sabores e sons e, de forma a lhes fazer justiça, peço aos leitores que reflitam sobre *todos* os cheiros: os bons, os ruins, os feios e os bonitos e, nessa exploração, leve em consideração as nuances da história, das mercadorias (i. e., desodorantes: Onde eles são fabricados? Quem lucra com eles? Quem decide o que conta como um cheiro “bom”? Onde as latas vazias são jogadas?). Terminarei este capítulo com uma citação de um romance chamado *Créole*, no qual o autor angolano José Eduardo Agualusa explora a vida de um homem chamado Fradique, que viajou pelo mundo lusófono no ápice do Império Português no século XIX. Minha esperança é que essa citação, e tudo que a precedeu, inspirará um questionamento daquilo a que Lalaie Ameeriar⁵⁷ se referiu como “sensório sanitizado”, no qual apenas um número limitado de cheiros são considerados culturalmente aceitos ou mesmo passíveis de estarem presentes em uma conversa, no contexto da sociedade euro-americana do capitalismo tardio. Introduzindo o personagem principal de seu romance, Agualusa escreve:

Tudo sobre [Fradique] rescendia a um odor estranho, morno e doce tão intensamente, que uma das moças [angolanas] correu cobrindo o nariz. “Selvagem!”, o jovem Arcénio gritou após ela passar. “Esse perfume vem da França!” Naqueles tempos, a noite de Luanda costumava ter o cheiro de *jinguba*, a planta do amendoim, pois daquela planta vinha o óleo que usavam para iluminar as ruas. Fradique costumava dizer que as cidades, como as mulheres, poderiam ser reconhecidas pelos seus cheiros. Os portos da África Ocidental Francesa tinham um forte cheiro de cebolas fritas na manteiga (ele dizia), uma mistura que os jovens esfregavam em seus corpos como perfume; o Rio de Janeiro cheirava a goiabas maduras, Lisboa a sardinhas, manjerição e membros do parlamento. Como Arcénio de Carpo (o mais velho) lembrava, no sul de Angola, entre os *cuambatos*, as mulheres esfregavam seus cabelos com esterco de vaca, o que, para elas, é considerado uma das fragrâncias mais delicadas.⁵⁸

57 Ameeriar (2012, 2017).

58 Agualusa (1988, p. 132-133).

Por que isso importa? (cheiro)***Sistemas de conhecimento***

Sistemas globais de conhecimento existem quase que exclusivamente em inglês a partir de várias perspectivas de mundo. O texto deixa explícito o impacto não apenas dos sistemas de conhecimento socialistas e capitalistas, mas daqueles do mundo falante de português, no qual música, novelas, moda, Wikipedia e publicações acadêmicas continuam a circular entre aproximadamente 260 milhões de falantes ao longo de rotas mapeadas pela primeira vez pela navegação no século XV, que deixou traços de vários tipos, incluindo olfatórios. Ele nos provoca a perguntar não apenas “o que é conhecido”, mas também “como algo é conhecido”, e a forma como tal conhecimento impacta a compreensão individual e coletiva do *self* e da comunidade. Isso nos compele a um envolvimento com a ontologia (como nós somos) e a epistemologia (como nós conhecemos), mergulhando de maneira muito mais profunda do que um simples reconhecimento do porquê, na era da liberdade de internet, nós também temos notícias falsas. Nos tempos recentes, a contestação de tais sistemas ocorreu usando o termo “decolonialidade”. Este livro sonda, como um todo, o que decolonialidade pode significar nesse contexto; esse capítulo faz isso por meio da atenção aos cheiros do corpo: sua aceitação, seus disfarces, suas mensagens e suas interpretações.

REGISTRANDO O TRABALHO DE CAMPO: NOTAS, OBJETOS, OBSERVAÇÕES ESTRUTURADAS DO ESPAÇO

Como os pesquisadores registram? Registros de campo são intensamente pessoais, e existem muitas formas de armazená-los. Como expliquei nesta seção, usei cadernos de papel, meu celular e notas de voz como meus meios primários de compilação, complementados por milhares de fotografias (tiradas majoritariamente em meu celular, mas também com uma câmera) e objetos materiais. Aqui, compartilho três métodos que utilizei para registrar o trabalho que compreende este livro: primeiro, as notas – fotografadas por uma câmera instantânea e captura de tela – da forma como são feitas no dia a dia; segundo, objetos; e, finalmente, detalhes sobre um espaço específico onde conduzi a pesquisa, a academia.

NOTAS

As fotografias na Imagem 3 mostram os registros de várias conversas diferentes. No topo, está uma fotografia de detalhes do Caderno V, registrando parte da Entrevista nº 30, Benguela. Durante a entrevista, a pessoa com quem eu estava

conversando me apontou uma edição particular do “Diário da República” – uma gazeta diária produzida pelo governo registrando procedimentos e anúncios importantes (neste caso, sobre o sistema bibliotecário nacional). Na página da direita está parte da história de vida de uma pessoa rabiscada à mão enquanto eu a ouvia e digitada em detalhes imediatamente depois, em grande parte já traduzida para o inglês e catalogada com palavras-chave.

No canto inferior esquerdo está a primeira página do meu caderno de campo final, que eu mantive em dezembro de 2014. O caderno tem meu nome, meu número de telefone angolano e meu endereço de e-mail da pós-graduação à esquerda, caso eu o perdesse. Muito mais interessante que isso é o desenho feito por uma criança chamada Chelsy. Enquanto escrevia em 2018, eu não me lembrava de forma alguma de quem era Chelsy, nem de como ou porque ela havia desenhado em meu caderno. Nesses casos, normalmente eu fazia uma nota de esforços colaborativos – escrevendo acima do desenho para contextualizar –, mas, neste caso, eu não fiz isso. Não obstante, seu registro de nossa relação é muito claro. Algumas páginas depois, no mesmo caderno, há questões relativas a perfume, uma preparação para discussões que eu planejava ter com vendedores de perfume.

Finalmente, incluí uma captura de tela do meu celular durante a minha mais recente viagem a Angola, em 2018. Lá estava eu, explorando de maneira muito mais consciente não apenas as fragrâncias, mas também os fedores, e tendo diversas discussões informativas sobre o assunto *catinga*. Após uma dessas discussões, parei na rua por um momento e gravei uma nota no meu telefone de modo que eu não esquecesse as nuances do que acabara de ser dito. Eu transcrevi essas notas depois. Na captura de tela, o hino apresentado no capítulo sobre o som também se faz visível: gravar sons como notas de voz foi frequentemente uma ferramenta importante para capturar nuances de maneira mais precisa, e era menos intrusiva que gravar vídeos (embora eu tivesse que ser mais ainda mais cuidadosa ao garantir o consentimento esclarecido, uma vez que as pessoas ao meu redor frequentemente esqueciam-se de que eu era pesquisadora sem os sinais visuais de um vídeo sendo gravado).

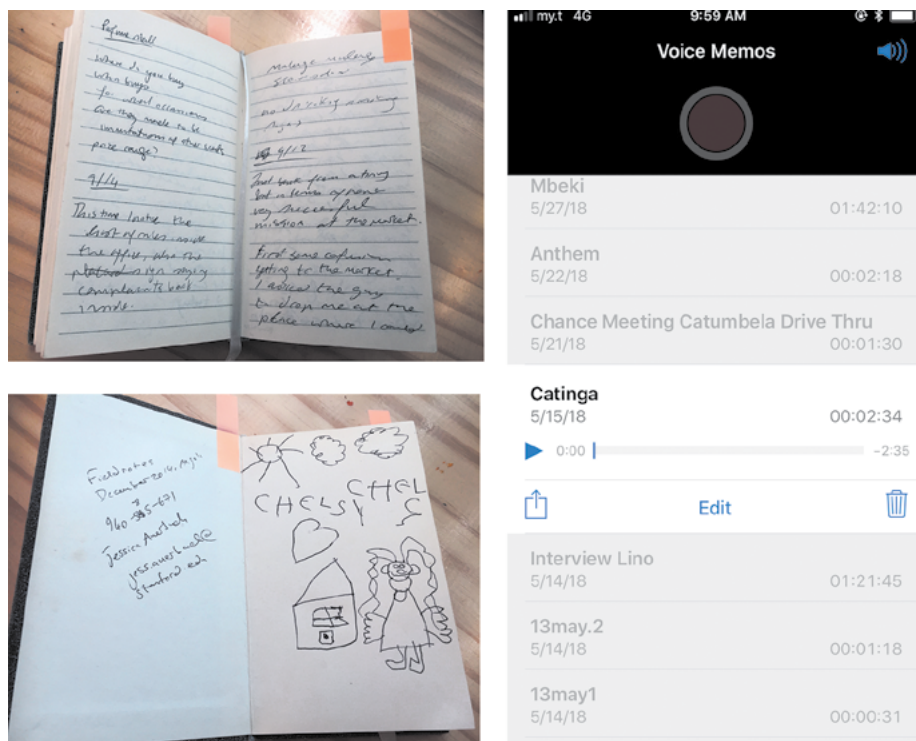


Imagem 3 Canto superior esquerdo: páginas do caderno V. Canto inferior esquerdo: último caderno de meu trabalho de campo. Direita: capturas de tela dos registros de voz.

OBJETOS

As ciências sociais dão tipicamente muita atenção ao que se chama de “cultura material” – ou, às vezes, “a história das coisas” (eu recomendo o documentário de 20 minutos no YouTube com o mesmo título).⁵⁹ Quando terminei meu trabalho de campo, doe a maior parte dos objetos que havia acumulado durante minha vida cotidiana – potes, lençóis, uma mesa plástica e por aí vai. Entretanto, escolhi manter uma caixa de sapatos cheia de coisas que representavam temas importantes do meu trabalho de campo e, em dezembro de 2018, enquanto escrevia este livro nas Ilhas Maurício, eu as coloquei sobre minha escrivaninha (Imagem 4). Minha pele começou a coçar imediatamente, o que sempre acontecia quando eu manuseava o perfume “Cobra”, e este texto foi escrito com um forte aroma dos objetos dessa caixa se apegando à madeira da mesa, à minha pele e ao meu

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GorqroigqM>. Acesso em: 15 fev. 2021. Cf. Fox e Sachs (2007), Harvey (2009), Miller (2005).

computador. Por meio da atenção a esses objetos é possível aprender uma gama de coisas – e passo brevemente por eles:

1. O vasilhame, agora vazio, do perfume Nina Ricci, descrito no capítulo anteriormente. A qualquer momento que sinto seu cheiro, sou transportada de volta para minhas salas de aula angolanas e para a companhia das crianças que ensinei lá.
2. Como em conferências em qualquer outro lugar do mundo, aquelas que ocorriam em Angola requisitavam que os participantes usassem credenciais de identificação. Essa foi a conferência onde apresentei meu trabalho a um público angolano mais amplo pela primeira vez.
3. Um perfume ligeiramente mais caro – *Pure Love* –, fabricado nos Emirados Árabes Unidos e comprado no mesmo dia em que comprei o perfume Cobra.
4. Zé era um aluno angolano que vivia no Rio de Janeiro que eu conheci muito bem. Ele não usava perfume, mas era totalmente obcecado com um creme em particular da Revlon – *Fire and Ice* – que, ele sentia, complementava o cheiro único de sua pele de maneiras poderosas. Sua fabricação havia sido suspensa, mas como agradecimento por sua ajuda durante minha pesquisa, eu consegui rastrear vários amostradores na fábrica da Revlon pela Amazon.com, e os enviei para ele no Rio. Eu guardei um simplesmente porque havia sido muito trabalhoso consegui-los e era um exemplo muito interessante da relação de um homem com seu hidratante.
5. Insignias de pano feitas em Portugal e importadas pelos Escoteiros de Angola como parte de seu uniforme.
6. No período do Natal de 2013, essas bonecas apareceram nas prateleiras dos supermercados angolanos. Muitos amigos expressaram felicidade ao finalmente verem bonecas negras em um espaço que, por muito tempo, só vendia bonecas com tons de pele caucasianos. Eu achei essa caixa fascinante: o texto, em inglês, diz *Happy Childhood*, e a figura propriamente dita remete a um estereótipo asiático.
7. Minha habilitação angolana para dirigir motocicletas foi datilografada à mão por uma mulher gentil que estava trabalhando no centro de documentação de Lobito desde o início dos anos 1960. Ela me explicou que essas habilitações eram impossíveis de falsificar porque a polícia conhecia as particularidades de sua máquina de escrever, que tinham entalhes e chanfraduras em letras específicas (Registro de Campo 131122).
8. Cartão de fidelidade do supermercado; cartão de acesso à academia; cartão de funcionária na escola onde eu lecionava – os códigos de barras tornavam-se um lugar-comum, e o trabalho na escola era regulado por seu escaneamento. Eu tinha que carregar meu Registro Nacional de Estrangeiro comigo para todo lugar onde eu fosse no Brasil. Ao contrário dos documentos angolanos, ele era

feito de plástico e desenhado para tornar falsificações mais difíceis (embora a datilógrafa de Lobito, no entanto, teoricamente cumprisse o mesmo papel).

9. O perfume Cobra, fabricado na China e comprado em Benguela em um mercado a céu aberto. A caixa não especifica onde foi fabricado (ou por quem), e muitos dos meus interlocutores me avisaram que seus químicos provavelmente eram tóxicos – algo que minha experiência ao manuseá-lo sugere quase certamente ser verdade. A 100 kwanzas (US\$ 1), era acessível para quase todo mundo. Os ingredientes não eram listados no vasilhame, e, sem uma análise laboratorial, é impossível saber o que o compõe.

10. O celular *laranjinha* era acessível para a maior parte dos angolanos (custa por volta de 2.000,00 kwanzas – àquele tempo, por volta de US\$ 20), e foi projetado por uma das maiores operadoras de celular (cuja dona era a filha do presidente) como o celular de entrada capaz de incluir quase todo mundo na rede. Não possuía nenhuma funcionalidade de *smartphone*, mas eu o usava como um telefone de reserva, virtualmente indestrutível e socialmente discreto.



Imagem 4 (1) Vidro do perfume Nina Ricci comprado por 15 mil kwanzas. (2) Preletor: crachá de participação para conferência na Universidade Lusíada de Angola. (3) Perfume *Pure Love* comprado em um mercado de Benguela por 150 kwanzas. (4) Creme para Zé: *Fire & Ice*, da Revlon. (5) Insígnias dos Escoteiros de Angola para serem costuradas ao uniforme. (6) Boneca de plástico comprada em um supermercado no período do Natal de 2013. (7) Habilitação angolana para dirigir motocicletas. (8) Cartões pessoais do supermercado, da academia, da escola e da biblioteca em Angola, e Registro Nacional de Estrangeiro do Brasil. (9) Perfume Cobra comprado em um mercado de Benguela por 100 kwanzas. (10) Celular angolano básico.

OBSERVAÇÕES ESTRUTURADAS DO ESPAÇO

A preocupação deste tópico é em como se *faz* a etnografia: como é observar um espaço? Aqui vai uma sugestão: construir uma grade sensorial de modo que os odores, e não a visão, sejam priorizados. O que eu construí descreve uma academia em Lobito onde costumava treinar frequentemente e onde conheci e socializei com aqueles que estavam fazendo seus corpos ficarem “em boa forma para a paz”, ou “adequados para a paz” (*fit for peace*). Essas notas foram escritas a partir dos meus cadernos de papel, da função “notas” do meu celular, de notas de voz que eu mesma gravei – como mencionado – e de séries de fotos que tirei (com permissão) na academia. Posteriormente, elas subsidiaram uma entrevista que fiz com o proprietário, que viera de um país que compunha a antiga União Soviética e casara-se com uma angolana que estava estudando no que hoje é a Rússia com uma bolsa de estudos criada ainda na era soviética (Entrevista nº 37). Também entrevistei o instrutor da academia (Entrevista nº 106), que havia aprendido o ofício sozinho assistindo a vídeos no YouTube da mesma forma que vários clientes da academia – muitos dos quais também pais de alunos da escola onde eu lecionava. Eu incluí isso aqui para dar início ao processo de questionamento do espaço por meio dos sentidos e para fornecer um modelo da ferramenta de forma que estudantes de antropologia possam usá-lo para “tornar o familiar, estranho”.⁶⁰

60 Myers (2011).

	Espaço A do andar de baixo	Espaço B do andar de baixo	Mezanino
Ventilação	Dois ventiladores	Ar-condicionado	Um ventilador no canto, uma janela pequena.
O que há no espaço?	Sala dos pesos	Sala dos aparelhos	Sala dos exercícios aeróbicos (quando tem sessão); onde as pessoas se alongam e usam as bolas de Pilates.
Quem está no espaço?	Majoritariamente homens; a maior parte deles entre 17 e 30 e poucos.	Homens e mulheres misturados; algumas pessoas são mais velhas aqui.	Todas mulheres, exceto o instrutor da aula de aeróbica. Um espectro bem amplo de diversidade de vestimentas e tipos corporais. 17 pessoas no total – mulheres enfileiradas, instrutor na frente. Quando não há sessões, a sala é usada por gêneros misturados, mas muito mais mulheres que homens.
Hora do dia?	18 h	17h30	18h30
Qual é o cheiro?	Forte cheiro de suor. Apenas algumas pessoas parecem usar toalhas. Também cheira a hidrotônicos.	Cheiro também intenso de suor em alguns lugares. Plástico dos aparelhos. Elastano.	Borracha do revestimento do chão. Quando está ocorrendo aula, o cheiro de suor é opressor porque há apenas uma janela e um ventilador, ambos pequenos.
O que vejo?	Agrupamentos de estantes para pesos. Pessoas em grupos aglomeradas ao redor delas. Em um dos lados, halteres e cordas para pular. Espelhos em uma parede distante. Televisões exibindo clips musicais no mudo.	Fila de esteiras e duas bicicletas ergométricas; uma está quebrada. Espaço aberto para alongamentos, etc. Prateleiras de madeira nas paredes. Televisão exibindo clips musicais no mudo.	Pilhas de bolas de Pilates azuis. Pequenos halteres (1 kg) alinhados e steps de plástico no canto. Calças de elastano revelam todas as curvas (e alguns ângulos). Em cima da maior parte das calças de elastano, emerge papel filme (enrolar-se daquela forma supostamente potencializa a perda de peso). Durante as flexões, percebo que todo mundo usa unhas postizas.

(Continua...)

(Continuação...)

	Espaço A do andar de baixo	Espaço B do andar de baixo	Mezanino
O que consigo escutar?	Pessoas falando, pesos sendo levantados e soltos em cima do metal.	Som ritmado de pés nas esteiras com o murmurar de música ao fundo; música muda a depender da hora do dia. Geralmente batidas de kuduro, mas não sempre – às vezes, apenas MTV.	Mulheres grunhindo e ofegando (às vezes, grunhidos e suspiros vêm de mim). Instrutor gritando conosco para irmos mais rápido. Kuduro tocando muito alto.
O que estou tocando?	Geralmente pesos, ou partes dos aparelhos de musculação.	Nada em minhas mãos. Aparelhos para pernas.	As esteiras de borracha no chão, que geralmente deixavam pedacinhos em minhas mãos. Outras mulheres, porque o espaço é pequeno e encontrões acontecem com frequência.
Algo para sentir o gosto?	Meu próprio suor.	Meu próprio suor.	Meu próprio suor, mais goles d'água quando nos dão pausas de 3 minutos. Uma vez, eu caí e um pouco da borracha das esteiras entrou em minha boca. Eca.
O que eu deveria vestir?	A maioria das mulheres vestia shorts de basquete e tops. Algumas usavam calças de elastano.	Calças de elastano e tops.	Calças de elastano e tops.
Como as pessoas se comunicavam?	Muito trabalho em dupla, então as pessoas falam suavemente umas com as outras. Intervenções ocasionais pelos supervisores dos aparelhos.	Mais bate-papos casuais do que no primeiro espaço. Com frequência, as pessoas usam os aparelhos e mandam mensagens de texto pelo celular ao mesmo tempo.	Olhares de solidariedade entre as participantes. Mensagens de texto durante as (raras) pausas longas.
Questões para depois?	De onde os aparelhos vêm? Como é feita sua manutenção? Quando a maioria dos usuários começa a malhar dessa forma, e por quê? Quais são os empregos que as pessoas que vêm à academia têm? O que mais eles fazem em seu tempo livre?	A segunda bicicleta vai ser consertada um dia? Quais são os empregos que as pessoas que vêm à academia têm? O que mais elas fazem em seu tempo livre? Por que, ao invés de vir para cá, eles não vão correr na praia?	Por que o papel filme? O que faz as pessoas escolherem as aulas em grupo ao invés de malhar no andar de baixo? Qual é o modelo estético que as mulheres estão buscando? Há alguma diferença em sua origem em relação aos homens? (i. e., novelas brasileiras versus He-Man, ou algo assim?).

CAPÍTULO 2

TOQUE E TÁTIL: AS TEXTURAS DO ESCOTISMO NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

ENXERGAR ATRAVÉS DA PELE

Em 22 de março de 2014, uma enxurrada varreu o leito geralmente seco do rio próximo a Lobito. O sistema de alerta que supostamente não tinha problemas não funcionou, e um grupo de crianças que brincava entre as duas margens correu um risco mortal de ser arrastado. Nas redondezas, membros da Tropa de Escoteiros Angolanos nº 44 estavam em uma caminhada.⁶¹ Ao tomarem conhecimento da situação, eles correram para ajudar. Embora eles tenham salvado as vidas das crianças, cinco escoteiros se afogaram, incluindo seu *chefe*, um jovem chamado Hipólito.⁶²

O funeral foi realizado em uma igreja e contou com a presença de escoteiros de todo o país. Fitas pretas foram distribuídas e cuidadosamente colocadas em cada uniforme escoteiro. Os cinco caixões foram dispostos e panejados com a bandeira angolana e a dos escoteiros, e um jovem chamado Rufen, amigo próximo do falecido *chefe*, montou guarda ao lado deles, guiando gentilmente os enlutados enquanto eles prestavam suas últimas homenagens. O impacto do luto de Rufen era visível nos músculos retesados de seu pescoço e no brilho d'água em seus olhos. Durante a cerimônia, que transitou entre orações, discursos e músicas, os mortos eram saudados como heróis da nova Angola. Eles eram tidos como jovens que haviam feito um sacrifício final pelos outros e que haviam cumprido até o fim as leis do escotismo, de Deus e da cidadania que moldaram a realidade de um país em paz (Registro de Campo 140325).

61 Os escoteiros em Angola, como em outros lugares, são divididos em "tropas" numeradas, cada uma associada a um distrito particular e, em Angola, também a uma instituição religiosa. Em respeito à anonimidade, escolhi um número aleatório neste caso.

62 Ao longo deste livro, uso vários pseudônimos, a menos que esteja me referindo a uma figura pública. Hipólito não era uma figura pública antes de morrer, mas tornou-se uma em sua morte, então utilizo seu nome real.

Este capítulo é sobre o tato e é também um capítulo sobre escotismo. É sobre o tato em um sentido físico, frequentemente chamado de háptico pelos estudiosos,⁶³ e é sobre o toque em um sentido emocional, no sentido de se sentir tocado por algo. Também é sobre textura e classe social, e como a sensação do tecido e das substâncias na pele de alguém (o que faz a textura variar por si só) localiza um indivíduo em espaços sociais, econômicos e materiais. Como muitos estudiosos antes de mim observaram, durante a era pós-Iluminismo, em muitas partes do mundo aquilo que é visual tornou-se dominante, com frequência às custas dos outros sentidos.⁶⁴ Isso é, penso eu, o que o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa⁶⁵ quis dizer com o título de seu livro *The eyes of the skin*. Nesse livro, Pallasmaa escreve sobre o corpo como sendo “verdadeiramente o umbigo do mundo, não como um ponto de vista de uma perspectiva central, mas como o próprio lócus de referência, memória, imaginação e integração”.⁶⁶

Pallasmaa chama o tato de “a mãe de todos os sentidos”⁶⁷ porque por meio do tato é que se conhece o mundo e, depois que todos os outros sentidos ficam embotados pela idade ou “apagados” por um trauma, “o tato é o último meio restante para alguém se guiar” – aqui, de acordo com outro filósofo, Michel Serres.⁶⁸ Ainda assim, o tato não pode estar só: é preciso tocar algo, alguém ou ser tocado (talvez emocionalmente) por algo. Para colocar de outra forma, “a sensação não é uma experiência apenas individual, mas social, que conecta o indivíduo não só aos outros, mas também a seus arredores de maneira mais ampla”.⁶⁹

Aqui, o “enxergar através da pele”, que espero que os leitores explorem, permite compreensões sobre Angola por meio das experiências de alguns jovens homens e mulheres envolvidos com escotismo. Esse é um grupo a quem as pessoas por vezes se referiam como uma “máfia para o bem” (Entrevista nº 54) pelas formas como eles trabalhavam para mudar a sociedade angolana por fora das estruturas governamentais, mas dentro, ainda, de uma entidade muito bem organizada. Usar o uniforme de algodão dos escoteiros era um lembrete constante aos jovens homens e mulheres para viverem segundo o código moral do escotismo. Ele provia identidade coletiva e conforto individual, e as sensações – frequentemente táteis – que

63 Marks (2002).

64 Cf. Stoller (1989).

65 Pallasmaa (2005).

66 Id. *ibid.*, p. 11.

67 Id. *ibid.*

68 Serres (2008, p. 18).

69 Ameeriar (2017, p. 14).

provinham do tempo que se passava *em um uniforme*, caminhando ou reunidos ao redor de uma fogueira, por exemplo, garantiria respaldo aos indivíduos em suas buscas pessoais para melhoria de suas próprias vidas e a de suas comunidades.

FAZENDO A MÁFIA

O escotismo angolano é, de algumas formas, um fenômeno recente. Em sua forma atual, a AEA (Associação de Escoteiros de Angola) existe apenas desde 1991, o que faz dela uma das mais novas associações de escoteiros do mundo. O escotismo foi fundado pelo inglês Sir Robert Baden-Powell, uma importante figura na Guerra dos Bôeres (1899-1902). É notoriamente uma das primeiras organizações globais e transnacionais do planeta. Durante a Guerra dos Bôeres, que ocorreu na África do Sul entre os afrikaners e os britânicos, Baden-Powell “libertou” a cidade de Mafeking, a despeito de enfrentar um exército Boer muito maior, após um cerco que durou 217 dias.⁷⁰ Parte da estratégia de Baden-Powell durante o conflito era recrutar garotos jovens como “batedores” (*scouts*) para ajudá-lo. Essa foi uma intervenção que, mais tarde, ele alegou ter sido decisiva para o triunfo britânico, e que subsequentemente tornou-se a história de origem de um movimento com quase 40 milhões de membros em todo o mundo.⁷¹

Os Escoteiros de Angola existiram durante a colonização portuguesa em pequenos números, mas foram reavivados nos anos 1990. Por volta de 2014, a AEA tinha aproximadamente 20 mil membros registrados e adimplentes em todo o país, embora os números reais fossem muito maiores. Os escoteiros encontravam-se semanal ou quinzenalmente em tropas, cada uma associada a uma igreja em particular (a Igreja de Santo Antônio de Catumbela, por exemplo), e eram divididos por faixas etárias: filhotes tropeçantes (6 a 10 anos), entusiasmados escoteiros juniores ou seniores (de 11 a 17 anos) e zelosos *caminheiros* (18 a 25 anos). Por meio das amizades feitas na escola onde eu trabalhava, juntei-me aos *Caminheiros* da Tropa nº 21 – um grupo de jovens de variados estratos socioeconômicos que frequentavam uma das maiores igrejas da região, com vista para o Rio Catumbela. Um de seus líderes, *Chefe* Pedro, era amigo de um colega meu da Escola das Estrelas, e foi por meio de seu convite que eu entrei formalmente na tropa. Por acaso, meu tataravô foi um dos primeiros escoteiros da África do Sul no início do século XX, fundando uma das primeiras tropas da Cidade do Cabo, e, durante sua infância, eu participei da programação do movimento. Esse fato me ajudou a obter minha entrada,

70 Ross (1980), Hopkins e Dugmore (2000).

71 Cf. www.scout.org.

e, embora as traduções para o português das orações, músicas e histórias fossem novas para mim, eu estava familiarizada com a teologia mais ampla do movimento e conhecia os tons, senão as letras, de todas as músicas.

Dois dos líderes escoteiros seniores de Angola referiam-se ao seu movimento como “uma máfia para o bem” (Entrevista nº 54) – uma nomenclatura que não era incomum. Neste capítulo, eu mostro como o escotismo desempenhou, e continua a desempenhar, um papel muito importante na emergência de “um país em paz” no contexto do *capitalismo selvagem*. O capítulo demonstra, em particular, como o escotismo é visto por muitos como uma das garantias de uma “personalidade” ou moralidade “de qualidade”, o que também costuma ser acompanhado com os benefícios materiais “de qualidade”. Os escoteiros pisam sobre uma delicada linha em que eles, ao mesmo tempo, possuem independência política explícita e operam de maneira transparente o suficiente para permanecerem inteligíveis e garantir a confiança do MPLA, partido político dominante de Angola.

É a independência política dos escoteiros, bem como seu comprometimento explícito em ajudar seus membros dentro do grupo, que concede à organização a alcunha de “máfia”. Ademais, como alguém pode nutrir aversão por uma máfia tão explicitamente comprometida com projetos sociais, cantando ao redor de fogueiras e treinando indivíduos saudáveis e moralmente fundamentados? Timothy Parsons,⁷² considerando as evidências a favor e contra o escotismo, definiu-o como um movimento que ou sustentava regimes coloniais ou os minava. Parsons nota que poucos escoteiros possuíam dificuldade em ver os benefícios da estrutura do escotismo, ao mesmo tempo em que mantinham distância crítica dos comportamentos dos colonizadores britânicos. Acontecia o mesmo em Lobito, onde muitos refletiam profundamente sobre a ironia de adotar um movimento militar da juventude britânica logo após o fim da guerra civil, enquanto apreciavam sua grande habilidade em unificar jovens em prol de uma causa comum. Assim, o escotismo tornava-se uma máfia do *bem*, aceitável para o que, efetivamente, é um Estado de um único partido, onde um movimento nacional da juventude com estruturas de comando, mobilização e responsividade e que não obedece a qualquer líder político possa ser visto como algo ameaçador.

Os escoteiros alegam serem o maior movimento fora da estrutura partidária dominante mantida pelo MPLA. Embora seja muito menor que a ala jovem do MPLA, os escoteiros são visíveis em quase toda cidade angolana e na maioria dos grandes eventos. Por ser apartidário, os escoteiros abrigam entre seus membros pessoas vinculadas às duas outras principais organizações políticas de Angola, o UNITA e o CASA-CE, bem como aqueles sem qualquer vinculação partidária –

72 Parsons (2004).

embora todos seus membros sejam religiosos. O financiamento da organização se dá quase inteiramente por meio do pagamento de taxas dos membros, e muitos dos líderes escoteiros por vezes contribuem com grandes quantias de seus próprios bolsos. A maior parte dos grupos operam com orçamentos apertados e ninguém recebe salário. Em um prazo muito curto, os escoteiros conseguem mobilizar uns aos outros e suas comunidades, como fizeram na preparação do funeral descrito anteriormente; cuidando das famílias afetadas, falando com a imprensa, organizando o espaço, a comida e a procissão do funeral, além de confortando uns aos outros em momentos de profundo pesar: tocando uns aos outros, emocionalmente e com sua presença.

As estruturas de hierarquia dos escoteiros, de inspiração militar, ajustam-se às expectativas de várias gerações de pais que cresceram durante a guerra e a isso se deve, ao menos em parte, o fato de o movimento ser bem-sucedido. A ideia de que os escoteiros são “soldados da paz” era ocasionalmente mencionada, particularmente pelos *chefes* escoteiros, que haviam sido eles próprios parte das forças armadas de Angola, e que enxergavam seu trabalho como mobilizador da juventude em direção a uma sociedade que, eles sentiam, não estava no horizonte de muitos políticos. O currículo fornecido pelos escoteiros provia um degrau útil no contexto de transição de uma economia de mercado socialista para uma de mercado capitalista, combinado com uma proeminência da juventude muito alardeada, na qual os jovens superam seus pais em números, e suas expectativas de mundo estão imensamente mudadas.⁷³

COSTURANDO CALÇAS DE PANO

Existem muitas outras razões do porquê o escotismo tem prosperado. A mais óbvia não pode ser descartada – escotismo é divertido. As atividades recreacionais voltadas para a juventude são poucas e muito intervaladas em Angola, e o movimento fornecia atividades estruturadas, saídas a campo, “aventuras”, um grupo de amigos, caminhos orientados para expandir horizontes supervisionados por adultos e, também, marcadores materiais de participação e prestígio.

Acampamentos e outras excursões eram parte dos atrativos e quase sempre eram celebrados com camisetas e outros itens especialmente produzidos para a ocasião. Um dia antes de eu acompanhar a Tropa nº 21 para uma viagem a outra província para as comemorações do Dia do Escoteiro Africano, encontrei-me com Ruben e outro líder escoteiro para me preparar (Registro de Campo 140314). O

73 Auerbach (2010), Durham (2011), Ferguson (2006, 2015).

chefe Ruben, mencionado no começo deste capítulo, era o homem que segurara a bandeira para o finado *chefe* Hipólito, e também era diretor-assistente do *Clã* descrito abaixo. Pedro, Ruben e eu fomos a diversas casas coletar suprimentos e fundos que, em parte, vieram de contribuições dos participantes, mas majoritariamente dos bolsos do próprio Pedro. Compramos camisetas com o logotipo dos escoteiros, a data e o nome do evento, além de 25 pares de calças de pano, que, como reforçavam Pedro e Ruben, precisavam ter uma certa “qualidade”.

“Pano” refere-se a um tecido de algodão tingido muito popular em Angola, bem como em muitas outras partes do continente. Como todos os tecidos, ele possui uma história muito rica.⁷⁴ Durante o início da era colonial, os holandeses aprenderam a técnica *batik* de tingimento de tecidos em sua colônia na Indonésia. Eles levaram a técnica de volta à Holanda e mecanizaram-na e, por um longo período de tempo, a maior parte do tecido tingido com cera disponível que tornou-se (e permanece) associado à moda “africana” originou-se na Holanda. Atualmente, a maior parte dele é fabricado na China.

Em Angola, há um tingimento muito específico em laranja, vermelho, amarelo, branco e preto conhecido como *pano nacional*, ou *semakaka*. Ele é frequentemente usado para celebrar o país ou para demonstrar pertencimento. *Semakaka* é rapidamente identificável, mas, em geral, usar qualquer tipo de *pano* é visto como demonstração de orgulho nacional e cultural, distintivamente não europeu em suas referências. Uma vez por semana, às sextas-feiras, as crianças são encorajadas a usar roupas de *pano* na escola para celebrar a “identidade africana” – uma mudança que ocorreu apenas após o fim da guerra civil. Itens feitos de *pano* também são usados para carregar, embrulhar e aquecer, e quase todo mundo, dos mais pobres aos mais ricos, possui vários *panos*. Como outras mercadorias, eles variam em preço e em qualidade, e particularmente as mulheres leem os *panos* pelo que seus fios, tingimentos e desenhos revelam sobre status social (discorro melhor sobre o tema no capítulo 3).

Quando o *chefe* Pedro foi comprar calças de *pano* para os jovens de sua tropa de escoteiros, ele estava fazendo três coisas. Primeiro, ele estava promovendo uma cultura nacional emergente na qual as pessoas sentem-se unificadas pelos símbolos – incluindo, neste caso, o uso do *pano*. Segundo, estava fortalecendo o sentimento de pertencimento e afiliação ao grupo, já que nossa tropa seria identificada em parte por suas calças de *pano*. Finalmente, ele estava fornecendo aos participantes uma lembrança tangível, tátil, de suas experiências, que eles seriam capazes, inclusive, de levá-la consigo após o evento.

74 Mazuri Designs (2016), Nielson (1973), Sylvanus (2007).

Símbolos, filiação e materialidade eram componentes críticos tanto na construção do escotismo quanto na construção da nação. É importante recordar que a geração anterior de angolanos também possuiu tais símbolos, filiações e materialidades, mas, em muitos casos, os deles eram símbolos, filiações e materialidades que eram parte de exércitos reais. Em um livro delicado dedicado à compreensão do *pano* (que na África francófona é chamado de *pagne*), Nina Sylvanus escreve: “nas dobras da densa materialidade do tecido tingido com cera, nós vemos os fazimentos, desfazimentos e refazimentos históricos e contemporâneos das relações entre pessoas coisas e instituições que as governam”.⁷⁵ Usar calças de *pano* ao invés de uniformes militares significava que esses escoteiros estavam sendo vestidos para servir a um papel diferente em sua sociedade do que aqueles que vieram antes, e com novas alianças institucionais – nesse caso, com o escotismo.

O *chefe* Pedro foi inflexível ao dizer que a qualidade do *pano* importava, da mesma forma que a qualidade do uniforme escoteiro, produzido em Portugal “de acordo com padrões da União Europeia”. Como no exemplo de Joyce no capítulo anterior, as circunstâncias materiais do corpo *na sua totalidade* eram compreendidas de modo a refletir, em alguma medida, o mundo interno das pessoas. Ressalto o “na sua totalidade” porque eu também era frequentemente avisada a não confiar nas pessoas com base apenas em suas aparências, pois poderiam ser facilmente “falseadas”. Isso era, em parte, porque o cheiro, a textura das roupas e o *habitus* precisavam ser condizentes uns com os outros – e, no caso dos escoteiros, era necessário também alinhar com o comportamento considerado apropriado de acordo com as regras do escotismo. Muito parecido com Joyce e os perfumes dados como presentes a seus filhos, o *chefe* Pedro sentia que calças de *pano* de boa qualidade poderiam inspirar seus liderados, e lembrá-los de suas identidades e aspirações sociais e morais.

CAPTURANDO CRIANÇAS ESCORREGADIAS

Em uma outra excursão, eu conversava com Gabriella, uma menina de dezoito anos de idade e que, à época, estava terminando o ensino médio e esperava entrar em uma universidade no ano seguinte. Perguntei a ela porque ela havia entrado na tropa de escoteiros e o que ela havia ganhado com a filiação. Ela respondeu:

Eu gosto dos escoteiros porque eles são unificados. Eu sou de Lobito e fui criada pela minha mãe e meu pai adotivo. Eu tenho três irmãos, todos mais novos que eu, e fui mandada para Luanda para limpar a

75 Sylvanus (2016, p. 5).

casa de uma senhora, para que, com o dinheiro, eu pudesse continuar indo à escola. Mas aí, meu padrasto morreu e eu voltei para ajudar minha mãe. Quando eu estava em Luanda, eu procurei meu pai biológico – que nunca soube que eu existia. Eu descobri quem ele era, seu endereço e fui encontrá-lo. Ele foi muito cruel – gritou comigo na frente de todo mundo, no meio da rua, e disse que nunca mais queria me ver de novo. Foi muito duro. Um homem estava assistindo tudo na beira da rua. Ele me chamou depois, e disse: “filha, todo mundo tem problemas. Até gente rica que tem carro – você não sabe o que acontece no coração delas”. Acabou que ele era um *chefe* escoteiro e me convidou para entrar no seu *agrupamento* aqui em Luanda. Ele levantou dinheiro para comprar meu lenço e para eu fazer o Juramento, e, ainda que eu esteja aqui agora, ele é como um pai para mim, e eu falo com ele quase todo dia pelo celular (Registro de Campo 140607).

Ao longo do meu envolvimento com os escoteiros, conheci muitos homens e mulheres que haviam devotado sua energia para “capturar” jovens como Gabriella – o *chefe* Pedro era um deles. A maior parte das lideranças escoteiras também eram professores profissionais, mas frequentemente sentiam-se frustrados com as estruturas educacionais e as demandas de avaliação no que dizia respeito às respostas aos desafios sociais subjacentes das comunidades onde viviam. Eles encontravam nos escoteiros uma maneira de oferecer não apenas apoio intelectual, mas também moral, e de prover aos jovens uma rede de contatos que poderia cuidar deles e oferecê-los orientação e encorajamento na direção daquilo que era compreendido como o certo a ser feito.

O escotismo criava comunidade. Quando o ônibus passou para nos pegar na viagem com Gabriella, nós todos entramos e cantamos sem parar por quatro horas até chegarmos ao nosso destino. Chegamos no lugar onde acamparíamos no escuro, e armamos nossas barracas no jardim antes de nos reunirmos no saguão. Gabriella e os outros cumprimentaram escoteiros de partes diferentes do país com vivacidade e entusiasmo, e as risadas aumentaram noite adentro. Cozinhamos e comemos com representantes de mais de trinta outras tropas que compareceram ao evento e, à noite, houve competição de contação de histórias, com a Tropa nº 21 distinguindo-se em parte pelas calças de *pano* que o *chefe* Pedro entregara durante a viagem, desencadeando gritos de entusiasmo. Depois da comida e da contação de histórias, uma fogueira foi acesa no jardim, e um componente mais reflexivo e espiritual da noite teve início. Isso também preparou o grupo para seu papel na celebração nacional no dia seguinte, em que *Caminheiros*, como nível sênior dos escoteiros, desempenhariam um papel importante tanto na construção quanto em ciceronear o movimento nacional.

Por meio de excursões de campo como essa excursão a Lubango, jovens eram colocados em uma estrutura onde encontrariam outros jovens de bairros, cidades e, por vezes, até mesmo países diferentes e, dessas reuniões, originavam-se amizades e horizontes mais amplos. O movimento realça que qualquer escoteiro em um uniforme é um “irmão”, independentemente de sua posição na sociedade fora do escotismo. Esse era um dos poucos espaços do país onde filhos de ministros do governo e de pedreiros poderiam misturar-se enquanto iguais – o que de fato faziam –, ao menos em eventos como o Dia do Escoteiro Africano. Aqui também a textura dos uniformes servia para aplinar diferenças de status econômico reveladas pelas vestimentas do dia a dia.

O uniforme “oficial” dos escoteiros permanece inalterado desde a era colonial britânica. Ele é constituído de botas de lona, shorts longos, meias grossas de lã na altura do joelho com pendões vermelhos também de lã, um cinto com o logo com a flor-de-lis dos escoteiros gravado na fivela, uma camisa cáqui com *epaulettes* em que eram vistos as insígnias e os marcadores do grupo, o lenço dos escoteiros (colorido a depender do nível, como as camisetas descritas a seguir) e um chapéu circular de feltro com abas largas. Na maior parte das reuniões, os escoteiros usavam meias longas, shorts azul-marinho e camisetas com o nome de seus *agrupamentos* codificadas por suas cores: amarelas para Filhotes, azul e verde respectivamente para escoteiros Juniores e Seniores, e vermelho para *Caminheiros*. Os *chefes* escoteiros geralmente usam camisetas roxas, e seus lenços eram verde-escuro. *Caminheiros* deviam sempre carregar uma vara bifurcada que representava “sua jornada através da vida” e as escolhas que eles deveriam fazer entre o bem e o mal. Tudo isso dito, o uniforme custava mais de US\$ 200, e os escoteiros – quanto mais velhos ficavam – faziam um esforço considerável para obtê-lo.

Curiosamente, o efeito de aplainamento do uniforme funcionava melhor no nível dos *Caminheiros*. O mercado de roupas de segunda mão em Angola era frequentemente inundado com uniformes de escoteiro para Filhotes e Juniores canadenses e estadunidenses rejeitados. Os pais compravam-nos para seus filhos em um esforço para poupar dinheiro, mas tal esforço era, via de regra, gentilmente repreendido: “nós somos os escoteiros *angolanos*, e não deveríamos estar tentando imitar os norte-americanos”, diziam-nos repetidamente, a despeito dos custos envolvidos. Por volta de 400 pessoas compareceram ao Dia do Escoteiro Africano em 2014, e o líder nacional dos escoteiros nos falou, enquanto nos reuníamos em um estádio de construção chinesa, após um dia de apresentações, orações e consolidação de equipes: “deixem um mundo melhor do que o que encontraram”, ele dizia, “e lembrem-se que, por meio do escotismo, nós encontraremos ocupação uns para os outros, e lhes ensinaremos a serem *cidadãos morais* construindo a Nova Angola” (Registro de Campo 140315, grifo meu).

ACENDENDO A FOGUEIRA COMO SERVIR

Quando o líder nacional falou sobre cidadania moral, ele tinha preocupações muito particulares em mente. Um dos líderes locais do movimento – Rui Luís Falcão Pinto de Andrade – havia escrito extensivamente sobre o escotismo em Angola, e em seu livro mais conhecido ele afirma:

Em uma sociedade como a nossa, onde princípios, regras e normas de comportamento social foram, por décadas, profundamente desvirtuados, é necessário que o movimento dos escoteiros seja mais do que um mero ator da sociedade civil, e, ao invés disso, assuma o papel de uma organização pró-ativa no ambiente de recuperação, reabrindo, tão logo seja possível, os valores sociais que foram amplamente mal aplicados e até perdidos [na sociedade contemporânea].⁷⁶

Ele continua na página seguinte:

Nosso único objetivo é trazer à sociedade em geral, e, em particular, àqueles que dedicaram suas vidas à educação, nosso conhecimento do que pode ser perdido se o Estado continuar a fingir que não entende algumas instituições, em razão de seu valor intrínseco, são muito mais do que meras associações de jovens destinadas a engajá-los em seu tempo livre... Mais do que ser visto como uma associação de jovens, os escoteiros deveriam ser reconhecidos e aceitos como uma *organização socialmente útil* em virtude do método que os distingue de outras.⁷⁷

O “método”, como explica Andrade, é uma educação autodirigida baseada em um currículo que fora planejado de acordo com as necessidades psicológicas da juventude em mente.⁷⁸ Ele prevê uma educação vitalícia⁷⁹ baseada em símbolos utilizados para orientação, adaptados a partir de um enquadramento de referência cristã. Os escoteiros aprendem como fazer, assim como ser, seja em um momento dado (*estar*),⁸⁰ seja intrinsecamente – no nível da moralidade e/ou da alma (*ser*). Eles também estudam para realizar o que os líderes escoteiros angolanos veem como

76 Andrade (2010, p. 17).

77 id. *ibid.*, p. 19-20, grifo meu.

78 Id. *ibid.*, p. 25.

79 Id. *ibid.*, p. 45.

80 Id. *ibid.*, p. 54.

um dever perante Deus e à nação, ao *agrupamento*, à família e a si próprio⁸¹. Andradefende a inclusão das mulheres em todos os níveis dos escoteiros, e enfatiza a necessidade de todos os líderes escoteiros estarem constantemente melhorando a si mesmos e a suas comunidades – que eles devem liderar por meio do exemplo.

Servir é, portanto, de suma importância para os escoteiros, e aqueles que cumprem seu currículo têm muitas oportunidades para praticá-lo. O movimento é recheado de simbolismo, e os escoteiros identificam uns aos outros por meio dos uniformes, apertos de mão, saudações e um código moral. Os *Caminheiros*, no dia a dia e em eventos escoteiros, cumprimentam-se com uma saudação e a simples declaração/instrução “Servir!”. Caso um escoteiro seja visto desviando-se da lei do escotismo ou dos valores morais defendidos por sua comunidade da igreja, ele ou ela enfrentariam sanções – geralmente, a punição consistia na proibição do uso do lenço até que a situação fosse corrigida. Um de meus colegas, por exemplo, tivera um filho fora do casamento; até que uma cerimônia apropriada fosse organizada e celebrada, se garantisse à criança uma educação cristã respeitável, não lhe seria permitido o uso do lenço (o uso do resto do uniforme era considerado aceitável). Em razão dos custos envolvidos, esse processo poderia durar muitos anos, e ele costumava brincar que, quando ele recebesse seu lenço de volta, ele já estaria comprando um para seu filho, que, calculava ele, já poderia ser um escoteiro Filhote (Registro de Campo 140211).

Diferente de muitos outros países, Angola não permite a existência de escoteiros seculares. Como afirmado anteriormente, a filiação aos escoteiros articula-se com a filiação à igreja. O país já teve uma relação complicada com o Islã, e alguns poucos muçulmanos podem ser vistos nas ruas.⁸² Quanto às outras religiões, frequentemente diziam-me que a comunidade judaica deixara o país em 1975 (ainda é possível ver muitas sinagogas, mas hoje são usadas para outro propósito), e, desde então, não há (supostamente) nenhuma diversidade religiosa, embora haja muita competição entre diferentes manifestações do cristianismo. A regularidade com a qual os noticiários angolanos reportam a demolição de mesquitas pelo Estado sugere, entretanto, que a realidade é ligeiramente mais complicada.⁸³ Muitas pessoas que eu conhecia consultavam-se regularmente com curadores tradicionais, embora os escoteiros fossem particularmente críticos de tais práticas, referindo-se às pessoas envolvidas como *bruxas*. Muitas igrejas também possuíam diversas organizações de jovens atreladas a elas, sendo os escoteiros apenas uma delas – embora fosse a com maior reconhecimento e suporte nacionalmente. Isso era, ao menos em parte, em razão das tendências amplamente conservadoras do movimento como

81 Id. *ibid.*, p. 63.

82 BBC (2016), Morris (2014), Patel (2013).

83 Patel (2013).

um todo que faziam-no parecer controlável e tornava improvável que desagradassem os sistemas de poder, como elaborarei brevemente.

O simbolismo entre os escoteiros era extremamente importante. Como Sher-ry Ortner⁸⁴ escreveu nos anos 1970, símbolos codificam significados complexos e tornam-nos manejáveis. Ela descreve o que chama de símbolos sucintos e elaborados: os símbolos sucintos capturam os significados amplos associados a eles “de uma maneira emocionalmente poderosa e amplamente indiferenciada”,⁸⁵ em contraste, símbolos elaborados nos ajudam a “selecionar ideias e sentimentos complexos e indiferenciados, tornando-os compreensíveis, comunicáveis aos outros e traduzíveis em ações ordenadas”.⁸⁶ Para os escoteiros, e especificamente para os *Caminheiros*, o fogo, na forma de uma fogueira, era um símbolo sucinto muito importante, e em quase todas as reuniões havia uma fogueira física ou a evocação da ideia de uma. O fogo, de acordo com o manual *Caminheiro*, é um “símbolo do Espírito Santo para o que é decente, um poder dinâmico de amor e força que nos ajuda a concretizar o Evangelho em palavras e gestos, a escuridão em luz. É o fogo que ilumina o caminho para você, que o aquece durante sua jornada e que conforta seu corpo e sua alma”.⁸⁷ Com o acendimento da fogueira, os escoteiros eram encorajados a *sentir* (física e emocionalmente) o “calor” de servir e a internalizar uma série de experiências sensoriais como forma de orientação moral. Isso servia ao fim de tornar-se, para usar a terminologia de Ortner sobre o que é um símbolo elaborado, “um novo humano”.

CONSTRUINDO UM NOVO HUMANO

*Ó, Pátria, nunca mais esqueceremos
Os heróis de quatro de fevereiro.
Ó, Pátria, nós saudamos os teus filhos
Tombados pela nossa Independência.
Honramos o passado e a nossa História,
Construindo, no Trabalho, o Homem novo,
Honramos o passado e a nossa História,
Construindo, no Trabalho, o Homem novo!*

Hino Nacional de Angola, 1º verso

84 Ortner (1973).

85 Id. *ibid.*, p. 1339.

86 Id. *ibid.*, p. 1340.

87 AEA (2013, p. 34).

O hino nacional de Angola, composto por Rui Alberto Viera das Mingas e cantado todos os dias por crianças nas escolas, faz referência ao início da Guerra de Independência (4 de fevereiro de 1961), e articula um compromisso de construir, no trabalho, o homem novo (*homem novo* é um termo inclusivo de gênero). O “homem novo” também era uma noção extremamente para o escotismo angolano, embora seus dois usos, no hino e nos escoteiros, tinham duas origens e interpretações diferentes. Aqui, é importante compreender ambos, pois eles capturam os ideais segundo os quais os escoteiros são esperados viver em acordo e, no caso do *chefe* Hipólito, descrito no início deste capítulo, são ideais pelos quais se espera que os escoteiros também morram em acordo.

A expressão “novo homem” possui dois marcos de origem relevantes: o esforço socialista por uma sociedade transformada, e a transformação bíblica descrita quando os homens se encontram com Cristo. A noção aparecia frequentemente na literatura e na propaganda nacionalista dos anos 1960 até o início dos anos 2000⁸⁸ como uma busca por uma visão coletiva do novo país. Durante a guerra civil, milhares de jovens angolanos foram estudar em Cuba e, lá, a visão do novo homem era apresentada aos estudantes a partir de uma série de fontes diferentes “de ambos os lados da divisão ideológica do mundo”, de acordo com Delinda Collier.⁸⁹ Ela continua: “em Angola, o novo homem era usado para indicar a noção universalista de desenvolvimentismo, em tensão com as noções particularistas de africanidade e angolanidade”.⁹⁰ O “novo homem” era, desde seu início, uma forma de descrever o que era, de fato, o “novo homem”, em razão da independência, e o que era desejado e sonhado para seu futuro. À época em que eu fazia meu trabalho de campo, entretanto, o novo homem como conceito era raramente evocado com o reconhecimento de suas origens socialistas. Ao contrário, era mais comumente referenciado em termos de Efésios 4:24, “e vós revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade”.

No manual *Caminheiro*, é dito aos escoteiros:

“A vida do novo homem.” A construção da Igreja de Cristo sinaliza maturidade e fé, ela é um projeto do Homem para o mundo. Como cristãos, vocês são chamados a ser “o sal da terra”, “a luz do mundo”, “o fermento da massa”, assumindo um lugar ativo na construção de “novos céus para novas terras”.

88 Hatzky (2012), Marcum (1978), Mourier-Genoud (2012).

89 Collier (2012, p. 187).

90 Id. *ibid.*

O Reino de Deus, cuja lei é manifesta nas Bem Aventuranças, e a vida de Cristo – “o Novo Homem”: esta, portanto, será a medida pela qual alguém tornar-se-á *Caminheiro*.

O ideal do *Caminheirismo* é o símbolo do “Novo Homem”, baseado nas Bem Aventuranças, Fraternidade e Servidão. O Novo Homem é livre e responsável, e busca desenvolver o mundo baseado nos conceitos de paz e justiça, ajudando a todos ao seu redor, tentando evitar as dependências do mundo e servir onde quer que seja possível.⁹¹

O “novo homem” dos escoteiros é inspirado em Cristo, como o manual deixa explícito, e dos escoteiros é esperado que sigam Seu (inequivocamente masculino) exemplo a todo momento. Em uma entrevista conduzida com dois dos oficiais escoteiros há mais tempo na organização, eu os questionei a respeito do conceito. Respondendo juntos, eles disseram:

O homem novo é parte da mística dos *Caminheiros*. Ele orienta as ideias fundamentais no estágio final do escotismo. Ele está nas orações, e diz respeito à transformação de Cristo. Espera-se que ele dê à juventude uma ideia de como eles próprios têm o potencial para transformar. Ele também fornece aos jovens os mecanismos para lidar com as mudanças, e para encontrarem em si mesmos a habilidade para construir solidariedade com os outros.

Este foi um conceito que se tornou muito forte politicamente em Angola nos anos 1980, quando nós tínhamos o que era chamado de “política da clemência”, onde as pessoas que estavam com os partidos de oposição da FNLA [a certa altura, um partido de oposição que entrou em colapso no início da guerra] poderiam entrar no MPLA sem risco, e ex-soldados poderiam ser integrados tanto no exército do MPLA quanto na sociedade civil. O *homem novo* é um “mistério” que ajuda a juventude a servir melhor, que os dá um senso de responsabilidade em relação a seus amigos, e que pode ser o modelo no qual eles podem se inspirar. É um conceito inclusivo que também auxilia a juventude a pensar sobre suas vidas em um contexto mundial mais amplo, e para ser flexível com as mudanças (Entrevista nº 54).

Esses dois líderes escoteiros eram bastante conscientes dos dois significados diferentes do termo “novo homem”, mas para eles ainda era um conceito útil. “Pensar sobre a vida em um contexto mundial mais amplo”, eles sentiam, era im-

91 AEA (2013, p. 27).

portante para os jovens que envelheciam em um país que passava por tamanha mudança, e os dois pontos de origem do termo eram valorizados porque Angola *passara* por uma guerra, a maior parte dos angolanos *eram* cristãos e encontrar coesão, ao contrário de dissonância, em interpretações no esforço nacionalista e na Bíblia era bastante útil. A ideia do “novo homem” unificava a juventude e os fornecia a linguagem com a qual era possível definir suas fases adultas como profundamente diferentes das de seus pais em virtude da ausência da guerra. Por meio das evocações de Jesus, preservava-se um senso de cuidado da comunidade que era, ao menos teoricamente, muito forte durante a era socialista ao lado do *ethos* de crescimento pessoal do capitalismo. O termo abriu um espaço imaginativo para a criação e o povoamento de um país reconhecível, mas também fundamentalmente diferente daquele do passado, não apenas em termos da ideologia, mas também das *texturas* da vida cotidiana que os cercava. As texturas do “novo homem” eram suaves, limpas e puras: calças de *pano* de qualidade, ar-condicionado nas vans que os levavam aos eventos como o Dia do Escoteiro Africano e a sensação física do acampamento e da fogueira sob as estrelas.

ESCOLHENDO CAMISETAS APROPRIADAS

Eventos como o Dia da África eram o ponto alto para muitos escoteiros, e, para alguns, a razão principal pela qual eles haviam entrado para o movimento. Mas o trabalho real de “praticar a paz” se dava durante reuniões mensais da tropa, nas quais os *Caminheiros* iam para uma sala de aula em uma escola primária local e trabalhavam o currículo escoteiro. Cada grupo de *Caminheiros*, entre 24 e 30 alunos, era chamado de *clã*. O *clã* era conhecido por outros escoteiros não pelo número da tropa (neste caso, o número 21), mas por um nome escolhido, concedido apenas no momento da formação do *clã* e, portanto, de grande significância. Ruben, o jovem rapaz que descrevi anteriormente segurando a bandeira para seu falecido amigo, era *chefe* assistente do *clã* nº 21, responsável por gerenciar as atividades semanais do grupo e levá-las de uma reunião informal de jovens para as estruturas formais dos escoteiros. Na sessão onde o grupo deveria escolher seu nome, realizada pouco antes do Dia do Escoteiro Africano, o diálogo mostrou tanto as possibilidades e limitações da liberdade de expressão dentro do escotismo e da Nova Angola, bem como os acionamentos da “máfia para o bem”. Foi mais ou menos assim:

Chefe Ruben: Servir!

Grupo: Servir!

Chefe Ruben: Nós precisamos escolher um nome para o nosso *clã*. Precisa ser um nome inspirador; deve homenagear uma figura importante da nossa história.

Magdalena: Se esse é o critério, como não existem *clãs* chamados Savimbi? Savimbi foi um líder, e foi inspirador (Registro de Campo 140308).

A sala ficou em silêncio, tanto no momento em que o nome de Jonas Savimbi foi mencionado quanto diante da afirmação de que ele havia sido um líder inspirador. Jonas Savimbi fora o antigo líder militar da UNITA, cuja morte acabou com a guerra civil. Ele raramente era reconhecido, e ainda mais raramente elogiado, ainda que de maneira sutil, pois fazê-lo era visto como uma provocação ao governo do MPLA. Muitos escoteiros eram membros da ala jovem do MPLA, a JMPLA, o que era aceitável sob suposição de que a vida política e a vida de escoteiro das pessoas deveriam manter-se separadas (Entrevista nº 54).

Após um momento de pausa, Ruben finalmente respondeu:

Dar o nome de Savimbi ao *clã* seria contra o bom senso! Todos nós sabemos que Savimbi *não foi* um exemplo a ser seguido. Seria impossível dar esse nome porque nós precisamos compactuar com os valores de nossa sociedade, e a maioria diz que isso não é ok.

“O que é a maioria?”, alguém perguntou, e a discussão tornou-se acalorada rapidamente. Ruben, no entanto, não se deixou levar, e pedia por ordem repetidamente. Ele encerrou a discussão e insistiu que o grupo realizasse um ditado da Lei dos Escoteiros Angolanos, que os *Caminheiros* transcreveram meticulosamente em seus cadernos, uma vez que poucos conseguiam arcar com o preço das cópias impressas (Registro de Campo 140308). O momento fora ilustrativo daquilo que os escoteiros permitiam e o que era proibido, tornando possível a discussão sobre aquilo que, na maior parte dos contextos angolanos, era simplesmente indizível àquela época. Em 2014, muitos acreditavam que mesmo dizer o nome de Savimbi poderia ser lido como um ato de rebelião, e a maioria tinha medo demais para fazê-lo. A memória de uma polícia secreta altamente ativa ainda era presente em grande parte da sociedade angolana, e articular críticas publicamente era altamente arriscado. Os ambientes dos escoteiros eram um dos poucos lugares onde *alguma*

discussão era possível, embora, como Ruben apontou tão rapidamente, o escotismo devesse “seguir os valores da sociedade”. Na prática, isso significava concordar diligentemente com o MPLA, que garantiu ao movimento espaço suficiente para florescer, mas fechou oportunidades para debates e discussões genuínos.

Em uma conversa posterior, Ruben falou-me de Savimbi de uma maneira muito diferente. Enquanto esperava para pegar as camisetas a serem dadas durante o Dia do Escoteiro Africano, nós discutimos a guerra civil e a aula descrita, e ele comentou:

Savimbi nunca matou pessoas, sabe? Foram seus soldados que mataram. Mas não podemos dizer isso porque a liberdade de expressão em Angola não é realmente permitida. Aqui é complicado. Eu mesmo não sou como outros angolanos porque eu penso sobre isso, sabe, sobre como é estranho que nós não possamos falar... Eu também recuso filiar-me ao MPLA, porque é importante ser neutro e criar espaço para a oposição. Meu pai foi do MPLA, um homem militar, e eu sei que nem tudo era bom. Eu tenho essa memória de crescer durante a guerra, tinha seis anos, talvez sete anos de idade. Eu cresci em Huambo [cidade do interior], onde a guerra era feia. Teve um dia em que um amigo do meu pai foi alvejado na nossa frente, e eu não sei por quê. Não foi só um tiro, foram onze, eles simplesmente não paravam. Às vezes eu acordo à noite depois de sonhar com isso. As pessoas aqui na província de Benguela não tinham ideia de como a guerra realmente era, mesmo que eles finjam que sim. Era muito difícil. Eu era uma criança gordinha, sabe, naturalmente gordinho, como são algumas crianças, e eu passava tanta fome naquela época. Eu também me lembro da ONU vindo e medindo os pulsos das crianças e só dando comida para as que tivessem o pulso fino. Eu carrego essa memória também: eu era gordo demais, mas passava muita fome. Essa era a guerra (Registro de Campo 140314).

As duas articulações de Ruben sobre o papel de Savimbi em sua vida eram típicas das pessoas jovens que eu conhecia, que andavam na linha em público, mas nos ambientes privados eram frequentemente muito mais críticos do que achavam que poderiam transparecer. Os riscos da crítica no contexto do *capitalismo selvagem* são melhor entendidos ao analisarmos um dos “irmãos mais velhos” e mentor de Ruben, um homem que chamo de Bruno, um dos escoteiros mais experientes da região. Os dois trabalhavam juntos e haviam se conhecido quando Ruben se mudou para Benguela com 11 anos de idade.

Bruno viera de uma família extremamente pobre sem nenhuma conexão política. Quando criança, ele se encantava com os jovens que via usando o uniforme

dos escoteiros, que tinha apelo para seu senso estético ordenado. Ele convenceu seus pais a deixá-lo entrar para o grupo dos Filhotes – um dos vizinhos do *Agrupamento Z*. Ele galgou posições com muito esforço, e sua dedicação aos escoteiros rapidamente tornou-se um aspecto bem conhecido de sua personalidade. Ele assumiu tantos papéis de liderança quanto era possível, e as habilidades e contatos que obteve por meio do escotismo permitiram a ele conectar-se com diversas ONGs, além do braço local do MPLA Júnior. Sendo gentil, sincero, inteligente e ilimitadamente entusiasmado, Bruno tornou-se, na adolescência, um dos jovens mais conhecidos em Benguela-Lobito, e, na época em que o conheci, era um líder influente da juventude, cuja presença e redes de contatos abrangiam várias organizações. O escotismo, entretanto, era seu primeiro amor, como ele costumava dizer a qualquer um que escutasse.

Na época em que Bruno e eu nos conhecemos, sua família havia acabado de tomar uma decisão difícil: ele estava prestes a assumir um cargo oficial dentro da estrutura do MPLA. A decisão fora difícil porque Bruno sabia que isso comprometeria sua capacidade de ser crítico “ao partido [político]”, e, em algum grau, limitaria também suas atividades entre os escoteiros. Ele também sabia que muitas das pessoas que se inspiravam nele e eram silenciosamente críticas do Estado o veriam como um vendido. “Mas isso é exatamente o que eu estou fazendo, sabe?”. Ele explicou:

Eu não tenho escolha. O MPLA disse que eu estou me tornando muito influente, e que agora eu preciso estar com eles, ou eles dirão que eu estou contra eles e cortarão minha água e minha luz. Eu convoquei todos os membros mais velhos da minha família e os perguntei o que deveria fazer, e eles disseram “meu filho, você é um menino pobre, sem nada. Você precisa entrar para o partido, é a única maneira, ou eles te colocarão na cadeia.” Eles me disseram: “Bruno, não tem nada a ver com ideais, isso é como as coisas são em Angola.” E então eu aceitei, entrei para o partido, e não vou mais conversar com as ONGs, embora as pessoas dessas organizações saibam que, no meu coração, eu continuo com elas.

Quando Bruno era “apenas” um líder escoteiro, ele tinha alguma possibilidade de ser crítico do MPLA (como Ruben havia sido, ao menos em privado), mas, agora que ele trabalhava para eles em seu emprego oficial, ele não poderia mais fazê-lo (e, se o fizesse, ele seria acusado de deslealdade e prontamente demitido). Por causa do princípio da neutralidade escoteira, Bruno explicou, “eu não uso minha camiseta do MPLA quando vou às reuniões dos escoteiros, e não visto minha camiseta dos escoteiros quando vou ao MPLA. Mas o mesmo coração bate por baixo delas,

e esse coração é leal aos meus *irmãos* escoteiros antes de ao partido”. (Registro de Campo 140310).

PRATICANDO A PAZ

Sabendo quando e quais camisetas usar, ou quando criticar o Estado angolano, tanto Bruno quanto Ruben demonstravam as lições da máfia para o bem para prosperar sob as condições do *capitalismo selvagem*. Como organização, os escoteiros estruturavam e disciplinavam os comportamentos dos indivíduos, mas também abriam espaços para diálogos que de outra forma não existiriam. Ambos eram bastante conscientes de suas próprias escolhas, como revelam as entrevistas, e momentos como os com a Magdalena, descritos acima, mostravam como há uma testagem constante das fronteiras e exploração dos limites entre paz e conflito. O que repousava sob a camiseta e no coração era conhecido apenas com “os olhos da pele”, e, em cada caso, era profundamente pessoal, mas o escotismo provia a estrutura e a comunidade na qual era possível trabalhar conscientemente em benefício de uma sociedade angolana transformada. Por meio de doação de sangue, campanhas de arrecadação de alimentos, manutenção de prédios públicos ou da participação no Dia do Escoteiro Africano, jovens mulheres e homens assumiam, nos escoteiros, um papel público no país pós-guerra, e suas amizades, sua máfia para o bem, os sustentavam.

Aqui, é útil refletir sobre a materialidade não apenas da construção de novas casas, mas da construção de novas pessoas. Os uniformes repousam sobre a pele, os chapéus sombreiam os olhos, possuir um cinto, ou um apito, ou um par de botas marcam o pertencimento de alguém. Ainda assim, a materialidade por si só não era suficiente para convencer as testemunhas sobre a “qualidade” – que precisava existir no contexto de uma estrutura moral e social. Construir casas, ir para a escola ou fazer parte dos escoteiros eram todas maneiras nas quais a Nova Angola podia ser negociada, e as redes de contatos necessárias para prosperar sob condições de *capitalismo selvagem* podiam ser mantidas.

Por que isso importa? (toque)***Aprendendo a paz***

Para que a paz possa tornar-se uma expectativa, ela precisa ser repetidamente praticada. O *Oxford English Dictionary* define a prática como “a aplicação ou o uso real de uma ideia, crença ou método, em oposição à teoria ou aos princípios de algo”. A aplicação ou o uso da paz em Angola como uma ideia, crença e método não fora direta: sua chegada fora repentina e inesperada, e, depois de séculos de colonização e décadas de guerra civil, ser cidadão de um país em paz era uma experiência nova para todos. Como também era (e é) criar filhos em paz, como também era (e é) engajar uma geração de adolescentes que nunca conheceram a guerra. “Praticar” também é um verbo: “perseguir ou engajar-se em (uma ocupação, profissão, habilidade ou arte em particular)” (ibid.). A paz precisa ser praticada também neste sentido, e esse processo também está em andamento por todo o país. Milhares de ações cotidianas experimentam, testam, refinam e expandem a compreensão prática daquilo que um de meus interlocutores chamou de “a paz que nós temos” (Entrevista nº 104) e, por meio da ação e do diálogo do dia a dia, a paz que as pessoas desejavam.

Este livro explora as práticas da paz, seja enquanto verbo, seja enquanto pronome, práticas essas que a maior parte dos leitores descobrirão que ressoam suas próprias experiências vividas diariamente. A paz é também uma imagem, ou a falta de uma imagem, da guerra. Liisa Malkki escreveu extensivamente sobre o impacto das imagens da guerra civil nos corpos africanos; Jain mostrou que a linguagem da guerra causa o mesmo efeito que certos tipos de doenças. Em uma era de crescente pixilação, como nós imaginamos um país em paz? O que o olho – e o iPhone – captura das pessoas no dia a dia, e como os retratos da vida cotidiana no Facebook, Instagram ou SnapChat complementam ou desafiam a imagem de mundo que os próprios leitores estão fazendo? Como esse mundo é sentido?

POEMAS

PATERNIDADE

*ele me conta que seu objetivo
é ganhar o suficiente
pra que suas filhas não precisem beber água não filtrada
ele diz que ele
já desenvolveu os parasitas pra resistir à doença,
mas que deseja que suas menininhas
nunca tenham essas criaturas em suas barriguinhas.
água filtrada é mais cara que gasolina nessa cidade,
ele observa. Será que o governo
pensa que nós deveríamos beber combustível?
ele questiona, colérico.*

O PRÉDIO DA RÁDIO

*na praia, a areia rói nas entradas
um prédio com formato de um castelo oval monitora o
vai e vem dos barcos no porto de Lobito.
essa é a torre de rádio, de onde o poder escapava,
e, enquanto a fuga ocorria, também ocorriam chegadas – refugiados – e,
agora, as mulheres cultivam milharais ao lado de suas portas e
famílias dormem nos centros de toca-discos. A pintura
está gasta, mas brilhante: rosa, laranja, verde. O prédio
é um espanto de arquitetura e fantasia, e abriga
cinquenta pares de olhos humanos curiosos, e gatos, e cachorros,
e até duas cabras, e, no jardim, galinhas. Também é
um lugar onde os ônibus foram abandonados à ferrugem, tornando-se
um playground de proporções magníficas para pequenas
crianças, e tem também uma quadra de basquete, cimentada, onde
grupos reúnem-se aos sábados com uma bola, e jogam,
às gargalhadas, enquanto o sol se põe. mas o prédio da rádio é
ao lado do clube esportivo, e o clube esportivo é
ao lado do hotel caro, e, à medida que as lâmpadas
nos postes são reinseridas, os administradores da cidade
começam a cerrar seus punhos. Parece duvidoso
que os olhos e ouvidos e bocas dentro do prédio da rádio
possam ficar por muito tempo, então o medo agora mergulha
junto a cada vez que a luz central é acesa.
(aqui, eles são gratos pela Crise, mudança adiada novamente
a escadaria em espiral continua sua lenta desintegração).*

SETE MULHERES

*há sete mulheres velhas, algumas de pés descalços, algumas com chinelos de plástico
todas ligeiramente curvadas sob grandes baldes de plástico colorido, todas enrugadas
dos
anos de sol
suas camisetas, majoritariamente brancas, estão bem dobradas em amontoados de pano
brilhante
e elas correm geriaticamente para atravessar a estrada, de forma que todo o tráfego
prende a respiração para ver se elas passarão
ou um balde cairá; e, então, elas logram parecendo nada menos que miraculosas.
sete mulheres velhas, algumas de pés descalços, algumas com chinelos de plástico,
grandes baldes de plástico colorido cheios de verduras
atravessando a estrada.*

COMPRANDO PANO

*entrar na feira.
esgueirar-se com dificuldade entre motocicletas e
tiras de carne dependuradas. manter os dentes superiores
cuidadosamente tocando o lábio inferior para evitar engolir moscas.
depois da sessão da carne onde o carvão é vendido, depois
do carvão, eletrônicos. Continue, passe por
homens com carrinhos de rodas de madeira e passo ligeiro,
passo ligeiro até o ponto
onde três mulheres sentam-se com pilhas de pano estampado. Depois
de conversar um pouquinho
você perceberá que atrás delas há um lugar onde
as pessoas pagam para urinar e defecar contra a
parede em privacidade, seu nariz observará isso com interesse.
As mulheres vão bater papo e bater papo e gargalhar e dizer olha! Esse aqui é lindo!
Estampado com pássaros, laranja e amarelo
voando em um céu azul-petróleo e adentro de árvores verde-azuladas.*

MÃE DE FÁTIMA, NO NATAL DE 2013

*A caixa contém perfume, é dia de Natal
(e ela ulula de alegria e joga os braços para os céus)
A comida está bem feita, é dia de Natal
(e ela ulula com ousada alegria, e distribui bênçãos)
A igreja está cheia, é noite de Natal
(e ela ulula em ousada fantasia, e louva a Deus)
A casa está cheia, é dia de Natal,
(e ela ulula com ousada sinceridade, e conta histórias de devoção às crianças)
O coração está pleno, é dia de Natal,
(e ela ulula com gratidão, e nós também o fazemos)
Com graças por estarmos juntos, barrigas cheias, e um cheiro tão bom.*

A AJUDA CUBANA

*uma mulher tem uma filha que sofre
e o país não tem os recursos
a elas, é dito a todo momento
para adaptar as necessidades das crianças
mas há um jovem rapaz, um enfermeiro cubano
que lhe mostra rapidamente, em momentos fugidios na clínica
uma técnica para ajudar a crianças a andar um dia
mais alguns instantes, talvez uma semana, de conversas preocupadas
e o enfermeiro cubano vai até a casa onde vive a criança
e começa a entalhar-lhe uma cinta de madeira
e dentro da cinta ele massageia suas pernas
diz-lhes com seus dedos para o que ela serve
ela dá um passo sem cair
sua mãe chora
ela o paga por debaixo da mesa
a menininha o chama de Tio Cuba.*

O MOTORISTA

*Eu nunca havia visto um homem tão grande, músculos
do tamanho de cocos em seus braços, cada perna parecia um tambor
flexionando para a batalha.*

*Ele se aperta dentro de seu carro minúsculo
ou na cadeira junto à mesa coberta com uma toalha xadrez posta por
sua esposa com porcelana delicada*

*Ele se desdobra na praia, a visão
de cada baywatch, super-herói observador da baía
a areia amarela e a água azul-aço emoldurando-o para o Instagram.*

*Ele dirige carros em uma empresa para sobreviver
e levanta coisas para eles também, porque ele consegue
e volta para casa cansado, com seu corpo refreado; horas sobre horas.*

*E então ele se senta em seu amado sofá vermelho-amor
com o carpete felpudo a massagear-lhe os pés e suspira,
vocalizando todos os contentamentos do mundo.*

CAPÍTULO 3

MUDANDO GOSTOS: O PALADAR E O POSSÍVEL

Este capítulo inicia-se com receitas que o leitor pode sentir-se tentado a fazer em casa, lendo enquanto faz a sesta. Depois, ele se direciona a uma exploração de experiências gustatórias antes de focar em dois homens, um chef de cozinha e um alfaiate. A história de vida do chef está embebida em sabores literais e figurativos. O compromisso apaixonado do alfaiate com uma “moda angolana” desperta consciência sobre estética e gosto em um enquadramento sensorial mais inclusivo.

RECEITAS

Funge

Ingredientes

Duas xícaras de *funge* (farinha de mandioca moída), sal, água.

Modo de fazer

Aqueça a água em uma panela. Enquanto a água está aquecendo, bata o *funge* com água gelada até adquirir uma consistência suave. Adicione-o, então, à água quente e mexa constantemente até que o *funge* adquira uma consistência grossa e gelatinosa. Acrescente o sal e sirva-o com pratos com molho farto.

Calulu (peixe grelhado)

Ingredientes

Cerca de 1 kg de peixe seco, tomates, pimenta, uma ou duas cebolas, quiabo (se tiver disponível), alho, uma xícara de azeite de dendê, vegetais sortidos – especialmente mandioca ou folhas de batata-doce.

Modo de fazer

Lave o peixe, depois mergulhe-o em água fervente e reserve-o. Garanta que o peixe está descamado e desossado. Cubra-o em água fervente novamente e deixe-o amolecer. Coloque camadas de peixe e vegetais em uma panela e cozinhe. Acrescente por último o azeite de dendê e as folhas. Ferva até tudo estar bastante amolecido. Sirva.

Bolo de arroz

Ingredientes

Ovos, farinha de trigo, farinha de arroz, açúcar, manteiga, fermento.

Modo de fazer

Misture tudo em uma batedeira, coloque a massa em tubos de papel e asse em um forno quente até que fiquem dourados.

O HOMEM QUE FAZIA BOLOS, DONA MARIA E O SUSHIMAN

Antes de minha chegada a Lobito, ouvira sobre “o restaurante mágico da Áurea”, que, ouvia-se aos sussurros, fazia os melhores *pastéis de nata* da província de Benguela. *Pastéis de nata* são pequenos confeites semelhantes a pequenas tortas feitos de nata, ovos, baunilha e açúcar, com base de massa leve e tipicamente tostados em cima. É notório que foram criados em Lisboa, quando monges que tinham que sustentar-se após a Revolução Liberal do Porto, em 1820, fizeram uma proposta a uma refinaria de açúcar nas redondezas para vender suas tortas de ovos. Os resultados tornaram-se famosos por todo o mundo, sendo um alimento básico da cozinha lusófona, inclusive em Angola.

O restaurante da Áurea era reconhecido por seus confeites, mas também em virtude do status de lenda de seu proprietário, a quem chamarei aqui de Seu Joaquim. Seu Joaquim, diziam-me repetidamente, era ninguém menos que um gênio cívico e social. Durante toda a guerra, todos os seus 30 anos, ele nunca parou de assar bolos – ele conseguia encontrar açúcar, ovos e farinha (“quem sabe onde!”) e produzia doçura para o povo de Lobito. Originalmente de Portugal, ele chegara a Angola com dezessete anos de idade, e nunca retornou. “Ele é mais angolano que os angolanos”, eu ouvia com frequência – um elogio raro para alguém do norte global e vinculado ao antigo colonizador.

Por meses, eu passaria pelo restaurante da Áurea quase todos os dias para comer um sanduíche e beber um *galão*, nome do café com leite, observando as pessoas entrando e saindo enquanto escrevia minhas notas ou conversava com amigos. Frequentemente conduzi minhas entrevistas ali, e aprendi bastante sobre as dinâmicas da cidade simplesmente observando. Em antropologia, nós chamamos isso de “imersão profunda”,⁹² a qual permite que os cheiros, as texturas e os sabores de um lugar permeiem a pele e que os sons dos diálogos e do barulho ambiente entrem em nossa mente.

Todos os dias, sem falta, por volta das dez da manhã, Seu Joaquim descia do apartamento em que vivia na parte superior do restaurante. Encolhido em seu corpo sob o peso de seus 85 anos, ele ficava de pé atrás do balcão e respondia vagamente à enxurrada de cumprimentos dirigidos a ele por jovens e velhos. Quando tentei entrevistá-lo, percebi rapidamente que ele não conseguia mais ver ou ouvir direito, mas uma equipe de trabalhadores liderados por seus dois filhos conduziu-o gentilmente durante a manhã, e o afeto demonstrado por ele parecia a recompensa pelos quarenta anos de bolos assados ao alvorecer.

92 Geertz (1973).

Uma das coisas mais marcantes sobre o restaurante da Áurea era que eles serviam a todas e todos. Quero dizer com isso que era um dos poucos estabelecimentos em Lobito frequentado por todas as camadas da sociedade angolana. Das 6 às 8 horas da manhã, era comumente abarrotado por trabalhadores braçais – estivadores, pedreiros, agricultores. Suas mesas estavam repletas de homens, em sua maioria, quase todos vestindo uniformes com listras reflexivas, tomando grandes xícaras de *galão* adornados com colheres de açúcar e comendo pedaços enormes de pão branco frito. Crianças das casas nos arredores corriam para dentro e para fora, comprando o café da manhã para suas famílias.

Depois das 8 horas, o restaurante silenciava até o meio da manhã, quando profissionais de salto alto e sapatos engraxados começavam a entrar, e reuniões sobre americanos e cappuccinos começavam, acompanhadas por biscoitos delicados e tomada de notas em iPads. Durante o almoço, de novo, uma movimentação intensa: agora, os pratos pedidos eram majoritariamente sanduíches de queijo e presunto tostados, grossos croissants e, claro, *pastéis de nata*. De tarde, pais com crianças vestindo uniformes de escolas particulares apareciam, sentavam-se e mergulhavam em profundas discussões, as mães tomando chá, as crianças, com suas pernas balançando sobre o chão, geralmente bebendo milkshakes. E, antes de fechar, outra agitação: pães, pastéis não vendidos, frutas e bolos: os lindos bolos alinhados nas prateleiras da seção de confeitaria e que eram procurados por ricos e pobres da mesma forma, ideais para todas as ocasiões.

O restaurante da Áurea era central: as pessoas passavam lá a caminho do trabalho, indo para escritórios do governo ou quando iam fazer compras na loja recém-inaugurada da rede de supermercados sul-africana Shoprite. O restaurante ficava no cruzamento entre espaços residenciais, burocráticos e comerciais que todo mundo deveria visitar ocasionalmente, na cidade velha de concreto da *zona baixa*, próximo aos pontos de entrada e saída de muitas vias importantes. Acima da *zona baixa* ficava a *zona alta*, que levava à casa de Victoria, e seguindo em linha reta, depois das duas, ficava a *Restinga*. A *Restinga* era uma faixa estreita de terra que adentrava o oceano, formando uma baía natural que fazia de Lobito um porto de tamanha importância. A *Restinga* era onde as pessoas mais ricas da cidade historicamente haviam vivido: as casas eram gigantescas, e havia vias amplas e pavimentadas (não era algo a ser dado como certo!). O mar banhava a costa de ambos os lados dos três quarteirões, e bem na ponta tinha um barco no centro de uma rotatória. O barco fora a embarcação em que Eduardo dos Santos (presidente, 1979-2017) fugira para salvar sua vida durante a guerra decolonial. Era, agora, um monumento nacional que ficava logo à frente de um restaurante caríssimo chamado Zulu, comandado por sul-africanos.

Zulu era um bar frequentado pela elite, onde um copo de suco de laranja custava mais do que a maior parte dos angolanos ganhava por um dia de trabalho, mas

ao longo da costa existiam muitas outras opções. Uma delas, Dona Maria conduzia com punhos de aço. Uma angolana negra (ver Introdução, nota nº 5) casada com um homem branco – português de nascença naturalizado angolano – contabilizava o restaurante como sua sétima ou oitava carreira profissional, sendo a primeira delas a de soldado. Dada a localização do estabelecimento, seus clientes eram em grande parte angolanos expatriados e muito ricos. Embora o espaço fosse simples (uma laje de concreto que se alongava praia adentro, mesas de plástico estampadas com a marca de uma cervejaria local), a dinâmica social era muito diferente daquela do restaurante da Áurea: era muito menos movimentado e os visitantes eram exclusivamente pessoas de posses. Dona Maria comandava a cozinha e quatro jovens mulheres serviam os clientes e lhe davam apoio. As mulheres pareciam infelizes e desconfortáveis, geralmente abaixadas junto ao chão enquanto Dona Maria lhes direcionava insultos diariamente: Preguiçosa! Suja! Estúpida! Às vezes, o discurso era implacável.

Eram poucos os lugares de Lobito que serviam alguma coisa que vegetarianos pudessem comer, e o vegetarianismo era um hábito de quase uma vida inteira que, eu descobri, não conseguiria abrir mão. Então, a despeito de meu desconforto ocasional com o ambiente, vi-me retornando ao restaurante da Dona Maria e pude conhecê-la aos poucos. Sua vida não havia sido fácil. A família dela tinha sido “quase *assimilada*” depois da guerra, mas nunca conseguira a cidadania portuguesa. (“Assimilado” era uma categoria usada pelo empreendimento colonial português para garantir cidadania e privilégios sociais para angolanos e outros em suas colônias que haviam assimilado culturalmente valores, religião, práticas e comportamentos da sociedade portuguesa).⁹³ Quando o regime de Lisboa caiu em 1975, famílias como a de Dona Maria foram abandonadas social e economicamente. Alguns encontraram maneiras de ir para Portugal, mas em muitos casos – incluindo este – eles rapidamente se comprometeram com a ideia de uma Angola independente.

Dona Maria alistou-se para as forças armadas, e lá ela teve muitas experiências profundas, embora difíceis. Ela criou cinco filhos, apenas três chegando à idade adulta, e a vida dela, ela me dissera todas as vezes que nos encontramos, merecia virar um livro. Voluntariei-me ocasionalmente para escrever esse livro, mas ela estava ocupada com o restaurante e os netos. Fragmentos das muitas camadas de sacrifício que ela havia feito ao longo da vida emergiam vez ou outra em conversas casuais. Na época em que deixei o país, reconheci nela muitos dos marcadores sutis de um veterano de uma geração em particular: postura, tom de voz, vontade resolvida, impaciência com aqueles que eram mais jovens e que não desempenharam um papel ativo no desdobramento da história. Ela estava profundamente comprometida a

93 Corrado (2008), Ferreira Rosa (1936), Soares de Oliveira (2015).

uma versão de *angolanidade*⁹⁴ articulada na linguagem do projeto nacionalizador do MPLA dos anos 1970 e 1980, desenhado para unificar os angolanos ao redor de um conjunto de crenças fundamentais e práticas culturais em nível nacional. A culinária nacional era central para esse processo, então para Dona Maria, nesse momento de sua carreira, a *angolanidade* manifestava-se em pratos de *funje* e peixe fresco frito com molho de amendoim.

A um mundo de distância (embora, neste caso, isso fosse apenas 200 metros) ficava a pizzaria. A pizzaria abriu apenas algumas semanas antes de minha chegada a Lobito, e era considerado um dos restaurantes mais chiques da cidade. As pessoas vestiam-se muito bem para frequentá-lo – ninguém podia entrar usando chinelos ou calças jeans, e o custo de uma Coca-Cola era aproximadamente o triplo do que custava nas ruas. Uma vez por semana, nas noites de terça-feira, a pizzaria se transformava: tornava-se o único restaurante da província a oferecer sushi, e era um sucesso estrondoso entre a população da cidade, que, em muitos casos, passara algum tempo no exterior e desejava intensamente se reconectar às experiências cosmopolitas que eles tiveram.

O chef que fazia o sushi, Xavier, era de Luanda. Ele era jovem, visivelmente forte e muito encantador. Estava sempre imaculadamente vestido com uma camisa branca de botão, calças azuis e um avental com listras também azuis. Ele ficava atrás do bar brandindo facas, dissecando peixes com desenvoltura e dispondo as peças em padrões complexos e em rolos de arroz empapado enquanto brincava com clientes e transformava habilmente peixes, frutas e legumes em arranjos magistrais de sushi. O restaurante pagava sua passagem de avião que o trazia da capital à Lobito uma vez por semana, e os donos me garantiram que sua presença gerara lucro suficiente para cobrir as passagens e muito, muito mais.

Xavier havia se capacitado a fazer sushi no Brasil, após um encontro ao acaso com a prática quando ele fazia graduação em São Paulo. Apaixonando-se pela comida, ele decidiu mudar a direção de sua vida, e levar o sushi até Angola. Ele saboreava as reações de seus clientes às estranhas texturas e sabores de suas criações, e experimentava-as ele próprio diversas vezes. Para Xavier, seu trabalho era tanto uma maneira de expor os angolanos a novos sabores e experiências culinárias quanto uma forma de aportar seu talento único às técnicas que ele aprendera estudando com um chef professor que era a quarta geração de uma família nipo-brasileira.

O gênero da crítica culinária é vasto e muito rico. Grande parte dele é prático, e manifesta-se na forma de livros de receita. Alguns deles são bastante políticos. Judith Farquhar⁹⁵ é uma antropóloga que escreveu um livro chamado *Appetites*:

94 Soares de Oliveira (2016).

95 Farquhar (2002).

food and sex in post-socialist China, no qual ela cita a *Bandeira Vermelha*, uma revista produzida durante “o grande salto adiante” da China, de 1958 a 1962, quando Mao Zedong incentivava radicalmente a industrialização: “comer e beber são meras frivolidades? Não. A luta de classes existe nas pontas dos seus *kuáizi* (nome mandarim para hashis)”,⁹⁶ o texto proclama. Nas narrativas de Seu Joaquim, Dona Maria e Xavier, há muito que definitivamente é político, da cidadania a partir do esforço durante a guerra até as oportunidades educacionais no Brasil contemporâneo.

Falar de comida também pode significar falar de mercadorias, e existem exemplos excelentes que remetem às complexas histórias da humanidade a partir da perspectiva de alimentos particulares, como o açúcar,⁹⁷ o café⁹⁸ e o pão.⁹⁹ A comida é um assunto rico para nós das ciências sociais, pois, da perspectiva da comida, podemos delinear histórias inteiras de ingredientes, como e por quem foram produzidos e os significados associados aos respectivos alimentos, o status que revelam sobre quem as come (pense em estudantes universitários e pizza grátis), as jornadas pelas quais ingredientes individuais da comida tiveram que passar de modo a acabar sobre a mesa. Algumas vezes, aprendemos bastante coisa apenas olhando para a mesa.¹⁰⁰

Em Angola, o carboidrato básico é o *funje*, uma substância viscosa, densa e relativamente branca feita de mandioca ou milho. Come-se o *funje* com peixe, frango ou vegetais e é preciso molho para dar-lhe sabor. A mandioca é cultivada localmente, e as raízes são trituradas em pilões de madeira do tamanho de tambores até virarem uma farinha branca e fina. Essa farinha é colocada em água fervente com um pouco de sal e, às vezes, um pouco de óleo, e essa mistura é mexida no fogo até engrossar. É um alimento barato e relativamente nutritivo. A planta é nativa do Brasil – foram traficantes de escravos que a introduziram originalmente em Angola. Atualmente, a mandioca é o terceiro carboidrato mais consumido nos trópicos, depois do trigo e do arroz, e o maior produtor mundial é a Nigéria. Ela é usada como biocombustível, para a alimentação animal, amido para lavanderia e para fazer tapioca – inclusive as bolas encontradas em chás de bolhas.

Os sabores que Xavier, Seu Joaquim e Dona Maria trouxeram à vida em cada refeição evocavam viagens, esforço e aspirações. Por meio das comidas que preparavam, as experiências de suas vidas e das vidas daqueles que os cercavam eram espelhadas e elaboradas. Quando Xavier fazia sushi com peixe cru pescado

96 Id. *ibid.*, p. 79.

97 Mintz (1986).

98 Pendergrast (2010).

99 Jacob (1997).

100 Schielke (2011).

no mesmo dia no Oceano Atlântico e tiras delicadas de manga, ele construía sobre uma tradição que há muito crescera para além do Japão. Quando Dona Maria preparava *funge* e *calulu* (peixe seco com feijão em molho de azeite de dendê e folhas de batata-doce), ela misturava ingredientes de todo o mundo de uma forma reconhecível como “angolana”, acrescentando seus próprios temperos e sabores em uma assinatura gustatória que muitos de seus clientes reconheceriam em qualquer lugar. Seu Joaquim fazia o mesmo com seus bolos e seus *pastéis de nata* – quando eu perguntei pela receita para o último, meu pedido foi gentil e firmemente negado: “a receita dele é segredo, Jéssica”, disseram-me (Registro de Campo 180516).

Entender o que as pessoas comem, como elas comem e os julgamentos feitos pelos outros a seu respeito em razão do que e de como comem é essencial para compreender classe, saúde, política e distribuição de alimentos no mundo em que vivemos. No capítulo anterior, *chefe* Ruben, dos escoteiros, discorreu de maneira emocionante sobre sua memória do fornecimento de comida pelas Tropas de Paz das Nações Unidas durante a guerra civil. É importante refletir que em 2018, quando esse texto estava sendo escrito, cerca de 150 mil toneladas de comida são jogadas fora todos os dias nos Estados Unidos, de acordo com um relatório recente.¹⁰¹ Simultaneamente, a fome empurra milhões de pessoas em direção à inanição no Iêmen – uma desigualdade espelhada de maneira mais ou menos óbvia em quase todas as grandes cidades do mundo, onde partes da população têm banquetes enquanto outras são condenadas à fome, ou entopem-se com carboidratos vazios dos fast-foods e das comidas processadas.

A questão não é a falta de comida no mundo, mas os desafios da distribuição, e cada porção de comida que é consumido está permeado de história. É possível ver esse ponto brilhantemente colocado no livro *Hungry planet*, de Peter Menzel e Faith D’Aluisio,¹⁰² que mostra o que uma semana de mantimentos significa para famílias de 50 países ao redor do mundo. Também recomendo manter e comparar diários alimentares, nos quais cada pessoa escreve o que ele ou ela comeu em cada dia por uma semana e, então, todos no grupo comparam seus diários para ver os sabores, a história e a economia expostos à mesa. Ao final deste capítulo, um ensaio visual torna mais fácil imaginar o contexto deste livro, em que pessoas com renda disponível estavam começando a sair para comer pela primeira vez, e quando novos sabores – inclusive o sushi – estavam sendo cultivados. Primeiro, entretanto, permitam-me compartilhar duas histórias orais dos “fazedores do sabor” em Lobito: Sr. Oniko e Lino, cujas histórias de vida mostram os caminhos pelos quais os sabores são aprendidos, refinados e moldados.

101 Milman (2018).

102 Menzel e D’Aluisio (2007).

HISTÓRIAS ORAIS: AS HISTÓRIAS DE DUAS VIDAS

À época em que este livro estava sendo escrito, mais de 18 milhões de pessoas ao redor do mundo haviam “curtido” a página do Facebook “Humans of New York”. O autor/fotógrafo da página, Brandon Stanton, tornou-se internacionalmente conhecido depois que começou a fotografar dez mil “humanos” na cidade de Nova York e percebeu que, ao publicar fragmentos das conversas que ele havia tido com as pessoas em questão, poderia capturar algo de suas histórias de vida e comunicá-las de maneira mais eficaz. Mais importante, ele se deu conta de que as pessoas de fato se importavam.¹⁰³ Parte do que fez o trabalho de Stanton tão poderoso é que as redes sociais permitem comentários públicos e podem inspirar outras ações e, em muitos casos, as histórias compartilhadas pela plataforma tornaram-se virais, levando à doação de dinheiro e recursos, ou a ofertas de apoio e intervenções que estão muito além dos atrativos que plataformas convencionais poderiam alcançar. Hoje, Stanton trabalha frequentemente em parceria com as Nações Unidas e outras entidades humanitárias, esforçando-se para aumentar a conscientização, a empatia e as ações por aqueles que, de outra maneira, estão “além das lentes” das intervenções humanitárias.¹⁰⁴

Contar histórias de significado mais amplo por meio da vida de indivíduos não é algo novo nas ciências sociais. Stanton encontrou uma fórmula mágica para fazê-lo, compreendendo o funcionamento das redes sociais e a crescente visualidade do mundo contemporâneo. No entanto, historiadores, antropólogos, classicistas, arqueólogos e muitos outros usaram “histórias de vida” ou “histórias orais” por séculos, de forma a demonstrar como a experiência individual de alguém pode vir a representar temas relevantes para a sociedade como um todo, ou para o que está além dela.¹⁰⁵

Nesta seção, eu conto as “histórias de vida” de dois homens, Seu Oniko e Lino Espelanga. Em relação a Lino, o nome usado é seu nome verdadeiro, pois ele espera que os leitores encontrem-no no Facebook (Lino Espelanga Estilista); Seu Oniko será facilmente identificável para as pessoas que vivem em Lobito, caso desejem conversar com ele, pois o reconhecerão no cinema onde ele trabalha. Ele está de acordo com isso, mas escolheu um pseudônimo de toda forma, já que é um homem mais reservado quando se trata de estranhos. Seu único pedido foi que seu pseudônimo designado fosse um nome africano, pois, em suas palavras, “nomes são poderosos, eles alcançam nossa verdade” (Registro de Campo 180520). Entre

103 Stanton (2015).

104 Malkki (1996).

105 Biehl (2003), Peacock e Holland (1993), Portelli (2003), Vansina (1985).

2011 a 2018, conheci ambos muito bem. Lino e eu conversamos regularmente no Facebook, mas Seu Oniko não possui um smartphone ou usa a internet, então ligo para ele ocasionalmente.

Escrevi essas histórias de vida em primeira pessoa, mantendo as palavras de nossas conversas e entrevistas, mas, por vezes, reorganizando a sequência para adequá-las ao fluxo lógico necessário para a leitura. Lino leu o dele, e aprovou – ao menos a versão em português, pois não é muito fluente em inglês. Minha amiga Victoria levou uma cópia impressa da história de Seu Oniko no Cinema Flamingo para que ele lesse, e ele lhe disse que gostou e que estava feliz que eu tenha focado em sua vida, pois essa era a única coisa que ele poderia contar com certeza após tantos anos (e-mail, 14 de janeiro de 2019).

A antropologia e outras disciplinas têm há tempos consciência das dinâmicas de poder, linguagem e voz que validam tipos específicos de narrativas, mas a revolução digital mudou dramaticamente a velocidade e a intensidade dessas colaborações, seja no diálogo acadêmico ou público. Atualmente, trata-se menos do *self* e do “outro”, como costumava ser a compreensão dessas relações, e mais da *selfie* e do outro¹⁰⁶ (ver capítulo 5). Nestas histórias orais, a vida de Seu Oniko nos dá uma visão sobre a comida como algo que sustenta, nutre e espelha a mudança social. Uma vez que ele é um chef e um agricultor, é fácil perceber o “gosto” em suas experiências. A história de Lino, no entanto, é de um fazedor de gosto, em que gosto refere-se às preferências sobre moda e estilo. Ela conecta-se à tatilidade do capítulo anterior, e aos desejos e aspirações por mudança das pessoas da geração de Lino, para quem a comida era cada vez menos uma preocupação frequente.

SEU ONIKO

Fonte: várias conversas face a face durante 2013, 2014 e 2018, mas a maioria das informações foi trazida à tona durante a Entrevista nº 25 e atualizada em maio de 2018 durante três visitas.

“[Maio de 2018]: Eu me lembro da primeira vez que você veio aqui, não queria te contar minha vida, mas eu mudei de ideia. Eu vou compartilhar isso com você porque é importante que as pessoas saibam como as coisas são de verdade. Em 2013, 2014, quando nós estávamos conversando, era muito melhor. Agora, depois da crise econômica, tem sido muito difícil. Eu vou te contar a minha vida, e você vai ver o quão difícil estão as coisas de novo. Talvez isso vá mudar, se Deus quiser, mas às vezes eu perco a esperança. Eu estou muito bravo, mas você não pode viver

106 N.T.: Jogo de palavras utilizando a expressão “o eu e o outro” (the self and the other) e “a selfie e o outro”, em alusão aos autorretratos comuns em redes sociais.

com tanta raiva, faz você ficar amargo. Então segue em frente, todo dia, e faz o que você pode. Talvez Deus entenda isso, eu não sei.



Imagem 5 Seu Oniko no bar do restaurante Joker no Cinema Flamingo.

A guerra roubou minha juventude. Eu cresci na época colonial aqui na província de Benguela, em um subúrbio da cidade de Benguela, mesmo. Comecei a estudar para ser chef quando tinha catorze anos, e comecei a trabalhar para os portugueses. Casei-me, jovem, mas naquela época isso era normal, a primeira vez com dezenove anos, e tive um filho. Então, tive que ir para o exército – não tinha escolha – e fiquei lá até os meus trinta e cinco anos. Quando o exército depôs as armas na década de 1990, os soldados mais jovens foram incorporados ao novo exército, mas nós, que éramos mais velhos, fomos simplesmente descartados, como se não importássemos. Em geral, o governo de Angola não se preocupa com o povo. Agora você vê um monte de estradas e pontes, e isso é bom, mas não é o suficiente. Como um Estado pode ser um Estado se só investe em infraestrutura, não nas pessoas? Enfim. Os jovens de hoje são passivos, então isso é em parte culpa deles.

Quando deixei o exército, não sabia o que fazer. Como depois da guerra tinha sido cozinheiro, decidi tentar de novo. Aprendi a falar um monte de línguas enquanto estive na guerra – francês, espanhol e as muitas línguas nacionais de Angola, então eu tive sorte. Consegui um emprego de chef na companhia petrolífera nacional porque era capaz de conversar com estrangeiros. Eles me pagavam bem,

e eu pude aprender bastante a respeito das pessoas que trabalhavam lá. Tinha um homem francês, e ele era vegetariano. Eles estavam tentando matá-lo! Eu juro, eles deram batata frita e salada pra esse homem durante um ano inteiro. Então eu aprendi como cozinhar para ele, e agora tomo conta de todos os vegetarianos. Ele ficou muito grato.

Trabalhei para todas as empresas petrolíferas em diferentes momentos, Chevron, Total, Sanangol. Aprendi a cozinhar tantas comidas diferentes – tinha até um homem da Coreia que dizia que, se ele pudesse, teria me levado pra casa com ele porque ele gostava muito da comida que eu fazia. Aprendi a fazer comida coreana a partir das descrições dele, era divertido! Eu cozinhava para franceses, alemães, ingleses, até pessoas da União Soviética! Consegui comprar um apartamento que estava abandonado na *Restinga*, consegui por meio de um contato que tinha no porto. Agora, eu o alugo, mas ainda não tenho dinheiro para mantê-lo.

Por volta de cinco anos após a guerra, a empresa petrolífera onde eu trabalhava estava se expandindo, e eles queriam me mandar para a Nigéria. Eles estavam dispostos a dobrar o meu salário, mas eu teria que deixar Angola e, na época, eu já tinha cinco dos meus seis filhos, e tinha me casado com outra mulher. Depois da guerra, não queria sacrificar minha família novamente, então saí dessa empresa – decidi ir embora. Tinha três mil kwanzas no meu bolso, e então me perguntei: o que vou fazer agora?

Esse espaço no qual nós estamos agora, esse velho cinema – quando eu era criança, a cidade toda vinha pra cá para assistir aos filmes, e era fantástico! Eu sabia que ninguém estava ocupando o imóvel, então conversei com a minha esposa e, por meio de um amigo de um amigo, nós encontramos o contato de um homem português que era o dono. O espaço nunca fora nacionalizado, então ainda pertencia a ele. Durante a guerra, ele pagou por segurança privada, então o prédio nunca fora ocupado também. A segurança era boa, pois essa parte da cidade costumava ser um parque de diversões: tinha montanhas-russas, carrosséis e carrinhos bate-bate, e pessoas vendendo pipoca, sabe, com a praia bem perto. Era uma das partes abertas da cidade, então quando os refugiados vieram do interior, eles acamparam aqui, e ainda vivem por aqui. Hoje em dia, é perigoso, pois os refugiados realmente não tinham nada naquela época e eles continuam tendo muito pouco agora, trinta anos depois.

O homem português me respondeu. Seu advogado veio duas vezes de Luanda, e nós concordamos que eu poderia abrir o restaurante. Eu pagava a ele US\$ 500 por mês de aluguel, ainda que estivesse fazendo todo o trabalho e ele não estivesse usando o espaço. Pinteí, limpei e restaurei tudo que podia. Cultivava verduras e legumes no antigo parque, e coloquei peixes nos tanques novamente. Trabalhava no escritório e no antigo bar, que agora é o restaurante Joker. Minha esposa cozinhou, e nós servíamos talvez cinquenta ou sessenta pessoas todos os dias e, aos

fins de semana, nós alugávamos o espaço para casamentos e fornecíamos refeições nas festas. Eu adoraria comprar e restaurar esse espaço, mas perguntei para o homem e ele disse que quer oito milhões de dólares por ele. *Oito milhões de dólares!* Se eu tivesse até três milhões, acredite em mim, eu não estaria trabalhando aqui! O proprietário é um homem muito velho, ele crê que o cinema está congelado no tempo do jeito que ele o deixou. Ele não entende o que a guerra fez conosco, com a cidade.

Nós começamos o restaurante, foi um trabalho duro, mas lentamente nós construímos uma reputação própria, e eu reformei o prédio. Toda vez que eu tinha algum dinheiro, ele ia pra esse lugar, ou para a casa que estou construindo em Catumbela. Minha filha mais nova é muito, muito inteligente. Eu quero que ela tenha uma vida diferente, então a mandei para a escola particular. É cara, mas é boa, e estou guardando dinheiro para comprar um computador para ela, porque vejo que este é o futuro. Uma vez por mês, vou a Lubango para comprar frango e outros mantimentos, porque são mais baratos lá.

Até a crise econômica, essa que aconteceu no fim de 2014, as coisas estavam indo bem. Então, tudo começou a ruir com as cebolas. Repentinamente, houve uma praga, e as cebolas ficaram muito caras, então muitos de nós começamos a plantá-las aos montes. Aí o mercado foi inundado com elas e ninguém as comprava. Eu tinha milhares e milhares de cebolas e não conseguia dinheiro algum com elas. Então, o preço do petróleo caiu, e o governo também já não tinha mais dinheiro algum. As pessoas não eram mais pagas, a maior parte dos estrangeiros deixou o país, era como o fim do mundo novamente. De uma hora para a outra, um monte de novas doenças apareceu e não havia remédios nas farmácias igual antes. Muitas lojas fecharam.

Aqui em Angola, a vida é assim. Sempre foi assim. Você não pode pensar muito no amanhã, você precisa encontrar uma forma de sobreviver hoje. Com todos esses desafios, as pessoas não trabalham muito bem e, com frequência, não se comprometem. É um problema real, mas não é surpreendente, com toda nossa história, com o que está acontecendo agora. Nós temos muita corrupção, mas isso também não é surpresa – apenas veja nossa história. Durante a guerra, havia três tipos de lojas para três tipos de pessoas, e as pessoas pobres, bem, a única maneira que eles encontravam para comprar uma cerveja era fazendo isso ilegalmente, então agora nós temos essa mesma lógica sendo colocada em ação, de novo e de novo, não há o que baste de nada para contorná-la.

Tive outro filho em 2016, ele tem dois anos agora. Mas a mãe dele – minha esposa, que costumava cozinhar, lembra dela? – morreu no ano passado, ela acordou um dia e então morreu. É difícil criar os filhos, fazer tudo isso sem ela. Especialmente na minha idade. Meu filho pequeno, na verdade, está no hospital agora, preciso ir visitá-lo hoje. Espero que ele não morra também, porque como é

possível confiar nos médicos? E eles podem dizer para mim que eles precisam de um dinheiro que eu não tenho. Nem o dono do cinema me pede mais dinheiro, ele está lá em Portugal, acho que ainda está vivo.

É muito difícil viver aqui agora. Ninguém mais tem dinheiro, eles não vêm comer em restaurantes. No entanto, você sabe que um cozinheiro e um médico são muito parecidos. *O cozinheiro trabalha com carnes mortas para salvar, e o médico trabalha com carnes vivas para salvá-las da morte.* Antes da crise, os angolanos começaram a provar comida boa – coisas que eram verdadeiramente saudáveis, que os sustentava, os nutria, mas depois da crise ficou muito ruim de novo. Se as pessoas não conseguem ter dinheiro para comer, eles vão acabar indo para o médico, mas isso é triste, pois se eles viessem até mim eu conseguiria mantê-los saudáveis – e isso seria muito melhor. Não confio de jeito nenhum no governo, eu só confio no trabalho. Você trabalha muito, dá duro, e sua vida continua, até que sua hora chega. Isso é tudo.”

LINO ESPELANGA

Fonte: várias discussões presenciais documentadas em 2013 e 2014, diálogo por redes sociais de 2014 a 2019, e entrevista informal nº 107.

“Minha vida tem sido cair e levantar, cair e levantar novamente. Não tem sido fácil, mas está tudo nas mãos de Deus. Só Deus sabe nosso futuro e, se algo acontece, é pela vontade de Deus, por causa do Seu plano.

Nasci em 1990 na província de Huambo. Na época, estávamos em guerra, as coisas não eram fáceis. Minha família não era rica, nem um pouco rica. Só vi meu pai uma vez na vida, logo antes de ele morrer. Minha mãe nos criou, mas ela é quase cega, então ela nunca trabalhou. As pessoas nos ajudavam, e nós fazíamos o que era possível para conseguir comida. Às vezes, minha mãe conseguia auxílio do Estado por sua deficiência, mas geralmente nós não tínhamos dinheiro algum. Éramos em cinco crianças – sou o filho do meio. Agora, nós somos quatro.

Meu irmão mais velho fazia alguns pequenos negócios e, antes disso, ele também foi soldado e médico no exército, e um catequista. Ele nos sustentou até morrer – foi ele em grande parte quem colocou dinheiro em casa, então eu fiz o ensino primário com o apoio dele. Aí, em 2005, ele saiu de casa, e nós achamos que ele ia pregar. Era sexta-feira. Ele não voltou. No sábado, nós começamos a perguntar por ele, depois na igreja, no domingo, mas ninguém o havia visto. Na segunda-feira, minha prima, que é enfermeira, disse que ela achava que nós deveríamos ir ao hospital. Ele estava lá, tinha sido atacado e bateram muito nele. Seu corpo – eu não consigo nem lhe dizer o que tinha acontecido com seu corpo. Forçaram ele a beber

gasolina. Ele morreu duas horas depois de nós chegarmos lá. Foi muito difícil. Até hoje não sabemos o porquê.

Então agora somos quatro, duas irmãs ainda estão em Huambo, e eu moro com minha terceira irmã, nossa mãe, os três filhos do meu irmão e meu filho, aqui em Lobito. Nós viemos para Lobito porque minha mãe tinha parentes aqui, e, na minha infância, viemos aqui pra visitá-los uma vez. Pensei que seria melhor que em Huambo, esta cidade traz muitas memórias, nós precisávamos recomeçar. A esposa do meu irmão não quis vir, já faz anos que ela não vê os filhos. O mais velho tem 12 agora, os outros dois têm 6 e 8, e meu filhinho tem 2 anos.

Mas deixa eu voltar um pouquinho pra minha infância. Terminei a escola primária, mas a escola não era muito boa. Às vezes os professores apareciam, mas às vezes não, e nós tínhamos muito pouco dinheiro. Eu não podia continuar a estudar porque a família precisava de dinheiro para comida. Tentei de tudo: trabalhei como segurança, mas meu chefe era terrível – muito bravo. Eu tinha que ficar sentado ao relento a noite toda, e tive malária muitas vezes. Saí desse emprego quando fiquei muito, muito doente, tive que ir ao hospital e estava muito fraco. Depois melhorei e comecei a trabalhar como pedreiro, mas era um trabalho chato e ficava com o corpo muito cansado, e eu tentei muitos trabalhos, mas não gostava de nenhum. Meu destino não estava nas coisas que estava tentando, e eu continuava pensando ‘não, tem que haver algo melhor’.

Virar alfaiate aconteceu por acaso, por um acaso de sorte. Eu sempre amei moda! Eu era aquela criança que não tinha tanto interesse por futebol, mas sempre ficava olhando roupas bonitas. Um dia, estava andando por Huambo, lá onde eu costumava morar, e vi um homem fazendo roupas. Ele estava trabalhando em sua máquina, e tinham algumas pessoas o ajudando, e as coisas que ele estava fazendo eram tão lindas. Fiquei curioso com isso: Como nossas roupas eram feitas? E as roupas especiais, para casamentos, para outros eventos? Uma hora eu criei coragem suficiente para falar com ele, e o convenci a me ensinar. Parei de só usar moda, passei a aprender como fazê-la! Isso era muito importante para minha vida.

Trabalhei por volta de quatro meses com este homem, ele me ensinou muito. Lembro-me do primeiro par de calças que fiz. Uau, aquelas calças me levaram quatro dias para fazê-las! Agora faço calças em meia hora, elas são tão fáceis – mas, na época, eu não sabia nada. Tive sorte, porque calhou que meu avô tinha uma máquina de costura muito, muito antiga em Kwanza Sul, e eu estava visitando-o. Ele não a estava usando, então disse-me para levá-la, e de repente eu me vi começando uma carreira no mundo da moda, que amo tanto.

Comecei a acreditar em mim mesmo. O homem de quem eu fui aprendiz não tinha muito tempo, então depois de quatro meses deixei o lugar e passei a

aprender sozinho. As pessoas começaram a ouvir a meu respeito e, então, devagarinho, devagarinho começaram a me pedir para fazer algumas coisas para eles, e eu ia melhorando cada vez mais. Experimentava, cometia muitos erros, mas eu prestava muita atenção a todos os diferentes tipos de roupas que via, e ia melhorando aos poucos.

Em 2006, quando meu irmão morreu, nós nos mudamos para Lobito, como eu disse. Levei a máquina de costura comigo, consegui um espaço aqui na *praça* (mercado a céu aberto) e comecei a trabalhar. Naquela época, não tinha muitas pessoas trabalhando com o *pano africano*, mas estava começando a se tornar popular, e o governo ajudou bastante pois eles estavam tentando garantir que todos tivessem orgulho nacional. O governo dizia: ‘por que fazer o que os europeus, os asiáticos ou os brasileiros fazem – por que não ser angolano, ser africano?’ Era algo sobre o orgulho negro, sabe?

De repente, as pessoas estavam usando muito mais *pano* na TV e começaram a fazer o mesmo na vida normal também. Isso foi bom pra mim porque, você sabe, eu sou um angolano orgulhoso, e eu gosto de trabalhar com esse tecido. Agora, faço de tudo: roupas formais para casamentos, para todas as ocasiões, para a noiva, o noivo, as crianças. Gosto mais de fazer roupas com *pano*, mas se o cliente quer algo, eu consigo fazer, o que quer que seja. Se eu não sei, vou aprender a fazer. Tem uma agência de modelos em Huambo e, às vezes, também trabalho para eles, se eles precisam de tecido local. Eles confiam nos meus designs e sabem que costuro bem.

Nos primeiros meses de 2009, bem quando já tinha alguns clientes e as coisas estavam indo bem aqui em Lobito, o armazém da *praça* foi roubado durante a noite. Perdi tudo! Minha máquina de costura, as roupas de vários clientes, todos os meus suprimentos. Foi difícil. Graças a Deus, a maior parte dos meus clientes foi compreensiva, mas foi um tempo muito difícil e eu não sabia o que fazer. Então, um dos amigos do meu irmão me disse que tinha uma máquina de costura que ele não estava usando, eu a peguei emprestada e recomecei, e as coisas melhoraram. Tinha minha página do Facebook, e alguns clientes do Brasil, da Espanha, de Portugal. Eles faziam pedidos pelo Facebook, e eu mandava as coisas pelo correio, e aí comecei a ganhar um dinheiro bom.

Comprei um pequeno pedaço de terra para construir uma casa só minha na *Zona Alta*, e estava me preparando para instalar meu negócio no centro de Lobito, na zona comercial, em uma loja de verdade, que era meu sonho. Estava tão perto, mas aí vieram as enchentes. As enchentes foram em março de 2015, e elas levaram a casa onde eu morava – por sorte, ninguém estava em casa quando isso aconteceu. Mas na casa estavam todos os meus documentos, tudo! Certidão de nascimento, identidade, cartão do MPLA, porque você sabe que nós temos que ser membros

do partido aqui, *tudo*. Da minha irmã e da minha mãe também. Nós perdemos muita coisa. Além disso, muitas coisas da *praça* foram danificadas, então meu empreendimento sofreu muito, e nós ficamos fechados por muito tempo. Esse foi outro momento que foi muito difícil, não consigo nem descrever. No entanto, cair e levantar novamente, você entende, então eu não tinha escolha a não ser levantar.

Desde 2015, estou reconstruindo tudo. As coisas estão indo bem agora; o gosto das pessoas mudou, e elas gostam do que eu faço – elas gostam do *pano africano*. A maior parte das minhas clientes é mulher, para ser honesto. Às vezes, elas forçam seus maridos a vir aqui, e eu tiro medidas para uma camisa, se for para um casamento ou algo assim, mas a maior parte das vezes é a mulher que vem, e agora elas veem como é bom se vestir com *pano*, especialmente a *semakaka*. Estou quase pronto para formalizar o meu negócio, só estou esperando o último documento e um pouco mais de dinheiro. Substituir todos os documentos levou muito tempo, e eu ainda precisava desse último, e é muito caro com todas as taxas. Mudar-me para o centro da cidade também não é fácil, pois você precisa de dinheiro, mas seria muito melhor para os negócios, já que as pessoas confiariam ainda mais em mim se eu não estivesse trabalhando a céu aberto.

Assim que eu tiver meus documentos, vou completar o processo de registro do meu negócio em Luanda. Isso também é difícil, mas uma vez feito, você pode fazer tanta coisa. Candidatei-me para ter uma licença para o “Grupo Lino Esplanada” – não apenas alfaaiataria, mas quero ter uma agência de modelos também, em que eu possa fazer desfiles de moda dos meus designs e serviços relacionados: muitos tipos de costura, um salão de beleza e um posto de gasolina onde as pessoas podem abastecer o carro enquanto esperam, vou registrar vinte oito atividades e ver o que acontece. Entretanto, isso é caro, cada carimbo custa 5.500 kwanzas, e são vinte páginas para carimbar. Aí você tem que ir a Luanda, um transporte de aproximadamente 10.000 kwanzas, e você tem que gastar no mínimo 2.000 kwanzas para dormir em um hotel da cidade. Além disso, você não pode ficar por lá por apenas dois dias porque você nunca vai conseguir resolver tudo, então tem que ser no mínimo uma semana. Acaba virando um monte de dinheiro. Se as pessoas pensassem no dinheiro devidamente, elas nunca registrariam um negócio! Mas você precisa, pois quando o negócio é formalizado, aí você consegue tomar empréstimo no banco, e muita coisa que era impossível antes fica possível.

Por agora, não quero me casar. Meu filho vive comigo, eu o amo e amo sua mãe, mas por agora meu negócio é tudo para mim. Mais tarde, acho que vou querer me casar, só não é importante no momento, e já tenho muitas responsabilidades. Eles dizem que Deus ajuda aqueles que correm. Vou te dizer, tenho corrido bastante! Agora mesmo tenho dois funcionários, mas meu sonho é me tornar um grande empregador. Queria ter a agência de modelos, como eu disse, para mostrar minhas

roupas, e uma fábrica para produzi-las. Gostaria que as pessoas comprassem minhas roupas no Brasil, em Portugal, nos EUA, em Cuba. Quero que as pessoas saibam que sou eu, Lino Espelanga, estilista. Quero que elas gostem do que eu faço.

Primeiro, sei que preciso estudar. Estou terminando o ensino médio agora, durante a noite. Depois do trabalho, estudo três horas toda noite, e eu gosto, estou aprendendo. Quando eu tiver o certificado, quero estudar design em Portugal. Sei que será difícil, e só Deus sabe como eu vou pagar e continuar a alimentar todas as crianças, mas preciso ter mais habilidades para que eu possa fazer parte do mercado global. Sempre estou procurando por parceiros e sócios. Angola é difícil, mas também é um país bom, e eu tenho orgulho. Pouco a pouco nós estamos indo na direção correta, e tenho apenas vinte e oito anos de idade, então sou jovem...”.

Por que isso importa? (gosto e sabor)***Mobilidade***

Seres humanos são móveis, mas móveis de muitos jeitos diferentes. Isso não é novidade. Angola e sua relação com o Brasil complica a narrativa da migração sul-norte e nos lembra que o globo foi atravessado por séculos. Entre os anglófonos, há pouca consciência de que muitos mais escravos foram levados para a América do Sul e o Caribe do que para os Estados Unidos, por exemplo. A mobilidade da culinária, da geografia, das classes sociais, do estilo de vida, da religião e do escotismo, dentro dos sistemas ideológicos de conhecimento da era da Guerra Fria, circulados pela mídia contemporânea, nos lembra do desejo de que tantos seres humanos tenham que mudar a si mesmos, explorar novos horizontes e, de maneira quase literal, abrir novas portas para suas famílias.

As “jornadas” agora são frequentemente mapeadas no Google ou no Waze, mas a palavra tem a mesma raiz que “dia”, e “fazer um diário” (*to journal*) significa registrar e escrever. Na literatura antiga, uma “jornada” geralmente é tanto espiritual quanto física, e requer superar obstáculos que são tanto externos quanto mais pessoais. Empatia diante das jornadas de outras pessoas é algo crítico para o sucesso em uma força de trabalho globalizada, e prestar atenção para a mobilidade, as jornadas daqueles em Angola pode abrir novas portas imaginativas para os próprios leitores. O sentimento empático por si só, entretanto, não é suficiente: pode levar a cliques em petições por causas muito distantes, mas sem uma agenda política e ações claras, é provável que muito pouco do status quo deva mudar.

Muitas pessoas no mundo vivem hoje vidas multissituadas, o que significa que suas lealdades, amores e sonhos estendem-se por diversos países diferentes ao mesmo tempo. Isso, por sua vez, complexifica ideias sobre o nacionalismo que dominaram o discurso internacional nos últimos três séculos, e aponta para a necessidade de novas ferramentas que compreendam como as tecnologias cambiantes também levaram a lealdades cambiantes que são frequentemente menos “aterradas” que antes e são, com frequência, levadas pelas emoções, ao invés de basearem-se em mudanças políticas coerentes que podem levar a ajustes estruturais (no sentido literal do termo).

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

ENSAIO FOTOGRÁFICO 1



À noite, vizinhos na Bela Vista apreciam cervejas de uma loja em um contêiner de navio localizada em um restaurante informal. Morar em um prédio de apartamentos permite que olhemos para a vida social da cidade abaixo. Eu tirei essa foto da sacada do apartamento de Victoria.



Jantar em um restaurante exclusivo em Luanda desfrutando coquetéis e camarão fresco; em uma casa modesta, ingredientes para uma refeição típica são dispostos antes que o cozimento comece.



Doces e bolos na vitrine do restaurante da Áurea; um barco de pesca ancorado no porto na orla de Lobito.



Grande parte de Angola ainda é agrícola. No passado, essa região era conhecida pelo café e pelo algodão. Agora, há majoritariamente hortas de legumes e verduras. Por décadas, havia o risco de acidentes com minas terrestres quando se trabalhava em fazendas e sítios. Anos de trabalho duro e perigoso fizeram o solo seguro novamente para plantação. Ele é irrigado por rios como este – o Catumbela, outrora uma rota do tráfico de pessoas escravizadas capturadas no interior e levadas à costa.

ENSAIO FOTOGRÁFICO 2



Essas são as instalações do mercado em Catumbela, onde pessoas escravizadas eram vendidas ao Brasil, Europa e para o resto das Américas. Poucas pessoas da região conhecem sua história e, à época da escrita, não havia sequer uma placa.



Fazer compras significa hoje ir a vários tipos de lugares. Nas *praças*, ou mercados a céu aberto, pode-se comprar roupas usadas do norte global, ou roupas novas e baratas da China. Tudo isso é sustentado pelas atividades do porto, que faz de Lobito uma das cidades mais importantes de Angola. Aqui, sua infraestrutura aparece lentamente sobre as casas ao amanhecer.



Outdoors anunciam novas coisas para serem compradas, como a bebida sul-africana alcoólica e cremosa feitas com frutinhas da árvore marula. Uma enchente de boa vontade nos Estados Unidos em 2012 levou a uma repentina abundância de camisetas com o nome de um chefe militar de Uganda na *praça*.



Durante a guerra civil, os supermercados lutaram para manter estoques nas prateleiras, e a maior parte da comida da população vinha de lojas de ração. Agora, o capitalismo de livre-mercado vê uma proliferação dos supermercados, que quase sempre têm ar-condicionado, mas onde os produtos raramente são tão frescos ou tão baratos quanto aqueles disponíveis nos mercados a céu aberto.

CAPÍTULO 4

MÚSICA, *FOFOCA* E NOTÍCIAS: SOM, ESPAÇO E ORIENTAÇÃO

LEITURA SONORA: ESPECTROGRÁFICOS, ANOTAÇÃO, LINGUAGEM

Como nós pensamos sobre o som? As imagens apresentadas na Imagem 6 são espectrográficos de gravações em MP3 feitas em meu iPhone durante o trabalho de campo. Eu as importei para o GarageBand em meu laptop e fiz capturas de tela dos espectrográficos autogerados feitos para ajudar trabalhadores a mixar, modificar e acentuar sons. Os espectrográficos já foram incomuns, mas atualmente eles são antiquados, e muitas pessoas conseguem “ouvir” espectrográficos da mesma maneira como músicos treinados na notação musical ocidental conseguem olhar para as notas em uma partitura e “ouvi-las”.¹⁰⁷

Neste capítulo, enfatizo o som em uma sociedade – não apenas música, que já foi ricamente explorada nos termos do nacionalismo angolano por Marisa Moorman,¹⁰⁸ mas também a linguagem e o barulho ambiente, bem como a forma como tudo isso junta-se em uma experiência sensorial que molda não apenas o que nós sabemos, mas como sabemos e o que fazemos, como resultado. Minha expectativa é que os leitores absorvam este capítulo enquanto acessam o YouTube ou o Spotify, ou qualquer outro serviço de transmissão de músicas, ouvindo algumas das ricas e variadas músicas de Angola. A lista é longa: meus preferidos incluem Paulo Flores, Erika Nelumba, Celma Ribas, Yannick Afroman, MC Kappa, Mathias de Má시오, Nelo Paím e Neide Vanduném.

¹⁰⁷ Ingold (2007b).

¹⁰⁸ Moorman (2004, 2019).

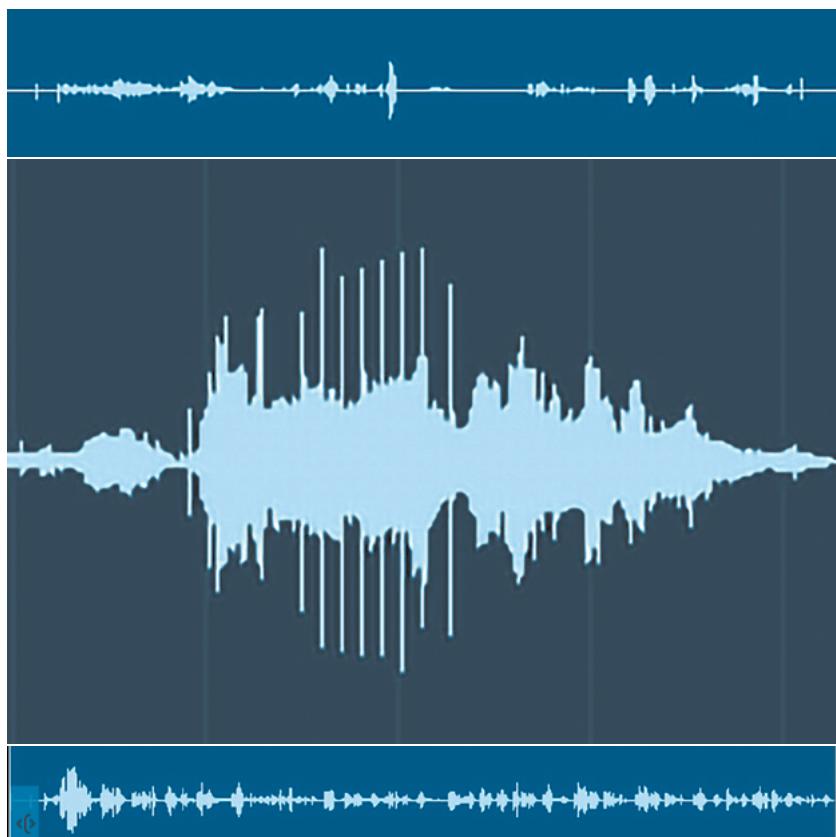


Imagem 6 *Acima*: barulho ambiente gravado na casa de Victoria, 10 de maio de 2018, Lobito. *Meio*: detalhe do barulho ambiente, 10 de maio de 2018, Lobito. *Abaixo*: crianças cantando o hino nacional angolano, 22 de maio de 2018, Lobito.

A Zumba, que se tornou popular ao redor do mundo, vem do termo *kizomba*, um tipo de dança originária de Angola. Capoeira, a arte marcial brasileira, também tem sua origem em Angola, e muitos dos instrumentos usados na capoeira hoje em dia são comumente tocados lá. Aqueles que têm fascinação particular pela música deveriam pesquisar o compositor/artista/fabricante de instrumentos musicais angolano Victor Gama, que se especializou no desenvolvimento de novos instrumentos musicais e já se apresentou junto a alguns dos músicos mais conhecidos do mundo, levando ao repertório deles os sons de seu país natal.

Neste capítulo, utilizo a emergência do setor de educação superior angolano como um local a partir do qual é possível pensar através do som e das formas que os sons nos moldam. Primeiro, entretanto, é útil garantir que um certo vocabulário compartilhado seja apresentado. Para este fim, compartilho dez palavras-chave próprias dos sons nas ciências sociais. Como lista, está longe de ser exaustiva do tema, e foi incluída aqui majoritariamente para que as seções seguintes possam

fazer mais sentido. Ideias complexas, por vezes, também requerem uma expansão do vocabulário, pois as palavras são as ferramentas que temos para “escutar” sons, e, quando esses sons ainda não nos são conhecidos, precisamos encontrar formas de construí-los em nossa imaginação.

SOM

O som é uma onda de pressão que chega aos nossos ouvidos e que nós interpretamos. Físicos, linguistas, psicólogos, músicos e tantos outros já estudaram, escreveram e experimentaram o som, e existe toda uma vertente da antropologia que emergiu ao redor do assunto.¹⁰⁹ É tão básico, tão uniforme, tão subjetivo de forma a ser quase silenciado em nossas vidas cotidianas, e frequentemente nós experienciamos o som mais como uma vibração. Neste capítulo, será útil modular (ao invés de reorientar) com o som em mente de maneira a prestar atenção plena aos sons, sejam eles ambientes ou quaisquer outros (por exemplo, o som do trânsito em Lobito, que foi tecido junto aos tons suaves de vendedores de rua chamando clientes em umbundu ou português, de crianças rindo, de batidas de kuduro e kizomba e de motores nem sempre perfeitamente afinados).

PAISAGEM SONORA

“Paisagem sonora” (*soundscape*) foi um termo cunhado nos anos 1970 pelo musicologista/compositor R. Murray Schafer¹¹⁰ em um livro chamado *The tuning of the world*. Ligeiramente semelhante às outras paisagens, a paisagem sonora supostamente captura a “totalidade dos sons percebidos por um indivíduo em um dado ambiente e configuração espacial”,¹¹¹ e o termo se tornou popular na arte contemporânea, em que paisagens sonoras são, atualmente, frequentemente instaladas em museus. Nem todo mundo gosta desse termo: Tim Ingold¹¹² sente, de maneira bastante incisiva, que “paisagens sonoras”, como “paisagens artísticas”, removem quem escuta da *experiência* do som, e devem, portanto, ser abandonadas. Independentemente de se gostar ou não da palavra, um exemplo está capturado na Imagem 6, em que o som ambiente circundando a varanda de Victoria foi gravado.

109 Cox (2018).

110 Schafer (1977).

111 Eisenlohr (2018, p. 12).

112 Ingold (2007a).

CEGUEIRA SONORA

“Cegueira sonora” é outro termo famoso cunhado em 1889 por Franz Boas.¹¹³ Boas costumava usá-lo para descrever sua observação de que muitas pessoas situadas em um novo ambiente auricular não conseguiam “ouvir” o que outros percebiam como distinções básicas em sons, levando a uma grande confusão em termos de significados, pronúncia e intenção assumida. É provável que qualquer um que tenha aprendido uma nova língua tenha tido um vislumbre de como, a princípio, tudo parece barulho, mas lentamente, com a prática, é possível começar a “ver” por meio do som, compreendendo e identificando as diferentes unidades do discurso disponíveis. Eu, por exemplo, tive uma amiga próxima em Angola que era de Portugal, mas levou-me seis meses para aprender a entender seu português. O sotaque das pessoas da sua região de Portugal era tão diferente da forma como eu havia aprendido a língua que, por meses, eu simplesmente não conseguia distinguir as palavras contidas na corrente de som. Eu ficava muito constrangida que nós tivéssemos que falar em inglês, mas ela era gentil e paciente comigo. Linguagem é quase sempre aprendida em contexto e o vocabulário comum e a estrutura gramatical por vezes não são suficientes para que a comunicação ocorra.

MÚSICA E BARULHO

Qual é a distinção entre música e barulho, e seria a música de uma pessoa o barulho de outra? (Durante minha fase *heavy metal* no ensino médio, minha mãe certamente pensava que sim.) Como identificamos e nos movemos ao som dos ritmos? O que nós consideramos harmonioso? Como nós esperamos que a música progrida, se desenvolva e se conclua? Isso também é cultural e socialmente determinado. Alguns estudiosos sugerem que a música tem relação com o poder e em como o poder está organizado na sociedade e, assim, música tem tudo a ver com a canalização da ordem, da desordem e da violência.¹¹⁴ Outros dizem que o gosto musical (da mesma forma como o gosto em qualquer outra coisa) é um produto da socialização e do posicionamento de classe.¹¹⁵ Uns poucos argumentam que o reconhecimento e a apreciação musical é frequentemente aprendida ainda muito jovem, e, posteriormente, é, geralmente, uma questão de exposição auditiva. Barulho, de acordo com R. Murray Schafer, é aquilo que bloqueia a comunicação.¹¹⁶

113 Boas (1889).

114 Attali (1977), Cox (2018).

115 Bourdieu (1984).

116 Schafer (1977). Cf. Serres (2008).

Certa vez, fui a Copenhagen desenvolver alguns trabalhos políticos para o Corpo de Juventude Pan-Africana ao qual era filiada na época. Lembro-me de convencer um colega camaronês a esgueirar-se para o fundo da sala sinfônica dinamarquesa para ouvir a uma orquestra clássica, algo que ele nunca havia escutado até então. Ele conseguiu permanecer por sete minutos antes de sair tapando os ouvidos – ele me disse que era a pior coisa que ele já ouvira, e olhou para o preço dos ingressos com estupefação (fiquei aliviada que nós não tivemos que pagar!). Para o meu colega, as harmonias e as formas produzidas pelos instrumentos encordoados não se misturavam, não seguiam um fluxo do qual ele pudesse tirar sentido: os violinos eram agudos demais, os instrumentos de sopro soavam para ele como água, e o que era mais impressionante para mim foi sua reação aos próprios músicos. Eu não anotei o que ele disse, mas era algo como “como podem ser músicos se eles se sentam de forma tão rígida com os instrumentos, se eles nem podem se mexer com o som?”. Para ele, música também era movimento, quase uma dança.

VOZ

“Não é apenas o fato de que vozes soam diferente”, escreve-nos Matt Rahaim, “vozes *são* diferentes” (e-mail para o autor, 31 de outubro de 2018). Rahaim nos ajuda a pensar sobre como as palavras “voz” ou “a voz” podem significar muitas coisas diferentes a depender do contexto – desde as vozes das crianças sendo fisicamente mapeadas, por exemplo, em um dos espectrográficos da Imagem 6, à “voz das pessoas” que “falaram” nas eleições de 2017 e substituíram um presidente por outro em Angola. Vozes – as humanas – têm sotaques, e tais sotaques frequentemente dão pistas sobre suas origens (como no caso de minha amiga portuguesa mencionada acima), classe social, educação ou exposição global, mas animais também têm sotaque: um gato *purrs* em inglês, mas ronrona em português. O fato de que eu falava português com sotaque brasileiro, mas era, na verdade, sul-africana, confundia muitos dos meus interlocutores em Angola, e também me libertava de algumas associações negativas relacionadas a sul-africanos brancos. O fato de que eu falasse kreol nas Ilhas Maurício com um sotaque tingido por África do Sul, Angola e os Estados Unidos fazia exatamente o mesmo, e, desde que retornei para a Cidade do Cabo depois de uma década distante, impressiona-me a frequência com que me perguntam “de que país você é?” após os cumprimentos iniciais. Também há uma literatura extensiva sobre esse tópico, alguns deles indicados na seção Sugestões de leitura.

OUVIR

Escrevendo esta seção do livro nas Ilhas Maurício, bem longe da biblioteca universitária de mais de 15 milhões de itens que eu costumava frequentar para ler, queria obter uma cópia do livro chamado *On Listening*.¹¹⁷ Dragada por um buraco negro da internet, descobri-me pesquisando “como escutar” no Google e fiquei atônita em ver mais de *um bilhão e trinta milhões* de páginas somente em inglês. Aparentemente, ouvir é algo com o que as pessoas têm problemas. Uma rápida olhada, entretanto, por algumas poucas páginas do início dos resultados exibidos sugere que “as pessoas” a quem a internet estava falando são geralmente (mas não exclusivamente) WEIRD. “WEIRD” é uma sigla em inglês para “Ocidental, Estudado, Industrializado, Rico e Democrático” (*western, educated, industrialized, rich e democratic*). Essas são também majoritariamente (mas, uma vez mais, não exclusivamente, e existem muitas iniciativas excelentes que pautam mudanças) as pessoas que escrevem os algoritmos nos quais a internet se baseia.¹¹⁸

Dos muitos resultados sobre o assunto, o primeiro a aparecer foi uma página do WikiHow chamada “Como ouvir”, que se iniciava com a passagem abaixo:

Adotar uma abordagem ativa e engajada em relação à escuta irá melhorar seus relacionamentos e enriquecer sua experiência do mundo. Se você quer aprender como escutar com atenção total e responder de forma que mantenha as pessoas falando, continue lendo.¹¹⁹

Como é frequente os casos de comunicação com os WEIRD, o “você” aqui é presumido enquanto um tipo único de leitor: um leitor WEIRD, à semelhança do escritor WEIRD do referido post. Esse escritor do WikiHow não reconhecia, nem poderia reconhecer, que essa forma de comunicação é conscrita e amplamente influenciada pelo sucesso acachapante de um único livro e da indústria que emergiu ao seu redor: o *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, de Dale Carnegie,¹²⁰ originalmente publicado em 1936. Susan Cain,¹²¹ entre outros, demonstrou como esse livro consolidou uma forma extrovertida e hiperativa de comunicação WEIRD que pode ser extremamente desafiadora aos introvertidos e àqueles fora do contexto WEIRD, não importando quem sejam essas pessoas que vivem fora dele. No

117 Lane e Carlyle (2015).

118 Rudder (2014).

119 WikiHow (2019).

120 Carnegie (2004).

121 Cain (2013).

contexto do *capitalismo selvagem*, as pessoas em Angola escutavam profundamente, não apenas as palavras, mas tudo o que era revelado no não dito, em que ambos eram moldados pelo momento político e social (lá e em outros lugares). Isso revelava pistas sobre educação, influência e, como é explorado na seção abaixo, sobre ideologia.

TRADUÇÃO

Se, como muitas pessoas, você fala mais de uma língua, você já deve saber que a tradução não é uma ciência exata. Muitas palavras são difíceis de serem traduzidas pois elas capturam experiências ou referências culturais mais amplas. Diversos filmes, livros, peças e mesmo as artes plásticas exploram os desafios da tradução que, é claro, também são os desafios de escrever esse livro em inglês. É importante lembrar que quase tudo descrito neste texto foi de fato dito, ouvido e experienciado em português, ou talvez em umbundu, chockwe ou espanhol – mas que eu experimentei uma cegueira sonora com frequência, e talvez não tenha nem escutado alguns detalhes que poderiam ser altamente relevantes. Todos nós possivelmente experimentamos cegueira sonora em diferentes momentos não apenas com a linguagem, mas em relação a gênero, idade e contextos mais abrangentes, e este é um dos desafios da tradução. Como nós traduzimos aquilo que não conseguimos ouvir?

Iracema Dulle¹²² escreveu de maneira poderosa sobre a forma como a linguagem e a tradução (ou os erros de tradução) serviram aos interesses de vários grupos de poder em Angola. Eu mesma já escrevi sobre as dificuldades de traduzir *capitalismo selvagem* como um termo em si mesmo, mas, aqui, deixe-me dar o exemplo do *fixe*. A primeira vez que o escrevi em minhas notas, eu o transcrevi como *fish*, e só aprendi a escrevê-lo devidamente depois que Victoria quase caiu da cadeira onde estava sentada enquanto ria de mim. *Fixe* era o equivalente angolano para a palavra brasileira *legal*, que vem do termo inglês “legal” quando este significa legítimo. *Fixe* também significa legal, excelente, ok e mais termos adjuntos. “Como você está?” *Fixe*. “Como foi o fim de semana?” *Fixe*. “O que você acha da tradução?” *Fixe*.

LINGUAGEM CORPORAL/GESTOS

Quando as pessoas interagem, é realmente muito raro que elas permaneçam paradas, e a linguagem corporal frequentemente fornece pistas críticas para como

¹²² Dulle (2015a, 2015b).

uma frase deve ser interpretada. Estudiosos por vezes referem-se a este processo como “gesticular”.¹²³ A linguagem corporal pode ser difícil de captar no texto escrito e os gestos são às vezes deixados de fora das notas e dos textos em geral, então no texto que se segue incluí deliberadamente os gestos feitos por meus interlocutores que ajudaram-me a interpretar o que eles estavam dizendo. Como o texto que segue demonstra, alguns gestos estão fortemente mergulhados em história. Em nossa entrevista, quando Dr. Nascimento defendia apaixonadamente um ponto de vista, ele batia com o punho na mesa, aludindo sutilmente ao martelo de um juiz; quando Dr. Tchimboto ensinava de cima de um púlpito, ele estava “canalizando” um discurso de pregação. Se é possível pensar em múltiplas dimensões quando se lê, a experiência será em grande medida enriquecida.

SILÊNCIO

Em meio a todas essas palavras, é crucial que não percamos o silêncio de vista.¹²⁴ Silêncios fornecem as pausas nas quais juntamos nossos pensamentos, estão amplamente presentes naquilo que está se desdobrando, e, talvez, reconhecem as limitações do nosso conhecimento. Sem o silêncio, não pode haver som, e, como o som, o silêncio é infinitamente variável. Como o som, os silêncios precisam também ser ouvidos.

ECOS DA GUERRA FRIA: EDUCAÇÃO SUPERIOR, IDEOLOGIA E DEVERES CONTESTADOS

UNIVERSIDADES VINDAS DA POEIRA

Em uma tarde quente, sentei-me com Dr. Tchimboto, à época diretor do Instituto Superior Jean Piaget de Benguela (daqui em diante, Jean Piaget), nos arredores da cidade de Benguela. Estávamos ao ar livre, no jardim do campus, onde o som da água jorrando de um sistema de irrigação dava uma base rítmica à nossa conversa. A água aterrissava em lâminas de grama da grossura de dedos, e um par de pequenos pássaros brancos procuravam comida embaixo de uma palmeira tropical, chilreando ocasionalmente. Nos prédios ao nosso redor, havia preparações em andamento para as celebrações de aniversário de dez anos da instituição:

123 Rahaim (2012).

124 Ross (2001).

escrivaninhas e cadeiras raspadas nos pisos de concreto, instruções sendo dadas a plenos pulmões e repetidas em vozes mais brandas. Dr. Tchimboto estava quieto e orgulhoso da jornada que a universidade havia percorrido até o momento, e bastante consciente de como seria difícil continuar a prosperar naquele clima social e político desafiador. “Nós estamos começando na tradição das universidades aqui em Angola”, ele disse pensativo, “e tudo que virá depois depende do que faremos agora” (Entrevista nº 36).

Aqui, exploro esses inícios. Considero o setor universitário emergente como um espaço no qual tanto a mobilidade social quanto a transição do socialismo para o capitalismo têm particular relevância, e onde as práticas de paz têm uma tração poderosa. Aproveito-me da noção de “estruturas do sentimento”, de Raymond Williams,¹²⁵ para chamar atenção à forma como as visões individuais de mundo de membros da faculdade são compartilhadas através da linguagem e comunicadas para a nova geração. Essas biografias foram moldadas pelas contestações ideológicas em cena durante a Guerra Fria, manifestas nos slogans, canções e formas de expressão que apoiavam tanto a doutrina capitalista como a socialista. Essas doutrinas (definidas na Introdução e entendidas aqui como as ideias coletivas às quais um grupo se afilia) eram aparentes em instituições de educação superior. Neste capítulo, foco em duas delas, a universidade estadual em Benguela, Universidade Katyavala Bwila (daqui em diante, UKB), e Jean Piaget, uma universidade católica privada que é parte de uma cadeia de universidades baseadas em Portugal, mas que se estende por todo o mundo lusófono. Note que essa análise reflete como as coisas eram em 2013 e 2014 – em 2018, algumas mudanças haviam ocorrido, sobre as quais reflito ao fim deste capítulo.

Na UKB, os professores eram majoritariamente formados em Cuba e em países da antiga União Soviética, ou eram eles mesmos professores cubanos em contratos de curto prazo. O socialismo era a ideologia que moldara a maior parte de suas vidas, e à qual era esperado que aderissem. Na Jean Piaget, em contraste, o ensino era feito majoritariamente por pessoas que estudaram no Brasil, em Portugal, na África do Sul e na Europa, onde o capitalismo era consideravelmente mais arraigado. Muitos deles também eram estrangeiros, mas não havia cubanos na equipe de ensino, e o diretor da instituição era enfático em dizer que não os contrataria em razão das “diferenças na forma de pensar” (Entrevista nº 36).

Ao longo da etnografia que se segue, irei ilustrar como e porque essas diferenças vêm a ter significância. Por ora, permitam-me simplesmente dizer que quando Jonas Savimbi – líder do UNITA, partido de oposição de longa data – foi morto em 22 de fevereiro de 2002, encerrando a longa guerra civil, intelectuais formados

125 Williams (1977).

sob o socialismo não foram para a cama e acordaram no dia seguinte defendendo Donald Trump e o capitalismo. Ao invés disso, como em outros setores da sociedade angolana, professores universitários viram-se repentinamente digladiando-se com as novas regras em jogo no *capitalismo selvagem* enquanto permaneciam guiados pela formação que haviam recebido. Redes de contato, necessidades e o “tráfico de influência” (ver capítulo anterior) determinavam quem era contratado onde e para fazer o que e, é claro, os indivíduos eram atraídos por lugares onde sentiam-se familiarizados com os costumes sociais e intelectuais – tanto os implícitos quanto os explícitos.

O argumento proposto aqui é que a Guerra Fria continua a moldar as paisagens intelectuais angolanas em grande medida pelo que é dito (ou não), e para quem isso é feito. Ele investiga como o pensamento veio a ser estruturado durante a era da Guerra Fria, e como ele opera durante a paz. Eu exploro a utilidade de educação universitária no contexto do *capitalismo selvagem* antes de trabalhar a noção das *jornadas científicas*, ou as conferências. Em um nível, *jornadas científicas* é apenas uma das traduções literais disponíveis a partir do português e descreve as reuniões de acadêmicos no setor de educação superior nascente. Em sua forma mais poética, *jornadas científicas* é um termo útil para compreender a tentativa do país de criar o que o então ministro do ensino superior Dr. Adão Nascimento (que ele descanse em paz) chamou de “identidade científica” para o país em paz (Entrevista nº 55).

Quando me sentei com o Dr. Tchimboto nos jardins do Jean Piaget, ele apontou para o prédio recém-pintado que ficava à nossa direita, e para as plantas e pássaros. “Nós precisamos construir as universidades do nada, vinda da poeira”, ele disse (Entrevista nº 36). O que o Dr. Tchimboto descreveu aqui era a construção da infraestrutura necessária para que o ensino ocorra; a construção de instituições um tijolo por vez. Igualmente significativa é o desenvolvimento de estruturas de conhecimento que está se desenrolando na educação superior angolana hoje, na qual as universidades são apenas uma parte do ambiente auditivo que inclui instituições religiosas, a mídia, cultura popular, o Estado, contação de histórias e, claro, *fofocas* simples e cotidianas.

O SETOR DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ANGOLANO

O carro-chefe entre as universidades de Angola, a Universidade Agostinho Neto, foi fundada em Luanda no ano de 1962. Originalmente chamava-se Universidade Geral de Angola, e sua história e funcionalidade foram bem documentadas na abrangente pesquisa da socióloga angolana Maria C. B. Mendes sobre a

instituição.¹²⁶ Até relativamente recentemente, Agostinho Neto era a única universidade do país e mantinha pequenos campi satélites nas capitais provinciais, inclusive em Benguela. O campus em Benguela oferecia formação em pedagogia e psicologia até 2009, quando a política governamental mudou e determinou que a Agostinho Neto fosse dividida em diversas instituições independentes. Durante a escrita deste livro, existiam doze universidades surgidas dessa forma espalhadas por dezoito províncias de Angola, e o plano era de uma expansão nacional até que todas as regiões fossem contempladas.¹²⁷

Essas universidades recém-instituídas são conhecidas como universidades públicas, e estudar nelas é gratuito, diferentemente das universidades privadas, que custam por volta de centenas de dólares por mês. Nas públicas, o ingresso é garantido por meio de um exame de admissão aberto para todos aqueles que optem por prestá-lo, mas o processo é extremamente concorrido. Não obtive números concretos sobre os exames de admissão, mas evidências anedóticas da UKB sugerem que a matrícula em alguns cursos parece ser muito mais concorrida do que a admissão em universidades de primeira linha dos EUA, como Harvard ou Stanford (supostamente as mais difíceis para ser admitido no mundo todo).¹²⁸ Na UKB, por vezes centenas de estudantes competiam por apenas vinte vagas em uma aula de determinada matéria, e o processo complexificava-se ainda mais pela aceitação de propinas em algumas faculdades, embora não em outras, ou pela “reserva” de espaço para parentes de indivíduos poderosos (embora as admissões por legado dificilmente sejam um desafio exclusivo de Angola).¹²⁹

Diferentemente das universidades privadas (descritas a seguir), a maioria dos estudantes das públicas tinham vinte e poucos anos. A maior parte ainda vivia na casa dos pais, além de trabalhar para financiar os gastos decorrentes do estudo. Embora não houvesse mensalidades, o Estado não fornecia (e ainda não fornece) uma bolsa mensal que possibilitasse estudar sem trabalhar. Christiano era um jovem de dezenove anos extremamente talentoso que calhou de eu conhecer muito bem. Ele cresceu em circunstâncias precárias, e foi atraído para uma estação missionária cristã estadunidense em virtude das aulas de música oferecidas pela igreja. Rapidamente, dominou todos os instrumentos disponíveis, e seu sonho era poder

126 Mendes (2013).

127 INEE (2006).

128 É reconhecidamente difícil entrar em Stanford e, em 2018, a universidade aceitou menos que 5% das candidaturas para a graduação para pouco mais de duas mil vagas. Evidência anedótica sugere que o cenário na UKB era aproximadamente equivalente, mas eu não consegui checar a informação. Não tomei conhecimento de nenhum estudo que tenha sido feito sobre o número de alunos de países menos ricos, particularmente os da África Sub-saariana, que se candidatam para instituições de graduação e que são recusados por falta de capacidade.

129 Friedman (2019).

estudar música no Brasil. Entretanto, ele prestou o exame de admissão na UKB “por acaso”, e foi selecionado para estudar ciência da computação em 2014.

Quando deixei meu emprego na escola onde lecionava música para viajar para o Brasil a fim de aprofundar minha pesquisa, Christiano assumiu meu lugar (fazendo um trabalho muito melhor que o que eu havia feito). Ele trabalhava em tempo integral na escola, fazendo malabarismos constantes para conseguir encaixar sua grade horária da universidade junto com as exigências do horário da escola, e andando freneticamente de transporte público pela distância de trinta quilômetros que separava as instituições. Ele gostaria de poder ou estudar em tempo integral, ou trabalhar em tempo integral, mas, sem o trabalho, não conseguiria manter-se ou realizar a contribuição esperada para a renda de sua família. Ele também era bastante consciente de que, no contexto do *capitalismo selvagem*, uma graduação universitária compensaria, ao menos parcialmente, por aquilo que lhe faltava em termos de capital social e econômico, e, à medida que o país tentava se regular, cada vez mais qualificações eram exigidas. Muitas vagas de emprego exigiam graduação universitária, embora frequentemente não especificassem a disciplina. Dessa forma, era comum ouvir as pessoas dizerem que a motivação para seus estudos era “pelo papel, não por interesse”.

Como resultado, ele trabalhou, como a maior parte dos angolanos que conheci, exaustivamente para conseguir simultaneamente estudar e ter uma fonte de renda. Isso, me disseram, era o esperado no *capitalismo selvagem*. Quando retornei, em 2018, Christiano já estava próximo de concluir seus estudos, embora tivesse convencido a UKB a deixá-lo trocar o curso para o de pedagogia. Ele também montou de maneira bem-sucedida uma orquestra na escola, onde antes ninguém sabia como ler notação musical, e eu fiquei estupefata em ver a sala de música recheada de crianças com as quais havia lutado para ensinar a tocar flauta-doce aos seis anos de idade, mas que agora, aos dez, estavam tocando violino!

As limitações de vagas nas universidades públicas criaram o que é efetivamente um mercado de vendas no campo da educação superior. Múltiplas instituições foram rapidamente abertas, e lhes faltavam alunos – ao menos até a crise financeira do país. Um estudante de sociologia da Jean Piaget, que eu imagino que tinha quase oitenta anos, explicou-me dessa forma: “A guerra roubou nossa educação e, agora, nós a queremos de volta” (Registro de Campo 140510). O governo angolano tinha bastante consciência dos desafios que enfrentava (e continua a enfrentar), e trabalhava incessantemente para apoiar a emergência de um setor de educação superior funcional. O *Plano Nacional de Formação de Quadros* endereçava a necessidade de preparar o país para o crescimento demográfico pós-guerra que já vê um grande número de jovens de todos os setores da sociedade que necessitam de acesso à educação. No plano de 2012, o governo estimou que, em 2015, 200.000

jovens estariam inscritos na educação terciária,¹³⁰ embora a crise econômica tenha diminuído consideravelmente esses números.¹³¹

Na época de meu trabalho de campo, existiam seis universidades privadas e uma pública (UKB) atendendo as duas cidades onde eu trabalhava, e os alunos das universidades privadas pagavam entre US\$ 200 e US\$ 350 mensais para estudar, além das taxas extras que eram cobradas por materiais e cerimônias. A admissão nessas instituições geralmente não era, de forma alguma, concorrida; o que importava era a capacidade de pagar todas as taxas. Muitos alunos estudavam por poucos meses, ou talvez um ou dois anos, e então pausavam os estudos para trabalhar antes de prosseguir. A Lusíadas, que cobrava US\$ 350 por mês, era de longe a mais cara das universidades privadas, e tinha alguns alunos que não trabalhavam e eram sustentados por seus pais. Isso costumava ser raro, mas a maioria das famílias que tinham recursos para pagar pela educação universitária, no entanto, escolhiam mandar seus filhos para estudarem fora: no Brasil, na Namíbia, na África do Sul ou – no caso daqueles mais ricos – em Portugal ou nos Estados Unidos. Isso era feito pois havia uma percepção geral de que as instituições estrangeiras ofereciam uma educação superior de melhor qualidade, mais rigorosa e com uma infraestrutura material melhor daquela que havia em Angola. Fornecer análises profundas de cada uma das universidades em Lobito e Benguela está além do escopo deste capítulo, mas meu argumento repousa em uma compreensão mais nuançada tanto da UKB quanto do campus de Benguela da Jean Piaget. Na seção seguinte, delineio um breve perfil de cada instituição.

UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA

À época da minha pesquisa, a UKB sediava-se quase inteiramente em prédios pré-fabricados localizados não muito distantes do aeroporto militar de Benguela. As salas de aula comportavam cerca de quarenta alunos e cada uma era equipada com um projetor, embora não houvesse internet, a não ser no conjunto de computadores no centro de tecnologia da informação e na biblioteca – que também abrigava por volta de quatrocentos livros, os quais só podiam ser lidos no local, sem empréstimos permitidos. A maioria das pessoas que trabalhavam na UKB formaram-se em Cuba ou na antiga União Soviética. Alguns poucos haviam feito suas graduações na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e depois deixaram

130 Em Angola, o treinamento vocacional para profissões como professores e enfermeiros ocorria no último ano do ensino médio, quando os alunos podiam optar por frequentar escolas técnicas especializadas. Educação terciária aqui significa especificamente a universidade.

131 Angola (2012).

o país para fazer suas pós-graduações se fosse necessário para suas disciplinas. Conheci apenas duas pessoas, incluindo Dra. Daniella, que aparece de maneira proeminente em outra parte deste livro, que haviam se formado no Brasil, embora eu escutasse de interlocutores que havia outras.

O corpo docente também abrigava diversos professores de Cuba, e todos viviam juntos em uma casa muito próxima à universidade. Eles se vinculavam à universidade por contratos de duração entre um e quatro anos. Em 2014, a imagem do então presidente Eduardo dos Santos estava exposta na maior parte das salas, e aprendi rapidamente que o tamanho do retrato do presidente nos escritórios dos membros do corpo docente era um guia útil para orientar os tipos de questões que eu poderia colocar de maneira confortável: quanto maior o retrato, mais cuidadosa eu precisaria ser para não demonstrar nenhuma preocupação ou posição crítica em relação ao estado da nação.

A UKB era uma instituição governamental e, como tal, a lealdade ao Estado (que significava, na prática, uma lealdade ao MPLA) era vista por aqueles que trabalhavam nela, e pelos funcionários do governo que supervisionavam a instituição, como crucial. Quando iniciei uma curta sequência de palestras sobre métodos de pesquisa na UKB em maio de 2014, fui repetidamente avisada sobre qualquer crítica, explícita ou implícita, ao Estado ou ao MPLA em minhas falas. Disseram-me que as salas de aula eram “cheias de espões”, e ouvi várias vezes o caso de um professor de história que fora demitido por ensinar uma versão sobre a guerra angolana que era simpática à oposição e ao UNITA.

A liberdade de expressão era entendida como desejável sob a condição de “paz”, mas muitas pessoas ainda estavam no processo de aprendizagem sobre o que aquilo significava na vida do dia a dia e, nesse ínterim, manter um tom aceito e familiar era esperado. Tanto os docentes, quanto os estudantes dependiam do Estado na UKB – os docentes por seus salários e benefícios previdenciários, e os estudantes por sua educação gratuita. A maior parte deles estava disposta a ao menos parecer que andava na linha, e eu nunca ouvi nenhum debate político no campus, nem vi sinais de manifestações e protestos. Notavelmente, quando Abel Chivukuvuku, líder de um partido de oposição relevante, veio à província de Benguela em 2014, ele visitou as universidades privadas, mas explicitamente evitou a UKB, onde deixou-se muito claro que ele não seria bem-vindo (Registro de Campo 140327).

INSTITUTO SUPERIOR JEAN PIAGET DE BENGUELA

Um dos lugares onde Abel Chivukuvuku era certamente bem-vindo era no Jean Piaget, onde o Dr. Tchimboto me disse com um sorriso: “nós tivemos um bom

debate aqui” (Entrevista nº 36. Todas as citações do Dr. Tchimboto são dessa entrevista). O Jean Piaget também era o lugar onde o historiador “dissidente” mencionado acima “procurou refúgio” após ser denunciado, trazendo sua família para a universidade até que eles conseguissem se mudar para uma província diferente por segurança. O campus de Benguela, do Jean Piaget, era o segundo da mesma grande rede institucional a abrir em Angola – o primeiro, muito maior, fora inaugurado em Luanda depois que meu trabalho de campo foi concluído. Estabelecido em 1979, ele também possui campi em Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Guiné Bissau. O Instituto Piaget baseia-se em um currículo compartilhado por todos os campi, e é largamente humanista por natureza. Seu fundador é um senhor português, que visita periodicamente os campi vinculados à rede.

“Essa universidade é uma universidade dos pobres”, explicou Dr. Tchimboto, dizendo que a maior parte dos estudantes assistem às aulas no período noturno pois têm que trabalhar durante o dia, e que muitos deles esforçaram-se muito para pagar as mensalidades no fim do mês. Entre o corpo docente, a maioria dos professores era angolano, embora muitos tenham se formado fora do país, em Portugal, no Brasil ou em outros lugares. Naquela época, Jean Piaget tinha um grande número de cidadãos portugueses na equipe em virtude da recessão econômica na Europa, e muitos italianos (ou profissionais formados na Itália) graças às ligações teológicas do Piaget com esse país, mas, como mencionado acima, não havia um único cubano empregado pela universidade. “É muito difícil trabalhar com os cubanos”, explicou Dr. Tchimboto, “porque a ideologia do marxismo é praticamente incompatível com a ideologia da igreja”. Ele prosseguiu, explicando que outro “problema” dos cubanos era que eles não “vinham de uma democracia”. Angola precisava de pessoas que já haviam *vivido* em uma democracia para ajudar a introduzi-la no país, e os cubanos simplesmente não podiam fazê-lo. “Eles todos são a favor do governo, é isso”, ele me disse, balançando a cabeça.

Dr. Tchimboto disse que o corpo docente conhecia as turmas nas quais havia infiltrados leais ao partido do MPLA, mas o compromisso da instituição com a religião lhes permitia falar e agir com muito mais liberdade (disfarçado de educação religiosa) do que se sua posição pública fosse secular. Esse espaço de liberdade tinha um grande impacto sobre o Jean Piaget, onde os estudantes eram ativamente encorajados a envolver-se em debates e a formular suas próprias opiniões, e onde o Wi-Fi estava disponível para qualquer um em qualquer lugar do campus. “Ter internet faz muita diferença, é uma diferença subterrânea, mas ela importa”, ele explicou, “mas, em geral, é difícil, pois a maioria dos estudantes estão graduando-se apenas pela qualificação, eles não ligam de verdade para o conteúdo. Nós ainda não temos uma tradição de ensino, então nós ainda precisamos fazer tudo desde o esboço. Lembre-se que antes só havia poeira aqui” – quando ele disse “aqui”, ele

insinuava que a poeira não era apenas aquela do chão, mas também a que se encontrava nas cabeças das pessoas, mas seus olhos sorriam de maneira gentil.

SOBRE A VOZ

Dr. Tchimboto tinha bastante consciência de que, em algum nível, o poder que o Jean Piaget tinha sobre o domínio público originava-se de sua filiação a estruturas religiosas cristãs. Embora Angola fosse nominalmente laica em termos políticos, a igreja exercera enorme influência durante a era colonial,¹³² e continuava a fazê-lo no presente. “O partido [MPLA] quer ser parte de tudo”, ele disse, “mas eu sou um padre, e eu posso dizer não, sabe? A maior parte das pessoas não têm esse poder, só os padres da Igreja Católica, e isso nos permite ter um espaço um pouco diferente”.

Ser capaz de dizer não é, em muitos lugares e contextos, um tremendo privilégio, e, de fato, poder escolher é indiscutivelmente um dos grandes ativos daqueles que estão nas classes médias e altas (frequentemente homens mais velhos) ao redor do mundo. Ter sua voz ouvida – seja discordando, concordando, negociando ou mesmo brincando – é ter acesso a determinados tipos de poder. Com frequência, julgamentos sobre qual tipo de pessoa está falando baseiam-se no som, no sotaque, no vocabulário e na escolha de palavras.¹³³ Não apenas o Dr. Tchimboto tem um púlpito de verdade, além de um atril (lembrem-se que as universidades surgiram a partir das práticas monásticas de ensinar por meio de pregações), mas também ele falava de uma maneira que demonstrava um alto nível de erudição. Em português, isso significa conjugar os verbos corretamente, saber usar a linguagem formal em detrimento da linguagem coloquial, o português ou o umbundu (ou o italiano), dependendo do que o conectaria mais rapidamente a quem ele se dirigia. Os linguistas chamam isso de “mudança de código”, e é uma ferramenta importante de comunicação, que é recebida como autêntica pelos ouvintes.

Pude experimentar isso uma vez de maneira profunda com minha amiga mais próxima de Angola, Victoria. Ela e eu vivíamos, trabalhávamos, fazíamos compras, estudávamos e viajavamos juntas o tempo todo e, ao fim do meu trabalho de campo, eu pensava que a conhecia muito bem. Seu pai, de quem ela era bastante próxima, fora um funcionário público de baixo escalão que comprou o apartamento onde ela vivera nos anos 1990, depois do período de nacionalização e posterior liberalização das propriedades de imóveis.¹³⁴ Ele a sustentou durante o período escolar e

132 Péclard (1998).

133 Fischer (2016), Ondjaki (2014).

134 Gastrow (2015).

de seus dois primeiros anos na universidade, permitindo que ela estagiasse em uma ONG local durante seu tempo livre, onde ela adquirira tanto habilidades quanto capital social, e onde nós nos conhecemos. A morte de seu pai em 2012 causou nela um impacto significativo e relegou a ela uma grande responsabilidade financeira – não apenas para si mesma, em termos de sustentação e taxas universitárias, mas também em termos de contribuições para o cuidado de seus oito irmãos mais jovens. Sua mãe era professora e Victoria tinha uma relação complicada com ela.

Em um dia em particular, Victoria e eu sentamos juntas em sua cama, preparando-nos para uma viagem. O telefone tocou, ela atendeu e eu me vi olhando para ela em choque – era como ouvir uma pessoa completamente diferente. A consultora com diversas experiências de viagens internacionais que estava colocando sapatos de salto alto e perfume na mala se fora; em seu lugar, o tom de voz sugeria uma mulher feroz no mercado barganhando um acordo decente, recusando-se a recuar. Sua entonação, sotaque e vocabulário mudaram completamente enquanto ela variava entre o umbundu e o português, indo de um a outro e voltando, de forma que me era impossível acompanhar. A discussão foi concluída e ela desligou o telefone, murmurando amargamente sobre as expectativas em jogo e os limites da autoridade materna. Sua voz retornou ao que eu conhecia, e ela delicadamente escolheu uma blusa, a dobrou e colocou em sua mala (Registro de Campo 141211).

ESCUTAR, FALAR E PENSAR POR MEIO DA GUERRA FRIA

Anne Pitcher e Kelly Astew¹³⁵ escreveram sobre o período pós-socialista na África. Elas observam que apesar da prevalência do socialismo no continente africano entre os anos 1950 e 1990, relativamente poucos trabalhos foram escritos sobre os processos de sua queda. Pitcher e Askew notam:

Ao invés de “pós-socialismo”, a linguagem do “neoliberalismo”, “transição democrática” e “sociedade civil” domina a discussão sobre as recentes transformações na África. Ela espera um futuro presumivelmente róseo e de sucesso, ao invés de olhar em retrospectiva para um passado de fracasso socialista. E isso prevalece, pois seus muitos advogados – especialistas em desenvolvimento, representantes de multinacionais, consultores estrangeiros, ONGs e a elite africana atual – ditam seus termos. Eles assumem e afirmam que o colapso do socialismo deixou um “Estado em branco” sobre o qual a história da “democracia de livre-mercado” pode ser escrita. Fazendo isso, eles

135 Pitcher e Askew (2006).

desvalorizam e ignoram a interpretação e o entrelaçamento da antiga e da nova ordem na formulação das políticas nacionais, bem como as respostas locais aos enormes desafios que se sucedem.¹³⁶

Angola e sua história são um caso incomum por muitas razões, não sendo menos importante o fato de que, durante a primeira fase da guerra civil (1975-91), mais de 430.000 cubanos, cuja língua materna é o espanhol, serviram tanto no exército quanto em áreas como saúde, educação e setores de serviço civil.¹³⁷ Tal serviço foi parte de um compromisso ideológico com a propagação do socialismo mundo afora feito pelos líderes cubanos, que formaram centenas de milhares de jovens por toda a África e em outras partes do mundo em desenvolvimento. Os soldados mantinham-se relativamente distantes da maioria da população, mas professores, enfermeiros e funcionários públicos de vários tipos tiveram um impacto bastante profundo – particularmente sobre aqueles que eram crianças durante a guerra.¹³⁸ Tanto Benguela quanto Lobito abrigaram professores cubanos durante a guerra, e ambas cidades também mandaram muitos jovens para a ilha cubana Isla de la Juventud, uma pequena ilha na costa de Cuba onde algo como sessenta escolas foram criadas, acolhendo aproximadamente dezoito mil estudantes da Ásia, África e das Américas. Os estudantes ganhavam a viagem e educação em troca de trabalho sazonal nas *plantations* da ilha,¹³⁹ e muitos permaneceram em Cuba depois de completar os estudos universitários. O impacto que essa formação teve talvez seja melhor compreendido por meio de um estudo de caso. Aqui, permitam-me compartilhar partes da biografia de um homem que chamo de Dr. Marcos, que serviu na liderança sênior da UKB. Eu o entrevistei no campus da universidade, e seu escritório modesto era dominado por um enorme pôster do presidente de Angola em uma moldura de madeira (Entrevista nº 14).

Quando Dr. Marcos tinha doze anos de idade, ele e seus colegas de classe de uma escola na província de Moxico – a mais oriental e mais pobre do país – fizeram um teste nacional. Os estudantes com melhor desempenho nesse teste seriam enviados ou para Cuba, ou para países da antiga União Soviética. Em 1985, ele embarcou para a Isla de la Juventud, onde ele deveria permanecer até deixar o país quase treze anos depois. Isso foi em 1999, e a guerra civil ainda estava em curso, então ele foi para Portugal, e então para a Espanha, onde ele concluiu seu

136 Id. *ibid.*, p. 3.

137 George (2005).

138 Hatzky (2012).

139 George (2005, p. 159).

mestrado, para então retornar a Angola apenas em 2006. Enquanto eu escrevia este livro, ele estava planejando retornar a Cuba para fazer o doutorado.

Dr. Marcos sentia que devia tudo o que tinha aos governos angolano e cubano, que financiaram sua educação e facilitaram a trajetória de sua carreira. Ele dizia que o tempo “na ilha” foi difícil, claro, ele sentia falta de sua família. Quando ele saiu de Angola, tinha oito irmãos e quando retornou tinha vinte e dois! Estar longe por tanto tempo era desafiador, “mas eu tinha que completar minha missão, não havia dúvidas sobre isso. Todos tinham que fazer sua parte para o desenvolvimento de Angola, e essa era a minha. Então, estava tudo bem sofrer um pouco”. Naquele tempo, o pai do Dr. Marcos morreu – mas ele só soube da morte quatro anos após o ocorrido. Ele recebeu apenas três cartas de casa durante os treze anos em que esteve longe, e os laços de consanguinidade com a família foram gradualmente suplantados pelas relações que Kath Weston¹⁴⁰ chama de “parentes fictícios” – pessoas com quem formam-se relações que duram por toda a vida e que, de certa maneira, podem substituir a família.

Em troca, daqueles educados em Cuba esperava-se que aceitassem sem questionar as posições de trabalho oferecidas pelo Estado angolano – independentemente da localização geográfica do emprego. Uma mulher que conheci amava engenharia, mas havia sido compelida a estudar veterinária pois, naquele ano, o curso de veterinária era o que a política governamental havia definido que era necessário. Ela, então, foi enviada para a província mais rural do país e, por três anos, ajudou vacas a darem à luz, sonhando com a infraestrutura urbana que ela preferia estar construindo, mas aceitando o papel que a história havia lhe relegado e, muito depois disso, tornando-se professora de ciências e, posteriormente, administradora escolar (Entrevista nº 41).

Proximidade e solidariedade no cumprimento do dever eram temas comuns entre aqueles educados em Cuba e na antiga União Soviética, e a maior parte desses havia feito o que eles entendiam ser grandes sacrifícios a atos de altruísmo a fim de obter as habilidades necessárias para o avanço do país. Eles seguiram instruções sem questionar e falavam constantemente sobre dever e servir. Eles compartilhavam canções, sons e linguagens (espanhol ou russo, bem como as línguas compartilhadas por eles originárias das diversas regiões de Angola), e as palavras e experiências que seguiam com eles criavam laços, redes sociais e experiências comungadas que aconteciam no dia a dia de um país em paz.

No geral, os angolanos formados em Cuba apoiavam mais as políticas repressivas do Estado angolano no que diz respeito ao manejo entre o dissenso e o progresso, aceitando a narrativa de que aqueles no poder tinham o direito e a

140 Weston (1997).

responsabilidade de determinar o futuro dos outros. Aqueles, como o Dr. Tchimboto, cujas experiências de vida haviam sido dirigidas pela imersão em Estados democráticos e capitalistas tendiam a ter uma visão de mundo que era baseada muito mais em uma expectativa de liberdade individual. Essas duas perspectivas existiam em tensão uma com a outra, e também em frequente tensão com o Estado, bem como intergeracional. Essas perspectivas informavam o que era dito, o que era ouvido e os tipos de pessoas que os alunos eram ensinados a ser.

PENSAMENTO CRÍTICO NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

“Pensamento crítico” era um termo sussurrado que atravessou todo o meu trabalho de campo – sussurrado, mas raramente discutido. Aqui, faço uma extensa citação de uma entrevista com uma pessoa cujos detalhes mantenho em discrição devido à sensibilidade do conteúdo.

Pensamento crítico é uma questão política. Você precisa usar sua inteligência ao lidar com isso. Por exemplo, se eles [o governo] descobrem que eu estou pensando demais dessa forma [crítica], eu perco meu emprego. Porque, na prática, este é um Estado socialista, a democracia é só uma foto usada para controlar, uma representação. O pensamento crítico não é permitido porque se ele ocorre, haverá uma revolução. Isso é, em parte, o porquê o setor de ensino superior é tão parcamente desenvolvido, e educação é tão profundamente subfinanciada. O país precisa de profissionais qualificados, mas porque o governo não coloca dinheiro na educação? O governo não vai permitir isso. Os professores ganham muito, muito menos que pessoas com cargos equivalentes no exército, por exemplo, ou do setor financeiro, e então as pessoas na academia não ganham bem e não são reconhecidas.

Eles [o governo] preferem pessoas que estudaram na Rússia ou em Cuba porque esses países não ensinam pensamento crítico, é realmente uma história diferente para aqueles que vão para o Brasil ou para os EUA. E têm muitos angolanos que estão estudando no Brasil, mas tirando do próprio bolso para pagar, pois o governo não vai financiá-los. Isso é em parte por conta das manifestações que ocorreram em Luanda em 2003, e foram muitas manifestações majoritariamente organizadas por pessoas que tinham estudado fora do país, elas foram lideradas por pessoas que estiveram no Brasil, e o governo se assustou.

Pessoas que se formaram na Rússia e em Cuba não voltam e protestam, e o governo quer esse tipo de pessoa. Aqueles que estudam em Portugal também não. Por que não? Eu não tenho certeza, o contexto é diferente em Portugal, mas o currículo escolar não trata o pensamento crítico da mesma forma, então eles não questionam muito. Mas no Brasil e nos EUA existe uma formação integral que ensina os estudantes a *serem* pesquisadores, a serem pessoas críticas.

Como professores, no entanto, nós precisamos ser cuidadosos. Para influenciar nossos alunos, nós precisamos usar nossa inteligência pois não sabemos quem entre eles são espiões, e nós podemos ir parar na cadeia. Não na cadeia no sentido literal, porque o Estado não iria se safar disso, mas cadeia em um outro sentido. Eles vão simplesmente fechar todas as portas; todas as oportunidades de ser promovido ou de fazer algo da vida irão desaparecer. Existem uns poucos que estão comprometidos [com a liberdade de expressão e a liberdade de pensamento], que fazem de qualquer forma, mas eles são um número muito, muito pequeno, a maioria só aceita e fica em silêncio.

Esse comentário coloca em relevo as complexidades do pensamento crítico no contexto da educação superior angolana. Muitos no governo sentiam que se as pessoas em Angola comessem a verdadeiramente *pensar*, eles não teriam opção a não ser sublevar-se contra a corrupção e a incompetência do Estado, uma perspectiva ecoada por muitos interlocutores, incluindo até o próprio ministro da educação superior à época (Entrevista nº 55). O pensamento crítico, sob essa visão de mundo, implicava crítica, e crítica, no passado, fora o que levou o país à guerra. Assim, se o sentimento também se tornasse “muito crítico”, a consequência lógica seria a revolução, e isso evocava uma grande quantidade de medo – ainda que fosse consideravelmente menor para a geração mais jovem, que crescentemente se distanciava do conhecimento e das memórias do passado.

A pessoa falando na entrevista acima sabia das muitas pessoas que haviam estudado no Brasil com bolsa de estudos da fundação privada de propriedade do então presidente Eduardo dos Santos, a FESA. Na época em que nos falamos, a fundação havia reduzido drasticamente o número de jovens financiados para estudarem no Brasil, o que, alegava-se, era em grande parte em razão dos “problemas” causados por essas pessoas quando elas retornavam para casa. Na volta, eles eram vistos como detentores de perspectivas e expectativas em relação ao Estado radicalmente diferentes advindas de uma *formação integral* que demandava criticismo dos estudantes. Isso era algo que a maior parte dos meus informantes no Brasil frisava: lá, era esperado que eles tivessem opiniões, enquanto nas estruturas da

educação tradicional angolana a memorização bem-sucedida e em concordância com a perspectiva do professor era o que era valorizado. Não obstante, como o indivíduo anteriormente argumentou, uma grande quantidade de pessoas *desejava* tais perspectivas, e então arranjavam meios de autofinanciar sua educação universitária no Brasil. Eles as desejavam precisamente porque o que essas perspectivas permitiam eram caminhos de ação e de relações alternativos que não requeriam o “tráfico de influência” do *capitalismo selvagem*. Se, esperava-se, pessoas suficientes comesçassem a operar de maneira diferente, o *capitalismo selvagem* poderia abrir caminho para algo mais regulado e previsível, e, assim, mais fácil de manejar.

PROCURANDO POR UMA IDENTIDADE CIENTÍFICA

“Angolanos são formados em qualquer país que os queira”, disse Adão Nascimento, então ministro do ensino superior, em uma entrevista em maio de 2014 (nº 55, todas as citações abaixo do Dr. Nascimento são dessa entrevista).

O governo está aberto a qualquer apoio e qualquer influência que nos ajudará a criar conhecimento angolano, o que o país ainda não possui. Nós não temos uma marca própria na ciência, nós não temos nossa própria tecnologia. Agora, nós estamos buscando por uma identidade que é nossa, que é mais avançada.

Encontrei-me com Vossa Excelência Professor Dr. Nascimento no edifício do Ministério do Ensino Superior, em Luanda. Localizado em um prédio governamental da era colonial, o edifício não era exatamente modesto, mas certamente também não era luxuoso. O tráfego vibrava do lado de fora, um aparelho de ar-condicionado zumbia no canto e uma TV de aparência envelhecida exibia notícias nacionais em um volume baixo. Um tapete vermelho gasto cobria o chão, dois grandes sofás de couro encostavam-se nas paredes e um bebedouro com o galão vazio ficava no canto da sala ao lado de uma planta tropical. No escritório do ministro, uma bandeira angolana ladeava o retrato do presidente, e a mesa era feita de madeira polida coberta de papéis. O próprio Dr. Nascimento formara-se na antiga Leningrado, hoje São Petersburgo, na Rússia, completando sua graduação e mestrado lá com uma bolsa de estudos do governo. Depois, ele rumou para Montreal, onde ele fez outro mestrado e um doutorado em educação. Dr. Nascimento descrevia-se como um “militante do MPLA”, e esforçava-se muito para descrever, durante nossa discussão, o quanto o país havia progredido desde a era colonial.

Para o Dr. Nascimento, limitar a liberdade de expressão nas universidades – e, de fato, limitar a exposição sônica a ideias circulando de maneira geral – era um

passo necessário no processo de “amadurecimento” de uma nação muito jovem. Ele entendia que a geração atual estava lançando as bases da educação superior no país onde futuras gerações seriam as que o desenvolveriam. “Nós ainda não temos instituições maduras, e nós temos que cuidar muito em termo de quantidade e qualidade do que oferecemos para que tenhamos uma educação superior razoável”, ele explicou, bastante consciente das deficiências não apenas das universidades, mas de todo o setor educacional, onde o que nós podemos pensar como “infraestruturas do conhecimento” eram extremamente limitadas.¹⁴¹ No caso das universidades que eu abordo neste capítulo, os prédios, em si, eram novos – colocados sobre terra que já tivera muitos usos no passado.

Ainda assim, o corpo docente nessas universidades tinha, como demonstrei, suas próprias “estruturas de pensamento” já dispostas e informadas por suas próprias experiências de formação: o momento e o contexto específicos, seja no Brasil, em Cuba ou em outro lugar. Os docentes reproduziam aquilo que haviam aprendido, enquanto, ao mesmo tempo, tentavam preparar os alunos para as novas realidades do país em paz. Alguns eram capazes de pensar de maneira flexível e de adaptar seus materiais e modos de ensino, mas para outros isso era mais desafiador, e então eles confiavam na aprendizagem mecânica como se o contexto mais amplo da Cuba dos anos 1980, ou mesmo do Brasil dos anos 2000, ecoassem nas salas de aula de Lobito. Na sala de aula da universidade, onde estruturas de pensamento encontram-se com infraestruturas de conhecimento, a “identidade científica” descrita por Dr. Nascimento estava sendo criada diariamente. Durante o tempo de meu trabalho de campo, tive a sorte de poder participar de dois momentos significativos em que tal compartilhamento e co-criação ocorreram: a primeira e a segunda *Jornadas Científicas*, sediadas no Jean Piaget e em outra universidade de Lobito.

O conteúdo de ambas *Jornadas Científicas* a que compareci era bastante amplo, e seus propósitos, da maneira como entendi, era menos engajar as pessoas enquanto especialistas, e mais *iniciá-las na prática da escuta* na qual a experiência poderia ser envolvida. Os eventos foram cobertos por redes de TV nacionais e eram levados muito a sério por todos os envolvidos, enquanto ressaltavam um esforço conjunto para trazer à frente e ao centro a “nova identidade científica” articulada pelo Dr. Nascimento. Mais tarde, no mesmo mês, conversei longamente com o próprio ministro. A *Jornada* no Jean Piaget era um ponto de referência compartilhado útil, para ele, um exemplo do *Angola Faz*.

141 Edwards et al. (2013).

Angola Faz tem sido um dos slogans mais significativos do período pós-guerra.¹⁴² Diz o Dr. Nascimento:

As instituições estão fazendo, o ensino superior está fazendo. Em nosso contexto, a educação superior é fundamental ao país. Nós precisamos fazer muito mais, porque ainda falta muito. O ensino superior é um fator no desenvolvimento da pessoa angolana, do cidadão angolano, do profissional angolano, do cientista angolano, do pesquisador angolano. Nosso Ministério do Ensino Superior ajudará a criar instituições que compõem a sociedade, e, por essa razão, cada um precisa ser inserido no sistema angolano.

Para esse ministro, ser “inserido” no sistema angolano significava algo muito óbvio. Desenhou um quadrado no guardanapo a sua frente, e então desenhou setas apontando para o quadrado. “Jess, você tem o seu espaço”, ele explicou,

você tem o seu jeito de ser. Se tudo [mostrando as setas] que chega até você concorda com o seu jeito de ser, isso é bom, mas se não concorda, se te machuca, você não vai gostar. Isso acontece com todos os países. Angola só quer o que todo mundo quer, ser um Estado com suas próprias orientações, seu próprio espaço, seu verdadeiro jeito de ser. Na América, se a imagem do Estado é prejudicada, você vai para a cadeia ou é torturado. É o mesmo aqui. Os EUA têm uma tradição de governo que vem de séculos. Nós temos alguns poucos anos aqui. É muito recente, nós precisamos amadurecer. Apenas lembre-se, até 1970 na América, as pessoas negras *não possuíam* [grifo dele] liberdade de expressão. A falta de liberdade de expressão não deve nos amedrontar aqui, porque vamos melhorar com o tempo. Já temos uma certa liberdade, as pessoas podem dizer o que querem *nos lugares corretos* [grifo meu].

O que o ministro descreveu era um contexto no qual as pessoas que habitavam as infraestruturas físicas do conhecimento que o governo permitia que emergissem (por meio da concessão de autorizações) precisavam ser coerentes com uma estrutura de fala e de apresentação que não prejudicasse a reputação do Estado. Qualquer um poderia dizer o que quisesse “no lugar correto”, mas esse lugar *não era*

142 N.T.: No original, a autora faz uma digressão sobre a tradução do verbo fazer do português para o inglês nas palavras do Ministro do Ensino Superior de Angola que não tem sentido quando escrita em português. Transcrevo-a, entretanto, como forma de apresentar a argumentação da autora: “o verbo fazer é difícil de traduzir para o inglês, pois pode significar ‘doing’, ‘making’, ‘creating’, ‘succeeding’. Em nome da consistência, eu usarei o verbo ‘do’ enquanto traduzo as palavras do Dr. Nascimento sobre o estado do ensino superior no país àquela época. Não é nem de perto tão elegante quanto seria em português, mas eu espero que o significado de ‘do’ em seu sentido contínuo seja comunicado.”

a universidade, de acordo com Nascimento. A paz, novamente, demandava pacificação. A infraestrutura física possibilitava a infraestrutura do conhecimento – e algumas delas estavam além do controle do Estado (como se as faculdades privadas forneceriam ou não Wi-Fi gratuito), mas a infraestrutura do conhecimento também era criada pelas pessoas, como no caso das *jornadas científicas*. Cada pessoa trazia consigo uma “estrutura de pensamento” previamente existente e informada por experiências sociais, políticas, econômicas, religiosas, geracionais e tecnológicas. Ainda assim, a surpresa e a esperança daquele momento da história angolana eram que ainda havia muitos pontos de desconexão. Para construir pontes entre tais desconexões, todos tinham que pensar fora dos enquadramentos e das estruturas com as quais eles chegaram, e isso era, em último grau, o grande sucesso que a universidade possibilitava.

SOM, ESTRUTURA E IMAGINAÇÃO

O som, como o cheiro e o gosto ou paladar, é modulado pela classe social. Geralmente, quanto mais dinheiro se tem, mais é possível controlar o som ao seu redor – as “paisagens sonoras”, para usar uma das palavras do início do capítulo. Isso pode envolver estar dentro de um carro particular ou estar no transporte público, ou pode ter a ver com a proximidade em relação às pessoas que moram na sua casa e aos seus vizinhos, ou com a habilidade do Estado de entrar na casa de alguém por meio das redes nacionais de rádio e televisão *versus* a escolha privada que acompanha os serviços de *streaming* da internet – e os fones de ouvido que costuram e individualizam as experiências auditivas – seja ligando-nos ao local, ou àquilo que é explicitamente transnacional. Escrevendo este capítulo, considere útil sintonizar a Rádio Ecclésia pela internet em alguns momentos,¹⁴³ ouvindo as notícias a partir da perspectiva de Luanda, recordando dos sotaques e frases do português (à maneira das universidades privadas, as estações de rádio religiosas têm muito mais liberdade de expressão que as opções ligadas ao Estado). Em outros momentos, eu escutava MC Kappa no YouTube, além de prestar uma atenção cuidadosa aos sons que me circundavam em minha escrivaninha nas Ilhas Maurício.

Aqui, eu estive interessada em como o pensamento de alguém é efetivamente moldado pelo que se ouve, os barulhos da vida cotidiana em diferentes registros, do mundano ao político, do espiritual ao familiar. Músicos, como Marissa Moorman¹⁴⁴ primorosamente demonstrou, desempenharam um papel formativo em trazer a “Nova Angola” à tona, e continuam a fazê-lo atualmente. Mas também desempenham esse

143 Disponível em: https://streema.com/radios/Radio_Ecclesia. Acesso em: 15 fev. 2021.

144 Moorman (2004).

papel as crianças cantando o hino nacional, como descrito anteriormente, bem como os sons produzidos pela abertura e pelo fechamento de portas que literalmente não existiam no país uma década atrás, ou os muezins das mesquitas construídas e periodicamente destruídas pelo Estado angolano. A Guerra Fria continua ecoar em Angola – mais do que em muitos outros lugares –, mas novos oradores também trazem novos sons e novas imaginações. Mesmo a *fofoca* mudou lentamente à medida que os celulares transformaram não apenas o que é escutado, mas também as plataformas nas quais a escuta se dá, definidas agora muito mais pelos bipes de chegadas de mensagens do WhatsApp do que qualquer outra coisa com a qual o Estado possa sonhar.

Por que isso importa? (som)

Contestação ideológica

Enquanto escrevo esse texto em 2019, parece-me, hoje, que o neoliberalismo é tão dominante que não raro é difícil imaginar que qualquer outra opção já esteve à disposição de maneira séria. Por meio dos impactos da contestação ideológica que essa etnografia explora, leitores são lembrados que, em um passado recente, as lógicas da expansão capitalista que atualmente dominam o mundo estavam longe de ser consideradas como algo dado. Explorar as expectativas em relação a um Estado em transição entre o socialismo e o capitalismo chama a atenção a como grupos diferentes navegam entre as estruturas ao seu redor: governança, vida social, mercado financeiro, sistemas de educação, religiões, moda e o que pode ser consideradas as diferentes “faixas de som” da vida cotidiana em diferentes lugares. Ler sobre as pessoas que fazem “tráfico de influência” ou que prosperaram no *capitalismo selvagem* compele a questionamentos que levam em consideração similaridades e diferenças, bem como escolhas e imposições. Nas mesmas circunstâncias, o que eu faria? Se eu estivesse lá, quais escolhas faria no curto e no longo prazo? As decisões sobre agir são, afinal, todas baseadas em crenças pessoais e coletivas não apenas sobre o que o mundo é, mas sobre o que ele pode *se tornar*.

POEMAS 2

ESTRELINHA

*olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros olhando conhecendo quem está aqui e quem não
está e quem é gentil e quem não é e quem
beija quem no corredor e onde o gato de rua escondeu seus gatinhos
olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros e um umbigo que se projeta como um punho
marcando um nascimento onde tesouras devem ter sido escassas
mas onde os beijos não eram, não eram, pois olhe ela abraçando sua mãe
segurando seu pescoço e sussurrando segredos em seus ouvidos
olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros observando e comentando sobre as crianças com
uniformes chiques
a distância insondável entre seus apartamentos cidade acima com barbies
e a
garagem convertida sem janelas onde ela dorme enquanto seu padrasto bebe e bebe
olhos ligeiros
ela sabe onde ele guarda as latas extras de cerveja e as notas secretas de whisky
e ela procura, procura, procura, vestida com seu casaco branco da escola pública, como uma
física
segurando um giz de cera
procura e procura uma rota de saída e por um lugar para brincar e por alguém com quem
dançar
e um lugar para desenhar sem ser interrompida. Olhos ligeiros, a garotinha está sempre
observando. A mulher
no andar de cima me conta que eles rezam por ela.*

PÁSSAROS NO CAMPUS

*três garças brancas em longas folhas de grama verde
como facas que vêm da terra essa grama é forte, grossa o suficiente
para sustentá-las para resistir aos arranhões e para lhes dar de volta pequenos ecossistemas
de sustento. há três garças brancas em longas
folhas de grama verde que crescem na universidade que crescem
com a universidade uma universidade que está crescendo
a partir dos solos esgotados.
dos solos da guerra os poetas disseram e eles estão corretos porque
quando há destruição há poeira e depois
a distração a grama requer tempo para crescer para enraizar-se na terra
antes das
garças poderem vir. Garças embaixo de uma árvore na universidade que agora
tem uma década de idade, garças fazendo coisas normais de garça enquanto alguns alunos
sentam nas sombras próximas e estudam cálculo e outro lê um livro de
filosofia e uma mulher que tem setenta anos
e teve sua formação roubada por homens uniformizados caminha dolorosamente até
a mesa de matrícula na entrada e diz que ela está lá para aprender.
Voltando, as garças agora observam com um grau de curiosidade.*

JOÃO, DESMAIANDO

*João desmaiou
nas escadas
espumando pela boca
sua epilepsia
atacou.*

*João desmaiou
nas escadas
babando com ebriedade
suas opções de
entretenimento limitado.*

*João está dormindo
em um pedaço de papelão
do lado de fora do prédio
onde
ele é contado pela gentil
moça com uma prancheta
conduzindo o censo
nacional.*

João enfureceu

*as moças ricas do andar de cima
com sua conduta considerada
inapropriada.*

*João recusou-se a carregar
tanto peso
por menos dinheiro que
o suficiente para uma lata de cerveja
as moças estão enojadas
com ele, iletrado
bêbado epilético
nenhuma simpatia aqui
o concreto das escadas
é considerado medicação
apropriada
e com sorte aquela
moça gentil
do escritório do censo vai
fazer algo
para removê-lo.*

DONA MARIA SERVINDO SOPA

*eu deveria escrever um livro sobre a minha vida
diz a velha mulher com chinelos azuis servindo sopa.
na guerra eu carregava armas para as tropas e uma vez eu tive
que atirar, então o fiz
e minha mãe, coitada, tem um problema com a cabeça dela e ah pode ser
muito cansativo às vezes.
aqui está a sopa, sopa boa, as verduras que usei estavam frescas.
eu deveria escrever um livro sobre as pessoas que vêm a esse lugar
(essa varanda aberta na praia aquecida pelo odor suave
e cortada por sua voz ácida falando com as garçonetes caso elas ousem ser
mais lentas que areia movediça.)
a maioria delas que comem nasceram aqui, depois elas saíram, e agora voltaram
mas eu fiquei, sabe, porque nós não tínhamos escolha aqui minha família
era nobre, mas não tão nobre para fugir. e esse é o nosso lugar
eu deveria escrever um livro sobre minha vida e a época que eu nadei pela água
porque meu filho estava
se afogando, então eu o puxei
para fora, menino doce, com a força de um lobo louco
– carregar armas não era nada em comparação - e hoje ele está forte.
nesse livro, vão ter muitas palavras, mas agora, minha filha, come
a sua sopa eu estou
muito cansada
para te contá-las
come e vai pra casa
boa noite.*

DONA INÊS

amarga e enrugada ocasionalmente lançava um sorriso que espelhava o que ela poderia ter
 sido vez
 é confuso ser tão capturada
 entre a luz e a escuridão da memória e o presente da cidade
 como ela é agora, como ela é desejada e como ela é restrita é difícil
 observar a amargura gotejar sobre si mesma e a raiva ferver no meio das memórias
 frustradas, e é difícil navegar através disso durante encontros nas escadas
 e continuar
 incólume através do dia, sem ser marcada por tamanho ódio feroz e seco.
 Sim, garota! ela grita
 antes da guerra isso era
 minha casa meu lugar
 era linda e agora
 está destruída e eu estou destruída
 e meus filhos estão destruídos
 e a mãe do meu
 neto que cheira cocaína
 às sextas-feiras está destruída e a
 economia em Portugal está destruída
 e ah meu coração já
 implodiu e se espalhou
 em um passaporte agarrado de volta
 pela terra natal quando a terra paternal está
 colapsando e ah garota era
 lindo e agora virou
 migalhas e eu, eu estou co
 m rai
 va dolo
 ri
 da am
 arg
 a...
 o que eu tenho agora, filha?
 ó lembranças. aqui é tudo
 destruída.

DOIS FOTÓGRAFOS

(i)

Aqui está a câmera dele.

Estamos em uma negociação de casamento e duas garotinhas vestem

cetim branco e sapatos suaves

e têm cachorros chineses no provador

e a sala é pintada de laranja e há linóleo no chão

e está repleto de pessoas que trazem presentes pré-estabelecidos.

Esses, a moça da casa irá inspecionar: um vestido dourado

um terno, e gravata (mas os sapatos e o cinto não combinam o que é motivo para grande preocupação). E ele fotografa: click click, click click, sorria

garotinhas, este é um

dia importante

click click, click click click

ele me diz seu nome e que esse é o seu negócio, e ele

também ensina na escola primária

então nos encontramos algumas vezes, até que seu interesse romântico

diminui depois de tantas rejeições

Mas eu permaneço, com a trilha sonora de fundo para sua vida, os anos 1960

câmeras instantâneas: click click click click click,

o homem da geração dos anos 1980, click click click click click click

barba artística por fazer espalhada por todo o queixo

cabeça angulada encontrando o enquadramento correto.

IGREJA CINEMA

*Uma fogueira queima no meio do prédio
em um espaço aberto, onde pó de cimento
ascende ao ar a cada passo.*

*A alguma distância uma tela de cinema de concreto
arqueia-se do palco como o mar aproximando-se de Moisés
e atrás de nós os assentos a céu aberto encolhem-se abaixo do novo teto metálico*

*A igreja engoliu o cinema colonial
e fez-lhe seu. Desativou as ferramentas
de imageria pecadora, e acendeu o fogo de Deus.*

*Onde outrora as luzes cintilavam sobre a parede contando
sobre outros países, agora uma luz – holofote – está
sobre o padre, que nos guia para o próximo mundo, o verdadeiro mundo ele diz
A cada semana tijolos são adicionados e o novo cimento é
jogado pelo chão. A lata de coleta é derramada
sobre as paredes e teto e altar recém-feito.*

*O cinema está tanto abandonado quando envolvido em adoração
espaço de zumbido gerado nas profundezas das barrigas
a congregação, arrebatada, dá as mãos e olha para cima através do novo
teto de lata
e ao invisível.*

PROFESSORA DE YOGA

*quando ela veio
ela planejava ensiná-los
yoga e como
andar de bicicleta;
ela veio para mudar e
civilizá-los ela veio para
praticar ayurveda e tocar
tigelas cantantes para curá-los;
ela veio com seu cabelo encaracolado
e seu espírito livre ela veio
com uma força para trazer
amor universal; ela se enrolou em uma bola
em sua cama quando lentamente amanheceu
que isso era insignificante para paixões
que se dissipavam como uma pitada
de sal no oceano esolhado
na insignificância como preciosas
sementes de dente-de-leão no ar depois
do vento ela repousa enrolada
em sua cama esperando para transformar-se
em amor universal.*

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

ENSAIO FOTOGRÁFICO 3: INFÂNCIAS



Crianças brincam no teto de uma casa de Huambo.



Perto do Natal de 2013, renas artesanais aparecem na Escola das Estrelas. Logo adiante, uma jovem mãe está com seu bebê e seu carro novo comprado com um financiamento bancário do lado de fora da casa que ela e seu marido reformaram.





Bonecas penduradas para secar em um bloco de apartamentos em Lobito; uma garotinha estende sua mão no Carnaval.

No bairro de Bela Vista, em Lobito, um elefante de concreto é a única coisa que restou de um parque construído na época colonial. As crianças ainda brincam nele, e pilotos de mototáxi procuram refúgio em sua sombra.



ENSAIO FOTOGRÁFICO 4: LAZER



O cinema local ao ar livre, outrora famoso Cinema Kalunga, às vezes exibe filmes, mas se ilumina à noite para abrigar shows com mais frequência. Aqui, ele descansa durante o dia.



Basquetebol é um esporte muito popular e tabelas estão por toda parte. O time nacional de Angola é um dos melhores da África. Muitos dos jovens fazem parte dos escoteiros. Às vezes, eles trazem seus laptops para as reuniões, e sempre têm seus celulares.





O barco de um pescador (feito à mão) repousa na praia depois de uma pesca noturna, não muito longe da piscina de água salgada do Esporte Clube Lobito.



Um show com músicos locais lota o Cinema Kalunga à noite.

CAPÍTULO 5

REFORMULAÇÃO NACIONAL

A SELFIE E O OUTRO

Quando me recordo do meu trabalho de campo, ainda não entendo o que levou Sebastião a tirar uma foto do meu armário em seu celular lascado da marca Samsung. Isso dito, quando procuro em meus registros, são essas estranhas imagens de objetos cotidianos que tornam o lugar e as pessoas reais para mim: bonecas penduradas para secar no varal, pesos enferrujados cobertos com grossa tinta branca, malas empilhadas contra o beiral de um prédio de apartamentos, paredes laranjas brilhantes que se ligavam, em minha mente, onde quer que ocorressem: casas angolanas no Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e “em casa”, em Lobito, Benguela e Luanda. “Por que os angolanos gostam tanto de paredes laranjas?”, perguntei certa vez a Sebastião (Entrevista nº 62). Ele não sabia. Ele disse que suspeitava que havia um excesso de oferta dessa cor de tinta durante a guerra civil. Lentamente, deve ter se tornado “normal” e espalhou-se por aquilo a que Miguel Vale de Almeida refere-se como o “Atlântico negro”,¹⁴⁵ adentrando os espaços vividos pela diáspora e as várias lentes dos trabalhos de campo de estudantes de pós-graduação.

O Atlântico negro; paredes laranja; o vermelho, preto e amarelo da bandeira angolana; camisetas brancas de escola; um céu azul e alto. Como muitos de minha geração, que alguns estudiosos chamam de quase nativos digitais para descrever nossa relação com a tecnologia,¹⁴⁶ minhas memórias do espaço e dos lugares

145 Almeida (2004). Alguns leitores devem estar familiarizados com a noção de “Atlântico Negro”, de Paul Gilroy (1993), na qual ele descreve as influências culturais de pessoas escravizadas levadas da África para o Reunio Unido e os Estados Unidos. O Atlântico de Gilroy está acima do equador, entretanto, e intelectuais como Miguel Vale de Almeida escreveu muito sobre o resto do Oceano Atlântico, que flui ao sul e conecta a África à costa do Brasil. Almeida o chama de “Atlântico Marrom” para distingui-lo do conceito de Gilroy, mas também porque ao longo do Atlântico Sul havia muito mais diversidade racial. Este foi o assunto de muitos livros, então aqueles interessados podem ver a seção Sugestões de leitura para mais material a respeito.

146 Prensky (2001).

são proscritas visualmente, codificadas e arquivadas em imagens frequentemente armazenadas nas redes sociais e incorporadas por referências como números de curtidas e se meu pai fez ou não comentários ousados e afetuosos no *feed* público anexados a elas. A internet tem sido uma parte do meu mundo desde a infância e, embora eu estivesse viva na época em que minha primeira câmera fotográfica era uma Kodak de plástico rosa, cujo filme consumia todo meu dinheiro em troca de fotografias borradas dos gatos da casa, meu mundo tornou-se digital, e rapidamente também online, por volta do início de minha graduação na Cidade do Cabo em 2005.

Como estudante de pós-graduação, lembro-me de debater sobre o uso de redes sociais com meus colegas de classe durante um seminário de metodologia. Naquela época, nós estávamos a apenas alguns quilômetros do quartel-general do Facebook, e nosso departamento havia concluído recentemente um estudo sobre o uso do iPhone na metodologia do trabalho de campo.¹⁴⁷ Nossa turma estava dividida entre se era ou não uma boa ideia continuar a usar o dito caderno de campo de papel, tido como fetichizado, ou mudar para tecnologias como o iPad (“mas e se você derrubá-lo na água?” “Seu caderno também se desmancharia lá”), e ainda mais incertos no que dizia respeito ao uso do Facebook e outras plataformas de redes sociais no campo

Se *fosse preciso* usar o Facebook em campo, qual seriam os parâmetros éticos de tal uso? Ele possibilitaria ou atrapalharia o trabalho de campo? Seria preciso ter uma conta “pessoal” e uma “profissional” separadas?¹⁴⁸ Quais eram os limites sobre o que poderia ser compartilhado com amigos, profissionais ou com os próprios interlocutores na plataforma online? Deveríamos ou não enviar solicitações de amizade para nossos interlocutores? Se nós tivéssemos um perfil falso ou profissional (e o que isso quer dizer?), e os interlocutores se tornassem amigos “de verdade”, nós então deveríamos adicioná-los e estragar nosso disfarce inicial? Como muitas das conversas durante minha pós-graduação, essa serviu para complicar tudo e não resolver nada – mas de uma maneira útil.

Minha própria decisão, então, foi ser honesta e tão natural quanto possível. Planejava continuar usando o Facebook, mas moderadamente, nunca exibir os rostos das pessoas em campo se eu quisesse compartilhar detalhes da minha vida em Angola com meus amigos e minha família (a menos que eu tivesse a permissão deles ou eles mesmos tivessem postado a foto primeiro), adicionar ou aceitar solicitações de amizade apenas daqueles que eu conhecia pessoalmente e considerar cuidadosamente as consequências de qualquer post ou atualização de status tanto

147 Ames (2013).

148 Walton e Hassreiter (2015).

quanto eu faria em minha vida cotidiana. Nunca havia sido uma grande usuária de redes sociais em primeiro lugar. Estava preocupada em relação à sombra que minha vida digital poderia projetar em meu trabalho de campo, até que me encontrei em meio a uma cadeia de eventos que se desdobraram como resultado de minha ligação e amizade genuína com pessoas que o governo vigente não aprovava.

Neste capítulo, meu objetivo é explorar o que acontece quando “o eu e o outro” da pesquisa etnográfica¹⁴⁹ se tornam “a *selfie* e o outro”.¹⁵⁰ Veio rapidamente à tona que minha preparação pré-campo havia falhado de uma forma fundamental, pois não tinha considerado de maneira suficiente como o uso de redes sociais por meus interlocutores poderia afetar – e, de fato, afetaria – minha pesquisa em todos os níveis. Descobri rapidamente que a imersão total significava mergulhar não apenas dentro do mundo físico dos meus interlocutores, mas também do digital, e tal imersão teve consequências gigantescas em termos de acesso, confiança e de informação prática cotidiana.

Em anos recentes, muitos pesquisadores começaram a explorar o impacto do uso de redes sociais na vida cotidiana em uma grande variedade de contextos culturais e sociais. Daniel Miller e seus alunos, entre outros, demonstraram que as redes sociais são usadas de maneiras diferentes e para propósitos diferentes, em diferentes partes do mundo.¹⁵¹ Isso não deveria ser surpreendente. Ao contrário, o que era atraente no contexto angolano era que os processos e práticas do uso de redes sociais estavam ocorrendo em um contexto de reformulação nacional, como desenvolvo aqui, no sentido de reconstituir um mundo por meio de imagens nacionalistas e propaganda que ressaltavam as mudanças, que eram reais, mas que raramente atingiam os angolanos médios. Esse processo de reformulação estava manifesto tanto na fotografia impressa quanto nos mundos digitais, e no qual minha participação era demandada ativamente.

Na primeira seção deste capítulo, exploro esse processo, começando com a reminiscência de uma imagem de um show de rock. Talvez de maneira surpreendente, não incluí as próprias fotos porque não as tirei com a intenção de reproduzi-las – elas eram os equivalentes visuais de notas rabiscadas e, no processo editorial, tornou-se evidente que elas não poderiam ser impressas. Foi uma importante lição:

149 Na antropologia e em outras disciplinas correlatas, o termo “o outro” foi tipicamente usado para se referir a pessoas de continentes inteiros sob a presunção de que o “self” é branco, hétero e ocidental. Escritores como Edward Said (1978) e Roberto Kant de Lima (2011) criticaram essa presunção, e a antropologia atualmente – ainda bem – é amplamente formada por acadêmicos que rejeitam tal definição. Eu rejeito, e a seção sobre ética que vem em sequência reflete acerca deste fato.

150 Essa expressão não é minha. James Ferguson, meu orientador de doutorado, formulou-a durante uma de nossas reuniões em 2016. Foi um exemplo de sua orientação perspicaz e, por vezes, hilária. Foi um privilégio trabalhar com ele.

151 Costa (2016), Horst e Miller (2012), Miller (2016).

é possível reescrever um registro de campo, mas não se pode tirar uma foto de um lugar distante novamente. Na segunda seção, recorro à teoria contemporânea para argumentar que a vida biopolítica das telas deve ser levada em conta nas etnografias e pesquisas de hoje em dia e, na terceira seção, argumento em favor da extensão da participação observante para os mundos digitais que moldam e refletem os mundos materiais que eles documentam.

No final de 2019, a alfabetização virtual sobrepõe-se de maneira crescente à necessidade de ler textos, e as tecnologias dos smartphones, combinadas a plataformas como o Instagram, permitem que todos se tornem autores com milhões de seguidores. Pergunto-me com frequência se, caso o Instagram fosse em 2013 o que é hoje, eu não teria criado uma página que refletisse a arquitetura fascinante da província de Benguela e, se eu tivesse feito isso, o que esse processo teria feito pela minha pesquisa. A realidade é que através das fotografias, tanto pesquisadores quanto pesquisados estão cada vez mais envolvendo-se no avistamento mútuo da cultura,¹⁵² mas aprender como peneirar os fatos da ficção ganhou um novo nível de importância e gerou muitas questões não resolvidas. Por exemplo, usar um filtro é o mesmo que editar uma transcrição de entrevista? Podemos borrar ou editar os rostos para driblar a obtenção de consentimento informado? Como endereçamos a privacidade visual quando fotografar uma casa significa revelar a identidade de interlocutores dentro da comunidade?

REFORMULAÇÃO NACIONAL: GARANTA ÀS SUAS CRIANÇAS UM PASSADO MELHOR

Uma de minhas primeiras experiências em campo foi ir assistir à filha de alguns amigos atuar em uma peça da escola (Registro de Campo 131026). Nós fomos de carro até um salão alugado onde o evento aconteceria, e eu observei, com curiosidade, tanto sua performance quanto a intensidade com a qual ela era documentada: uma pequena empresa de vídeo estava fazendo o “DVD oficial”, que, disseram-me, todos os familiares iriam comprar depois e, quase sem exceção, todos os membros da plateia estavam gravando o que se desenrolava em iPads e outros tablets, dando a impressão, de meu lugar no fundo do salão, de um mar fosforescente de telas brilhantes, com o palco assemelhando-se a um navio à distância.

152 Este é um jogo de palavras que faz alusão a alguns textos famosos dos anos 1980 chamados de debates sobre a escrita da cultura (writing culture debates), em que antropólogos começaram a realmente questionar se estavam de fato fazendo seus trabalhos sozinhos ou se o crédito também deveria ser concedido aos seus interlocutores (CLIFFORD; MARCUS, 1986).

Presenciaria o “mar de iPads” repetidamente durante meu trabalho de campo: em reuniões de escoteiros, nas escolas, em shows e no carnaval. As imagens eram colocadas nas redes sociais e no YouTube e compartilhadas com amigos. As pessoas marcavam-se umas às outras, e também a seus filhos, gabando-se e rindo (“kkkkkk” é como se ri online em português); frequentemente compartilhavam notícias, mas compartilhavam coisas que achavam engraçadas com muito mais frequência. Sem surpresa, e alinhado com o que tem sido documentado a respeito do uso de redes sociais em uma variedade de contextos culturais,¹⁵³ o conteúdo era quase inteiramente positivo: o objetivo era contar histórias de sucesso e felicidade, e compartilhá-las com um mundo o mais amplo possível. Muitas dessas fotografias permaneceram nos celulares e nas nuvens, mas algumas também foram impressas, e, em Lobito, muitas pequenas lojas – majoritariamente comandadas por imigrantes vietnamitas – conduziam um próspero negócio tornando materiais as fotografias digitais trazidas em aparelhos eletrônicos. Elas eram, então, trocadas como presentes, transformadas em calendários, colocadas em álbuns de família ou exibidas nas paredes.¹⁵⁴

Frequentemente me surpreendia em quando minha presença era “conhecida” em certos eventos: uma noite, fui a um show do músico angolano Yannick Afro-man, que ocorreu no Cinema Kalunga, em Benguela, um anfiteatro a céu aberto transformado em espaço para shows. Minha amiga Victoria e eu caminhamos cuidadosamente pelo terreno inclinado com nossos saltos altos (tudo, menos obrigatório), equilibrando copos de plástico com cerveja em uma mão, celulares em outra, e bolsas pendurando-se em nossos pulsos. Posamos para *selfies* e fotos em grupo por centenas de vezes ao longo da noite e, de fato, no dia seguinte, no trabalho (eu era professora de música em uma escola primária), nos escoteiros (onde eu trabalhava enquanto voluntária) e onde quer mais que eu passasse, as pessoas comentavam sobre o meu vestido, o show como um todo e a música de Yannick Afro-man. Minha presença no show fora documentada, observada e incorporada à vida social da cidade e daqueles ao meu redor e, a despeito de a outra pessoa ter ido ou não ao show, o acontecimento tornou-se um ponto de partida para conversas relativas à música, moda, raça, africanidade e identidade.

O tipo de experiência que passei – simultaneamente como pessoa vista e que vê – distanciou-se de grande parte da literatura sobre fotografia com a qual havia me envolvido anteriormente. Angola, como muitos outros países pós-guerra, foi marcada (algumas pessoas diriam cicatrizada) pela história das imagens nas quais

153 Bolton, Parasuraman e Hoefnagels (2013), Costa (2016), Miller (2016).

154 Muitos trabalhos importantes têm sido feitos sobre o uso da fotografia dessa forma. Ver, por exemplo, Strassler (2011), Vokes (2012) e Hjorth e Pink (2014).

as “lentes” do interesse internacional e, com frequência, do conhecimento nacional estiveram focadas primordialmente naquilo que era doloroso. De fato, durante minhas primeiras leituras sobre o país, fiquei chocada ao descobrir a existência de um concurso de beleza chamado “Miss Mina Terrestre de Angola”, em que vítimas de minas terrestres participavam competindo pelo título de rainha da beleza, em uma tentativa que, entre outras coisas, visava “questionar os conceitos estabelecidos de perfeição física”, “substituir o termo passivo ‘vítima’ pelo termo ativo ‘sobrevivente’”, e “divertir-se”.¹⁵⁵

Durante minha primeira viagem a Angola, em 2011, conheci um homem que havia editado recentemente o primeiro livro nacional de fotografias pós-guerra de Angola com texto em inglês e português: 186 páginas de pessoas comuns, paisagens e infraestrutura chamado *Angola, um país a renascer*.¹⁵⁶ Produzido pela organização sem fins lucrativos do então presidente, a FESA, o livro proclama que “a paz veio para ficar”.¹⁵⁷ Seu propósito, de acordo com seu prefácio, era “mostrar ao mundo que os angolanos são plenamente capazes de contribuir com a melhoria da raça humana”,¹⁵⁸ e tinha a intenção explícita de oferecer à comunidade global um modo diferente de “ver” Angola.

Angola, um país a renascer foi rapidamente sequenciada por uma segunda publicação, dessa vez em português, inglês e chinês, chamada *Cities and people of Angola*.¹⁵⁹ Esse último foi produzido bem a tempo de ser exibido no estande de Angola na Exposição Mundial de Xangai de 2010. De acordo com seu editor (a mesma pessoa que produzira o texto anterior), eles quase tinham perdido o prazo para impressão porque o presidente recusou-se a permitir a publicação até que o livro incluísse uma imagem de um homem andando de jet ski. Por que o presidente importava-se tanto com o jet ski? O editor não sabia me dizer com certeza, mas o propósito de ambos os livros era fornecer uma contraperspectiva sobre Angola – uma que enfatizasse infraestrutura e a paz do dia a dia. Também era obviamente para atrair investimentos estrangeiros, e os textos foram produzidos paralelamente à campanha midiática *Angola Faz!* que descrevi acima, e que era direcionada para um público interno. Juntos, os livros e a campanha podem ser lidos cinicamente (caso não se acredite que representam uma versão da verdade) enquanto propaganda, pragmaticamente como uma reformulação nacional necessária para a emergência do estado neoliberal. A reformulação também é essencial se a intenção

155 MacKinnon (2008).

156 Cerqueira e Schul (2008).

157 Id. *ibid.*, p. 8.

158 Id. *ibid.*, p. 8.

159 Abrantes e Martins (2010).

nacional é sair do *capitalismo selvagem* em direção a uma estrutura econômica ligeiramente mais respeitável internacionalmente, ou, como sugiro, como parte de um processo de refiliação.

Por “refiliação”, não quero dizer que isso diga respeito à memória,¹⁶⁰ mas, ao invés disso, um processo de construção da nação explicitamente desenhado para mudar a forma como Angola era conhecida – tanto pelos próprios angolanos quanto pelos estrangeiros. Isso, em certos aspectos, não era diferente do que Toni Morrison¹⁶¹ descreveu ao tentar reimaginar ou retrabalhar um corpo percebido pelos outros enquanto “feito” em algo que pudesse ser reconhecido como “bonito”. Citei acima uma passagem do romance *Creole*, do autor angolano José Eduardo Agualusa. Em outro livro, traduzido para o inglês sob o título *The book of chameleons*, Agualusa¹⁶² fornece uma narrativa poderosa do motivo pelo qual importam as histórias pessoais e as memórias, e como elas são alcançadas na ficção que, talvez, está menos distante da realidade do que se pode pensar. Ambientado na Angola pós-guerra, o romance se desenrola na casa de Felix Ventura, um homem em cujo cartão de visitas lê-se “Garanta a seus filhos um passado melhor”.¹⁶³ Ventura vive rodeado por fotografias e excertos de jornais, e seu trabalho é recriar o passado para clientes que são “uma burguesia completamente nova”: como o texto explica, os clientes de Ventura são

homens de negócio, ministros, proprietários de terra, contrabandistas de diamantes, generais – em outras palavras, pessoas cujos futuros estavam assegurados. Mas o que faltava a essas pessoas era um bom passado, uma ancestralidade importante, diplomas. Em suma, um nome que ressoasse a nobreza e cultura. Ele vendia a essas pessoas um passado novo em folha. Ele desenhava suas árvores genealógicas. Ele fornecia a elas fotografias de seus avós e tataravós, cavalheiros de porte elegante e senhoras antiquadas. Os homens de negócio, os ministros, gostavam de ter mulheres assim como suas tias, ele prosseguia apontando para os porta-retratos nas paredes – velhas senhoras envoltas em tecido, burguesas *bessanganas* autênticas –, eles queriam ter um avô com o porte distinto de um Machado de Assis, de um Cruz e Souza, de um Alexandre Dumas. E ele vendia a essas pessoas esse sonho simples.¹⁶⁴

160 N.T.: Aqui, a autora utiliza o termo *re-membering*, aludindo à ideia de uma renovação do pertencimento a algo, mas que poderia ser confundida com uma alusão à ideia de rememoração.

161 Morrison (2007).

162 Agualusa (2006).

163 Id. *ibid.*, p. 23.

164 Id. *ibid.*, p. 23.

O trabalho de Ventura é semelhante à insistência do ex-presidente a respeito do jet ski no processo de reimaginação nacional, e é um exemplo da refiliação nacional. Os mares de iPad do show em Benguela e as brincadeiras de criança em Luanda também não são dessemelhantes: em todos esses casos, o que está em jogo é a imaginação visual do que se é. Se a identidade é estruturada apenas por representações de sofrimento, fica difícil transcendê-lo. Mas se a identidade é estruturada por jet skis, “burgueses *bessanganas*” e shows de rock sob as estrelas, futuros alternativos tornam-se muito mais fáceis de ser imaginados – embora não menos difíceis de ser alcançados (e, talvez, como resultado dessa imaginação, tornam-se também mais decepcionantes ao permanecerem como uma esperança distante). Na seção seguinte, abordo o processo de fabricar tais futuros alternativos através das telas, do poder que tais tecnologias cada vez mais têm em termos de mundo-real e as implicações desses futuros alternativos para o trabalho de campo quando não se dá a eles o devido respeito.

TELAS BIOPOLÍTICAS: ESTRUTURAS DA VISÃO

Durante o tempo em que vivi em Lobito, uma das relações mais importantes que construí foi com uma ONG bastante conhecida cujo trabalho era focado na garantia dos direitos humanos e da democratização. Visitava suas instalações quase todos os dias, e o diretor, os funcionários e os participantes tornaram-se facilitadores extremamente importantes para o meu trabalho, além de grandes amigos. Essas amizades eram significativas tanto no meu dia a dia quanto nas redes sociais; no dia a dia, para conversas, risadas, apresentando-me outras pessoas e conhecimento sobre Lobito, e online em razão dos artigos, blogs, vídeos e redes de contato que essa pessoas traziam para meu foco de atenção, e que, de outra forma, teriam permanecido invisíveis para mim. Algum tempo após o início de meu trabalho de campo, um grupo baseado em Luanda, que tinha algumas conexões com essas pessoas, produziu um DVD chamado *Geração da Mudança: o despertar de uma geração anestesiada: 32 é muito*.¹⁶⁵ O número 32 referia-se aos anos no poder do então presidente do país, José Eduardo dos Santos, que havia assumido o cargo em 1979. O *Geração da Mudança* contribuiu com um discurso antipresidente crescente, disseminado, em parte, por um grupo de jovens conhecidos como os *revus*.¹⁶⁶ Como tantos outros, estava interessada no DVD, e encomendei uma cópia. Ela foi devidamente arranjada pelo pessoal da ONG, e concordei em participar em sua

¹⁶⁵ Chipilica (2014).

¹⁶⁶ Pearce, Péclard e Oliveira (2018).

campanha publicitária nas redes sociais, permitindo que eles me fotografassem com o DVD nas mãos.

Assisti ao filme com interesse, mas não pensei mais sobre aquela foto até vários meses após o episódio. Dando continuidade ao meu trabalho de campo no Rio de Janeiro, Brasil, tive uma discussão inesperada com outro interlocutor. No Rio, trabalhei de maneira muito próxima aos funcionários do consulado angolano, pois eles me conectavam à vida social angolana na cidade, especialmente por meio de seu centro cultural. Tornei-me amiga de um jovem rapaz de Benguela que chamo de Xavier, e cujas experiências como estudante universitário no Brasil tornariam-se parte fundamental da minha tese de doutorado. Uma tarde, enquanto assistia à partida de futebol semanal de um campeonato angolano amador que ocorria não muito longe do consulado, ele me puxou de lado. O diálogo que se seguiu foi mais ou menos assim.

“Jess, nós temos um problema.”

“Temos? O que foi?”

“O problema é que você é amiga de alguns revolucionários, e por isso o consulado quer parar sua pesquisa.”

“Amiga de revolucionários?”

“Sim. Nós vemos o tempo todo no Facebook. Nós achamos que você pode ser da CIA e está tentando derrubar o regime” (Registro de Campo 140830).

Ser confundida com uma agente da CIA não é incomum na antropologia, nem uma sugestão desarrazoada dada a longa imbricação da disciplina com aparatos de segurança de vários Estados e governos.¹⁶⁷ Percebendo rapidamente que ele falava sério, fiz o meu melhor para assegurar a Xavier o quão incompetente eu seria como espiã (pensando em retrospectiva, uma decisão deveras questionável), e revelei que estava ali recebendo uma bolsa do governo brasileiro, não da National Science Foundation, dos EUA, ou de sua equivalente sul-africana – algo que ele prontamente checkou online usando seu telefone.

Depois de uma breve discussão, veio à tona o fato de que a suspeita havia surgido a partir da minha fotografia segurando o DVD supracitado. Sem meu conhecimento, ela havia sido postada em diversos outros blogs e um funcionário do

¹⁶⁷ Gordon (1987), Max (2008), Price (2016).

consulado havia visto e me reconhecido. Isso, então, levava a uma investigação minuciosa de meus perfis nas redes sociais, e, a despeito da razoável estrutura de segurança de meu perfil, evidências sobre as minhas amizades com indivíduos em particular já conhecidos por suas visões antiestado foram consideradas extremamente problemáticas e suficientes para motivar uma ameaça de suspensão de minha pesquisa.

Quando cheguei a casa naquela noite, decidi escrever à diretora da ONG pelo Facebook, e ela, para minha surpresa, estava online apesar de ser por volta de 3 da manhã no horário de Angola. Também escrevi para alguns de meus amigos mais ativos nas redes sociais perguntando se eles poderiam simplesmente parar de me marcar em seus posts de modo que minhas tentativas de frequentar mundos diferentes – apoiadores do governo e elementos da sociedade civil que, à época, se opunham ao governo – fosse menos visível. Escrevi uma mensagem simples para todos eles dizendo o quanto gostava de seus posts, mas explicando que alguns de meus trabalhos atuais envolviam entrevistas com oficiais do governo e, portanto, eu precisava não ser marcada em seus posts. Para minha surpresa, como dito anteriormente, a diretora respondeu imediatamente: ela estava furiosa. Ela me acusou de ser contra a liberdade de expressão, apoiadora de um ditador, contra a democracia, uma vendida e uma traidora. Estava sentada de frente para o computador e me sentia chutada no peito, suspeitando bastante que ela se sentia da mesma forma. Confiança é algo crítico para a pesquisa etnográfica, assim como tentar entender a realidade a partir do maior número de perspectivas possíveis. Neste caso, naquele momento senti que essas duas necessidades eram fundamentalmente incompatíveis uma com a outra – o debate estava por demais polarizado para ser possível construir pontes.

Por fim, eu pude, de maneira prática, completar minha pesquisa (o meu visto não foi revogado), mas frequentemente penso no que perdi por meio dessas interações – ironicamente, tanto com aqueles que serviam ao regime quanto com aqueles que o criticavam. Minhas tentativas de uma neutralidade amigável foram comprometidas pelas redes sociais, o que obviamente também refletia uma certa verdade: eu *era* amiga de pessoas que eram críticas do Estado, e eu mesma não era, na verdade, neutra em relação às minhas posições e visões, mesmo que eu fosse diplomática o suficiente para manter tais posições e visões em segredo. Eu era recorrentemente lembrada que a neutralidade não era possível,¹⁶⁸ e meu erro foi pensar que só porque meu interesse sobre a perspectiva do consulado angolano *também era* sincera, eu poderia, de alguma forma, transcender à regra do “ou você está conosco, ou está contra nós” que era fundamental para a forma como o aparato do Estado angolano operava à época.

168 Hammersley (1999).

Na era do *big data*, o trabalho de campo está mudando rapidamente, e depois dessa experiência, comecei a ler bibliografias sobre as novas mídias de maneira muito mais séria e comprometida. Duas ideias em particular me chamaram a atenção. Em um artigo intitulado *The New Visibility*, John B. Thompson faz uma reflexão sobre a tortura de prisioneiros iraquianos em Abu Ghraib, uma prisão gerenciada pelos EUA localizada em Bagdá. Em 2004, imagens de tortura e outros abusos foram levadas ao conhecimento público e tornaram-se o que ele chama de “um novo mundo de visibilidade mediada”¹⁶⁹ no qual, ele argumenta, indivíduos e organizações usam imagens como partes explícitas de suas estratégias nas lutas cotidianas – um ponto que ficou ainda mais evidente pelo uso das plataformas de redes sociais, imageria e vídeos por grupos contemporâneos como o Estado Islâmico.¹⁷⁰ Em circunstâncias muito diferentes, o antropólogo estadunidense Danny Hoffman escreve sobre imagens da natureza em Serra Leoa como “ícones do contexto social”,¹⁷¹ o que provoca questões não apenas sobre a imagem em si mesma, mas sobre as circunstâncias mais amplas de sua produção e circulação. Dando os retoques finais nas provas deste livro, no fim de 2019, já vejo o quão datado parte deste material pode parecer – e isso também é um novo desafio da etnografia contemporânea.

O historiador da arte norueguês Pasi Väliaho levou esse ponto muito mais além. Em *Biopolitical screens: image, power and the neoliberal brain*,¹⁷² ele explora os efeitos dessas tecnologias por trás da produção das imagens – as telas, de maneira mais notável – sobre como o mundo é feito e experimentado. “As telas e as imagens que elas materializam, ecoam e evocam eventos psíquicos e somáticos”, ele escreve, “tecendo-nos e nossas visões internas em tecidos sociais de afetividade, desejo, significado e comportamento que compartilhamos uns com os outros como seres coletivos”.¹⁷³ Väliaho interpreta as tecnologias de tela dos videogames aos controles de drones em paralelo com o trabalho do teórico social Michel Foucault, para considerar como as interações com as telas (e, através da nova tecnologia de realidade virtual, também as projeções) têm consequências nas maneiras como as pessoas interagem, brincam, cuidam e, às vezes, matam umas às outras – este último, uma experiência explorada em aguda profundidade na etnografia da guerra com drones de Hugh Gusterson.¹⁷⁴

169 Thompson (2005, p. 35).

170 Farwell (2014), Klausen (2015).

171 Hoffman (2007, p. 104).

172 Väliaho (2014).

173 Id. *ibid.*, p. 1.

174 Gusterson (2016).

Interações humanas, Väliaho explica, são crescentemente baseadas nas imagens pixeladas de seres humanos que estão longe de qualquer percepção sensorial e além da visão: não há cheiro de sangue quando se mata com um drone, nenhum som de uma bomba caindo ou qualquer estímulo sensorial para viver e reviver como parte de uma revisão ética – no máximo a experiência de apertar um botão ou clicar em uma tela, talvez um pouco de suor. Entretanto, como o documentário *Human Terrain*, que aborda o uso de cientistas sociais no esforço de guerra moderno, demonstrou,¹⁷⁵ isso também pode ser superado com treinamento. Em todos esses exemplos, o que vem à tona não são apenas imagens que refletem o mundo a nossa volta, mas que ativamente também o *produzem*, influenciando “os filmes em exibição em nossos cérebros... para trazer para o primeiro plano o ‘presente emergente’, um momento de imaginação e pensamento que consegue vislumbrar o que ainda não foi construído, mas que poderia ser”.¹⁷⁶

O que Angola poderia ser, e o que é possível ser em Angola? A resposta para esta última pergunta é certamente “muito mais do que uma vítima de guerra”, o que pode, em parte, ser a razão pela qual os filhos do antigo líder da oposição Angolana processaram os produtores do jogo *Call of Duty: BlackOps III*, que retrataram seu pai como um “bárbaro”.¹⁷⁷ Que um ser humano como Jonas Savimbi tenha aparecido nesse jogo diz, antes de mais nada, bastante sobre como o próprio jogo reflete os estereótipos e metáforas dos sistemas mundiais contemporâneos. Que os produtores tenham pensado que poderiam passar incólumes com tal produção sugere uma presunção incorreta de conexão assimétrica. Em todos os exemplos dados nessas páginas até agora, é possível “ver” as propriedades criadoras de vida das telas: em uma imagem capturada de um armário no Rio de Janeiro, um show em Benguela, um jet ski em um livro de fotos, um videogame e em processos de produção etnográfica. No mundo contemporâneo, “os filmes em exibição em nossos cérebros” são mais que lentes que informam como vemos o mundo – eles ativamente moldam nossas decisões sobre onde ir, com quem interagir e como responder quando nos conhecemos pessoalmente.

RINDO NA INTERNET

Em 29 de agosto de 2014, surgiu uma piada na página do Facebook dos Escoteiros Angolanos. O texto dizia o seguinte:

175 Human (2010).

176 Väliaho (2014, p. 129).

177 Stuart (2016).

O presidente da República [de Angola] viajou para o Brasil com o vice-presidente. Na viagem, o vice-presidente Manuel Vincente disse: “Eu poderia jogar cinco mil pela janela notas de kwanzas e fazer cem pessoas felizes”. [O presidente] José Eduardo respondeu: “Você gosta de competir comigo! Eu sou rico, eu poderia jogar pela janela dinheiro suficiente para fazer uma província inteira feliz”. Manuel respondeu: “Eu sei, acalme-se. A única pessoa pobre entre nós é o piloto”. O piloto, então, falou: “Vocês é que deveriam estar pensando. Eu poderia arremessar o avião no chão e fazer o país inteiro feliz”.

A piada era surpreendente menos em razão de seu conteúdo, e mais em virtude de seu contexto naqueles anos. Em 2016, Angola foi apontada como o 125º lugar de um ranking realizado pelo Repórteres Sem Fronteiras que analisava a liberdade de expressão de um total de 180 países (em 2018, era o 121º lugar, e o ranking mais recente pode ser visto em <https://rsf.org/en/angola>) – e críticas ao Estado poderiam resultar, e frequentemente resultavam, em punição, como já argumentei neste livro. À semelhança do DVD descrito anteriormente, entretanto, a piada refletiu uma mudança de humor entre a população mais jovem de Angola, um grupo que, pela primeira vez em quase quarenta anos, estava envelhecendo sem crianças marcadas pela guerra. Muitas pessoas riram publicamente nos comentários (“kkkkkkkk!!!”), algumas elogiaram a piada por sua precisão. Muitos outros expressaram choque que as pessoas pudessem tomar a liberdade de fazer críticas – um choque justificado em 2016, quando quinze jovens foram presos simplesmente por fazer parte de um grupo de leitura e por trabalharem o texto do cientista político estadunidense Gene Sharp, *From dictatorship to democracy*.¹⁷⁸

Enquanto estava conduzindo meu trabalho de campo, a página de Facebook e o blog *Humans of New York*,¹⁷⁹ do fotógrafo estadunidense Brandon Stanton, estava no auge – inclusive de Angola –, e surgia quase diariamente em conversas. Ao mesmo tempo, outro estadunidense, Pharrell Williams,¹⁸⁰ havia lançado um single intitulado “Happy”, que rapidamente inspirou “vídeos tributo” em todas as partes do mundo, inclusive por meus alunos de música da 6ª série na escola onde eu lecionava em Lobito. Inspirados pelo que estavam vendo online, meus alunos negociaram, com sucesso, a possibilidade de fazer um vídeo para o YouTube ao

178 Marques (2015), Moorman (2015).

179 O blog *Humans of New York* iniciou seus trabalhos em setembro de 2010. O livro de Brandon Stanton (2015) reúne todos os textos postados em seu sítio.

180 Williams (2013).

invés de escrever uma prova final de forma a “participar no mundo” e “mostrar Lobito [para o mundo]”.¹⁸¹

Embora não seja de forma alguma representativo do país todo, esses jovens de 18 anos de idade, e também os escoteiros que postaram a piada no Facebook, são parte de um grupo que o educador estadunidense Marc Prensky¹⁸² chamou de “nativos digitais”, aqueles que cresceram ao lado de pares de classes equivalentes ao redor do mundo, conectados através da tecnologia e familiarizados com seu uso. Esta também é a audiência para quem este livro majoritariamente foi escrito. Prensky não se refere “ao mundo” em larga escala, ou aos impactos desiguais da globalização¹⁸³ e do acesso à tecnologia,¹⁸⁴ mas as questões que ele levanta sobre como as gerações podem pensar e agir radicalmente diferentes umas das outras são certamente relevantes para Angola, e para qualquer um interessado em metodologias de trabalho de campo.

Há um paradoxo interessante em jogo entre o local e o global no caso das imagens da mídia. As linguagens da internet ainda importam (cada vez menos, à medida que as tecnologias de tradução se tornam mais sofisticadas), mas as fronteiras geográficas são menos e menos significativas na criação e na manutenção de comunidades imaginadas muito reais, e o nacionalismo, tão bem descrito por Benedict Anderson,¹⁸⁵ está sendo cada vez mais rompido pela co-criação de conhecimento global no qual as imagens desempenham um papel fundamental. Não obstante, pessoas ainda são geograficamente localizadas, e atividades “subversivas”, como a postagem de uma piada descrita anteriormente, podem ter consequências radicalmente diferentes, a depender de como e onde os autores estão de fato baseados. O ano de 2018 foi agitado por revelações sobre as maneiras como os dados do Facebook poderiam, e, de fato, eram vendidos, com manipulação das plataformas e utilizadas para influenciar não apenas indivíduos, mas o resultado das eleições (Cambridge Analytica, etc.). Seguindo adiante, não é claro se a internet continuará a funcionar da forma como funcionava na primeira parte do século XXI, ou tornar-se-á monetizada, securitizada e limitada à semelhança do mundo que representa.

Na mídia anglófona, no foco de muitas novas histórias que dizem respeito à Cambridge Analytica, e além dela, estava os Estados Unidos, que tem simultaneamente os recursos econômicos para explorar o que estava acontecendo, e uma imprensa independente bem formada e com recursos, determinada a desvendar ao menos uma

181 Auerbach e Colégio (2014).

182 Prensky (2001).

183 Ferguson (2006).

184 Piot (1999), Skuse e Cousins (2008).

185 Anderson (1990).

versão mais coerente da verdade. O que os EUA parecem estar ignorando era a vontade política para agir a respeito disso. Outro meme que circulou em 2018 logo antes da eleição nacional brasileira comentava ironicamente: “*Nunca imaginei que o futuro da democracia brasileira fosse depender do PT aprender a usar o WhatsApp*”. Independentemente de o Partido dos Trabalhadores aprender ou não a usar o WhatsApp, eles perderam as eleições, em parte em razão das mensagens circulando nas redes sociais, difíceis de serem checadas. O mesmo pode ser argumentado sobre o Brexit,¹⁸⁶ e também sobre como o Facebook agiu como instigador da limpeza étnica de Myanmar.¹⁸⁷ Quem faz a internet, e quem (ou, na era da inteligência artificial, o que) determina o que é visto, e por quem?

VERDADES OU MENTIRAS DO INSTA?

Como é possível compreender não apenas verdades parciais, mas também visões parciais? O termo “mentira do Insta” (*Insta lie*) provavelmente é familiar para qualquer leitor com menos de vinte e cinco anos, mas talvez menos para os de outras faixas etárias. Em um vídeo popular do YouTube intitulado “Você está vivendo uma mentira do Insta?”,¹⁸⁸ as pessoas são filmadas passando maquiagem antes de ir para cama para se fotografarem deitadas em seus travesseiros, carregando as bicicletas morro acima para, de lá, dizerem que se exercitaram, e postando fotos animadoras de relacionamentos que parecem problemáticos – tudo para satisfazer a necessidade de curtidas nas redes sociais. A maior parte dos usuários do Instagram tem bastante consciência a respeito da realidade que ele reflete, mas isso não muda seu desejo de narrar uma verdade pessoal que, de algum modo, é aspiracional. O que acontece quando isso se dá também em nível nacional?

Verdades visuais são veementemente contestadas, e geralmente há diversas perspectivas diferentes. Movimentos como o #TheAfricaTheyDon'tShowYou ou #SomeoneTellCNN são exemplos do poder que as mídias sociais têm para mudar narrativas globais de formas importantes e, nesses casos, as pessoas da África estão respondendo às lentes do norte global. A maioria das pessoas escolhe compartilhar beleza muito mais do que retratar o que é feio, sabendo muito bem que as imagens têm o poder de fabricar mundos, de trazê-los à existência, mas imaginações visuais são moldadas pelas mesmas forças geopolíticas que subsidiam outros domínios da vida cotidiana. Cada vez mais estudiosos têm tentado compreender não apenas

186 Cadwalladr (2019).

187 Veja os comentários de John Oliver: <http://www.youtube.com/watch?v=OjPYmEZxACM>.

188 “Are you living an Insta lie?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EFHbruKEmw>. Acesso em: 15 fev. 2021.

o que é dito ou escrito, mas também aquilo que é mostrado e exibido. Tudo isso torna-se muito mais complexo quando levamos em consideração os vieses raciais e sociais dos algoritmos,¹⁸⁹ e as formas nas quais a própria conectividade é com frequência desigual e imprevisível.

A internet modificou a maneira como muitas pessoas vivem, e os métodos e ética das pesquisas indiscutivelmente estão apenas começando a se inteirar disso. Não conseguimos separar nossas personas online ou corporificadas nos processos de envolvimento com os outros, pois isso nos coloca sob o risco de duplicidade em um espaço já dubio. Isso por si só não é nenhuma novidade: nossas personas offline também são cuidadosamente manejadas, e nós certamente não compartilhamos tudo com todo mundo – a história humana inclui milhões de exemplos de momentos em que um pedaço de informação é compartilhado com alguém, e então metamorfoseia-se em uma “verdade” diferente. Dada a emergência das notícias falsas e a crescente complexidade da confiança enquanto uma base para a comunicação humana, pesquisadores agora têm que lidar com a existência de uma “verdade” cada vez menos coerente à disposição, ao menos da forma como a verdade era compreendida no século XX, e têm que aceitar que seus próprios corpos serão interpretados por meio de filtros metafóricos e baseados em imagens de câmeras.

Finalmente, é importante lembrar que o conhecimento sempre é corporificado. Os olhos são apenas uma pequena parte da ferramenta que nossos corpos representam e, embora nós possamos sentirmo-nos crescentemente à vontade com uma versão de antropologia de gabinete do século XXI¹⁹⁰ – um efetivo consumo massificado de “mentiras do Insta” –, o olhar não nos ensinará sozinho como devemos sentir, ou se as pessoas estão nos encarando de volta ou não, ou a editar nossa perspectiva por meio da Wikipedia. Se o objetivo é a compaixão, sentir em conjunto a outros, tornar o mundo “seguro para a diferença humana” da forma como nossos ancestrais etnográficos sugeriram, ainda é necessário mergulharmo-nos nos mundos offline: cheirar, sentir gostos, tocar e escutar até, ou, talvez, especialmente, quando o tópico da conversa é quantas curtidas do Instagram um dado post conseguiu.

ÉTICA DE TRABALHO DE CAMPO: SETE PÓS-IMAGENS

Uma pós-imagem é aquela que permanece depois que se deixa de olhar a uma dada figura, foto ou espaço; essa seção é sobre algumas das pós-imagens que per-

189 Buolamwini e Gebru (2018).

190 “Antropologia de gabinete” é o termo usado para descrever interpretações do mundo feitas por acadêmicos baseadas em relatórios ou relatos de viagens escritos nos séculos XVIII e XIX.

maneceram em minha mente desde que eu concluí a pesquisa que levou a este livro. Durante meus últimos anos na escola primária, a Comissão da Verdade e Reconciliação (*Truth and Reconciliation Commission – TRC*) iniciou seu trabalho na África do Sul. De 1996 a 1999, de quando eu tinha 11 anos até meus 13, os canais de notícias conduziam atualizações quase diárias do processo que abriu e tentou curar as feridas de um dos regimes políticos mais violentos da história. O assunto da Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) da África do Sul está além do escopo deste livro, embora valha notar que Angola ainda não tenha tido nada similar; sua relevância aqui tem mais relação com os processos de tradução e de ética. Recordo-me vividamente de assistir partes das audiências da CVR na televisão e de ler sobre elas depois nos jornais que tínhamos em casa. Lembro-me que eles transmitiam com tradução simultânea e, às vezes, as câmeras voltavam-se para as cabines de tradução, onde homens e mulheres que falavam todas as onze línguas oficiais da África do Sul canalizavam as narrativas que estavam sendo compartilhadas de forma que todo o país pudesse ouvi-las.

Por volta de vinte anos depois, solicitaram-me uma resenha de um filme para uma revista acadêmica. *A snake gives birth to a snake*¹⁹¹ é um documentário sobre esses tradutores, e eu não tenho problema em admitir que ele me fez chorar. Chorei tanto assistindo ao filme que me levou seis horas para que eu conseguisse terminá-lo, pois precisava pausá-lo de tempos em tempos. Chorei por conta de seu conteúdo, mas também porque o filme lembrou-me o medo que tinha de crescer enquanto uma sul-africana branca nos poucos anos após o fim do apartheid. Sempre me perguntei quem eu teria sido se eu tivesse nascido apenas quinze anos antes. Teria eu tido coragem para ser presa, exilada ou ser submetida à tortura, ou teria eu evitado correr riscos, fechado meus olhos e me preocupado com minha vida às custas de outros seres humanos? O filme faz três perguntas importantes, e que são muito importantes aqui. Primeiro, “nós precisamos perdoar o passado para sobreviver ao futuro?”. Segundo, “podemos sair incólumes?”. E terceiro, “o que você tem que fazer para mudar um rosto?”.¹⁹²

A terceira pergunta é a mais importante, pois diz respeito à narrativa que se compartilha com os outros. No filme, os tradutores reconhecem que suas escolhas de palavra podem determinar se alguém é visto como vilão ou como herói – uma pessoa digna de curiosidade, empatia, ou um monstro desumano. Eles perceberam isso ao mesmo tempo que processavam suas próprias emoções relativas a terem sido pessoalmente afetados tanto pelas audiências quanto pelo próprio apartheid. De certo modo, isso é ligeiramente semelhante ao processo da etnografia, em que

191 *A snake* (2014).

192 Cf. Auerbach (2019).

pesquisadores mergulham em um dado contexto social, e então refletem isso de volta sobre o texto para que outras pessoas leiam a respeito da experiência, como você está fazendo aqui. Por um longo tempo, a antropologia e outras disciplinas reconheceram a complexidade ética desse processo, e muito pouco trabalho é conduzido hoje em dia que não obedece a códigos e regulamentos cuidadosamente considerados, com a máxima bastante ampla, mas muito abrangente, de “não faça mal algum”. Ainda assim, a realidade é frequentemente muito mais complicada que isso.

Pouquíssimas etnografias requerem que o pesquisador lide explicitamente com os desafios e escolhas éticas que seu empreendimento exige. Antropólogos e outros comprometem-se ao “não faça mal algum”, e, ainda assim, quase todos os pesquisadores conseguem recordar momentos que os assombram – muito semelhante aos tradutores da CVR, que se descobriram assombrados por toda sua vida pelas narrativas que escutaram. Elas continuavam a viver como pós-imagens em nossas mentes e memórias. Há um medo tremendo de que se admitirmos que, afinal, fizemos, sim, algum mal, de alguma forma, a algumas pessoas, nosso trabalho possa ser restrito, nossa disciplina possa sentir-se envergonhada – talvez ninguém nos contrate, ou o governo não nos financie mais, ou talvez nossos amigos pensarão que somos seres humanos terríveis, ou nós vamos nos autoavaliar negativamente. De forma mais provável, não conseguiremos nossos vistos para retornar, ou, se estamos escrevendo “de casa”, nossos amigos e famílias podem sofrer as consequências por nossas palavras.

Mas, em minha experiência lecionando, comecei a acreditar que é importante falar sobre essas coisas. “Não fazer mal algum” é uma sugestão simplista demais – faz parecer que pesquisadores são, de alguma forma, criaturas angelicais acima da complexidade bagunçada da vida. Faz parecer possível não irmos a campo como os seres humanos comuns da vida cotidiana, que cometem erros, mas continuam tentando de toda forma; que trabalham para fazer o bem, mas frequentemente respondem ao medo; que não conseguem prever o futuro e, então, tomar a melhor decisão possível com informações limitadas sobre os fatos, mas percebem em retrospecto com frequência que nossas ações desencadearam reações que machucaram outras pessoas de maneira que não poderíamos ter imaginado, ou que, por vezes, ajudaram-nas para além de suas expectativas. Aqui, compartilho alguns dos momentos complexos que continuam a viver comigo.

Meu objetivo ao compartilhar sete deles é aprofundar o diálogo que orbita a ética em pesquisa, e mostrar um pouco do processo que caminha na direção de conhecer certas partes do mundo e escrever sobre elas para apontar que nós, pesquisadores, estamos nós mesmos profundamente implicados, e que, em muitos casos,

carregamos o impacto do nosso trabalho de campo pelo resto de nossas vidas.¹⁹³ Isso não é de forma alguma um problema, em meu ponto de vista. É apenas o jeito que as coisas são. *Seria* um problema se fossemos, de alguma forma, tão distantes de tudo que nunca experimentássemos o espectro total da vida humana. O desafio é que nós recebamos crédito por fazer o que é dramático, ou pelos “atos de bondade” visíveis, ou mesmo apenas pela pesquisa científica sólida – esse livro reflete isso. Mas é muito, muito mais difícil escrever sobre as coisas que não foram muito bem, quando não estávamos certos se tínhamos tomado a decisão correta, quando, talvez, nos magoamos e, então, tivemos que passar anos em processo de cura. Não é, no entanto, porque é difícil que não valha a pena fazê-lo, ou que outros não possam aprender a partir de nossa experiência e conhecimento da realidade bagunçada e complicada do trabalho que desempenhamos. Aqui, a pedido de um de meus alunos que leram este trabalho, também gostaria de colocar um aviso de gatilho: o que se segue tem o potencial de perturbar a tranquilidade e de mexer com memórias e emoções. O trabalho de campo, no entanto, produz isso por si só, frequentemente em um ínfimo instante, e certamente sem um aviso prévio. Envolver-se com tais memórias e emoções no texto pode, talvez, ser uma prática útil para, no mínimo, fazer-se ciente dos próprios gatilhos – e, assim, ser capaz de manejar as reações quando elas vêm.

1. MERCÚRIO

Estava com alguns colegas, e saímos para um *tour* em uma escola muito exclusiva em uma das maiores cidades do país. As instalações eram impressionantes, e no momento em que éramos conduzidos por um laboratório de ciências, o professor, entusiasmado, exibiu um frasco de mercúrio. Ele gesticulava bastante explanando sobre pedagogia. O mercúrio foi derramado para fora do frasco sobre a carteira de um dos alunos (não havia, por sorte, alunos na sala naquele momento), infiltrou-se nas rachaduras e desapareceu. Ninguém disse nada, e o professor colocou, então, o frasco, agora vazio, de volta onde estava antes.

2. JANTAR

Mudei-me para meu próprio apartamento duas semanas após iniciar o trabalho de campo. Um dos vizinhos do andar de baixo também era estrangeiro em

¹⁹³ Ver também Posel e Ross (2015).

Angola. Encontramo-nos algumas vezes nas escadas, ele era perfeitamente gentil, e eu ainda não tinha amigo algum da minha idade. Ele me perguntou se poderia ir até meu apartamento para jantar, e explicou que vivia com sua mãe – não fosse isso, ele me convidaria para jantar em seu apartamento. Disse que sim, não havia problema, que ele viesse às 18 horas. Ele chegou atrasado, por volta das 21 horas. Tinha desistido dele e comido há muito tempo, mas pensei “claro, entre, vamos tomar um pouco de chá”. Ele queria vinho, e tinha trazido consigo, então bebemos juntos. Quando a conversa derivou para o assunto do colonialismo, ele repentinamente tornou-se muito violento. Machuquei-me, embora não com gravidade a ponto de ir parar no hospital. Ele saiu furioso do meu apartamento. Eu o evitei nos corredores do prédio daquele momento em diante. Ele nunca se desculpou. Não bebi nenhuma bebida alcoólica por dois anos.

3. A FOTOGRAFIA DE UMA GAROTINHA

Essa experiência também foi narrada na Introdução...

Quando cheguei a Lobito pela primeira vez, usava muito o mototáxi como passageira, pagando um preço bem em conta. Conversei com Abrão, quem me ajudou a comprar minha própria moto, e me senti muito mais segura. Fui conhecer a família de Abrão em um dos subúrbios mais pobres de Lobito. Sete pessoas moravam em uma casa feita de blocos de concreto de dois cômodos e cheia de mosquitos. Tirei fotos de suas sobrinhas pois sua mãe me pediu. Bebi um pouco de suco e comi alguns biscoitos, e quando me preparei para sair, sua mãe me deu duas fronhas de travesseiro de cetim rosa e um lençol como presente de boas-vindas ao país. Ainda as tenho.

Imprimi as fotos e liguei para Abrão para dá-las a ele, mas ele havia perdido seu celular e nunca me respondeu. Por meses, elas ficaram ao lado da minha cama. Quando se aproximou o momento de eu deixar o país, fui até o lugar onde ele morava e perguntei por ele. Os vizinhos me ajudaram a encontrar sua casa no labirinto de caminhos estreitos. Trouxe comigo uma rede para mosquitos, alguns lençóis e as fotos. Eu os dei para sua mãe, e ela começou a chorar descontroladamente. Eu não entendia o que estava acontecendo. Abrão olhou para as fotografias e suspirou profundamente – a garotinha que usava um vestido laranja havia morrido, ele disse. Em choque, eu perguntei por quê. “As crianças apenas morrem às vezes”, ele respondeu encolhendo os ombros. Foi a primeira e a única fotografia que eles tiveram dela (Registro de Campo 140611).

4. AJUDANDO ESTRANHOS

De uma janela do meu apartamento, conseguia ver a estrada que unia uma parte de Lobito à outra. Um dia, decidi explorá-la. Em minha moto, fui até o ponto onde achei que ela começava, mas eu não conseguia ver um ponto de entrada óbvio. Perguntei a um pedestre onde era. Ele disse “é bem aqui”, e se ofereceu para me mostrar, pois ele estava indo para casa e teria que pegar a estrada de toda forma. Com frequência, eu dava carona para as pessoas na moto, então aceitei. Passamos pelo que parecia ser a entrada de uma fábrica de cimento. Parei e perguntei se ele tinha certeza sobre o caminho – ele estava bastante confiante a respeito, apontando para a esquina. Prossegui lentamente. De repente, nós fomos cercados por cinco homens que pareciam bravos. Eles gritaram conosco por estarmos invadindo uma propriedade privada. Eu estava verdadeiramente confusa, parei a moto e expliquei calmamente o mal-entendido. “Pergunte para o meu carona”, eu disse, “ele está só me mostrando o caminho”.

Um dos homens, que provou ser um dos seguranças do local, agarrou o homem que estava comigo e o puxou para fora da moto. “Você está tentando matar essa mulher!”, eles rugiram, “Você queria roubar a moto dela!”. Eles começaram a bater nele, e então eu gritei dizendo que era um grande mal-entendido. Um dos guardas encontrou uma barra de ferro que tinha um pouco de concreto e golpeou o homem nas costelas – achei que ouvi elas racharem. Gritei mais alto e um dos seguranças tentou pegar as chaves da minha moto. Naquele momento, um estrangeiro passou por nós, um homem branco. Ele parou para ver o que estava acontecendo. Era um gerente do Texas que não falava português, mas enquanto eu implorava para que ele interviesse de qualquer forma, meu antigo carona se soltou e fugiu. Os guardas não o perseguiram. Nunca mais vi nenhum deles novamente (Registro de Campo 140118).

5. SENDO AJUDADA POR UM ESTRANHO

Durante o início de meu trabalho de campo, em 2012, estava no Brasil realizando entrevistas preliminares e treinando meu português. Fui a Belo Horizonte de avião para fazer algumas reuniões, e cheguei ao aeroporto para meu voo de volta ao Rio de Janeiro apenas para descobrir que ele havia sido reagendado para o dia seguinte. Não tinha muito dinheiro na época, então escolhi passar a noite no aeroporto, algo que já havia feito muitas vezes em diferentes partes do mundo. Escolhi um canto para ficar, falei com meus pais pelo Skype, escrevi algumas notas. Fui ao mesmo banheiro quatro vezes durante as várias horas que passei lá. Na quarta vez,

a zeladora e eu nos falamos. Ela me perguntou porque eu estava a tanto tempo no aeroporto. Expliquei minha situação e perguntei se ela conhecia lugares mais quentinhos do aeroporto para eu dormir, pois estava ficando tarde. Ela ficou em silêncio por um momento, e me disse: “filha, se minha filha estivesse em um país estranho, eu não iria querer que ela dormisse em um aeroporto. Vem pra minha casa – é humilde, mas nós temos uma cama para você”.

Parei por um instante e considerei a sugestão. Emerelda tinha cinquenta e poucos anos e listras acinzentadas em seu cabelo. Ela me disse que seu próximo turno era de manhã cedinho, então ela iria pegar o ônibus de volta às 5 horas da manhã, de toda forma. Eu disse ok, agradei e peguei minhas malas. Depois de uma hora em um ônibus escuro onde seus colegas celebraram a gorjeta de cinco euros deixada no banheiro por um homem sueco e a dividiram entre eles, chegamos a um bairro que, mesmo com minha significativa exposição global à desigualdade, me devastou por dentro. Uma criança foi mandada para comprar um ovo para mim para complementar o feijão e o arroz; nós comemos. Os vizinhos vieram, e logo estávamos todos rindo. Mostrei para eles as fotografias da África do Sul em meu laptop – ninguém jamais havia visto um Mac de verdade antes.

Emerelda me disse que ela estava economizando para comprar um computador para sua filha, e eu pensei em Seu Oniko em Angola, que estava fazendo o mesmo. Dormi profundamente àquela noite em uma beliche estreita, e acordei logo após o amanhecer para pegar o ônibus. Deixei o dinheiro que tinha embaixo do travesseiro com um bilhete que dizia “poupança do laptop”, porque sabia que Emerelda não o aceitaria se fosse de outra forma. Quando fui embarcar em meu voo, acenei para ela. Ela veio e me abraçou, dizendo: “vai com Deus, filha”. Emerelda não tinha celular, então nunca mais ouvi falar dela, embora ela tenha me dado seu endereço e eu tenha enviado um cartão-postal para agradecê-la (Registro de Campo 120829).

6. VIAGEM E PRIVILÉGIO

Enquanto eu terminava de escrever este livro, fiz um cálculo aproximado das minhas viagens interregionais feitas a trabalho (não incluindo as movimentações diárias) desde o fim da minha graduação, e cheguei a aproximadamente 580.957 quilômetros. O cálculo incluía voos de volta da África do Sul, dos EUA, do Brasil, de Angola e das Ilhas Maurício, bem como o movimento circular entre cada um desses espaços e visitas a outros países para workshops, conferências e, no caso de Cuba, turismo deliberado para entender a Guerra Fria. O ponto do exercício era mais metafórico do que ser precisa a respeito da geografia e dos quilômetros voados,

mas o total calculado é literalmente uma viagem da Terra para a Lua de ida e volta (isso quando a Lua está razoavelmente mais perto do nosso planeta). Isso é bastante carbono jogado na atmosfera em meu nome.

Valeu a pena? Como me esforço para receber uma educação que custou tanto à Terra? O que aprendi é suficientemente significativo? Como posso retribuir? A maior parte do dia, estou calma em relação a esses assuntos. Trabalhei muito e tive muita sorte – nenhum desses dois fatores fica de pé sozinho – e eu me beneficieei por estar em instituições de elite e privilegiadas que se somaram aos privilégios que eu já tinha. Apropriei-me dos recursos do planeta para muito além da minha cota durante esse tempo, com certeza, mas também abri um grande número de portas para outras pessoas, e, em meu trabalho como professora, tento continuar fazendo isso. A despeito disso, frequentemente penso sobre a difícil entrevista para conseguir a bolsa de estudos que abriu esses caminhos de muitas maneiras. Durante a entrevista, a juíza constitucional sul-africana Edwin Cameron perguntou-me o que a raça humana estaria fazendo atualmente que poderia ser visto com o mesmo horror moral com o qual enxergamos a escravidão nos dias de hoje. Sem hesitar, respondi “viagens de avião” por conta das mudanças climáticas. Uma década depois, e 580.957 quilômetros...?

7. MALÁRIA

Peguei malária no início do trabalho de campo e nunca me recuperei totalmente. Meu corpo ficou seco e fraco, e meus sonhos foram febris por meses por conta da doença. O Brasil foi ótimo – misturei-me mais facilmente lá e, o mais importante, a comida foi nutritiva para mim –, mas tive que batalhar em Angola, país notoriamente difícil para vegetarianos. Isso dito, fiquei feliz por ter contraído malária, pois isso me deu uma experiência sensorial em primeira mão sobre uma doença que afeta quase toda a população em diferentes momentos e informa a maneira como as pessoas se movimentam, socializam, relaxam e dormem à noite. Quando me lembro da época em que estive doente, as duas semanas em que estive verdadeiramente mal foram relativamente fáceis de lidar: repouso e medicação. A recuperação foi muito mais complicada. Como você coleta dados – quanto mais constrói um país – quando seu corpo se sente como se até o seu próprio sangue tivesse perdido a energia para correr por suas veias e, ao invés disso, rasteja lentamente por elas?

O que é possível tirar disso? Para mim, tudo e nada. Essas experiências agora se agruparam no tecido mais longo da minha vida, que foi ricamente preenchido majoritariamente com bondade e sustenta minha fé em geral de que as pessoas via de regra são boas, confiáveis e inclinadas a tratar uma estranha como uma filha. Muitas pessoas, entretanto, não são, e eu reconheço isso. Meu próprio julgamento foi, por vezes, certamente falho – por isso, aceito de bom grado as consequências –, mas é possível aprender a partir dessas experiências, e prefiro abordar o mundo com abertura e curiosidade do que com um medo padrão. Anos depois, minha memória ainda me leva de volta àquele jantar, sobreposto a outras camadas, infelizmente muito comuns de violência, e eu nunca mais dei uma carona de moto a qualquer homem desconhecido novamente. Entretanto, recebi muitas pessoas para jantar em meu apartamento – homens e mulheres, sozinhos ou em grupo – e ainda amo interagir com estranhos e aprender com eles.

Visto à distância, meu trabalho de campo não foi particularmente perigoso – foi algo que precisava fazer, e fiz tão bem quanto pude, aproximando-me dele com peculiaridades de minha personalidade e com minha ética baseada em minhas crenças idiossincráticas sobre o certo e o errado, que, ainda bem, coadunavam com a lei. Penso em Angola apenas com grande sentimento de gratidão e simpatia. Meus amigos me dizem que ainda tenho uma tolerância alta para o risco, mas estamos mais velhos agora, então todos estamos fazendo escolhas diferentes – inclusive eu. Quando minha mãe insinuou que meus anjos da guarda provavelmente estavam cansados, eu ri, mas em minha última viagem a Angola, sacudindo sem capacete na garupa de um mototáxi morro acima com um caminhão sobrecarregado à minha frente, comecei a pensar que ela talvez tivesse razão. Quando meu companheiro gentilmente perguntou se eu poderia considerar ficar em um hotel ao invés de dormir no chão da casa de algum amigo, repentinamente percebi que isso é uma opção agora – tanto financeira quanto psicologicamente. Esse é um privilégio que tive a sorte de alcançar.

O ponto é que a vida cresce em todos nós, e temos que fazer nosso melhor para fazer escolhas certas com as informações limitadas que temos à disposição, alinhados com onde estamos em nosso próprio desenvolvimento, ou em nosso próprio caminho. “Não faça mal algum” é um excelente ponto de partida, mas quando se trata de ética, é o começo, e não o destino final, que, como na vida, é quase sempre mais complicado do que parece à primeira vista, e ainda mais se está postado no Instagram.

Por que isso importa? (visão)***Qual África está emergindo?***

Por volta de 2013, houve um grande burburinho iniciado pela *The Economist* sobre “o emergir da África”, mas o que isso sequer significa? A África não é um país, e este livro não é sobre o continente. É sobre um único Estado-nação na África, Angola, cuja história tornou visível padrões que espelham muito do resto do mundo. Olhando um só lugar de maneira mais detida, torna-se possível interrogar-se sobre alegações mais amplas e testá-las para ver se funcionam. A realidade é muito mais nuançada do que as manchetes da mídia sobre ascensões e quedas, e as redes que ligam aqueles que prosperam e aqueles que se debatem para sobreviver frequentemente existem para muito além das fronteiras geopolíticas.

Ao invés de imaginar um continente emergindo do mar, ou uma linda (mas mítica) Wakanda, é útil olhar para as pessoas em um lugar real, e para os sistemas socialmente mediados que guiam suas ações. Prestar atenção ao que estão fazendo e, mais importante, ver quem eles estão ajudando (e quem os está ajudando) nos dá uma visão sobre como o comércio, a política, as doutrinas religiosas, a ajuda e muito mais se manifestam na realidade dos mundos humanos. Tal conhecimento está na moda atualmente sob o título de *big data*, que observa os padrões de comportamento das pessoas na internet e levanta questões muito interessantes sobre ética, individualidade e generalizabilidade que parecem fazer o estudo do micro, como as coisas de fato se desenrolam no nível das pessoas comuns, ainda mais importante. É importante lembrar que quando se trata de um continente de, em 2018, algo em torno de 1,256 bilhão de pessoas em cinquenta e quatro países diferentes, precisão é algo muito importante, e estereótipos simplesmente não serão suficientes.

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

ENSAIO FOTOGRÁFICO 5: ARTE



Obra de arte se abre para a música no antigo Museu Etnográfico em Benguela, maio de 2018.



Artista Bella White em sua exibição em Benguela, maio de 2018.

Coleção de perfume da Dra. Daniella captura memórias e emoções, bem como a fisicalidade cotidiana.





No Cinema Flamingo, pássaros de origami em azulejos dão as boas-vindas aos visitantes na entrada. Na entrada da própria cidade de Lobito, um mural foi pintado em um muro por uma ONG local.



Em um estúdio de um artesão em Lobito, a figura de um homem emerge da madeira em maio de 2018.

ENSAIO FOTOGRÁFICO 6: ARQUITETURA



Cinema Flamingo em Lobito.



Uma igreja em construção em Lobito, maio de 2018. Mulheres conversam em um prédio de apartamentos recém-construído em Benguela, julho de 2014.



Homens substituem lâmpadas de um poste em um subúrbio de luxo de Lobito em 2014, e uma escola em construção, mas já em uso, em uma área muito mais pobre da cidade.



Uma casa nova em Compão, Lobito, faz uma declaração contra um prédio de flats da era colonial em 2014.

CONCLUSÃO

TRATANDO O QUE É BELO À LUZ DO QUE SABEMOS

[Sobre como desenhar mapas:] Tudo depende de o que você quer que o mapa mostre, e o que você tem à disposição para fazê-lo. As pessoas falam sobre como algumas coisas se perdem na tradução, mas algumas podem, claro, ser adquiridas também. Um cartógrafo pode acrescentar coisas, como fronteiras, que podem ou não ter alguma manifestação física na terra. Mas até se há uma cerca para marcar a fronteira no mundo, essa cerca não é o mesmo que a fronteira política representada no mapa: uma brecha na cerca não vicia a fronteira política. Afinal, a linha vermelha no mapa não representa a cerca, e, na verdade, a própria cerca apenas representa a fronteira.

Mas o ponto de tudo isso é que todas essas representações ou traduções começam com necessidades. Consequentemente, a perda de informação e compreensão que envolve todo ato de representação é o efeito de um ato de destruição que serve a uma necessidade. Nós podemos parecer ter dado um passo adiante, mas, na verdade, nós demos um passo para trás, e dois para frente. Todas as vezes que queremos entender qualquer coisa, nós precisamos simplificar e reduzir e, mais importante, desistir do propósito de entender tudo de forma a limpar o caminho para compreender qualquer coisa que seja. Isso, eu imagino, é verdade para todo questionamento humano.¹⁹⁴

O poderoso texto do advogado e escritor britânico Zia Haider Rahman chamado *In the light of what we know* explora os limites e as possibilidades inerentes no ato de buscar compreender outra pessoa e outra versão de mundo. Para Rahman, as escolhas feitas nos atos de cartografar, traduzir e até escrever requerem uma boa vontade para conceder qualquer chance de compreensão do todo de forma a enxergar o detalhe de maneira significativa. Sua escrita soa como verdade para

194 Rahman (2014, p. 25).

a prática da etnografia, que envolve dois possíveis atos: tentar compreender, e, depois, tentar explicar.

Neste livro, fiz meu melhor para compartilhar uma versão da verdade sobre a classe média de Angola, e sobre como as vidas daqueles que pertencem, embora provisoriamente, a este grupo são moldadas pela migração internacional no Atlântico Sul e além. Há muita coisa que deixei de fora, e potencialmente muito mais que entendi apenas parcialmente, mas espero que colegas, estudantes e amigos peguem as pontas desse texto e partam daí para acrescentar a ele. Existem muito mais acadêmicos e escritores angolanos pensando a respeito dessas questões do que aqueles a quem este livro faz justiça, embora os leitores interessados possam começar com os trabalhos de Ondjaki, Rafael Marques, Angela Mingas, António Tomás, Cláudio Tomás e Suzana Sousa, entre outros. Eles conhecem o país e as nuances de sua história e posicionamento contemporâneo muito mais do que eu. Muitos deles também são membros da classe média emergente angolana.

Embora eu tenha buscado incluir e recorrer a seus trabalhos, tenho consciência dos desafios que muitos pensadores angolanos encaram. Isso se deve não apenas aos limites na infraestrutura do conhecimento existente lá e às dificuldades de publicação para um público global, mas também devido às realidades de viver em um ambiente onde um trabalho de tempo integral não é suficiente para sustentar uma família, e sua energia é sugada de todas as formas possíveis. Ser classe média em Angola hoje ainda significa empreender um esforço considerável para fazer face às despesas, embora essas despesas não estejam centradas na sobrevivência, mas na qualidade de vida. Focar na mudança da qualidade de vida e entender suas texturas, sabores e ligações com outros lugares foi um de meus objetivos aqui. Este trabalho é, portanto, oferecido enquanto contribuição para a conversa, mas definitivamente não é nem seu começo, nem seu fim.

É importante aqui sublinhar o que é, de certo modo, uma escolha tanto acadêmica quanto política. Foquei na classe média e no que está em operação, em um país onde, para a maioria da população, só sobreviver já é considerado um esforço hercúleo. Esta é uma escolha que poderia contribuir na maneira como Angola é conhecida pelo resto do mundo exterior e potencialmente diminuir os desafios muito reais que muitas pessoas têm que encarar. Fiz essa escolha de maneira cuidadosa, mas é importante estar ciente dos riscos. Em *Beautiful ugly: african and diaspora aesthetics*, Sarah Nuttal, acadêmica sul-africana que estuda literatura, observa que frequentemente “a beleza é encontrada nos limites do que é feio, já que é o feio que tantas vezes tem sido o signo sob qual o africano foi lido”.¹⁹⁵ Neste sentido, a beleza tornou-se dependente da feiura. E se fosse o contrário, e houvesse a presun-

195 Nuttal (2006, p. 17).

ção de que a África é linda, não no sentido fetichista da imaginação ocidental de alvoreceres, savanas e acácias,¹⁹⁶ mas pelo trabalho cotidiano de pessoas cotidianas, por suas construções de mundo, seus relacionamentos, seu cuidado? É isso que este livro tentou ressaltar e abrir enquanto um espaço imaginativo para leitores, construindo sobre o trabalho de muitos como Michael Taussig, que escreve:

Uma história da beleza? O que seria isso? Ela é restrita a um ser humano, ou deveria incluir o mundo a sua volta – as ruas, os prédios, as áreas cultivadas e os rios? E se ela – essa ideia de uma história da beleza – esparrama-se assim, do corpo para o corpo do mundo, se é ampla, com esses elementos e outros se alimentando, então o que dizer da feiura e da qualidade moral da feiura? Quando eu olho para rios fétidos e para a terra mutilada, por exemplo, como eu posso separar o moral do estético?¹⁹⁷

No romance *We need new names*, a autora zimbabuense NoViolet Bulawayo¹⁹⁸ reflete sobre os nomes dados às crianças no Zimbábue do início do século XXI, que ecoam os desafios sóciopolíticos que o país tem enfrentado em anos recentes. O capítulo anterior em particular, sobre a visão, explorou como renomear e reformular servem para modificar as imaginações nacionais e internacionais de um país em paz e, em certa medida, um livro como este aqui é ele próprio um ato de nomeação. Ato de nomeação podem ser profundamente desconfortáveis, entretanto: lembrem-se que Nelson Mandela só virou “Nelson” porque seus professores da escola primária não conseguiam pronunciar seu verdadeiro nome, que era Rolihlala.¹⁹⁹ Além disso, como Rahman observa na citação anterior, um passo para frente pode, na verdade, serem dois passos para frente, mas um grande passo para trás.

Neste livro, envolvi-me nos cinco sentidos “do jardim de infância” das abordagens ocidentais de conhecimento do mundo, bem como da propriocepção (vivamente, movimento), para tentar aprofundar a habilidade dos leitores de colocarem-se no lugar das pessoas que essas páginas descrevem. Isso me traz para o “sentido” final, que quero abordar aqui independentemente de se ele aparece nos livros-texto das escolas primárias euro-americanas. É o sentido da curiosidade – da habilidade de estar interessado em pessoas, processos, sistemas e coisas sobre as quais ainda não se sabe. Se é possível fazer isso, parece-me muito menos provável

196 Ross (2014).

197 Taussig (2012, p. 86).

198 Bulawayo (2013).

199 Mandela (1994).

que tolere escolhas que afetam os outros de maneira negativa, sejam elas políticas, climatológicas, econômicas ou de qualquer outro tipo.

Tentei compreender e compartilhar como as pessoas prosperam a despeito de circunstâncias que, para pessoas de fora desse contexto, podem parecer profundamente desafiadoras. Não quero sugerir que tais circunstâncias *não são* desafiadoras, porque elas são, e a grande maioria dos angolanos têm bastante consciência de que eles receberam um tratamento injusto e historicamente denso. Não obstante, felicidade, aspiração, realização, amor e uma vida ética bem vivida (qualquer que seja a forma em que isso é entendido)²⁰⁰ só tão possíveis e tão desafiadores para se conquistar em Angola quanto em qualquer outro lugar do mundo, e lá, como em outros lugares, energia e recursos são gastos para conquistá-los.

Argumentei por uma compreensão da economia angolana baseada no *capitalismo selvagem* emergente e contestado, que pode ser adentrado por meio do movimento, da audição, do paladar, do olfato, do tato e da visão. É uma economia na qual as linhas entre o legal e o ilegal, o formal e o informal, o livre comércio e o protecionismo são frequentemente nebulosas. Para serem bem-sucedidos, os indivíduos precisam tornar-se mestres na arte de ler uma dada interação social e utilizá-la para seu próprio benefício, e daqueles que amam – a necessidade de negociar estruturas de poder e usar a influência de alguém em seu próprio benefício é universal, mas a forma que isso adquire em Angola é particular àquele país. Os angolanos precisam saber quando exibir seu cartão de filiação ao MPLA no topo da pilha de documentos para garantir que sua demanda será rapidamente processada e precisam saber com quem eles podem vocalizar as frustrações inevitáveis da vida cotidiana. Eles precisam ser críticos o suficiente em relação ao governo a ponto de, caso observem uma lacuna em uma oferta de serviço público, poderem agir e empreender de maneira privada para preenchê-la, mas não sem antes garantir que a criticalidade nunca seja lida como criticismo, pois isso pode resultar em sanções severas. Precisam saber quando comprar com kwanzas, e quando usar dólares (EUA), rands (África do Sul) ou renminbi (China). Precisam cultivar relações em clínicas, supermercados, escritórios do governo e escolas para assegurar que estão tomando conta de seus filhos, e eles precisam oferecer favores aos outros para serem capaz de cobrar alguns para si mesmos quando necessário.

Em uma série recente de desenhos animados populares, a artista “Emma”²⁰¹ chamou a atenção para aquilo que é entendido no discurso feminino como “carga mental”. Ela refere-se, com isso, ao trabalho de planejar, preparar, gerenciar, organizar e agir sobre a vida cotidiana de suas casas – algo que mulheres, de acordo

200 Kleinman (2006).

201 Emma (2018).

com alguns estudos, fazem muito mais do que os homens.²⁰² Pode-se argumentar que o dia a dia em Angola é muito parecido com o dia a dia em outros lugares para aqueles que são parte da “classe média global”, mas sustentar o cotidiano acarreta uma “carga mental” muito mais pesada para garantir os mesmos resultados que aqueles cujos Estados-nação tem, nas palavras do ex-ministro da Educação, “tiveram mais tempo para praticar” (Entrevista nº 55). Por exemplo, nos lugares onde a infraestrutura era frágil, o fornecimento de eletricidade não era confiável e o sistema educacional era pobre; garantir que as crianças recebessem boa educação significava cuidar para que tivessem transporte, pagassem taxas escolares e ter que escolher entre pagar pelo gerador que forneceria eletricidade para a máquina de lavar, pagar outra pessoa para lavar as roupas ou dispor do tempo necessário para lavar as roupas à mão, tudo para garantir que as crianças estão vestidas adequadamente quando saem de casa. Se a comida para o lanche das crianças tivesse que ser buscada não apenas em um supermercado, mas em vários (e nos mercados a céu aberto também), e sapatilhas de balé tinham que ser importados da Europa, não comprados na loja no fim da rua ou na Amazon, a simples tarefa de “mandar as crianças para a escola” agrega múltiplas dimensões. Não é impossível, mas pode ser muito cansativa.

Na transição do socialismo para o capitalismo, ainda que uma versão selvagem dele (e onde, na verdade, o capitalismo existe de uma forma que não é selvagem, baseado no desdobramento de histórias particulares?), há uma grande oportunidade. À medida que a economia (lentamente) se diversifica e a infraestrutura básica – não importa o quão problemática – é erigida pelo governo, os angolanos médios estão no processo de construção e reconstrução de seus mundos. Eles usam cimento para construir este mundo, uma substância que Lesley Green entende como “o artefato da modernidade”,²⁰³ e eles também usam vidro, madeira e tinta de cores berrantes. Uma das coisas que mais me dava alegria durante meu trabalho de campo era andar de moto pelos subúrbios periféricos de Lobito e Benguela de manhã cedo aos fins de semana, e passar algum tempo observando as casas em construção, árvores sendo cuidadosamente adubadas, crianças praticando esportes e práticas cotidianas de tarefas, cuidado, adoração e trabalho que transformaram e continuam a transformar o país.

202 Folbre (2015).

203 Green (2015, p. 10, grifo do autor). Ver também Harvey (2015).

CAPITALISMO SELVAGEM EM TEMPOS INCERTOS

A antropóloga estadunidense Anna Tsing²⁰⁴ conclui uma etnografia intitulada *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruin* com o parágrafo abaixo:

Sem histórias de progresso, o mundo tornou-se um lugar assustador. A ruína nos encara com o horror de seu abandono. Não é fácil saber como construir uma vida, muito menos evitar a destruição planetária. Por sorte, ainda há companhia, humana e não humana. Nós ainda conseguimos explorar os limites expandidos de nossas paisagens destruídas - as bordas da disciplina capitalista, escalabilidade e planificações abandonadas de recursos. Nós ainda podemos sentir o cheiro dos bens comuns latentes - e o indescritível aroma do outono.²⁰⁵

Referências de estações do ano à parte, o que Tsing oferece nesse texto é uma maneira de compreender outros processos globalizados – neste caso, os cogumelos Matsutake em seu caminho da floresta à mesa de jantar – que não se encaixam adequadamente nos baldes do capitalismo tardio (capitalismo tardio é a referência comum para o capitalismo a partir de 1945). A paisagem de Angola foi afetada por sua guerra civil, mas não é “destruída” da forma como Tsing descreve, apesar de, indiscutivelmente, existir precisamente nas “bordas da disciplina capitalista”. É um país interessante em parte porque é um dos poucos lugares no mundo que nunca se industrializou da forma como a maior parte dos leitores ocidentais podem entender o termo.

Relativamente, existem algumas poucas indústrias em Angola, e, aquelas que existem, florescem menos em razão da “propriedade dos meios de produção” do que pelo tráfico de influência: a força das conexões políticas que lubrificam o maquinário tanto no sentido literal quanto no metafórico. Isso dito, mudanças profundas na governança, na ideologia e na inserção no mercado global moldaram a história vivida de Angola, e, como argumentei, isso deve ser entendido no contexto do antigo império português – ainda mais depois que João Lourenço assumiu o cargo de presidente em 2017, mudando drasticamente o cenário político de Angola depois que a maior parte da pesquisa já havia sido feita.

O oceano Atlântico tem sido um espaço primordial para o vir a ser de Angola de uma maneira particular, como um conduíte para certos tipos de interação, e como o local de uma parte da história e da verdade parciais. Mas é importante

204 Tsing (2015).

205 Id. *ibid.*, p. 282.

ter em mente que os oceanos por si só não são entidades confinadas. Ao contrário, eles misturam-se e fundem-se com outros corpos d'água no processo de transformação: o Atlântico vira o Índico, o Pacífico, o mar do Caribe, o Ártico. Ao invés de usar o “cronótopo do navio” descrito por Paul Gilroy,²⁰⁶ avento a possibilidade de que o cabo de internet submarino merece atenção. As pessoas ainda se movem, mas o conhecimento caminha mais rápido, e isso tem um impacto no desenvolvimento de novas (embora historicamente constituídas) práticas de conhecimento.

A internet de alta velocidade de Angola vem em sua maioria do Sistema de Cabeamento do Atlântico Sul, um emaranhado de cabos de 6.100 km de extensão que vai de Luanda até Fortaleza, Brasil, e que é parte de uma infraestrutura mundial de crescente importância. O país também tem sido um participante ativo do Free Basics, a tentativa do Facebook de conectar dois terços da população global que, atualmente, estão majoritariamente offline em razão dos custos dos dados,²⁰⁷ um programa que tem sido criticado pelo seu potencial de censura da internet, entre outras grandes preocupações.²⁰⁸ Embora imperfeito, o cabeamento de internet garante, de fato, uma certa liberdade intelectual em Angola e, para aqueles que conseguem acessá-la, ela altera as limitações colocadas sobre o que é possível conhecer. Ao longo deste livro, a habilidade de ficar online (ou não) foi um subtexto importante e não pode haver dúvidas de que a fluência digital é, hoje, uma das maiores habilidades esperadas daqueles que aspiram pertencer à “classe média global” – não importa o quão aberta ou estreita seja sua definição.²⁰⁹

A internet – através das redes sociais, sites de notícias e outros conteúdos – é agora fundamental para embasar a maneira como nós nos “vemos” uns aos outros. Também é uma ferramenta crítica pela qual os angolanos (e outros) se afirmam através do reconhecimento de si mesmo e da remodelagem nacional. Como Felicité, uma médica de quase quarenta anos que está completando sua especialização no Rio de Janeiro, coloca, “a psiquê é tudo em Angola. As pessoas precisam sentir-se belas e felizes. Em Angola, ser bonito é importante, e diz respeito à autoestima” (Entrevista nº 104). Autoestima forma-se através da visão, mas o visual está disposto em camadas sobre o que é olfativo, gustativo, auditivo e tátil, e está localizado no espaço. Junto a uma crescente autoestima em um nível bastante local, e a uma população crescentemente conectada e experiente que está acostumada a sistemas que frequentemente não funcionam, Angola tornou-se um lugar de possibilidades e

206 Gilroy (1993, p. 225).

207 Koebler (2016).

208 Nyabola (2016).

209 Heiman, Freeman e Liechty (2011), Lópes e Weinstein (2012).

oportunidades incríveis. Este livro mostrou algumas dessas oportunidades aproveitadas e frutificadas; outras permanecem como trabalhos em andamento.

Na introdução a este livro, estabeleci o que estava em jogo neste texto. Ler sobre Angola fornece um exemplo de uma forma disciplinada de curiosidade que aumenta a consciência e o conhecimento sobre pessoas que, de alguma forma, sentem-se distantes. Essa distância pode ser geográfica (p. ex., do Havaí às Ilhas Maurício) ou pode ser de experiência (p. ex., baseada em classe social, religião e filiação política ou profissional). Ainda assim, a curiosidade fornece uma entrada que é, espero, sincera e aberta a mais explorações.

Usando diferentes formatos e maneiras de escrita, espero me conectar de maneira mais profunda com leitores mais jovens (e também mudar os leitores mais velhos) que estão cada vez mais envolvidos com múltiplos tipos diferentes de mídia ao mesmo tempo, e que devem ter sido expostos à internet desde o nascimento. Esta geração, longe de ser o que William Deresiewicz²¹⁰ nomeou de maneira tão condescendente como “ovelhas excelentes” é, em minha experiência, apta para imaginação, empatia e pensamento sistêmico. Minha esperança é que este livro nos permita expandir essas capacidades de maneira a incluir as pessoas comuns de Angola, e que os angolanos que o leiam possam envolver-se não como objetos, mas como co-colaboradores do diálogo transnacional. Muitos já estão escrevendo – é importante que eles sejam lidos.

O GOVERNO SAIU DE FÉRIAS, MAS TALVEZ JOÃO LOURENÇO O TRAGA DE VOLTA

Angola mudou muito desde que meu primeiro trabalho de campo foi conduzido. Em maio de 2018, quando visitei novamente o país, descobri que a maioria das pessoas estava muito pior do que antes. Em Lobito, houve não apenas uma recessão econômica, mas também as enchentes que Lino conta na narrativa sobre o gosto no capítulo 3. Os preços de itens básicos dispararam como resultado da queda global nos preços do petróleo em dezembro de 2014, o que resultou em grandes cortes na capacidade de gastos públicos por parte do governo e na quantidade de dinheiro entrando no país. Ao mesmo tempo, moedas de outros países foram limitadas pelo governo, então, paradoxalmente, para qualquer pessoa que ganhasse em dólar, o país tornou-se muito mais barato. O kwanza, entretanto, perdeu quase todo seu valor, e me contavam frequentemente que uma quantidade enorme de pessoas estavam “reformando seus banheiros” com suas economias, pois essa

210 Deresiewicz (2015).

era a única forma que eles viam de usar o dinheiro de alguma forma (Registro de Campo 180527).

Aqueles que haviam iniciado algum tipo de ascensão social voltaram em sua maioria para a precariedade, e aqueles que já eram pobres estavam sofrendo de maneira mais profunda. “Agora existem doenças que não existiam antes, e as farmácias não têm remédios”, explicou-me Seu Oniko, que continuou: “o governo saiu de férias agora, embora seja possível que o João Lourenço [o novo presidente] vá trazê-lo de volta” (Registro de Campo 180520).

A maior parte dos angolanos que conheci, tanto durante o trabalho de campo quanto fora dele, expressaram grande lealdade a seu país de nascimento. Em uma entrevista conduzida em Curitiba, Brasil, em outubro de 2014, um jovem, que chamo aqui de Rafael, explicou-me porque ele queria voltar para Benguela logo que ele obtivesse sua graduação. Ele, então, recitou um poema dedicado à memória do patrono angolano Agostinho Neto intitulado *Havemos voltar*²¹¹ e, em seguida, explicou:

Ainda que nós tenhamos sofrido, Angola é um excelente país. Angola é o país do futuro; é lindo, tem um povo unido. Quando você vai a Angola, você sempre tem família, você não gasta nada com comida porque nós sabemos cuidar das pessoas e uns dos outros. Nós vivemos o que a Bíblia diz: cuidados dos estranhos.

Angola nos dá uma sensação de poder que é enorme, é poderosa, tem potencial. A despeito da poeira, da chuva, das enchentes e da falta de saneamento básico, tem poder. Nós amamos Angola com uma paixão terrível! Com o coração pleno! Hoje, eu acordei desejoso de ir para casa, eu estava com tanta saudade... Eu vejo o que acontece em Angola, porque você sabe que os líderes a estragaram, mas nós, angolanos, somos felizes apesar dos problemas. Nós não somos pessoas tristes, lá em Angola você não verá tristeza no rosto das pessoas... Nós vamos melhorar. Tudo isso é por causa de Deus. Nós confiamos que Angola vai mudar um dia (Entrevista nº 91).

Em meados de 2019, Rafael não havia retornado, apesar de seu desejo expresso, porque a crise de 2014 tornou impossível qualquer esperança de encontrar trabalho, e ele está cada vez mais estabelecido no Brasil, onde ele já viveu a maior parte da última década. Com todos os seus problemas recentes, a economia brasileira é muito mais resiliente e diversa do que a angolana, e ele é responsável por mandar dinheiro para casa todo mês para sustentar sua mãe e irmãos – um dos quais deve também ingressar em uma universidade brasileira. Ele continua a trabalhar como

211 Cf. Wolfers (1979).

evangelizador junto a uma organização religiosa que financiou seus estudos em teologia, mas ele também direciona uma grande porção de sua fé para a constituição angolana, e seu amor por sua casa continua inalterado. Ele chama tal amor de uma “paixão terrível” porque ele tem consciência de que seu patriotismo poderia por vezes cegá-lo e o impediria de ser plenamente feliz em qualquer outro lugar do mundo. Ainda assim, é um amor pleno e visceralmente sincero e, para ele, isso era muito importante.

Angola sofreu e continua a sofrer mudanças constantes, e milhões de pessoas estão contribuindo de maneira profunda para esse processo. Este livro compartilhou apenas alguns poucos exemplos dessas contribuições, mas existem muitas mais que merecem atenção. “Feliz”, palavra mencionada aqui por Felicité e Rafael, é uma palavra por demais simples para descrever o estado emocional mais amplo de uma nação inteira, mas é preciso ter em mente que uma inclinação psicológica ao otimismo geralmente é útil para viver uma vida plena. A política nacional ou global tem menos impacto direto sobre o bem-estar individual do que a maneira como se escolhe reagir a elas, e, felizes ou infelizes, os angolanos – bem como as pessoas de todas as partes – estão fazendo o que podem, um dia de cada vez e, neste processo, reconstruindo o país silenciosamente.

José Eduardo dos Santos, presidente de Angola de 1979 a 2017, é notoriamente chamado de “arquiteto da paz”.²¹² O que quer que se pense a respeito de seus planos diretores, arquitetos no final das contas são julgados por aquilo que é de fato construído e em como seus prédios são utilizados. A construção, em Angola, está sendo conduzida por milhões de pessoas comuns que obviamente só podem fazê-lo se tiverem dinheiro suficiente para comprar tijolos e estiverem suficientemente saudáveis para erguê-los. Para além de suas casas, a vida cotidiana é entrelaçada com coisas materiais –²¹³ locais e globais –, e as experiências sensoriais de trabalhar, desejar e gozar dos frutos do trabalho são como as novas realidades tornam-se conhecidas.

PRATICANDO A PAZ... DE NOVO

Em uma outra guerra, que correu paralelamente ao conflito em Angola, Vedran Smailović tocou seu violoncelo em prédios destruídos durante o cerco a Sarajevo, inclusive na Biblioteca Nacional, como mostra a Imagem 7. Sua apresentação capturou a imaginação global e inspirou o *best-seller* do autor canadense Stephen

212 Schubert (2015).

213 Hodder (2011).

Galloway (escrito sem autorização, e que deixou Smailović tão nervoso que ele disse aos jornais que pretendia processá-lo).²¹⁴ Neste caso, o que parece ter capturado a imaginação do público foi indiscutivelmente a humanização de um conflito através das ações de uma pessoa aparentemente ainda comprometida com a beleza, apesar da destruição ao seu redor. Smailović usou as ferramentas que tinha à mão – neste caso, um violoncelo – para sobreviver à guerra, e, de certa forma, ajudar outras pessoas a sobreviverem também.

Ao escrever sobre a beleza em Angola, assume-se um grande risco de ocultar a atenção para o sofrimento que ocorre lá. Nenhuma quantidade de perfume trará direitos humanos fundamentais, nem as árvores plantadas irão expurgar o medo que permeia muitas pessoas quando ouvem as elites serem criticadas em voz alta. As práticas da paz são poderosas, mas, não obstante, elas necessitam ser vistas, como na Imagem 7, enquanto algo belo que ainda resiste cercada por certos tipos de ruína social, econômica e política criada não apenas pelos eventos nacionais, mas pelas ações e inações internacionais.

O que eu gostaria de reiterar aqui é que o *capitalismo selvagem* não é exclusivo de Angola. Ao contrário, ele torna visíveis dinâmicas que em outros lugares são difíceis de observar. Para cada zona de guerra existente, tem de haver fábricas produzindo bombas, e tais fábricas e o sistema político que as sustenta são frequentemente circundados por cercas brancas (metafóricas) e pelas ilusões de paz. O conflito em Angola foi, talvez, uma das últimas “guerras globais” que de fato incluíram soldados atirando uns contra os outros e podendo se ver – depois do 11 de setembro, os conflitos no mundo mudaram radicalmente.²¹⁵ Lobito, entretanto, onde a maior parte da pesquisa que embasou esse livro foi feita, não viu quase nenhum esforço de guerra, mas todas as cercas brancas foram violadas – não literalmente, mas em termos de como as pessoas que viviam ao seu redor modificaram suas ações e modos de vida em virtude de dinâmicas mais amplas que estavam em jogo no país e no mundo. Eles “traficaram influência” para garantir segurança e favorecimentos, comendo bolos no restaurante da Áurea ou criando redes de relações por meio da formação no Brasil ou em Cuba, que poderia angariar segurança e oportunidades para seus filhos.

214 Galloway (2009), Sharrock (2008).

215 Gusterson (2016), Harari (2018).



Imagem 7 Vedran Smailović tocando no edifício parcialmente destruído da Biblioteca Nacional de Sarajevo em 1992. (Wikipedia, foto de Mikhail Evstafiev, CC BY-SA 3.0).

A prática da paz é extremamente desafiadora. Por vezes, compreender tal prática – que começa fundamentalmente com autoconhecimento e consciência dos preconceitos e dos limites da empatia – é absolutamente essencial se esperamos viver em um planeta onde a dignidade e os direitos humanos podem ser experienciados por todas as pessoas ao redor do mundo. Agora mais do que nunca, a importância da curiosidade genuína, baseada não no estereótipo, mas em um reconhecimento de determinada comunalidade fundamental dos sonhos e aspirações, é ainda mais crítica, junto a uma receptividade às muitas camadas das personalidades e da experiência, como esse livro oferece da e para a classe média angolana emergente.

Todos nós precisamos de água para sobreviver, mas não parece razoável que tantas pessoas também peçam para poder beber vinho. Não se permite a um governo que aja contra as pessoas por quem se sabe que não apenas seria possível sofrer,²¹⁶ mas também amar: pessoas com quem se experimenta – independentemente da distância – algum senso de comunhão. Minha esperança é que por meio desta etnografia sobre o que está em operação na Angola contemporânea (ou ao menos estava operando por um período de tempo), os leitores possam encontrar em si mesmos um desejo de conhecer mais e de pedir às pessoas para explicar como suas vidas são vividas, escutadas, testemunhadas e experienciadas no que diz respeito ao que é bom, ruim, feio e belo.

216 Butler (2016).

Por que isso importa?***Compaixão em um mundo em chamas***

No final das contas, este é um livro que almeja aumentar a compaixão – sentir em conjunto, importar-se, envolver-se em um nível profundo e, acima de tudo, reconhecer que embora as pessoas sejam muito diferentes, elas também são muito parecidas entre si.

No contexto geopolítico atual, há uma grande ênfase na diferença em nível global. A ideologia de direita tornou-se hegemônica, e cada vez mais políticos e pessoas comuns atendem às necessidades de suas “tribos” ao invés daqueles de coletivos de inclusão mais ampla. Direitos humanos, que emergiram como sacrossantos na esteira da Segunda Guerra Mundial, agora estão sob escrutínio. O diálogo respeitoso e nuancado que abrange a verdadeira diversidade em perspectiva tornou-se cada vez mais raro.

Isso não é acidental. A crise climática está tornando grandes porções de mundo inabitáveis e assustadoramente inseguras, e isso só vai piorar. Em muitas partes do planeta, as guerras pela água já começaram – esqueça o vinho. A menos que mudanças radicais ocorram em todos os níveis, milhões – bilhões, para ser realista – terão seu direito à vida revogado.

A história da humanidade deixa claro que a maneira mais fácil de fazer grupos de pessoas matarem uns aos outros (ou apenas deixá-las morrer como espectadoras) é convencê-los de que os outros não são completamente “humanos”. A este respeito, a desumanização dos africanos que justificou o tráfico de pessoas escravizadas no Atlântico não é diferente da desumanização das pessoas que vivem na altura da linha do Equador em todo o mundo, que é essencial para justificar a inação sobre as mudanças climáticas hoje.

Angola já está experimentando o impacto da crise climática. Secas e enchentes são as últimas manifestações da devastação em um país que, nos últimos cinco séculos, pagou o preço pelo excesso dos outros – através da escravidão, da colonização, da guerra civil e, agora, de um mundo literalmente em chamas.

Ainda assim, sistemas podem ser modificados. Esta é a tarefa da nossa geração.

SUGESTÕES DE LEITURA

O que se segue não é, de forma alguma, uma lista abrangente, mas foi incluída aqui simplesmente como um ponto de partida para aqueles que queiram realizar leituras adicionais (ou quem, talvez, foi designado para escrever projetos sobre o livro e não está bem certo de por onde começar). A literatura sobre Angola está constantemente mudando, e no momento em que esse livro for publicado, a lista abaixo certamente estará desatualizada. Recomendo explorar a aba “publicações recentes” da H-Luso-África.²¹⁷ Os trabalhos a seguir são alguns que *eu* considereei mais úteis (e, mais importante, que me foram acessíveis, particularmente desde que saí dos Estados Unidos). Escolhi apenas doze trabalhos dentro de cada tema, o que, por necessidade, significa deixar de fora uma abundância de materiais importantes, muitos dos quais estão citados nas Referências. Diversos trabalhos listados aqui também dialogam com mais de uma categoria ou lista. Minha esperança é que os leitores tomem essa lista apenas como um ponto de partida, e que encontrem muito mais por si próprios.

CLASSE MÉDIA “AFRICANA”

CHEESEMAN, N. No bourgeoisie, no democracy? The political attitudes of the Kenyan middle class. **Journal of International Development**, n. 5, v. 27, p. 647-64, 2015.

CLARENCE-SMITH, W. C. Class structure and class struggles in Angola in the 1970s. **Journal of Southern African Studies**, n. 1, v. 7, p. 109-126, 1980.

DAOUDA, F. B.; INGENBLEEK, P. T. M.; TRIJP, H. C. M. Living the African dream: how subsistence entrepreneurs move to middle-class consumer markets in developing and emerging countries. **Journal of Cape Town**, n. 1, v. 38, 2018. Disponível em: https://africancitiesreader.org.za/reader/chapters/013_LIVINGDANGEROUSLYINPETROLUANDA.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

217 Disponível em: [em https://networks.h-net.org/h-luso-africa](https://networks.h-net.org/h-luso-africa). Acesso em: 15 fev. 2021.

VIDAL, N. C. F. The historical-sociological matrix and ethos at heart and strength of MPLA's modern Angola. **Tempo**, n. 1, v. 25, p. 153-173, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2018v250108>.

BELEZA E FEIURA

AMEERIR, L. **Downwardly global**: women, work, and citizenship in the Pakistani diaspora. Durham: Duke University Press, 2017.

BOURGOIS, P.; SCHONBERG, J. **Righteous dopefiend**. Berkeley: University of California Press, 2009.

EDMONDS, A. **Pretty modern**: beauty, sex and plastic surgery in Brazil. Durham: Duke University Press, 2010.

GAMA, V. Vela 6911 – Explosão, fourth movement, 24 September 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vZJxn70PNCY>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GARCIA, A. **The pastoral clinic**: addiction and dispossession along the Rio Grande. Berkeley: University of California Press, 2010.

GILROY, P. **The black Atlantic**: modernity and double consciousness. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

NUTTALL, S. **Beautiful ugly**: African diaspora aesthetics. Durham: Duke University Press, 2006.

O'DOUGHERTY, M. **Consumption intensified**: the politics of middle-class daily life in Brazil. Durham: Duke University Press, 2002.

OKRI, B. **A way of being free**. Londres: Zeus, 2015.

SOUSANIS, N. **Unflattening**. Cambridge: Harvard University, 2015.

STRASSLER, K. **Refracted visions**: popular photography and national modernity in java. Durham: Duke University Press, 2011.

TAUSSIG, M. **Beauty and the beast**. Chicago: University of Chicago, 2012.

CAPITALISMO

APPEL, H. Toward an ethnography of the national economy. **Cultural Anthropology**, n. 2, v. 32, p. 294-322, 2017.

FERGUSON, J. **The antipolitics machine**: development, depolitization, bureaucratic power in Lesotho. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- GRAEBER, D. **Debt**: the first 5,000 years. Nova York: Melville House, 2011.
- HARNEY, S.; MOTEN, F. **The under commons**: fugitive planning black study. Nova York: Minor Compositions, 2013.
- HO, K. **Liquidated**: an ethnography of wall street. Durham: Duke University Press, 2011.
- HODGES, T. **Angola**: from afro-stalinism to petro-diamond capitalism. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- MILLER, J. **Way of death**: merchant capitalism and the Angolan slave trade 1730-1830. Madison: University of Wisconsin Press, 1997.
- POLANYI, K. **The great transformation**: the political and economic origins of our time. Nova York: Beacon, 2011.
- RALPH, M. **Forensics of capital**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- ROFEL, L.; YANAGISAKO, S. J. **Fabricating transnational capitalism**. Durham: Duke University Press, 2019.
- ROITMAN, J. **Fiscal disobedience**: an anthropology of economic regulation central Africa. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- TSING, A. **The mushroom at the end of the world**: on the possibility of life capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

MÉTODOS

- CAUSEY, A. **Drawn to see**: drawing as an ethnographic method. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- CERWONKA, A.; MALKKI, L. **Improvising theory**: process and temporality in ethnographic fieldwork. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- JONG, S.; ICAZA, R.; RUTAZIBWA, O. **Decolonization and feminisms in global teaching and learning**. Londres: Routledge, 2019.
- ELLIOT, D.; CULHANE, D. **A Different kind of ethnography**: imaginative practices and creative methodologies. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- GETZ, T.; CLARKE, L. **Abina and the important men**: a graphic history. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- NARAYAN, K. **Alive in the writing**: crafting ethnography in the company of Chekhov. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- PANDIAN, A.; McLEAN, S. **Crumpled paper boat**: experiments in ethnographic writing. Durham: Duke University Press, 2017.
- PINK, S. **Doing sensory ethnography**. Londres: Sage, 2009.

PINK, S. **Digital ethnography**: principles and practice. Londres: Sage, 2015.

ROBBEN, A. C. G. M.; SLUKA, J. A. (org.). **Ethnographic fieldwork**: an anthropological reader. Londres: Blackwell, 2006.

ROSS, F. **Raw life, new hope**: decency, housing and everyday life in a postapartheid community. Cidade do Cabo: University of Cape Town Press, 2010.

SUMARTOJO, S.; PINK, S. **Atmospheres and the experiential world**: and methods. Londres: Routledge, 2019.

RAÇA NO ATLÂNTICO SUL

ALENCASTRO, L. F. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, M. V. O Atlântico pardo: antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono. In: BASTOS, C.; ALMEIDA, M. V.; FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso brasileiros. Campinas: UNICAMP, 2007.

BURDICK, J. **The color of sound**: race, religion and music in Brazil. Nova York: NYU Press, 2013.

CAHEN, M.; MOURIER-GENOUD, E. **Imperial migrations**: colonial communities and diaspora in the Portuguese world. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.

CORRADO, J. **The creole elite and the rise of proto-nationalism (1870 – 1920)**. Amherst: Cambria, 2008.

EDMONDS, A. **Pretty modern**: beauty, sex and plastic surgery in Brazil. Durham: Duke University Press, 2010.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob a regime da economia patriarcal. Belo Horizonte: J. Olympio, 1933.

FRY, P. Nationality and the meaning of race in Brazil. **Daedalus**, n. 2, v. 129, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20027630?seq=1>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MATORY, J. L. **Black Atlantic religion**: tradition, transnationalism and matriarchy in Afro-Brazilian Candomblé. Princeton: Princeton University Press, 2005.

SANTOS, B. D. S. Between Prospero and Caliban: colonialism, postcolonialism and inter-identity. **Luso-Brazilian Review**, n. 2, v. 39, p. 197-293, 2002.

TELLES, E. **Race in another America**: the significance of skin color in Brazil. Princeton: Princeton University Press, 2005.

WILLIAMS, R. Luso-African intimacies: conceptions of national and transnational community. In: MOURIER-GENOUD, E.; CAHEN, M. (org.). **Imperial migrations**: colonial communities and diaspora in the portuguese world. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

OS SENTIDOS NA ANTROPOLOGIA

CLASSEN, C. The odor of the other: olfactory symbolism and cultural categories. **Ethos**, n. 2, v. 20, p. 133-166, 1992.

CLASSEN, C. **Worlds of sense**: exploring the senses in history and across cultures. Londres: Routledge, 1993.

CLASSEN, C.; BYNUM, W. F. Review: the color of angels: cosmology, gender and the aesthetic imagination. **American Historical Review**, n. 2, v. 105, p. 518, 2000.

COX, R. Sound, anthropology of. In: **International Encyclopedia of Anthropology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2018.

GERSHON, W. S. (org.). **Sensuous curriculum**: politics and the senses in education. Charlotte: Information Age, 2019.

GEURTS, K. L. **Culture and the senses**: bodily ways of knowing in an African community. Berkeley: University of California Press, 2002.

INGOLD, T. Thinking through Making. Institute for Northern Culture. 31 October, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ygne72-4zyo>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MARKS, L. U. **Touch**: sensuous theory and multisensory media. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2002.

SERRES, M. **The five senses**: a philosophy of mingled bodies. Londres: Continuum, 2008.

SPARKES, A. C. Ethnography and the senses: challenges and possibilities. **Qualitative Research in Sport and Exercise**, n. 1, v. 1, p. 21-35, 2006.

STOLLER, P. **The taste of ethnographic things**: the senses in anthropology. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1989.

STOLLER, P. **Money has no smell**: the Africanization of New York City. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

REFERÊNCIAS

A SNAKE gives birth to a snake. Direção de Michael Lessac. Nova York: Global Arts Corps, 2014.

ABRANTES, J. M.; MARTINS, N. **Cidades e gentes de Angola**. Tradução de N. Breslin e S. Moreira. Luanda: Angola Solutions, 2010.

ADICHIE, C. N. "The Danger of a Single Story". **TED talk**, 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 15 fev. 2021.

AEA (Associação de Escoteiros de Angola). Manual Do Caminho. Luanda: I-ST, Artes Gráficas, 2013.

AGUALUSA, J. E. **Creole**. Tradução de Daniel Hahn. Londres: Arcadia, 1988.

AGUALUSA, J. E. **The book of chameleons**. Londres: Simon and Schuster, 2006.

ALENCASTRO, L. F. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no atlântico sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, M. V. **An earth-colored sea**: "race", culture, and the politics of identity in the postcolonial portuguese-speaking world. Londres: Berghahn, 2004.

AMEERIAR, L. The Sanitized Sensorium. **American Anthropologist**, 2012.

AMEERIAR, L. **Downwardly global**: women, work, and citizenship in the pakistani diaspora. Durham: Duke University Press, 2017.

AMES, M. **Managing mobile multitasking**: the culture of iPhones on Stanford campus. Paper presented at the Proceedings of the 2013 Conference on Computer Supported Cooperative Work, San Antonio, TX, 23-27 February, 2013.

ANDERSON, B. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso, 1990.

ANDRADE, R. L. F. P. **Escutismo**: um método educativo não-formal. Luanda: Mayamba Editora, 2010.

ANGOLA. **Plano Nacional de Quadros 2013-2020**. Luanda: Órgãos Essenciais Auxiliares do Presidente da República, Casa Civil, 2012.

ATTALI, J. **Noise: the political economy of music**. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1977.

AUERBACH, J. Incapsulating hands: on the (in)dependence of young adults in the UNHCR's Maratane Refugee Camp. **Social Dynamics**, n. 2, v. 36, p. 197-293, 2010.

AUERBACH, J. Landscapes from fieldwork: a poetic series. **Anthropology and Humanism**, n. 2, v. 42, p. 221-224, 2017.

AUERBACH, J. Review of "A snake gives birth to a snake". **American Anthropologist**, 6 nov. 2019.

AUERBACH, J. **Happy Lobito**. Colégio, S. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vjyz6SLiZdY&t>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BBC. **The persistent myth that Islam was banned in Angola**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-37316749>. Acesso em: 15 fev. 2021

BIEHL, J. **Vita: life in a zone of social abandonment**. Berkeley: University of California Press, 2013.

BLACK Panther. Direção: Ryan Coogler. Produção: Marvel Studios/Walt Disney Studios, 2018.

BOAS, F. On alternating sounds. **American Anthropologist**, n. 1, v. A2, p. 47-54, 1889.

BOLTON, R.; PARASURAMAN, A.; HOEFNAGELS, A. Understanding generation y and their use of social media: a review and research agenda. **Journal of Service Management**, n. 3, v. 24, p. 245-267, 2013.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Tradução de Richard Nice. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, P. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

BULAWAYO, N. **We need new names**. Londres: Reagan Arthur, 2013.

BUNCE, M.; FRANKS, S.; PATERSON, C. **Africa's media image ill the 21st century: from the "heart of darkness" to "Africa rising"**. Londres: Routledge, 2017.

BUOLAMWINI, J.; GEBRU, T. Gender Shades: Intersectional Accuracy Disparities in Commercial Gender Classification. 1ST CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY AND TRANSPARENCY 81. **Anais [...]**, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://www.media.mit.edu/publications/gender-shades-intersectional-accuracy-disparities-in-commercial-gender-classification/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BURKE, T. **Lifebuoy men, lux women: commodification, consumption, and cleanliness in modern Zimbabwe**. Durham: Duke University Press, 1996.

BUTLER, J. **Frames of war: when is life grievable?** Londres: Verso, 2016.

- CADWALLADR, C. Facebook's role in Brexit and the threat to democracy. **Ted Talk**. Abril, 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/carole_cadwalladr_facebook_s_role_in_brexit_and_the_threat_to_democracy?language=en. Acesso em: 15 fev. 2021.
- CAIN, S. **Quiet**: the power of introverts in a world that can't stop talking. Nova York: Broadway, 2013.
- CALVINO, I. **Invisible cities**. San Diego: Harcourt Brace, 1972.
- CARDOSO, R. V. **The crude urban revolution**: land markets, planning forms and the making of a new Luanda. Berkeley: University of California, 2015.
- CARNEGIE, D. **How to win friends and influence people**. Nova York: Vermillion, 2004.
- CERQUEIRA, M.; SCHUL, N. Prefácio. In: PINTO, J.; SCHUL, N. (org.). **Angola**: um país renascer. Luanda: Mundis, 2008.
- CERWONKA, A.; MALKKI, L. **Improvising theory**: process and temporality in ethnographic fieldwork. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe**: postcolonial thought and historical difference. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CHANT, S.; SWEETMAN, C. Fixing women or fixing the world? Smart economics, efficiency approaches, and gender equality in development. **Gender and Development**, n. 3, v. 20, p. 517-529, 2012.
- CHIPILICA, D. **Geração da mudança**. Angola: Self-published, 2014.
- CHOY, T. **Ecologies of comparison**: an ethnography of endangerment in Hong Kong. Durham: Duke University Press, 2011. p. 158.
- CLASSEN, C. The odor of the other: olfactory symbolism and cultural categories. **Ethos**, n. 2, v. 20, p. 133-166, 1992.
- CLASSEN, C. **Worlds of sense**: exploring the senses in history and across cultures. Londres: Routledge, 1993.
- CLASSEN, C.; HOWES, D.; SYNNOTT, A. **Aroma**: the cultural history of smell. Londres: Routledge, 1994.
- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writing culture**: the poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.
- COLLIER, D. A "new man" for Africa? Some particularities of the marxist homem novo within angolan cultural policy. In: MOONEY, J. E. P.; LANZA, F.; COLLIER, D. (org.). **De-centering cold war history**: local and global change. Londres: Routledge, 2012.
- CONRAD, J. **Heart of darkness**. Londres: Tribeca Books, 2010.
- CORRADO, J. **The creole elite and the rise of proto-nationalism (1870-1920)**. Amherst: Cambria, 2008.
- COSTA, E. **Social media in southeast Turkey**. Londres: UCL Press, 2016.

COX, R. Sound, Anthropology of. In: INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF ANTHROPOLOGY. Hoboken: John Wiley & Sons, 2018.

CROESE, S. 1 million houses? Angola's national reconstruction and chinese engagement. In: POWER, M.; ALVES, A. C. (org.). **China and Angola: a marriage of convenience?** Oxford: Pambazuka, 2012.

DERESIEWICZ, W. **Excellent sheep**: the miseducation of the american elite and the way to a meaningful life. Nova York: Free Press, 2015.

DESJARLAIS, R. **Sensory biographies**: lives and deaths among Nepal's yolmo buddhists. Berkeley: University of California Press, 2003.

DU BOIS, W. **The souls of black folk**. Nova York: Barnes and Noble, 2005 [1903].

DULLEY, I. A historiografia sobre a "conversão" nas colônias portuguesas na África e a trajetória de Jesse Chiula Chipenda. **Revista Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, n. 35, p. 57-86, 2015a.

DULLEY, I. Cristianismo e distinção: uma análise comparativa da recepção da presença missionária entre os Ovimbundu e os Ovakwanyama de Angola. **Mulemba: Revista Angolana de Ciências Sociais**, n. 9, v. 5, p. 185-202, 2015b.

DURHAM, D. Youth and the social imagination in Africa: introduction to parts 1 and 2. **Anthropological Quarterly**, n. 3, v. 73, p. 197-293, 2011.

EDWARDS, P. N. *et al.* Knowledge infrastructures: intellectual frameworks and research challenges. **Report**. Ann Arbor: Deep Blue, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027.42/97552>. Acesso em: 15 fev. 2021.

EISENLOHR, P. **Sounding Islam**: voice, media, and sonic atmospheres in an Indian ocean world. Berkeley: University of California Press, 2018.

ELTIS, D.; TULLOS, A. **The trans-atlantic slave trade database**. 2013. Disponível em: www.slavevoyages.org. Acesso em: 30 nov. 2018.

EMMA. **The mental load**: a feminist comic. Londres: Seven Stories Press, 2018.

FARQUHAR, J. **Appetites**: food and sex in post-socialist China. Durham: Duke University Press, 2002.

FARWELL, J. P. The Media Strategy of ISIS. **Survival: Global Politics and Strategy**, n. 6, v. 56, 2014.

FERGUSON, J. **Global shadows**: Africa in the neoliberal world order. Durham: Duke University Press, 2006.

FERGUSON, J. **Give a man a fish**: reflections on the new politics of distribution. Durham: Duke University Press, 2015.

FERREIRA ROSA, M. **O apetrechamento educacional da colônia de angola**: brancos e assimilados. Luanda: [s. n.], 1936.

- FISCHER, D. **The voice and its doubles**: media and music in northern Australia. Durham: Duke University Press, 2016.
- FOLBRE, N. **Valuing non-market work**. Nova York: UNDP Human Development Report Office, 2015. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/folbre_hdr_2015_final.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- FOX, L.; SACHS, J. **The story of stuff**. Nova York: Free Range Studios, 2007. Disponível em: <https://storyofstuff.org/movies/story-of-stuff/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Recife: José Olímpio, 1933.
- FRIEDMAN, Z. 30 Fast Facts about the College Admissions Scandal. **Forbes**, n. 18, março, 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/zackfriedman/2019/03/18/30-facts-college-admissions-scandal/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- GALLOWAY, S. **The cellist of Sarajevo**. Nova York: Riverhead, 2009.
- GASTROW, C. **Negotiated settlements**: housing and the aesthetics of citizenship in Lunda, Angola. 2015. Tese (doutorado em Filosofia). University of Chicago, 2015.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. Nova York: Basic, 1973.
- GELL, A. Magic, perfume, dream. In: LEWIS, I. (org.). **Symbols and sentiment**: cross-cultural studies in symbolism. Londres: Academic Press, 1977.
- GEORGE, E. **The cuban intervention in Angola, 1965-1991**. Londres: Frank Cass, 2005.
- GEURTS, K. L. **Culture and the senses**: bodily ways of knowing in an African community. Berkeley: University of California Press, 2002.
- GILROY, P. **The black Atlantic**: modernity and double consciousness. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- GLICK-SCHILLER, I. N.; FOURON, G. **Georges woke up laughing**. Durham: Duke University Press, 2001.
- GORDON, R. Anthropology and apartheid: the rise of military ethnology in South Africa. **Cultural Survival**, n. 4, v. 11, 1987. Disponível em: <https://www.culturalsurvival.org/publications/cultural-survival-quarterly/anthropology-and-apartheid-rise-military-ethnology-south>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- GREEN, L. Tracking, Oikos and Omics in the Karoo: reimagining South Africa's reparative energy politics. In: OS MIL NOMBRES DE GAIA. Rio de Janeiro, p. 1-15, 2014. Anais [...] Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/lesley-green.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- GUSTERSON, H. **Drone**: remote control warfare. Cambridge: MIT Press, 2016.
- GUYER, J. **Marginal gains**: monetary transactions in Atlantic Africa. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

HAMMERSLEY, M. **Taking Sides in social research**: essays on partisanship and bias. Nova York: Routledge, 1999.

HARARI, Y. N. **21 Lessons for the 21st century**. Londres: Spiegel & Grau, 2018.

HARVEY, K. (org.). **History and material culture**: a student's guide to approaching alternative sources. Londres: Routledge, 2009.

HARVEY, P. Materials: theorizing the contemporary. **Fieldsights**, 24, set. 2015. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/materials>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HATZKY, C. **Cubans in Angola**: south-south cooperation and transfer of knowledge, 1976-1991. Madison: University of Wisconsin Press, 2012.

HEIMAN, R.; FREEMAN, C.; LIECHTY, M. **The global middle classes**: theorizing through ethnography. Santa Fé: School for Advanced Research Press, 2012.

HENSHAW, V. **Urban smellscape**s: understanding and designing city smell environments. Nova York: Routledge, 2014.

HJORTH, L.; PINK, S. New visualities and the digital wayfarer: reconceptualizing camera phone photography and locative media. *Mobile Media and Communication*, n. 1, v. 2, p. 40-57, 2014.

HODDER, I. Wheels of time: some aspects of entanglement theory and the secondary products revolution. **Journal of World Prehistory**, n. 24, v. 2-3, p. 175-187, 2011.

HOFFMAN, D. The disappeared: images of the environment at freetown's urban margins. **Visual Studies**, n. 2, v. 22, p. 104-119, 2007.

HOLMES, S. **Fresh fruit, broken bodies**: migrant farmworkers in the United States. Berkeley: University of California Press, 2013.

HOPKINS, P.; DUGMORE, H. **The boy**: Baden-Powell and the siege of mafeking. Johannesburg: Zebra Press, 2000.

HORST, H. A.; MILLER, D. **Digital anthropology**. Londres: Bloomsbury, 2012.

HUMAN terrain: war becomes academic. Direção de James Der Derian, David Udris e Michael Udris. Oley: Bullfrog Films, 2010. 82 min.

INEE (Instituto Nacional para a Educação Especial). **Plano Estratégico de Desenvolvimento da Educação Especial em Angola 2007-2015**. 2006. Disponível em: https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/planipolis/files/resources/angola_estrategiaparaeducacaoespecial.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

INGOLD, T. Against soundscape. In: CARLYLE, A. (org.). **Autumn leaves**: sound and the environment in artistic practice. Paris: Double Entendre, 2007a.

INGOLD, T. **Lines**: a brief history. Oxford: Routledge, 2007b.

JACOB, H. E. **Six thousand years of bread**: its holy and unholy history. Londres: Lyons Press, 1997.

- JAIN, S. L. **Malignant**: how cancer becomes us. Berkeley: University of California Press, 2013.
- JANSEN, J. **Knowledge in the blood**: confronting race in the apartheid past. Palo Alto: Stanford University Press, 2009.
- KANT DE LIMA, R. **A antropologia da academia**: quando os índios somos nós. Belo Horizonte: Editora UFF, 2011. Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/index.php/livros/144-a-antropologia-da-academia-quando-os-indios-somos-nos>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- KLAUSEN, J. Tweeting the Jihad: social media networks of western foreign fighters in Syria and Iraq. **Studies in Conflict and Terrorism**, n. 1, v. 38, p. 1-22, 2015.
- KLEINMAN, A. **What really matters**: living a moral life amidst uncertainty and danger. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KOEBLER, J. Angola's Wikipedia Pirates Are Exposing the Problems with Digital Colonialism. **Vice**, 23, mar., 2016. Disponível em: <http://motherboard.vice.com/read/wikipedia-zero-facebook-free-basics-angola-pirates-zero-rating>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- KROG, A. **Country of my skull**: guilt, sorrow, and the limits of forgiveness in the new South Africa. Nova York: Broadway, 2000.
- LANE, C.; CARLYLE, A. **On listening**. Londres: Uniform, 2015.
- LEE, K. Singapore's Founding Father Thought Air-Conditioning Was the Secret to His Country's Success. **Vox**, 23, mar., 2015. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/3/23/8278085/singapore-lee-kuan-yew-air-conditioning>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- LÓPES, A. R.; WEINSTEIN, B. (org.). **The making of the middle class**: towards a transnational history. Durham: Duke University Press, 2012.
- MacKINNON, I. Miss Landmine: exploitation or bold publicity for the victims? **The Guardian**, 22, abril, 2008. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2008/apr/22/cambodia.internationalaidanddevelopment>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- MALAN, R. **My traitor's heart**: a south african exile returns to face his country, his tribe, and his conscience. Londres: Grove, 2000.
- MALKKI, L. Speechless emissaries: refugees, humanitarianism, and dehistoricization. **Cultural Anthropology**, n. 3, v. 11, p. 377-404, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/can.1996.11.3.02a00050>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- MANDELA, N. **Long walk to freedom**. Londres: Little, Brown, 1994.
- MARCUM, J. **The angolan revolution**. Vol. 1: 1950-1962. Cambridge: MIT Press, 1969.
- MARCUM, J. **The angolan revolution**. Vol. 2: 1962-1976. Cambridge: MIT Press, 1978.
- MAREN, M. **The road to hell**: the ravaging effects of foreign aid and international charity. Londres: Free Press, 1997.

MARKS, L. U. **Touch**: Sensuous theory and multisensory media. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2002.

MARKS, L. U. Thinking multisensory culture. **Paragraph**, n. 2, v. 31, p. 123-137, 2008.

MARQUES, N. Angola 15++. **GGN**, 19, nov. 2015. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/angola-15/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MARX, K. **Capital**. Vol. 3: A Critique of Political Economy. Londres: Penguin, 1999.

MATORY, J. L. **Black Atlantic religion**: tradition, transnationalism and matriarchy in Afro-Brazilian Candomblé. Princeton: Princeton University Press, 2005.

MAX, D. **Anthropology at the dawn of the cold war**: the influence of Foundations, McCarthyism and the CIA. Londres: Pluto, 2008.

MAZURI DESIGNS. **A history of african wax prints**. 4 fev., 2016. Disponível em: <http://mazuridesigns.com/blog/2016/2/4/a-history-of-african-wax-prints>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MBEMBE, A. **On the postcolony**. Berkeley: University of California Press, 2001.

McCLINTOCK, A. **Imperial leather**: race, gender and sexuality in the colonial contest. Nova York: Routledge, 1995.

MENDES, M. C. B. **Avaliação da qualidade e educação superior em Angola**. Benguela: KAT Editora, 2013.

MENZEL, P.; D'ALUISIO, F. **Hungry planet**: what the world eats. Londres: Material Worlds, 2007.

MILLER, D. (org.). **Materiality**. Durham: Duke University Press, 2005.

MILLER, D. **Social media in an english village**: or how to keep people at just the right distance. Londres: UCL, 2016.

MILMAN, O. Americans Waste 150,000 Tons of Food Each Day—Equal to a Pound a Person. **The Guardian**, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2018/apr/18/americans-waste-food-fruit-vegetables-study>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MINTZ, S. **Sweetness and power**. Londres: Penguin, 1986.

MOORMAN, M. **Intonations**: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times. Athens: Ohio University Press, 2004.

MOORMAN, N. What you need to know about #free15angolans. **Africa is a country**, 13 jul. 2015. Disponível em: <https://africasacountry.com/2015/07/free15angolans-what-you-need-to-know>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MOORMAN, M. **Powerful frequencies**: radio, state power, and the cold war in Angola, 1931-2002. Athens: Ohio University Press, 2019.

MORRIS, P. **Back to Angola**: a journey from war to peace. Johannesburg: Zebra, 2014.

- MORRISON, T. **The bluest eye**. Nova York: Vintage, 2007.
- MOURIER-GENOUD, E. (org.). **Sure road? Nationalisms in Angola, Guinea Bissau and Mozambique**. Leiden: Brill, 2012.
- MUDIMBE, V. Y. **The invention of Africa**: gnosis, philosophy, and the order of knowledge. Bloomington: Indiana University Press, 2008.
- MYERS, R. The familiar strange and the strange familiar in anthropology and beyond. **Bulletin of the General Anthropology Division**, n. 2, v. 18, p. 1-9, 2011.
- NARAYAN, K. **Alive in the writing**: crafting ethnography in the company of Chekhov. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- NIELSON, R. The History and Development of Wax Print Textiles Intended for West Africa and Zaire. In: CORDWELL, J. M.; SCHWARZ, R. A. (org.). **The fabrics of culture**: the anthropology of clothing and adornment. Haia: Mouton, 1973.
- NUTTALL, S. **Beautiful ugly**: african diaspora aesthetics. Durham: Duke University Press, 2006.
- NYABOLA, N. Facebook's free basics is an african dictator's dream. **Foreign Policy**, 27 out. 2016. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/10/27/facebook-plan-to-wire-africa-is-a-dictators-dream-come-true-free-basics-internet/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- OGUNNAIKE, O. African Philosophy Reconsidered: Africa, Religion, Race and Philosophy. **Journal of Africana Religions**, n. 2, v. 5, p. 181-216, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5325/jafrirel.5.2.0181>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- ONDJAKI. **Os vivos, o morto e o peixe-frito**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- ORTNER, S. B. On key symbols. **American Anthropologist**, n. 5, v. 75, p. 1338-1346, 1973.
- ORWELL, G. 1984. Londres: Secker and Warburg, 1949.
- OVADIA, J. S. The dual nature of local content in Angola's oil and gas industry: **Development vs. Elite Accumulation**: Journal of Contemporary African Studies, n. 3, v. 30, 2012.
- OVADIA, J. S. The reinvention of elite accumulation in the Angolan oil sector: emergent capitalism in a rentier economy. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 25, p. 33-63, 2013.
- PALLASMAA, J. **The eyes of the skin**: architecture and the senses. Chichester: John Wiley & Sons, 2005.
- PARSONS, T. **Race, resistance, and the boy scout movement in British colonial Africa**. Athens: Ohio University Press, 2004.
- PATEL, K. No, Angola Has Not "Banned Islam". it's a little more complicated than that. **Daily Maverick**, 26 nov. 2013. Disponível em: <https://www.dailymaverick.co.za/article/2013-11-26-no-angola-has-not-banned-islam-its-a-little-more-complicated-than-that/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- PATEL, S. **Migritude**. Nova York: Kaya, 2010.

PEACOCK, J. L.; HOLLAND, D. C. The narrated self: life stories in process. **Ethos** n. 4, v. 21, p. 367-383, 1993.

PEARCE, J. **An outbreak of peace**: Angola's situation of confusion. Cidade do Cabo: David Philip, 2005.

PEARCE, J.; PÉCLARD, D.; OLIVEIRA, R. S. Angola 1s elections and the politics of presidential succession. **African Affairs**, n. 466, v. 117, p. 146-160. 2018.

PÉCLARD, D. Religion and politics in Angola: the church, the colonial state and the emergence of Angolan nationalism – 1940-1961. **Journal of Religion in Africa**, n. 2, v. 28, p. 160-86, 1998.

PENDERGRAST, M. **Uncommon grounds**: the history of coffee and how it transformed the world. Nova York: Basic Books, 2010.

PIOT, C. **Remotely global**: village modernity in west Africa. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PITCHER, M. A.; ASKEW, K. M. African socialisms and postsocialisms. **Africa**, n. 1, v. 76, p. 1-14, 2006.

PORTELLI, A. **The order has been carried out**: history, memory, and meaning of a nazi massacre in Rome. Londres: Palgrave Macmillan, 2003.

POSEL, D.; ROSS, F. **Ethical quandaries in social research**. Cidade do Cabo: HSRC, 2015.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants' part 1. **On the Horizon**, n. 5, v. 9, p. 1-6, 2001.

PRICE, D. **Cold war anthropology**: the cia, the pentagon, and the growth of dual use anthropology. Durham: Duke University Press, 2016.

QUERCIA, D.; SCHIFANELLA, R.; AIELLO, L. M.; McLEAN, K. Smelly maps: the digital life of urban smellscape. **Association for the Advancement of Artificial Intelligence**, 2015. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/1505.06851>. Acesso em: 15 fev. 2021.

RAHAIM, M. **Musicking bodies**: gesture and voice in Hindustani music. Middletown: Wesleyan University Press, 2012.

RAHAIM, M. Object, person, machine, or what: practical ontologies of voice. In: EIDSHEIM, N.; MEIZEL, K. (org.). **The Oxford handbook of voice studies**. Nova York: Oxford University Press, 2019.

RAHMAN, Z. H. **In the light of what we know**. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2014.

REED, K. **Crude existence**: environment and the politics of oil in northern Angola. Berkeley: University of California Press, 2009.

ROSS, E. **Diary of the siege of mafeking**. Cidade do Cabo: Van Riebeeck Society, 1980

ROSS, E. Speech and silence: women's testimony in the first five weeks of public hearings of the South African truth and reconciliation commission. In: DAS, V.; KLEINMAN, A.;

- LOCK, M. M.; RAMPHELE, M.; PAMELA, R. (org.). **Remaking a world**: violence, social suffering, and recovery. Berkeley: University of California Press, 2001.
- ROSS, E. **Raw life, new hope**: decency, housing and everyday life in a post-apartheid community. Cidade do Cabo: University of Cape Town Press, 2010.
- ROSS, E. The Dangers of a Single Book Cover: The Acacia Tree Meme and 'African Literature. **Africa is a country**, 5 jul. 2014. Disponível em: <https://africasacountry.com/2014/05/the-dangers-of-a-single-book-cover-the-acacia-tree-meme-and-african-literature/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- ROXBURGH, C. *et al.* **Lions on the move**: the progress and potential of african economies. McKinsey Global Institute, 2010. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/middle-east-and-africa/lions-on-the-move>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- RUDDER, C. **Dataclysm**: who we are when we think no one's looking. Nova York: Crown, 2014.
- SAID, E. W. **Orientalism**. Londres: Vintage, 1978.
- SCHAFER, R. M. **The tuning of the world**. Londres: Random House, 1977.
- SCHIELKE, S. Living in the future tense: aspiring for world and class in provincial Egypt. In: HEIMAN, R.; FREEMAN, C.; LIECHTY, M. (org.). **The global middle classes**: theorizing through ethnography. Santa Fé: School for Advanced Research Press, 2011.
- SCHOLTZ, L. **The battle of Cuito Cuanavale**: cold war Angolan finale, 1987-1988. Londres: Helion, 2016.
- SCHUBERT, J. 2002, year zero: history as anti-politics in the 'new Angola. **Journal of Southern African Studies**, n. 4, v. 41, p. 835-852, 2015.
- SCHUBERT, J. **Working the system**: a political ethnography of the new Angola. Ithaca: Cornell University Press, 2017.
- SERRES, M. **The five senses**: a philosophy of mingled bodies. Londres: Continuum, 2008.
- SHARROCK, D. Out of the war, into a book and in a rage. **The Australian**, 17 jun. 2008. Disponível em: <https://www.theaustralian.com.au/arts/out-of-the-war-into-a-book-and-in-a-rage/news-story/dcd310e8a08f2af80c8449892cf23433>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SKUSE, A.; COUSINS, T. Getting connected: the social dynamics of urban telecommunications access and use in Khayelitsha, Cape Town. **New Media & Society**, n. 1, v. 10, p. 9-26, 2008.
- SMITH, M. M. **How race is made**: slavery, segregation and the senses. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.
- SOARES DE OLIVEIRA, R. **Magnificent and beggar land**: Angola since the civil war. Londres: Hurst, 2015.
- SOARES DE OLIVEIRA, R. The struggle for the state and the politics of belonging in contemporary Angola, 1975-2015. **Social Dynamics**, n. 1, v. 42, p. 69-84, 2016.

- SOUSANIS, N. **Unflattening**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.
- STANTON, B. **Humans of New York**. Londres: St. Martin's Press, 2015.
- STEELE, C. M. **Whistling Vivaldi**: how stereotypes affect us and what we can do. Nova York: W. W. Norton & Company, 2011.
- STOLLER, P. **The taste of ethnographic things**: the senses in anthropology. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 1989.
- STRASSLER, K. **Refracted visions**: popular photography and national modernity in Java. Durham: Duke University Press, 2011.
- STUART, K. Call of duty publisher sued by family of Angolan rebel. **The Guardian**, 16 jan. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/jan/14/call-of-duty-publisher-sued-by-family-of-angolan-rebel>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SYLVANUS, N. The fabric of africanity: tracing the global threads of authenticity. **Anthropological Theory**, n. 2, v. 7, p. 201-216, 2007.
- SYLVANUS, N. **Patterns in circulation**: cloth, gender, and materiality in west Africa. Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- TAUSSIG, M. **Beauty and the beast**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- THOMPSON, J. B. The new visibility. **Theory, Culture & Society**, n. 6, v. 22, p. 31-51, 2005.
- THORNTON, J. **A cultural history of the Atlantic World, 1250-1820**. Nova York: Cambridge University Press, 2012.
- TOMÁS, A. Mutuality from above: urban crisis, the state and the work of comissões de moradores in Luanda. **Anthropology Southern Africa**, n. 3-4, v. 37, p. 175-86, 2014.
- TSING, A. **The mushroom at the end of the world**: on the possibility of life in Capitalist Ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- UNDP (United Nations Development Program). 2014. **Human Development Report 2014**. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/2014-human-development-report.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- UNDP (United Nations Development Program). **Angola**: human development indicators. 2018. Disponível em: <http://www.hdr.undp.org/em/countries/profiles/AGO>. Acesso em: 15. fev. 2021.
- VÄLIAHO, P. **Biopolitical screens**: images, power and the neoliberal brain. Cambridge: MIT Press, 2014.
- VANSINA, J. **Kingdoms of the Savanna**. Madison: University of Wisconsin Press, 1966.
- VANSINA, J. **Oral tradition as history**. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.
- VEBLEN, T. [1899]. **The theory of the leisure class**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

- VERTOVEC, S. **Transnationalism**. Londres: Routledge, 2009.
- VRIES, R. **Eye of the firestorm**: the namibian-angolan-south african border war – memories of a military commander. Londres: Helion, 2016.
- VOKES, R. (ed.). **Photography in Africa**: ethnographic perspectives. Woodbridge: James Currey, 2012.
- WALTON, M.; HASSREITER, S. Real friends and fake friends: research relationships in an era of global social media. In: POSEL, D.; ROSS, F. (org.). **Ethical quandaries in social research**. Cidade do Cabo: HSRC, 2015.
- WESTON, K. **Families we choose**: lesbians, gays, kinship. Nova York: Columbia University Press, 1997.
- WHEELER, R. Ruth Benedict and the purpose of anthropology. **The Peabody**, 14 jan. 2017. Disponível em: <https://peabody.andover.edu/2017/01/14/ruth-benedict-and-the-purpose-of-anthropology/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- WIIG, A.; KOLSTAD, I. Assigned corporate social responsibility in a rentier state: the case of Angola. In: LUJALA, P.; RUSTAD, S. (org.). **High-value natural resources and peace-building**. Oxford: Routledge. 2011.
- WIKIHOW. **How to listen**. Coautoria de Moshe Ratson. 11 jul. 2019. Disponível em: <https://www.wikihow.com/Listen>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- WILLIAMS, P. **Happy**. Miami: Circle House Studios, 2013. 3:53 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6Sxv-sUYtM>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- WILLIAMS, R. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- WOLFERS, M. **Poems from Angola**. Londres: Heinemann, 1979.

Este livro foi desenvolvido pela Áporo Editorial em 2021 e segue nossos compromissos éticos nas relações entre a empresa, os autores, os leitores e a sociedade, constantes no Manual de Práticas Editoriais da editora.

Para saber mais sobre nossas práticas editoriais ou solicitar a versão mais recente de nosso manual, entre em contato através de nossos canais de comunicação.
